ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 76

1 9 5 6

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES — 1962

ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 76

1 9 5 6

SUMÁRIO

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES — 1962

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

1. A presente edição se fêz com a ortografia simplificada, de acôrdo com o sistema vigente. Certos casos, no entretanto, foram objeto de respeito, como os seguintes:

a) formas como *antão, abobras, carecteres, desemperará, exacranda, matelctagem, pertendemos, quadrilheira, reveldia, reposta, trocer, trevoada, ventajoso*, etc.

b) o grupo *ct*: *activo, auctor, districto, exacta, factura*, etc.;

c) emprêgo da pretônica *e/i*: *vezinhos, destribuídas; espicialmente, disperdício, filicidade, similhante, lialdade*, etc.;

d) emprêgo de *em(n)* por *im(n)*: *enterpretada, encapaz, empedirem, enccntinenti, enteiramente; intendemos, infermidades, imprêsa*, etc.

e) emprêgo de *e* por *ei*: *pexe;*

f) emprêgo de *o* por *u*: *sobordinação, sospeitas;*

g) emprêgo de *u* por *o*: *furtuna, sulução;*

h) emprêgo de *o/ou*: *criolo;*

i) emprêgo de *u/ou*: *truce;*

j) emprêgo de *ou/o*: *soubre;*

l) duas ou mais formas, no códice, para a mesma palavra: *algua, alguma, algũa; Coritiba, Curitiba, Curiutuba, Coriutuba; deligência, diligência*, etc.

2. As notas de pé de página, em algarismos, são transcritas do códice; as demais, precedidas de asterisco, são da presente edição.

J. CARLOS LISBOA

Chefe da Divisão de Publicações

NOTÍCIA DA CONQUISTA, E DESCOBRIMENTO DOS SERTÕES DO TIBAGI, NA CAPITANIA DE SÃO PAULO, NO GOVÊRNO DO GENERAL DOM LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, CONFORME AS ORDENS DE SUA MAJESTADE.

Oferecido à Rainha Nossa Senhora

Por Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, ajudante-das-ordens daquele govêrno, tenente-coronel e coronel de infantaria da Praça de Santos, comandante de tôdas as expedições, assistindo às entradas, e mais diligências, que se fizeram para o dito fim, principiando

no ano de 1768

até o de 17[74]

Senhora :

Ante o trono, que Vossa Majestade dignamente ocupa, ornado das sólidas virtudes, que com o universal aplauso de seus vassalos exercita, tenho a honra de fazer ver a Vossa Majestade o zêlo, e actividade com que em fiel cumprimento das ordens, que se me destribuíram, me sacrifiquei gostosamente a ũa expedição não só incômoda, mas arriscada, embreando-me por espessos, e nunca pisados sertões para poder dar ao mundo ũa prova do ardor com que me aplicava ao serviço militar, desempenhando as obrigações com que nasci.

Para esta, ainda que árdua, ilustre emprêsa, que circunstâncias não concorriam dignas tôdas de ocuparem a alta consideração de Vossa Majestade, seguindo as pisadas dos nossos maiores nos seus descobrimentos, de que sempre a posteridade falará com admiração, e respeito, eu tive por objecto principal, conformando-me com o que se me ordenava o serviço de Deus, trabalhando com tôdas as minhas fôrças para aquêle cego gentelismo, abraçando o Evangelho de Jesus Cristo, de que os portuguêses em tôdas as idades foram os mais fervorosos propagadores, entrando no grêmio da Igreja ficasse reduzido à nossa Santa Fé.

Depois, Senhora, conseguido o fim proposto desta expedição, como se estenderiam os domínios de Vossa Majestade, o número dos seus vassalos como cresceriam continuando-se naquele projecto, que bastaria para imortalizar qualquer reinado; os régios erários seriam mais opulentos, como é fácil de crer a quem conhece aquêles países, a pública utilidade seria mais vantajosa já pela cultura dos campos, já pela cópia incompreensível das criações; ùltimamente pelas grandes riquezas, que se esperam do famoso Tibagi, e Serra Apucarana, célebre na América tôda, cuja conquista se tentou tantas vêzes, e só eu a concluí no govêrno do general D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, debaixo de cuja disciplina servi. Eu não sou encarecido no que escrevo; a verdade é ùnicamente o alvo a que atiro; sou sincero por gênio e por educação; menos me move o interêsse de granjear o nome vão no diário, que ofereço a Vossa Majestade: O que quero é fazer ver a todos, que eficazmente desejo ser útil à minha Pátria,

que só me inflamo pela felicidade dos meus Soberanos, que amo mais que a minha vida, como mostrarei em tôdas as ocasiões, que tiver, para dar um abonado testemunho da minha verdadeira vassalagem.

O fundador da monarquia de que Vossa Majestade é árbitra absoluta, Jesus Cristo, de cujo Coração é Vossa Majestade tão devota, lhe dilate a vida, e lhe prospere todos os seus desígnios, para serem completos os nossos desejos. É o que lhe peço, é o que todos os vassalos lhe pedimos.

AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA.

A CAPITANIA DE SÃO PAULO PRINCIPIOU EM TAL ANO; ELA FOI DAS MAIORES DA AMÉRICA, E DELA SE FORMARAM AS CAPITANIAS DE MINAS GERAIS, GOIASES, CUIABÁ OU MATO GROSSO, E O GOVÊRNO DO RIO GRANDE: FLORECEU ATÉ TAL ANO, E DAÍ PARA CÁ TEM DECAÍDO POR ESTAS, E OUTRAS RAZÕES.

NOTICIA DA CONQUISTA, E DESCOBRIMENTO DOS SERTÕES DO TIBAGI, NA CAPITANIA DE SÃO PAULO, NO GOVÊRNO DO GOVERNADOR, E CAPITÃO-GENERAL DOM LUIS ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, CONFORME AS ORDENS DE SUA MAJESTADE; COMANDANTE DESTAS IMPORTANTES DILIGÊNCIAS AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA, AJUDANTE-D'ORDENS DAQUELE GOVÊRNO, TENENTE E ÙLTIMAMENTE CORONEL DE INFANTARIA DA PRAÇA DE SANTOS, PARA CUJO EFEITO PASSOU À VILA DE CURITIBA, E PESSOALMENTE ASSISTIU A TÔDAS AS ENTRADAS, E *MAIS DILIGÊNCIAS, QUE SE FIZERAM PARA O DITO FIM.*

A primeira expedição partiu do Pôrto de Nossa Senhora da Conceição do Rio do Registo aos 5 de dezembro de 1768. Comandante da dita expedição o tenente d'auxiliar da Vila de Curitiba Domingos Lopes Cascais, com trinta homens, todos voluntários, embarcando-se em três canoas com mantimentos, munições, e mais trem necessário para três meses.

Esta expedição desceu pelo Rio do Registo abaixo, não tendo sido até ali nunca navegado; e fazendo-se na distância de setenta léguas com pouca diferença, encontrou os primeiros saltos, que faz o rio, dividindo ali a gente. Deixando mantimentos, e trem, seguiu ao rio pelo lado esquerdo, procurando melhor caminho por entre as grandes serras, que fazem não admitir o rio navegação, pelas continuadas quedas, e atravessando caudalosos rios, que se juntam neste do Registo, e o fazem crescer muito.

Tendo andado onze léguas, achou o rio com aparências de navegável; fêz canoa, embarcando novamente, e na distância de duas léguas tornou a encontrar novos saltos impedindo-lhe a navegação; fêz explorar gente de pé por êle abaixo seis dias, encontrando sempre as mesmas dificuldades; e por se acabarem os mantimentos, voltaram para trás, deixando no último lugar a que chegaram ũa cruz lavrada em um pinheiro, e sôbre a maior queda, que faz o rio em ũa grande pedra, que vira para o nordeste, lavrada outra com um picão, e por baixo as letras V.R.P., e o mesmo em outra pedra onde finda o rio navegável, tendo observado fazer aquêle rio o seu curso por entre o rumo do sul, e oeste; e mandando subir gente ao cume dos mais altos montes, não se divisou mais do que montes cobertos de matos; como também, examinando mais alguns rios, que

se metem no do Registo, não achou cousa memorável. Chegaram ao mesmo Pôrto de Nossa Senhora da Conceição com três meses de viagem.

A segunda expedição do descobrimento dos Sertões do Tibagi, entrou pelo Pôrto de S. Bento do mesmo Tibagi em vinte de julho de 1769.

Comandante o capitão dos auxiliares da Freguesia de S. José, Estêvão Ribeiro Baião, capelão o reverendo frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo, Religioso de S. Bento, conventual da cidade de S. Paulo. Constava esta expedição de setenta e cinco praças, gente de Curitiba e Campos Gerais.

Entrou esta expedição pelo Pôrto de S. Bento do Rio Tibagi, encaminhando-se ao centro daquele sertão. Seguindo o rumo de norte, e tendo atravessado grandes serras, e matos estéreis, se julgavam de todo sem esperança de alcançar caminho, que prometesse saída; e considerando perder-se a esquadra de Inácio da Mota, comandada pelo tenente Francisco Lopes, que se tinha apartado do corpo, procurando veredas por entre aquêles despenhados montes, voltaram êstes com a notícia do rio, a que poseram o nome de D. Luís, e achando ser navegável, e o que se procurava, voltaram para onde estava o seu capitão, e mais corpo, de que houve muito gôsto, tanto pelas boas notícias, como pelos verem tendo-os julgado mortos. Logo o capitão mandou recolher as mais esquadras, que andavam explorando diversas veredas, principalmente a do padre capelão, que vendo não seguia o corpo por não ter achado caminho, se tinha resolvido a ir com ũa esquadra pessoalmente animar a mesma diligência.

Logo que o capitão teve notícia daquele grande rio, e a gente junta, fêz indireitar a picada para êle abrindo caminho, aonde chegaram no fim de novembro daquele ano; e mandando fazer canoas, se embarcou o tenente Francisco Lopes da Silva, e o padre capelão com ũa esquadra, que partindo no princípio de dezembro, e descendo pelo dito Rio de D. Luís, com vários sucessos no meio dêle, onde faz barra um grande rio, a que poseram o nome Mourão, encontraram grandes laranjais e bananais, com o que mais animados prosseguiram a navegação até saírem ao Rio Paraná em seis de janeiro de 1770, descendo por êle abaixo. Reconhecendo a grande bôca das Sete Quedas voltaram, e tomando para outro lado, entraram pelo Rio Iguatemi; foram dar à nova praça, que ali se fundou, de Nossa Senhora dos Prazeres.

O capitão, que tinha ficado doente na margem do Rio de Dom Luis, se lhe agravou a moléstia; saindo para fora falesceu ao ter-

ceiro dia que chegou à sua casa, no fim de dezembro de 1768. A gente, que tinha ficado naquele pôrto comandada pelo sargento Tomé Ribeiro, a maior parte desertou com o mesmo sargento, ficando poucos na esquadra de Inácio da Mota. Embarcando-se pelo mesmo Rio de D. Luís a procurar o seu tenente, e mais camaradas, os foram encontrar na praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Iguatemi.

A terceira expedição entrou pelo mesmo Pôrto de S. Bento do Rio Tibagi aos 11 d'agôsto de 1769. Comandante o capitão d'auxiliares da Vila de Iguape, Francisco Nunes Pereira. Constava esta expedição de oitenta praças de gente da Vila de Iguape, e Cananéia.

Seguiu esta expedição o mesmo rumo do capitão Estêvão Ribeiro Baião para o animar, e fortalecer, e juntando-se com êle no Rio de D. Luís, fazendo canoas, se embarcou logo depois do tenente Francisco Lopes; encontrando os mesmos sinais, saiu também ao Rio Paraná, aonde se arranchou, e deu parte de ter feito a sua navegação com felicidade; e mandando explorar o país, encontraram com canoas, que da cidade de S. Paulo desciam para a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres; e tendo os comandantes da dita praça notícia, que no Paraná se achava êste capitão, o mandaram subir, e recolher a ela, por livrá-lo, e a sua gente, da epedemia, que costuma haver nas margens do Paraná em certos meses com as inchentes dêle. Unindo-se na dita praça a companhia do capitão Francisco Nunes com a gente da companhia do capitão Estêvão Ribeiro, que acompanhava o tenente Francisco Lopes, mandaram os comandantes daquela praça a esquadra de Inácio da Mota, em que foi também o padre capelão, a explorar as Sete Quedas, e a correnteza do Rio Pequeri, e feita esta importante diligência, chegando à praça acharam falescido o dito capitão Francisco Nunes em 27 de maio do mesmo ano.

O reverendo padre capelão, e Inácio da Mota, com licença dos comandantes da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Iguatemi, saindo da dita navegação no Paraná, e subindo pelo Rio Tieté, chegando à cidade de S. Paulo em outubro do mesmo ano de 1770. Tendo entrado para o sertão em julho de 1769, gastaram um ano, e três meses neste grande círculo, ficando assim reconhecido aquêle grande sertão, e descoberta a comunicação daquela parte para a Praça de Iguatemi.

[Com] o falescimento do capitão Francisco Nunes, e do capitão Estêvão Ribeiro Baião, se formou ũa companhia do resto das duas, fazendo capitão ao tenente Francisco Lopes da Silva, que teve patente em catorze de novembro de 1770, e ordem para voltar

com sua gente ao Rio de D. Luís, para se estabelecer na barra do Rio Mourão, aonde chegou a três de março* de 1771, pousando nos grandes bananais, e laranjais, que tinham visto quando desceram por êle abaixo.

Causava haver entre o mato tantas árvores com excelentes frutos, que bem mostravam ter assistido gente naquele sítio, e fazendo diligência por ver se se achavam alguns sinais, aos dez de março dêste mesmo ano descobriram os fundamentos d'ũa grande terra, que assentaram ser a antiga Vila Rica, que os paulistas tinham destruído antigamente. Ali mandou o capitão botar roças, e principiou o seu estabelecimento dando-lhe o nome de Vila Real do Rio Mourão.

Tendo o ajudante-d'ordens Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, notícia de se achar o dito capitão com a sua gente naquele lugar, lhe mandou fazer pagamento pelo tenente d'auxiliares Jeremias de Lemos, e João Crisóstomo Pais, que chegaram a treze de junho à nova Vila Real de Mourão, e feito o dito pagamento, teve ordem o mesmo capitão Francisco Lopes para com a sua gente ir socorrer a Praça de Iguatemi por se achar ameaçada dos espanhóis, que haviam juntado muita gente, e preparativos de guerra no Paraguai. O capitão partiu logo, deixando a Inácio da Mota com dez homens povoando, e conservando limpa de mato aquela vila; e chegando o capitão à dita praça falesceu em março dêste ano de 1772, fazendo-se capitão da mesma companhia o tenente José Rodrigues da Silva, que se conservou na dita praça até o fim do govêrno do general D. Luís Antônio de Sousa.

A quarta expedição embarcou no Pôrto de Nossa Senhora da Conceição do Rio do Registo em vinte e oito de agôsto de 1769.

Comandante dela Bruno da Costa Filgueiras, da Vila de Curitiba, com vinte e cinco camaradas, gente da mesma vila, mateiros, e caçadores.

Embarcando em três canoas, navegou pelo Rio do Registo de Curitiba abaixo, e na distância de trinta léguas, que está a barra do Rio Petinga, deixando ali a maior parte do trem, e mantimentos, subiu por êle acima até dar em um rio da parte esquerda, a que deu o nome Rio Verde, enquanto foi navegável, a ver se se descobria os Campos de Gorapuava, como Sua Majestade havia ordenado.

Para continuar a diligência de que estava encarregado, deixando ali as canoas, marchou por terra, levando os camaradas, as

---

(*) *Mayo*, no original.

armas, e os mantimentos, que poderam, às costas. Andando quarenta dias pelos sertões dentro, foi ter ao mesmo Rio do Registo, ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória, aonde tinha chegado a primeira expedição comandada pelo tenente Domingos Lopes Cascais, parecendo-lhe que estava muito abaixo dos saltos grandes do mesmo rio, julgando estar perto dos Campos de Putrebu, ou Missões. Por estar entre o mato figurando-se-lhe os urros das onças, e tigres, que era gado, que andava em campo, voltou a dar parte do que tinha aparecido, e prover-se de mantimentos por se terem acabado, e passar só com a caça do mato: com três dias de volta encontrou a Bernardino da Costa, e José da Costa, seus irmãos, e outros mais, que iam socorrê-lo por ter entrado na quinta expedição, que se segue, e se uniu a esta, e continuou debaixo da ordem do comandante dela, o capitão Antônio da Silveira Peixoto.

A quinta expedição embarcou no mesmo Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga em duas esquadras, aos dezasseis, e aos vinte e oito de outubro de 1769.

Comandante o alferes de auxiliares da Vila de Parnaguá Antônio da Silveira Peixoto, com oitenta e cinco praças, gente da mesma vila, prática de navegar.

Partiu a primeira esquadra aos dezasseis de outubro de 1769 do Pôrto de Nossa Senhora da Conceição do Rio do Registo em sete canoas, embarcando nelas o mesmo capitão com o alferes Antônio da Costa.

A segunda esquadra partiu do mesmo pôrto aos vinte e oito, comandada pelo tenente da mesma companhia Manoel Teles Bitancurt em nove canoas, levando todo o resto da gente, e mantimentos pertencentes à mesma expedição.

Navegando esta pelo Rio do Registo abaixo, tendo chegado o dito capitão, o seguiu em procura da expedição de Bruno da Costa, que encontrando de volta com errada notícia nos Campos de Putrebu, e Missões, figurando-se-lhe tudo entre os matos, uniu a gente desta esquadra à sua companhia, como levava por ordem.

Tornando o dito capitão a navegar o Rio do Registo prosseguiu o seu descobrimento até o primeiro salto, aonde deu princípio a estabelecer-se, denominando Pôrto de Nossa Senhora da Victória, e pondo em arrecadação todo o trem, e fazendo casas para recolher a gente, e munições, que tudo entregou ao tenente da mesma companhia, Manoel Teles Bitancourt.

Com quinze camaradas caminhou por terra a ver se achava a barra do Rio do Registo, último ponto desta expedição; ũas vêzes navegando, para o que lhe era preciso fazer canoas, e outras por terra, dando várias partes das dificuldades, que tinha encontrado, sendo sempre socorrido enquanto pôde haver notícias dêle. Vencendo as insoportáveis dificuldades, chegou a ver-se no maior perigo quebrando-se a canoa na violência de ũa cachoeira, e com dificuldade pôde pegar-se em uns ramos, e com socorro dos camaradas livrou a vida perdendo as armas, fato, e quase tudo o que ia na canoa. Vencendo valerosamente tantos trabalhos, continuou até de todo faltarem as notícias do seu progresso: passados muitos meses vieram cartas dêle pela Colônia, que se achava prêso em Buenos Aires por ter saído em Missões espanholas, aonde foi prêso aleivosamente em vinte de outubro de 1770 junto com seu alferes Antônio da Costa, que falesceu cruelmente naquela prisão, conservando-se tiranamente prêso, e os mais camaradas com bárbara falta de caridade, mas sempre com honra, ânimo, e valor de fiéis vassalos.

Tendo o tenente Bruno da Costa saído para fora, foi tornado a mandar em abril de 1770, pelo conhecimento, que tinha adquirido daquele sertão, e talento para êle, com ũa esquadra composta de desertores das mesmas expedições, levando ordem para logo que chegassem ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória següirem a encontrar o capitão Antônio da Silveira Peixoto, o que fêz em o mês de julho, entregando-lhe as cartas, que levava, mantimentos, e munições, que poderam conduzir, e sendo preciso maior socorro, o dito capitão o mandou para o fazer transportar para as partes, que destinou, e vindo à dita diligência perdida a canoa morreu afogado aos quinze de agôsto do mesmo ano.

A sexta expedição embarcou no mesmo Pôrto de Nossa Senhora da Conceição no Rio do Registo em doze de julho de 1770.

Comandante o sargento-mor d'auxiliares de Parnaguá Francisco José Monteiro, capelão o padre Inácio Abraão Machado, o sargento Cândido Xavier de Almeida, e como pagador João Cardoso, com sessenta e três pessoas em nove canoas.

Navegou pelo Rio do Registo abaixo, e chegando com felicidade ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória fêz pagamento à gente da expedição como levava por ordem, e procurando novas do capitão Antônio da Silveira Peixoto, que faltaram a quatro meses, e não houve quem dêle desse notícia por se ter adiantado com quinze homens, indo ter às Missões espanholas, como se diz na quinta expedição.

O sargento-mor Francisco José Monteiro vendo que não haviam notícias do capitão Antônio da Silveira Peixoto, fêz conselho-de-guerra com as pessoas, que se achavam naquele pôrto, mais capazes de entrar nêle em onze de agôsto do mesmo ano de 1770, em que se assentou, que o sargento Cândido Xavier de Almeida com a melhor gente, armas, e trem, que podesse conduzir, fôsse procurar ao dito capitão, socorrê-lo, e reforçá-lo onde quer que se achasse, e o tenente Manoel Teles o seguisse, e se postasse no Pôrto do Funil, para dali receber as partes, e remeter para cima, e todos os avisos necessários, ficando no Pôrto de Nossa Senhora da Victória o soldado Manoel Pereira com a gente necessária para transportar os mantimentos e mandar canoas ao Pôrto de Nossa Senhora da Conceição buscar os socorros, que continuamente se estavam mandando.

Sentado o referido no conselho-de-guerra, se resolveu o sargento-mor Francisco José Monteiro a descer também pelo Rio do Registo abaixo a ver se podia encontrar algũa notícia do capitão para falar com êle, e como não alcançou novas algũas, chegando ao Pôrto das Capivaras aonde fazia novo embarque, tendo expedido o sargento Cândido Xavier com gente, munições, e mantimentos, que pôde levar, fêz depois seguir o tenente Manoel Teles com o resto da gente, que pouco abaixo tombando-se-lhe a canoa morreu afogado, e seu filho, perdendo-se o trem, que ia nela, por cuja causa voltaram para cima os que o acompanhavam.

O sargento-mor Francisco José Monteiro, despedidos os dous oficiais com as suas condutas, visto não poder falar com o capitão Antônio da Silveira Peixoto, nem dêle ter notícia, voltou para o Pôrto de Nossa Senhora da Victória, deixando as providências necessárias, chegando ao Pôrto de Nossa Senhora da Conceição em o fim de setembro, tendo feito estas diligências com muita satisfação do real serviço, voltou para Parnaguá a continuar as mais diligências de que estava encarregado.

O sargento Cândido Xavier, por falescimento do tenente Bruno da Costa passou a êste pôsto, e partindo do Pôrto das Capivaras aos vinte e seis de agôsto com trinta e um soldados, um sargento, e um tambor, e a seis de setembro chegou ao pôrto chamado do Botelho, e aos sete pelas nove horas da noite viram um clarão para a parte do norte, que mostrava ser de grande fogo, e ao dia seguinte caíam cinzas, que admirados mais vendo a multidão das aves que até ali não encontravam, assentando estar campo perto, mandou ao sargento José Lourenço das Neves com oito homens examinar o que era, e partindo aos nove, voltou aos dez com a notícia de que em meio dia de picada saiu ao campo aonde topou um rancho cumprido, e reconhecendo com cautela, vendo não

aparecia gente se chegaram a êle, e viram ser* paiol de gentio onde guardavam seus mantimentos das roças, que também ali viram, e mais sinais; que ficaram certos ser dos gentios, que por aquelas partes habitam, parecendo também, que êles estariam nas roças onde viram fogo, e dentro do paiol muito milho, feijão em cêstos, abobras, e duas pilhas de pontas de flechas, porém em nada tocaram, como levavam por ordem, e só tiraram ũa espiga de milho, e um pouco de feijão. ũa ponta de flecha para certeza do que viram. Tanto que o tenente recebeu as notícias, que deu o sargento, e mais camaradas, tomou a resolução de entrar com tôda a sua partida aos campos, e para facilitar mais o caminho, tornou a subir pelo rio acima até o Pôrto do Funil, e aos doze mandou outra vez ao dito sargento com trinta homens a buscar o campo por êste pôrto ficava mais distante do rio, voltou aos dezasseis com as notícias de achar em distância de cinco léguas a Campanha Grande, que fica do Rio do Capivaruçu para a parte do sul, e aos dezanove se acampou no lugar mais superior, que encontrou ao pé de um ribeiro fortificando-se logo em modo de trincheira, a que pôs o nome Nossa Senhora do Carmo. Com tôda alegria foi festejada esta felicidade, e novo descobrimento, sendo a primeira notícia, que houve dos Campos de Goropuava tão recomendados às Ordens de Sua Majestade, e a primeira gente nossa, que nêle saiu, devendo-se êste primeiro descobrimento à curiosidade do tenente Cândido Xavier d'Almeida, estando nos campos quinze dias explorando para tôdas as partes a campanha, sem descobrir mais do que campo, e gentio, vendo que não podia presistir por falta de mantimentos, e impossibilidade de ser socorrido, tanto pelas dificuldades de navegação, como por recear, que o gentio o podia pôr em consternação tomando-lhe o caminho, e sem poder dali sair só à fôrça d'armas, e que vista a notícia do campo se podia abrir caminho para êle por cima do Pôrto de Nossa Senhora da Victória até o Rio Petinga, resolveu-se a ir com tôda a partida a procurar caminho por cima do Pôrto de Nossa Senhora da Victória.

Saindo do campo para o Pôrto do Funil, aonde chegou aos dous de outubro, mandando cinco camaradas à caça para remediar a falta de mantimentos, mataram ũa anta perto do pôrto ; estando na diligência de embarcá-la, se viram repentinamente cercado de gentio, querendo suspender com as flechas sôbre êles, que sem defesa lhes podiam tirar a vida, e com vários acenos os deixaram embarcar, e passar para outro lado aonde estava a tropa. Demorando-se o gentio na margem do rio, retirando-se algũas vêzes ao mato, e tornando

(*) *seu*, no original.

aparecer, davam mostras de querer passar o rio entrando nêle até chegar a água ao pescoço, fazendo outros sinais, de que davam mostra de querer chegar-se à nossa gente: vendo o tenente o perigo em que estava de poder o gentio passar o rio por algum passo desconhecido, e acabar-se de todo o mantimento, e desenganado também de poder encontrar ao capitão Silveira, sem dêle ter notícia algũa, resolveu subir para o Pôrto de Nossa Senhora da Victória com tôda a gente, e trem, que chegou a salvamento.

Chegado o tenente ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória, dispondo ali, o que era preciso, resolveu-se a vir dar parte ao tenente-coronel comandante das expedições, Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, ao Pôrto de Nossa Senhora da Conceição, e a dezassete de dezembro o encontrou na Fazenda dos Carlos, aonde o informou do que tinha visto, e das dificuldades, que se ofereciam de se poder continuar para os campos pelo caminho do Funil, parecendo que pelo Pôrto de Nossa Senhora da Victória seria mais fácil, por dar o rio até ali boa navegação, e ponderadas tôdas as circunstâncias, assentou o tenente-coronel se abrisse por aquêle pôrto caminho para os campos, e deixando ao mesmo Tenente no dia dezoito para sem demora ir botar a picada para os mesmos, dando-lhe as ordens necessárias para o dito efeito, e chegando ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória pôs em execução esta ordem com maior diligência, e trabalho, gastando todo o mês de janeiro, e fevereiro do ano de 1771 sem poder conseguir o fim que pertendia por causa de ficar ali o campo mais de vinte léguas distante do rio, e ser tudo mato grosso. À vista das notícias, que haviam dos gentios, e esperanças de sair ao campo, foi necessário reforçar a expedição com gente e oficiais para poder alcançar o fruto de tanto trabalho, para o que se formou nova expedição.

A sétima expedição embarcou no mesmo Pôrto de Nossa Senhora da Conceição aos quatro de março de 1771. Comandante o tenente da Praça de Santos, Felipe de S. Tiago, capelão o padre frei Inácio Abraão de Santa Catarina, religioso carmelita, e missionário para catequizar os índios, e dispor a sua redução, como pareceu mais do serviço de Deus, cirurgião, alguns soldados pagos, por que todos fazia o número de trinta e cinco pessoas.

Navegando pelo Rio do Registo abaixo, chegaram com boa viagem ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória e fazendo o novo comandante ajuntar no mesmo pôrto tôda a gente pertencente àquela expedição, formou-se um conselho-de-guerra para assentar o caminho que se devia abrir para sair ao campo, e determinado se mandou a gente nesta diligência, O tenente Cândido Xavier,

mais empenhado em o conseguir, foi pessoalmente animá-la e depois de muito trabalho, e disvêlo saiu ao campo no fim de junho levando algum mantimento, que poderam conduzir às costas para borda dêle. Desertando algũa gente com receio do gentio, por causa do muito trabalho, que houve, ficando por esta causa a expedição com muita falta de gente, e para se prover dela e de mantimentos, veio o comandante Filipe de S. Tiago a falar com o tenente-coronel, que já marchava para os campos pelo caminho do Carrapato, que tinha aberto o guarda-mor Francisco Martins Lustosa. O padre capelão frei Inácio Abraão de Santa Catarina, religioso carmelita, e missionário, que tinha sido na mesma Capitania de S. Paulo tendo-se oferecido voluntàriamente para entrar nesta expedição, e saindo ao campo dispor o tratar com os índios, e reduzi-los a abraçarem a nossa Santa Fé, ou por que se lhe agravassem as moléstias, que a muitos tempos padecia, ou por que não podesse sofrer os incômodos do sertão, escreveu ao tenente-coronel pedindo-lhe licença para sair para fora e como todo o seu empenho era o fim da redução do gentio, lhe escreveu a seguinte carta:

Carta ao padre frei Inácio Abraão de Santa Catarina, capelão da expedição.

"Nesta Vila de Parnaguá, onde a pouco tenho chegado da cidade de S. Paulo, me foi entregue a carta de V. Rev.^{ma} feita na picada do sertão de Gorapuava a 19 de agôsto. Sempre me foram estimáveis as notícias de V. Rev.^{ma} pela grande veneração com a sua assistência anima a êsse corpo infêrmo das moléstias, bem conheço nesta sua carta o zêlo, e grande vontade com que deseja remediar os defeitos dessa expedição, e desejava não houvesse motivo, que desagradasse a V. Rev.^{ma}, pois estou certo, que com a sua assistência anima a êsse corpo infêrmo das moléstias, que os tempos têm causado, e se não podem aplicar os remédios precisos com a brevidade, que o tempo permitia; e assim passo a ponderar a V. Rev.^{ma} as rezões por que não devo convir na sua retirada por agora dessa expedição. Primeiramente informa-me V. Rev.^{ma} das cotinuadas moléstias, que padece: sinto tudo o que V. Rev.^{ma} me certifica, pois quisera vê-lo com muito boa saúde para com as fôrças de espírito fazer muitos serviços a Deus; e sem embargo de se lhe terem aumentado as moléstias nesse sertão, muito graves as tem padecido também cá por fora; assim parece-me que não é novo padecer no sertão o que fora dêle tinha experimentado tantas vêzes, por cuja causa não devo privar a essa expedição da estimável pessoa de V. Rev.^{ma}, quando considero, que fora do sertão tem padecido maiores moléstias do que as que presentemente padece. Mais relata-me V. Rev.^{ma} o que passa sôbre essa

gente da expedição, porque olha para o todo, e para o bem comum. Se V. Rev.^{ma} não estivera tão perto vendo as circunstâncias, que me participa, como podia eu vir na certeza do que se aí passa; e se a pobre gente não achara o conselho de V. Rev.^{ma} nas suas aflições, teria desmaiado por falta de quem lhe aplicasse os suáveis conselhos, e bons documentos, que em tôda a ocasião, que V. Rev.^{ma} tem aplicado com o seu prudente discurso, como estou certo na prática, que fêz nas Oitavas da Páscoa, e em outras mais ocasiões, que se me tem informado; à vista do que, Rev.^{mo} Padre, não devo consentir na sua retirada dessa expedição, pois se mostra bem claramente, que se V. Rev.^{ma} se vier embora poderia causar ũa grande perturbação a êsse corpo, que precisa ũa alta idéia para a sua conservação, e tendo V. Rev.^{ma} êste conhecimento, como quer que eu possa atendê-lo sem cair na nota de pouco advertido?

Tenho mais que dizer a V. Rev.^{ma} o motivo, que me obrigou *a encaminhar a V. Rev.^{ma} para essa expedição foi para que to*mando o gentio, como já se tinha visto, podesse dispor a redução dêles, e o bom trato, que queremos conservar com esta gente, pois se Deus foi servido, que resistíssemos a tantos trabalhos, vencêssemos tanta dificuldade, e gastássemos tanto tempo para acharmos caminho, que nos levasse às portas do sertão, estando tão perto, como se me informa, parece que o mesmo Senhor quis dificultar-nos tanto esta ação para conhecermos a grandeza dela, e agora que achamos tão bom caminho, e estamos à porta do mesmo sertão para introduzirmos nêle a Fé de Cristo, pareceria indecoroso ao caráter de V. Rev.^{ma} voltar estando tão perto, sem ver o fruto do seu trabalho, pois creio, que Nossa Senhora do Carmo, que o conduziu a êsse sertão, será para adquirir muitas almas para o Céu, e levar o seu Santíssimo Nome a êsses incultos sertões, e atroar os abismos com tão respeitável nome como o de Maria Santíssima Senhora Nossa. E não me dizia V. Rev.^{ma} muitas vêzes, que de muito boa vontade sofreria todos os trabalhos, só por reduzir ũa alma para o Reino do Céu? Pois como quer ter êste particular gôsto, e merecimento infinito sem tentar o vau? O Demônio há-de procurar todos os meios de embaraçar o grande fruto, que se pode seguir da ação em que V. Rev.^{ma} está, pois êle não *pode mais do que nós, ajudados com a divina graça; vamos para* diante meu Rev.^{mo} Padre, não tremamos, vençamos tôdas as dificuldades, que se nos opõem, e confiemos no Autor de tôdas as obras, que há de encaminhar esta, pois o nosso intento é para lhe fazermos muitos serviços, que a emprêsa é muito grande, necessita de todo o valor para não desmaiar.

Quero voluntàriamente acompanhar a V. Rev.ma, para cujo efeito disponho a entrar pelo Carrapato no fim de outubro, e ir até os Campos de Gorapuava, e procurar a V. Rev.ma aonde se achar : hei de levar padre com quem V. Rev.ma possa aliviar o cuidado, que a falta de companheiro lhe tem causado, e a vista obrarei quanto fôr possível por satisfazer o empenho, que tenho de dar gôsto a V. Rev.ma.

Foi-me presente ũa carta em nome dos soldados dessa expedição. Diga-lhes V.Rev.ma da minha parte, que fiem do meu cuidado e desempenho do que me representam, para cujo efeito passo aos campos, aonde espero satisfazer os motivos, que os obrou a fazerem a representação, que me foi presente. Pertendo fazer pagamento nesse sertão. Saibam V. Rev.ma se querem, que mande ir fazenda para se proverem do necessário; digam o que querem para lho fazer aprontar com a comodidade, que fôr possível. Sempre quero as notícias de V. Rev.ma, e agora ordeno ao tenente Filipe de S. Tiago, que quando mandar acima, dê parte a V Rev.ma.

Ofereço a V. Rev.ma a minha fiel vontade, que sempre achará pronta para o que fôr de dar gôsto a V. Rev.ma; que Deus guarde muitos anos. Parnaguá a 16 de setembro de 1771. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa."

Não foram bastantes as razões, que lhe expôs na carta acima para deixar de sair para fora com o pretexto das graves moléstias, que padecia, e assim o representava. O tenente Cândido Xavier com os poucos camaradas, que fielmente o acompanhavam, tendo certeza de que o tenente-coronel marchava pessoalmente para os campos, fêz tôda a diligência por sair a êles, o que conseguiu no meio de novembro, e se fortificou o melhor que pôde duas léguas dentro dêles, aonde o encontrou o tenente-coronel, sustentando-se vinte e tantos dias com caças, que matavam a espingarda, sem terem outro provimento algum, nem esperança de donde lhe viesse, dando princípio a ũa grossa estacada, a que pôs o nome Forte de Nossa Senhora do Carmo.

A oitava expedição entrou pelo Sítio do Carrapato aos 30 de julho de 1770.

Comandante e guarda-mor Francisco Martins Lustosa com vinte e oito camaradas mateiros, e caçadores, tôda gente de Curitiba, e S. José. Entrou esta expedição pelo sítio chamado do Carrapato, que fica em meio do sertão da primeira entrada, que se fêz ao Pôrto de S. Bento, e dado Registo para o sertão, por haverem notícias antigas seria por ali bom caminho, não só para o descobrimento dos campos, como também para a Serra de Capiva-

ruçu, visto tôdas as mais expedições terem tido tanta demora, e dificuldade em sair aos ditos Campos de Gorapuava, e por esta parte se esperar melhor comodidade de caminho para transporte, como experiência o mostrou, e se está praticando. Passando o dito guarda-mor o Rio Guaraúna, que divide os Campos Gerais do sertão, a catorze de agôsto encontrou outro rio dentro do mato, a que pôs o nome Rio das Almas, e ali fêz a primeira planta de mantimentos, trazendo gentes abrindo continuamente o caminho para o centro do sertão, e como êste estava adiantado, entrando mais para dentro fêz outra planta de milho, e pôs a êste sítio o nome de S. Filipe, e a doze de outubro pelos picadores terem já aberto ũa grande parte do caminho, passando o Rio Embatuba, fêz terceira planta, a que pôs o nome Sítio S. Miguel, e tendo chegado os picadores da Serra de Capivaruçu, e feitas as plantas, enquanto estas produziam os mantimentos saiu para fora em os fins de novembro dêste mesmo ano de 1770.

A nona expedição entrou pelo mesmo Sítio do Carrapato a sete de fevereiro de 1771.

Comandante o dito guarda-mor Francisco Martins Lustosa, com sessenta e quatro pessoas, trinta e sete vencendo sôldo, e os mais voluntários. Seguindo o mesmo caminho do Carrapato, como principiava a ter mantimentos, adiantou-se até a Serra de Capivaruçu, estabelecendo-se naquele sítio, a que pôs o nome de Nossa Senhora da Esperança, e fazendo seguir para diante o caminho, chegaram os picadores a ver o campo em dous d'abril, dia que a Igreja celebra a festa de S. Francisco de Paula, atribuindo ao mesmo santo êste benefício, e se ficou chamando o Sítio da Alegria pelo acima referido, e outros casos, que ali sucederam; e conservando-se o dito guarda-mor no Sítio da Esperança, fêz continuar o caminho até a borda do campo, botando roças naquele sítio, formando casas, e estabelecendo-se ali como centro daquele sertão, ficando quase em igual distância para os Campos Gerais de Curitiba, como para os novos de Gorapuava. Com as notícias, que tinham vindo dos descobrimentos dos campos, vendo o tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, comandante de tôdas as expedições a pouca fôrça, que havia para entrar a êles, e que era preciso quem animasse a gente das mesmas expedições consumida com o trabalho, e bastantemente debilitada para completar esta importante diligência, resolveu entrar a êles pessoalmente com ordem do general D. Luís Antônio, para cujo efeito convidando aos capitães d'auxiliares de Curitiba, Lourenço Ribeiro de Andrade, Francisco Carneiro Lôbo, e José dos Santos Rosa, que com a gente, que voluntàriamente podessem conseguir sem

vencimento de sôldo se aprontassem para o acompanhar para os referidos campos, e passando as ordens necessárias, indo por capelão o Rev.mo Padre frei José de Santa Teresa, religioso franciscano.

A décima expedição entro[u] pelo Sítio do Carrapato aos dezassete de novembro de 1771.

Comandante o tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, comandante geral de tôdas as expedições, acompanhando-o três capitães de cavalaria auxiliar do destricto de Curitiba, e por capelão o padre frei José de Santa Teresa, religioso franciscano, alguns oficiais, e soldados da Praça de Santos, e outras pessoas mais, que faziam o número de sessenta e tantas pessoas.

Passando o Rio Caraúna aos dezoito, pousou na entrada do mato, e prosseguindo viagem com alguns dias de falha, no meio dêle por causa de grandes chuvas, saiu ao campo a quatro de dezembro dia da Senhora Santa Bárbara, e logo no mesmo dia marchou o tenente-coronel com dous capitães de cavalos Francisco Carneiro Lôbo, e José dos Santos, e outras pessoas mais a reconhecer o campo; encontrou ao tenente Cândido Xavier, que nêles estava esperando haviam quinze dias com vinte e cinco pessoas, por ter entrado pelo Pôrto de Nossa Senhora da Victória, como se diz na sétima expedição; e no dia seguinte se ajuntaram todos aonde se achava o dito Cândido, o qual tinha dado princípio a ũa estacada, que se havia de chamar o Forte de Nossa Senhora do Carmo, e assim ficou sendo denominado, e conhecido pela gente das expedições; como também um pequeno mato no campo aonde pousou o tenente-coronel com tôda a gente, o primeiro dia que saiu ao campo se ficou chamando o Capão de Santa Bárbara, por ser o primeiro lugar em que pousou nestes campos no dia da mesma santa.

Aos oito de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição se disse a primeira missa nos Campos de Gorapuava em que sucedeu estando tôda a gente a ela em um oratório que para isso se fêz, e preparou com a descência possível, tendo a frente para o sudueste, donde corria o vento tão sereno, que não ofendia as luzes do altar, se ouviu que um pano batia os ares movendo-se com violentos impulsos, e porque o vento não era bastante para tão repetidos movimentos, motivou a curiosidade de quase todos para examinar o caso, e acharam, que permanecendo a bandeira serena no baluarte alvorada, se tinha levantado ũa grande toalha da mesa, que estava estendida ao sol com outra mais roupa por detrás dos quartéis ao lado da epístola em distância de quarenta passos, a qual estendida em forma de bandeira em boa altura, fazia seus movimentos tempo bas-

tante, até que serena caiu na praça, o que presenciaram todos os que estavam do meio do oratório para fora. No dia nove partiu o tenente-coronel com os três capitães de cavalos a ver o melhor sítio para o primeiro estabelecimento; pousou com todos bem molhados em um mato. Por estar em ũa baixa lhe ficou o nome de Pouso Triste perto do Rio Grande, que divide a campanha; e no dia quatorze se ajuntou tôda a expedição no Pôrto do Rio Jordão ao pé da cachoeira, que dá vau para a campanha, que fica da parte do sul, e para reconhecê-la passou no dia quinze o mesmo tenente-coronel com os três ditos capitães de cavalaria auxiliar, e vinte e dous camaradas, e correndo grande parte da campanha para o poente, aos dezasseis encontrou o primeiro alojamento dos índios, e passados vários, encontraram alguns índios, e se comunicaram, e convidaram nos seus próprios alojamentos, tratando-os com todos os sinais de amor, e desejos de conservar tratos de amizade até conseguir o fim de os reduzir ao grêmio da Igreja, verdadeiro projecto desta expedição.

Recolhido o tenente-coronel com a partida ao abarracamento, que tinha formado no Pôrto do Rio Jordão, vieram os índios várias vêzes ao dito abarracamento, trazendo alguns as mulheres, e filhos, que todos foram convidados, e elas vestidas com fatos, que ali mesmo se prepararam, procurando pelo modo possível agradá-los, e fazendo correr por tôda a campanha tanto por ũa parte, como por todos os lados, não só para tomar verdadeiro conhecimento daquele país, como para averiguar o gentio, que por aquelas partes habitavam, conservando-se assim até o fim dêste ano de 1771. No princípio do ano de 1772 andando várias partidas no campo, encontraram muitas vêzes o gentio, tratando-o sempre com muito agrado, e evitando tôda a ocasião de ofendê-los, o que não foi bastante para deixar de vir.

No dia oito de janeiro voltou àquele pôrto grandíssimo número de gentio, que se averiguou ser de diversas outras nasções, que confederados se tinham unido para a traição, que descobriram, de que Deus por sua providência livrou a esta expedição da manhosa sagacidade com que se armaram para acabarem a todos, de que não se poderam eximir sete camaradas, que ficaram sepultados nos Campos de Gorapuava. À vista dêste bárbaro proceder do gentio, vistas as ordens, que o tenente-coronel tinha de não ofender, ainda que êles como bárbaros atirassem algũa surriada de flechas; a falta de mantimento, e o receio de que o gentio tomasse a entrada do mato, e ficasse impossibilitado da comunicação para povoado, a pouca gente, e esta cansada, se resolveu a retirar tôda a tropa, e trem dos campos, conservando os caminhos abertos para continuar

a mesma diligência quando o general o determinasse, e ao diante se dá particular notícia do primeiro encontro, que se teve com o gentio, e de tudo o mais, que se passou com êle.

A undécima expedição entrou pelo mesmo Sítio do Carrapato aos vinte e três d'outubro de 1773.

Comandava o coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, comandante-geral de tôdas as expedições, levando por capelão o padre frei João de Santa Ana Flores, o alferes Manoel Gomes, e outras pessoas mais, que voluntàriamente o acompanharam. Entrou pelo caminho do Carrapato, e passando aos onze de novembro o Rio Caraúna, que divide os Campos Gerais de Curitiba do Sertão, chegou aos dezanove do dito mês ao Sítio de Nossa Senhora da Esperança no fundo da Serra de Capivaruçu aonde se tinha estabelecido o guarda-mor Francisco Martins Lustosa, e feito quartéis para tôda a gente, e tropa, muitos mantimentos prontos, e grandes roças para colhêr, e plantar, tinha já chegado ao mesmo sítio o tenente Cândido Xavier d'Almeida, e os soldados, que o acompanhavam, e a mais gente pertencente à mesma expedição. Dispondo o mesmo coronel Afonso Botelho marchar para o campo, e nêle se estabelecer, assentou com os mais oficiais ser preciso mandar recolher o campo primeiro por ũa partida de cavalaria, para não arriscar a mais gente, que com o trem, e bagagem se não desembaraçaria tão depressa, visto o que obrou o gentio em oito de janeiro de 1772, matando a sete camaradas, e dispondo acabar a tôda a mais gente, que se achava no campo, que por milagre de Nossa Senhora da Conceição não pereceram às mãos daquelas feras; para cujo efeito nomeou a Paulo de Chaves d'Almeida, da Vila de Curitiba, que voluntàriamente tinha acompanhado ao mesmo coronel Afonso Botelho na primeira entrada que fêz aos campos em dezembro de 1771, e nesta segunda o acompanhava sem vencimento de sôldo, por ser práctico do campo, e ter já nêle comandado outra partida, e mais experiências, que tinha dado da sua prudência, e valor. Partiu Paulo de Chaves d'Almeida, comandante da partida, com três companheiros voluntários da mesma Vila de Coritiba, doze soldados pagos com um sargento, dez voluntários para o trabalho, um criado, e um escravo, que por todos faziam vinte e oito, sessenta e três cavalos, e as necessárias munições para esta tão importante diligência. Saiu esta partida do Sítio de Nossa Senhora da Esperança aos oito de dezembro de 1773, dia de Nossa Senhora da Conceição, depois de ouvir missa, que disse o padre frei João de Santa Teresa, franciscano, e subindo a Serra de Capivaruçu, passando o mato, saíram ao campo no dia quinze, pousando na estacada de Nossa

Senhora do Carmo, aonde foi o primeiro, e último pouso, que teve o coronel Afonso Botelho, e tôda a expedição em 1771, e 1772. Não achou neste sítio sinais de ali ter chegado gentio, e só a cruz, que tinha ficado naquele abarracamento estava por terra, e demorando-se até o dia vinte e um, em que partiram, e chegaram ao abarracamento do Rio Jordão, e pousando nas mesmas barracas em que em 1772 estêve o coronel com tôda a mais gente da expedição, aonde acharam a novidade de ter o gentio lançado a cruz por terra com desumana crueldade, e com bárbara fereza desenterrado os cadáveres dos camaradas a que tiraram as vidas aleivosamente em oito de janeiro de 1772, o que não fêz desanimar a partida, e só renovando-lhe o sentimento de os ver mortos, e sepultados, no dia referido tornando novamente a enterrar os ossos, e reformar a cruz, e continuando com as mais diligências necessárias para passar da outra parte do Rio Jordão, só o pôde afzer no dia vinte e seis com todos os camaradas estando da outra parte. Seguindo o caminho a rumo de nordeste no dia vinte e nove, depois de ter encontrado vários alojamentos de gentio desertos, viram ũa aldeia grande composta de sete ranchos, em que acomodariam de quatrocentas pessoas para cima: logo parou o comandante à vista do arranchamento, e sendo sentido pelos índios, entraram êstes a fugir pelo mato; sem embargo dos muitos sinais, que êle fazia de paz, não foi possível o pararem; e vendo o comandante que a aldeia estava sem gente chegou a ela, apeou-se, entraram nos ranchos em que acharam milho, farinha, e carnes, e algũa ao fogo em panelas por ser ao meio-dia. Outros camaradas procuraram tratar o gentio, que em um mato perto do arranchamento se conservaram, porém não foram bastantes tôdas as possíveis diligências para o tratar, o que vendo o comandante se retirou a pousar em um campo, que ficava à vista do arranchamento.

Os índios que estavam observando todo o movimento da partida, tanto que os viram abarracados saíram do mato para a aldeia. Nesta noite tiraram dela tudo quanto tinham, pondo sentinelas para vigiarem a partida, que passando a noite acautelada no dia seguinte partiu o comandante com alguns camaradas para descobrir o campo, aonde se viu atacado de muitos gentios, e o mesmo sucedeu aos que tinham ficado nas barracas, que pelos apertar muito o gentio estiveram em grande risco, do que a Senhora Patrona destas expedições os livrou, e pela sua alta bondade, e divina misericórdia. Vendo o comandante o risco em que estava, e tôda a sua gente por achar o gentio com a mesma ferocidade que em outro tempo tinha mostrado, voltou chegando no dia três de janeiro de 1774 à estacada de Nossa Senhora do Carmo, aonde

achou a certeza de ter vindo ali gentio, e espedaçado a cruz, que ali tinham novamente levantado, e despejando ũa pouca de farinha no chão lhe poseram ũa pegada depois de terem levantado o sagrado madeiro, para conservar a memória, que aquêle lugar no sertão mereceu ser o primeiro em que se celebrou o Santo Sacrifício da Missa dia da Imaculada Senhora da Conceição de 1771.

Tendo o comandante explorado os campos, e adquirido tôdas aquelas necessárias notícias para saber o que o gentio nêle tinha obrado desde o princípio do ano de 1772, marchou para o acampamento de Nossa Senhora da Esperança aonde chegou aos nove de janeiro de 1774 com todos os camaradas, entregando ao dito coronel Afonso Botelho o diário, e alguns trastes dos índios, por sinal que tinham chegado aos seus arranchamentos, e procurado tratar com êles, o que tudo obrou o dito comandante Paulo de Chaves de Almeida com muita prudência, satisfação, zêlo, e interêsse do Real Serviço. Conservando-se o coronel Afonso Botelho no mesmo quartel de Nossa Senhora da Esperança para ter notícia do campo, e marchar para êle, quando estava pronto tudo o que era preciso, teve ordem para marchar logo à Vila de Curitiba, e Parnaguá a aprontar gente para socôrro do Rio Grande, e Registo de Santa Victória, conforme a carta do governador do Rio Grande, José Marcelino de Figueiredo, escrita ao mesmo coronel em quatorze de dezembro de 1773, e as ordens do seu general D. Luís Antônio de Sousa, pelo que lhe foi forçoso suspender a marcha do campo, deixando naquele sítio a que deu princípio ũa Freguesia de Nossa Senhora da Esperança. O guarda-mor Francisco Martins Lustosa com tôda a gente pertencente às expedições, e o tenente Cândido Xavier com a tropa paga e ordem de se botar ũa roça na borda do campo, o que se executou na primeira ocasião para que podesse haver esta comodidade precisa para estabelecimento daqueles grandes, e deliciosos Campos de Gorapuava, aonde se tendia entrar novamente estabelecer-se, quando os mantimentos estivessem prontos. E por continuar a guerra, e chegar novo general à Capitania de S. Paulo, pararam tôdas as diligências de estabelecimento do campo, e da redução do gentio, ficando a porta aberta para a tôda a hora, que Deus fôr servido entrar por aquêle abismo a redenção, e livrar do cativeiro a tantas almas como habitam aquêles sertões.

A 24 de julho de 1774 principiou a exercitar a obrigação de pároco da nova Freguesia de Nossa Senhora da Esperança de Capivaruçu o padre frei José de Santa Brígida, religioso franciscano, com provisão do bispo de S. Paulo. Em 1775, no govêrno já do general Martin Lopes Lôbo de Saldanha veio o gen-

tio à mesma freguesia, sendo a primeira vez, que tomou tal resolução, e achando falta de gente pela ter mandado sair o novo general, matou três pessoas, e feriu alguns, e a mesma Senhora Padroeira desta freguesia livrou de acabar aos poucos, que ali se achavam, ficando o guarda-mor Francisco Martins Lustosa assistido sempre neste sítio de que foi o primeiro povoador, teve a felicidade de estar fora nesta ocasião por ordem do general. É quanto se tem passado no descobrimento dos Sertões do Tibagi, durante o govêrno do general D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, que ansiosamente procurou completar esta grande obra; e continua o primeiro, e segundo encontro, que houve com os índios nestes mesmos campos.

A PRIMEIRA SAÍDA, QUE O CORONEL AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA FÊZ AOS CAMPOS DO CARRAPATO COM A GENTE DAS EXPEDIÇÕES NO ANO DE 1771. A 4 DE DEZEMBRO, * ENCONTROU OS ÍNDIOS A 16 DO DITO MÊS DA FORMA QUE MOSTRAM AS ESTAMPAS.**

1. O índio todo nu (mesmo sem a fôlha, que se oferece à vista no meio do corpo, que se lhe pôs no pintado por decência) com arco, e flechas, como representa a fig. 1ª.

2. Um índio com a camisa, e bordão, como se vê, e poucos apareciam com esta pobre vestimenta.

3. Uma índia no seu traje ordinário.

4. A mesma já vestida de vestidos que se lhe fizeram ficando muito contente, e satisfeita.

5. Ua índia com o seu pobre vestido de que usam, sentada, para que se veja como estão concertadas.

6. A mesma índia, que em lugar de tanga se lhe deu ũa baeta vermelha, chitas, contas, brincos, vidrilhos, e um espelho em que ela se mira, dizendo aos seus, que está mui guapa. Um índio com cinco filhos tirando pinhão do lago: chega a vê-lo o tenente Cascais com os cinco cavaleiros, que foram descobrir o campo.

7. O mesmo tenente Cascais tirando o seu barrete vermelho da cabeça, oferecendo-o ao índio; êste, receoso de o tomar. Os cavaleiros com os filhos, e a índia metendo-se ao mato olhando para trás a ver o que se passava com o marido, e filhos.

8. Apeia-se o tenente, põe o barrete na cabeça do índio, que está como pasmado, e os mais cavaleiros com os filhos.

(*) *novembro*, no original.
(**) O original não traz as estampas.

9. Despe o tenente a chimarra vermelha, veste-a ao índio, e os mais camaradas vestem os filhos, despindo-se êles mesmos dos seus próprios vestidos.

10. Vestidos os filhos, e o índio seu pai, a mãe vendo do mato o que se passa: dá o tenente um facão ao índio, o qual o estima muito.

11. Está praticando o tenente com o índio, e mostrando para onde se acha o tenente-coronel: êle promete vir com mais companheiros, e se despede.

12. Vai saindo a mulher do mato, e o marido com os filhos vestidos apontando para onde vão os cavaleiros.

13. Aparecendo o tenente Cascais, e mais cavaleiros defronte do arranchamento onde estava o tenente-coronel, e chegando os que andavam a caça.

14. Vêm os índios guiados pelo que havia sido encontrado, e vestido o dia antes, e o tenente-coronel com a mais gente no arranchamento.

15. Chegando os índios perto do arranchamento muito receosos de chegar, mandou o tenente-coronel recebê-los, por dous camaradas dos que no dia antecedente os tinham encontrado.

16. Chegam os índios ao abarracamento: o tenente-coronel abraça o dianteiro, os mais camaradas fazem o mesmo, e os festejam muito.

17. O tenente-coronel vestindo a sua própria véstia a um índio, e os mais camaradas despindo as suas camisas, e mais fatos para vestir outros.

18. Os índios vestidos com a roupa, que de si pode tirar a partida: vão dous correndo chamar os outros, que ficaram no mato.

19. Vêm chegando mais índios ao arranchamento conduzidos pelos dous, que já vestidos os foram chamar.

20. Chegam os novos índios ao arranchamento, tiram os camaradas da sua roupa quanta poderam até ficar alguns sem camisa, e só cobertos com os ponches, e os vestem.

21. Despedindo-se os índios pedem ao tenente-coronel vá ao seu arranchamento, que ficava distante duas léguas, e lhe estão mostrando o caminho, e lhe promete de lá ir.

22. Parte o tenente-coronel ao arranchamento dos índios, que tanto que o viram, e êles alvoraçados o esperam.

23. Chegando o tenente-coronel aos ranchos dos índios, saem dous a recebê-lo, e os mais admirados.

24. O tenente-coronel, e mais camaradas apeados tratando com os índios, e entrando nos seus arranchamentos onde se tinham retirado mulheres, e filhos pequenos.

25. Dando os índios ao tenente-coronel das suas armas um bordão, um arco, e flechas, e o mesmo aos mais camaradas, e despedindo-se.

26. Marchando o tenente-coronel, e os companheiros com arcos, e flechas dos índios, e êstes mostrando algũas cousas que lhes deixou.

27. Chega o tenente-coronel ao abarracamento e os camaradas, que lá tinham ficado pegam logo nos arcos, e flechas, e mais trastes dos índios, e se admiram muito.

28. Aparecem os índios defronte do abarracamento, chegam ao rio, e o vão passando.

29. Manda o tenente-coronel vestir os índios, e outros vão passando o rio.

30. Vão-se retirando os índios muito alegres, e admirados da liberalidade, que se usa com êles.

31. Caçadores encontrando os índios no campo, e conversando com êles.

32. Aparecem índios da outra parte do rio, vão saber dous camaradas o que querem, e praticam largo tempo, e a gente do abarracamento observando o que se passa.

33. Vêm os índios em grande quantidade dispostos à traição, que tinham premeditado.

34. Convidam-se os índios, veste-se ũa índia com vestidos de chita, que se lhe tinha preparado, e às mais se lhes dão várias peças.

35. O tenente-coronel assentado com seis índios pequenos, e um por detrás, esperando ocasião de matá-lo; os capitães, e outras pessoas com o padre capelão com ũa índia ao pé catequizando-a, e os índios esperando ocasião de matar todos.

36. O capitão Carneiro, que passou além do rio com outros camaradas, ficam êstes mortos, veio fugindo.

37. Chega o capitão Carneiro ao rio defronte do abarracamento, e retiram-se fugindo os índios do abarracamento, antes

que êle possa dar parte ao tenente-coronel do perigo de que escapou, e da morte dos camaradas.

38. Manda o tenente-coronel ao tenente Cândido Xavier com ũa partida de gente de cavalo procurar os camaradas mortos, e o padre capelão para confessar um, e metendo-se êstes nas rêdes, conduziram-se ao abarracamento para se lhes dar sepulturas. Não aparecem já índios no campo, e só alguns muito ao longe, que se vão metendo nos matos.

39. Chegam os camaradas mortos ao abarracamento, e se sepultam todos em ũa cova.

40. Retirada do campo com todo o trem.

RELAÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO, QUE O TENENTE-CORONEL AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA TEVE COM OS ÍNDIOS DO SERTÃO DO TIBAGI, NOS COMPOS DE GUARAPUAVA AOS 16 E 17 DE DEZEMBRO DE 1771.

Estando o tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, abarracado nas margens do rio, que passa quase pelo meio dos novos Campos de Guarapuava, correndo de entre o norte, e nordeste para o sul, e resolvendo passar à margem ocidental, o fêz em domingo quinze de dezembro ouvindo missa, que disse o reverendo padre capelão frei José de Santa Teresa de Jesus, religioso franciscano. Acompanharam o dito tenente-coronel os três capitães de cavalaria auxiliar da Vila e Destricto de Curitiba, Francisco Carneiro Lôbo, Lourenço Ribeiro de Andrade, e José dos Santos Rosa; o tenente Domingos Lopes Cascais, e os dous sargentos da Praça de Santos, Manoel Gomes Mazagão, e José Joaquim César, e outras pessoas mais, que no todo faziam o número de vinte e seis cavaleiros. Marchando assim sem provimento algum, pois fazia tenção voltar no mesmo, ou no outro dia, passando o rio na cachoeira, que faz o mesmo pôrto, e permitia vau com algũas dificuldades, pela corrente, que faz o despenhado das águas, e muito mais pelos caldeirões, e canais, que tem pelas lajens, em que tropeçando os cavalos fica evidente o perigo, como sucedeu nesta ocasião, que caindo os cavalos de quatro camaradas, um dêstes se avizinhou à morte por se não poder desembaraçar dos estribos, sendo levado com o cavalo pelo impulso das águas a lugar fundo, onde se viu dar três voltas o cavalo por cima dêle, de que por milagre de Deus escapou, e assim mesmo continuou a viagem. Dêste perigo se não livrou o dito tenente-coronel, pois caindo o cavalo, se lançou fora da sela com brevidade, e ficou em pé no meio do rio, dando-lhe a água por baixo dos braços, e sendo socorrido pela gente de pé, que se lhe avizinhava para acau-

telar o mesmo perigo, passou a pé o mais arriscado até ganhar ũa laje alta, que está quase em meio rio, o qual tendo nesse passo mais de cinqüenta braças de largo, a maior parte dêle é perigoso, por cujo motivo para não repetir o perigo de voltar à barraca para mudar roupa, o fêz no meio do rio sôbre a mesma laje, mandando-a vir pela gente de pé, que a de cavalo corria o mesmo risco, ficando pelo referido sucesso a êste rio o nome de Jordão. Passando o rio sem mais novidade, continuou-se a viagem a rumo de oeste com pouca diferença, que é atravessando o campo, que faz seu cumprimento com o sobredito rio, e pelo que se tem visto, parece ter de cumprido mais de quarenta léguas de norte a sul, e de largo pelo que se andou, e falta para andar, muito mais de vinte; e prosseguindo, como fica dito, chegou a um capão de mato, cuja distância ao pôrto será de cinco léguas; ao pé do dito mato se achou ũa trilha de gente, e daí a pouco um caminho, que teria um palmo de largo, e bem seguido, e logo assentou com os mais oficiais segui-lo para a parte do sul a ver se encontrava o gentio, de que indespensàvelmente havia de ser, e porque os cães sentindo porcos no mato correram para êle latindo, e alguns camaradas juntamente, intendendo o dito tenente-coronel seria gentio, bradou parassem para os não maltratarem, mas segurando-lhe eram porcos monteses, houve algũa demora enquanto os camaradas seguindo os cães pelo mato mataram quatro, com que ficaram hábeis a seguir o caminho, que para isto só haviam algũas perdizes, que o dito tenente-coronel tinha morto, ficando por êste sucesso denominado aquêle mato Capão dos Porcos. Prosseguindo-se assim o dito caminho até chegar ao córrego primeiro, que encontravam distante ũa légua, aí se achou um rancho grande com vários sinais de terem nêle pousado índios haveria cousa de oito dias, e por ser já tarde, determinou o dito tenente-coronel pousar arredado do passo cem braças em um campo, a que se pôs o nome o Campo do Craveiro, por ter muita erva desta qualidade, e aproveitar êste bom pasto para a cavalhada, que ficava à vista; e porque o tenente Cascais se tinha adiantado com três camaradas a seguir o caminho, e explorar o campo, e já era noite, repetiram-se salvas no pouso para se recolherem a êle, o que fizeram pelas oito horas da noite. Ceou-se muito bem porco do mato assado, e perdizes, dormindo-se com sossêgo estendidos pelo campo com cautela de sentinelas. Tôda a noite os cercaram gravíssimas trovoadas, que por milagre de Deus corriam para diferentes partes, e assim se passou sem algum incômodo.

Na segunda-feira dezasseis do mês, logo de menhã juntos os cavalos, sem mais demora montou-se a cavalo, para que ũa grande

trovoada, que ameaçava horrorosa chuva os não apanhasse a pé, tendo escapada de tantas em tôda a noite passada. Prosseguiu-se a viagem acompanhados bastantemente dela seguindo o mesmo caminho do gentio, e ao depois de se encontrarem alguns passos impertinentes para os cavalos, tendo marchado mais de légua, se avistou em um alto um grande rancho de gentio, onde chegando-se achou deserto de poucos dias, e nêle foram vistas várias alcôfas, e cestinhas em que êles têm guardados os seus pobres trastes, e entre êstes foi achada ũa simitrunfa, composta de penas não mal tecidas, e ũa fita branca trançada à maneira de liga, dous novelos de fio muito bem fiado, panelas, porongos, ou cabaços grandes, e um cheio de mel, carracaxazes, e outras cousas com que costumam fazer seus festejos; nas fontes circunvezinhas milho de môlho, e nos lagos pinhão, e outros víveres de que costumam sustentar-se; e por que se lhe tiraram alguns dêstes trastes para mostrar-se, se recompensaram com outros, deixando-lhe um barrete vermelho, duas facas, miçangas, medalhas, anéis, maravalhas, frocos, e outras cousas similhantes. E prosseguindo distância de duzentas braças se achou em um capão ũa roça de milho, que teria alqueire de planta já apendoado, e continuando o caminho por êle se encontravam vários alojamentos, e um dêles bastantemente grande queimado do fogo do campo. Em distância de três léguas boas se encontrou também outro alojamento de três ranchos grandes, que bem acomodavam cento e cinqüenta pessoas, e um pequeno, onde por vir já cansado o cavalo de um camarada, determinou o dito tenente-coronel pousar sendo até ũa, ou duas horas da tarde, para o que varrendo-se um dos ranchos, nêle foi achado um círio de milho branco, roxo, e amarelo todo poruruca, que teria um bom alqueire, do qual se remedeou a necessidade do cavalo cansado, e também a dos cavaleiros com piruás de milho torrado feito em ũa panela do gentio, de duas que ali se acharam, de que todos comeram, e gostaram muito bem; e da mesma sorte o dito tenente-coronel, bebendo-lhe por sobremesa ũa pouca d'água, que na outra panela do gentio tinha vindo da fonte de que o mesmo usava. Para melhor cautela mandou o tenente-coronel ao capitão Francisco Carneiro Lôbo, e ao tenente Domingos Lopes Cascais com três camaradas explorar os campos, os quais seguiram o caminho, que parecia mais trilhado para a banda do sul, por haverem vários, que saíam dos mesmos ranchos; e dos camaradas que ficaram, oito foram à caça para o mato. O tenente-coronel Paulo de Chaves, um sargento, e um soldado foram às perdizes, ficando nos ranchos, os capitães Lourenço Ribeiro, e José dos Santos Rosa com os cansados.

Recolhendo-se o tenente-coronel com quatro perdizes, que matara à vista dos ranchos, aparecia o capitão Carneiro, e mais exploradores repetindo muitas salvas, o que se teve por bom anúncio, vendo o tenente sem véstia, e sem barrete, e um dos camaradas, João Lopes, nu só com as ceroulas, e ponche, e os mais sem alguns trastes, que levaram, o que tudo nos fêz infirir tinham dado ao gentio pelo alvorôço com que vinham, e chegando referiram haver marchado pouco mais de ũa légua, onde encontraram um rancho queimado, e mais adiante em um lago um índio (*a* — *Estampa* 6)* com cinco filhos tirando pinhões, que vendo-os, arrebatadamente fugiram, e êles a rédea sôlta os alcançaram, exceto a mulher, que sempre entrou para o mato, fazendo-lhe logo ao longe sinais de paz batendo as palmas, com que parou o índio sobressaltado, e em extremo assustado, de que logo o tiraram o tenente um barrete de pisão vermelho (*b* — *Estampa* 7) em que duvidou pegar, mas lançando-lho de cima do cavalo o apanhou antes que chegasse à terra, ficando alegre, e muito mais quando o dito tenente despindo ũa chimarra (*c* — *Estampa*[*s*] 1 e 8) de baeta côr-de-rosa lha deu, de que ficando muito contente pegou nela abraçando-a muito mais alegre; logo o mesmo tenente lha vestiu, de que mostrou ficar mais admirado, e contente (*d* — *Estampa* 9).

João Lopes, que tinha dado alcance aos filhos, vestiu a um as suas bombachas, a outro a véstia de guingão, e a camisa de bertanha a outro, e o capitão Carneiro deu um lenço de listas vermelhas, e ũas verônicas a ũa filha; Diogo Bueno também deu outro lenço a um dos filhos, abraçando todos aos pequenos, e mostrando-lhes muito agrado (*e* — *Estampa* 10), com que o pai mostrou ficar assaz satisfeito, dando abraços a todos, e praticando por acenos, por se lhe não intender a língua; e a mãe vendo do mato quanto se passava, dizendo-se ao índio onde se achava o tenente-coronel (*f* — *Estampa* 11) com os mais camaradas, prometeu vir no seguinte dia, e dando-lhe mais João Lopes um facão, tendo mostrado gôsto nas mais dádivas, com esta fêz extremos de alegria, pondo-se a cortar com êle o capim do campo, o que vendo os nossos, foram ao mato buscar um pau, e cortando-o em muitas partes diante dêle, mostrou muito maior contentamento, e despedindo-se por acenos, asseverou voltar no dia seguinte com mais companheiros (*g* — *Estampa* 12). Os camaradas, que tinham ido à caça ao mato, ouvindo nêle o estrondo das salvas, intendendo estarmos atacados do gentio, acudiram a tôda a pressa, mas certificados daquele feliz encontro suavizaram com alegria o pesar da perda da caça, e cansada carreira, que trouxeram (*h* —

(*) No original as indicações das estampas são marginais.

Estampa 13); passou-se a noite com cautelas precisas, sendo tão grande a chuva, principalmente depois de rezar, que chovia nos ranchos, como se fôra no campo.

Na mesma noite, principiando-se a rezar a Coroa de Nossa Senhora, como sempre se praticava diante de ũa imagem da Senhora da Conceição, com o Santo Lenho em um relicário, que levava o tenente-coronel, para o que se estendia um lenço, ou algum pano em algũa paragem mais cômoda, onde também com mais descência se podessem acomodar luzes para similhante acto, logo no princípio apareceu no rancho um besouro muito grande, que dando muitas voltas pousou no mesmo lenço quatro dedos abaixo do relicário, prendendo-se pelas pernas de tal sorte, que não pôde mais soltar-se até o fim do acto, o que causou a todos admiração, e completo êste o queimaram, por se lembrarem, que o inimigo nesta figura queria embaraçar o bom princípio da continuação com os índios, e a grande esperança de os reduzir ao conhecimento do verdadeiro Deus. Têrça-feira aos dezessete se cuidou em ajuntar a cavalhada; e porque era o pasto macegoso, de tal sorte se espalharam, que até o meio-dia não apareceram todos, pelo que teve o gentio tempo de chegar às nove horas achando-nos ainda no seu arranchamento, vindo primeiro oito guiados pelo que no dia antecedente fôra vestido pelos exploradores (*i* — *Estampa* 14). Foram o tenente Domingos Lopes Cascais, e João Lopes a recebê-los um pouco adiantados dos ranchos (*l* — *Estampa* 15) abraçando-os, e fazendo-lhes muitas carícias, o que lhes coibiu algum receio com que vinham, e chegados os trataram muito alegres com grande carinho (*m* — *Estampa* 16), e se o vê-los mansos causou prazer, compaixão foi o vê-los nus sem roupa, nem compostura algũa; e ainda que alguns traziam seu modo de camisa sem mangas, eram muito curtas, e assim mesmo arregaçadas de sorte, que se lhes via todo o corpo da cintura para baixo. Dous traziam bordões na mão, de que se infiriu serem insígnias de oficiais entre êles, e os mais com arcos, e flechas, todos moços bem feitos, claros, e o mais velho teria cinqüenta anos, os cabelos cumpridos de um palmo pouco mais, ou menos, cortados por diante bem redondos, e dous com coroa no próprio lugar em que os nossos clérigos as têm, bem redondas, pouco maiores que as dos minoristas, as sobrancelhas rapadas todos em geral, as barbas crescidas, uns mais, e outros menos; e perguntando-lhes por que as não rapavam, ou traziam como nós, responderam por acenos, que por não terem com quê: a fala tão bárbara, que é totalmente distincta da geral indiana.

Foram todos logo vestidos, despindo-se os nossos das próprias camisas do corpo (*n* — *Estampa* 17), pois tinha ficado todo o trem no pôrto, que distava mais de dez léguas.

O tenente-coronel lhe deu a véstia que levava vestida, ficando com o sobretudo: vestiu-a a um, a que se tinha dado camisa, que todo se mirou, pondo-se-lhe algumas medalhas pelo pescoço, maravalhas, e vedrilhos pelos braços, que foram por cautela, e os camaradas deram a maior parte dos seus fatos ficando quase nus, e também muitas facas, e facões, o que êles mais que tudo estimaram, e um machado, que ia para fazer algum caminho se fôsse necessário. Mostrando por acenos o estimaram para tirar mel, e assim que se viram vestidos, disseram iam chamar outros, que haviam ficado no caminho, indo dous correndo a êste efeito (o — *Estampa* 18), e os mais ficaram tratando-nos como se fôssemos conhecidos.

Pegando em casca de pinhões os ofereciam se os queríamos que os iriam buscar, e dizendo-lhe que sim pelos contentar, pegaram em dous jacases, que estavam no terreiro, e tomando pela mão ao camarada José Pinto, o levaram até a borda do mato, que distará do alojamento onde estávamos, dous tiros de espingarda, e ali lhe deram a intender, que voltasse por ser longe o lugar onde os pinhões estavam, o que fêz. Logo chegaram os dous, que tinham ido conduzir aos mais, que haviam ficado no mato, que eram oito (*p* — *Estampa* 19) e os recebemos, e vestimos como aos mais: entre êstes vinha um, a que chamavam Pahy, e mostrava mais madureza, e todos entraram a tratar ao dito tenente-coronel por Pahy. Deram mostras de confiança armando práticas imperceptíveis com que queriam mostrar o seu agrado (*q* — *Estampa* 20), e por acenos lhe pedimos, disparassem as suas flechas, o que prontamente fizeram, rogando-nos atirássemos também com as nossas armas, no que se lhes fêz o gôsto: deitou-se-lhe um pedaço de coiro ao ar para que atirassem com as suas flechas, o que fizeram errando o tiro; logo o tenente-coronel mandou botar ao ar por um dos índios o mesmo coiro, e lhe atirou com felicidade de lhe empregar tôda a carga, em que logo pegaram, admirando-se de estar passado de ũa a outra parte sem verem com quê.

Tiraram-nos as catanas das bainhas, pedindo muito lhas déssemos; mas para os devertir deram-se-lhe outras cousas, pedindo muito os botões das véstias por serem de casquinha reluzentes, tirando-os alguns pela sua mão ao capitão José dos Santos Rosa, sem cortar, nem ofender o pano, ou corda do mesmo botão.

Chegaram os dous, que tinham ido ao pinhão despidos das roupas, que se lhes tinha dado para a não sujarem, e trazendo bastante pinhão, o lançaram no meio do terreiro, fazendo-lhe fogo em cima, e entrando logo a pegar-lhe, insinavam como se deviam comer oferecendo-os ao tenente-coronel, e mais assistentes: em recompensa disto também pela nossa parte se lhes pôs no mesmo terreiro um quarto de porco assado para que comessem, o que não aceitaram, convidando-nos muito que fôssemos ao seu arranchamento, para o que pegaram na mão ao dito tenente-coronel, querendo-o levar consigo, e tendo andado um pouco lhes disse, que fôssem adiante, que êle montando a cavalo lá iria ter, o que êles bem perceberam, e deixando alguns arcos, e flechas se foram embora dizendo nos esperavam no seu alojamento (*r* — *Estampa* 21). Ao despedir-se disseram os dous, que tinham ido buscar o pinhão, para aquela parte haviam visto cavalos, e mandando lá se acharam cinco, que faltavam, o que tudo se percebeu por acenos, de que infirimos a sua lisura. Depois de aparecerem os cavalos, sendo perto de ũa hora, montou o tenente-coronel, e mais oficiais, fazendo daí mesmo retroceder a um camarada doente com três, que o acompanhassem para o pôrto, e marchando com os mais, desejoso de fazer melhor experiência nos ânimos dos mesmos gentios, e também para cumprir a promessa, que lhes fizera de lá ir, seguiu o caminho, que êles tinham tomado, encontrando vários lagos de pinhão, providência de que usam para o anual sustento, e ũa rancharia queimada. Depois de feita esta marcha, que seria de légua e meia, ainda que bem molhados da trovoada, sobindo um alto se avistou a sua rancharia (*s* — *Estampa* 22) e a poucos passos sentindo a nossa marcha saíram alguns ao terreiro como inquietos, porém viu-se logo vestirem a roupa, que se lhes tinha dado, vestindo um a camisa com a abertura de diante para as costas, e seguindo-se a marcha sem alteração, chegando em distância de cinqüenta braças, vieram ao nosso encontro três bugres, um com bordão, e os dous sem armas, fazendo sinais com a mão, que chegássemos, e com vozes imperceptíveis caminhando acelerados na frente da partida até à porta do seu alojamento, receoso sempre dos cavalos; e por que os cães, que nos acompanhavam, se embraveceram contra êles, tendo os nossos a cautela de prontamente castigá-los, reconheceram sem dúvida o benefício, e se poseram em sossêgo, conservando-se a maior parte dêles armados. Apeados, que fomos, nos ofereceram com vozes, e acenos o abrigo dos seus pobres ranchos (*t* — *Estampa* 23) para que nos livrássemos da chuva, que caía, e para mais os agradar entrou o tenente-coronel em um rancho quase de gatinhas pela

pequenez da porta, e logo dous dêles o levaram direito ao fogo, que estava no fim do rancho, e sentando-se êles lhe ofereceram assento, o que fêz em um pedaço de pau, que ali estava, e da mesma sorte lhe ofereceram do pinhão, que se estava assando no fogo, do qual tiraram um, e descascando-o com a mão o comeram, dizendo-lhe fizesse o mesmo, para o que pegou outro em um tenaz de taquara mostrando o uso que devia ter dêle para tirar o pinhão do fogo, descascá-lo, e comê-lo, e ofertando-lhe aceitou o tenente-coronel, tirou com êle pinhão, e limpando-o o comeu, e deu ao tenente Cascais, e outros, que o comeram, e gostaram muito bem dêle dizendo, que era muito melhor que o outro, que haviam trazido do lago, com que ficaram os índios muito satisfeitos.

Saiu para fora do rancho o dito tenente-coronel, e todos os mais camaradas andavam dispersos uns para ũa, e outros para outra parte, mostrando tanto êstes como os índios recíprocos sinais de afecto, e alguns percebidos por acenos.

Continuaram-se-lhes algũas pequenas dádivas, convidando-os viessem ao pôrto, onde havia muito, que lhes dar, o que êles prometeram fazer, dando mostras de trazerem suas mulheres, e filhos, que para isso os tinham já mandado vir da aldeia principal, corando com isto a cautela, que tinham tido de pô-las fora do alojamento, conservando nêle sòmente os que podiam usar de armas, no que bem mostraram o receio, que tinham de que houvesse em nós traição; mas como não viram mostras, nos pediram muito ficássemos lá, pois tinham mandado caçar, e melar para Pahy, que assim tratavam ao dito tenente-coronel comandante, e pegando na mão a alguns camaradas, que fôssem com êles para lhe darem de comer onde tinham as mulheres, e filhos, mostravam, que muito breve voltariam, faltavam alguns dos que pela menhã tinha[m] ido ao nosso pouso, e estavam outros, que lá não tinham ido, e dos trastes, que se lhes tinham dado poucos tinham já.

Enfim vendo-nos com a resolução de montar a cavalo, tornaram a rogar-nos, que ficássemos, porquanto havia de chover muito, como sucedeu. Trouxeram um grande tição de fogo, que o conduzíssemos, o que se entendeu ser entre êles grande fineza pelo muito que lhes custa a acender; e estando já a partirmos veío um, e ofertou ao tenente-coronel um bordão dos referidos, e um arco, e flecha, que lhe aceitou (*u — Estampa* 25) dando-lhe um lenço vermelho, e as ligas das pernas, que era o que ali podia dar, de que ficou o índio satisfeito. Todos os mais índios ofereceram aos camaradas suas flechas, e vendo o gôsto com que lhas aceita-

vam, prometiam fazer muitas e trazê-las. Posemo-las diante de nós direitas ao ar com a pluma para cima, e marchando assim fizeram êles uma grande galhofa (*x* — *Estampa* 26). Voltou a partida com a resolução de chegar ao pôrto, e passando primeiro pelo pouso de donde tinha saído, mandou o tenente-coronel levantar ũa grande cruz para memória de que ali tinha chegado, sendo o primeiro lugar onde Deus principiou a abrir as portas da sua Divina Misericórdia a êste gentilismo, que nunca se presumiu achar tão humano, e tratável como se experimentou: o mesmo Senhor permita dar-lhe luz para acertarem o caminho de sua Divina Lei, e os traga ao grêmio da Igreja, e nos dê fôrças para continuar esta grande obra.

Ficou-se chamando êste lugar Santa Cruz, e assim é conhecido por todos os que entravam no sertão. Continuando-se a menhã debaixo de trovoadas grandes, e infinitas chuvas, veio a anoitecer no meio do campo; e por que os camaradas se poseram em opiniões sôbre o rumo, que seguiriam, se foram apartando com o escuro da noite, de forma, que se achou só o tenente-coronel com o capitão Lourenço Ribeiro, e o capitão José dos Santos Rosa, e dez camaradas quase perdidos sem saber para onde marchariam; pelo que se abrigou a um pequeno capão sendo já dez horas da noite, e ali passaram sôbre a terra branda por molhada, suprindo a falta da ceia o ensopado da roupa, pôsto que sem sal, pela pouca graça que tinha. Cuidou-se em fazer ũa grande fogueira, que a custa de pólvora, e do capim das selas pôde acender-se. A êste tempo se ouviram salvas, conhecendo ser o capitão Carneiro com alguns camaradas, e respondendo-se-lhe conheceram êles, que estavam pousados, e o fizeram também em um capão, que próximo acharam, e os mais camaradas, que estavam dispersos fizeram o mesmo. Estando a partida distante do pôrto légua e meia em direitura, a tropa, que nêle velava cuidadosa, ouvindo os tiros a julgaram em algum perigo; e por que o Rio Jordão não dava vau pelas cheias das trovoadas, cuidaram logo em botar ũa canoa, que tinham principiado ao rio, e nela passaram à outra banda alguns camaradas, e fazendo várias diligências por encontrar a partida dando salvas, não conseguiram efeito por estar em vales entre mato; e só com a menhã montando a cavalo se foram ajuntando de forma, que ao mesmo tempo chegou tôda a partida ao pôrto, aonde com a notícia do passado foi recebida com reciprocas salvas, sendo inexplicável o gôsto, e a alegria em todos vendo quanto Deus favorece esta emprêsa para redução daquele imenso povo pagão (*z* — *Estampa* 27). No dia dezoito, como já se disse, chegou a partida ao pôrto, onde a alegria dos

que tinham ficado foi excessiva de verem voltar ilesos com as notícias referidas aos camaradas, mesclando o gôsto com a imulação de os ter deixado, dando bastante matéria para que divertidos com as maiores demonstrações de alegria passassem êstes dias até domingo vinte e dous do corrente na esperança de vir a êste pôrto o gentio.

Deu êste cumprimento à promessa que fizera, aparecendo pelas sete horas da menhã defronte do pôrto em um alto alguns índios, e porque logo se percebeu, que outros cautelosamente se encobriam por detrás da mesma lomba, ordenou o tenete-coronel à nossa gente, que curiosamente se alvoroçava a vê-los, se não movesse das barracas onde estavam, nem pegassem em armas fora delas, para que o nosso sossêgo lhes diminuísse o receio, e mandou passar logo em ũa canoa à outra banda para recebê-los o capitão Carneiro, João Lopes, e poucos mais, os quais com carinhos, e abraços, e mais ofertas os resolveram a passar o rio (*y — Estampa* 28), gritando primeiro prendessem os cachorros, advertência dos mesmos índios, e oferecendo-lhes a canoa para passarem, êles por acenos disseram ao capitão Carneiro, que pois estavam de botas passassem nela, que êles passariam pela cachoeira, apontando para baixo onde ela existe, e davam, acompanhando-os um moço Francisco Martins, o qual pôsto diante ao passar do vau só consentiram enquanto baixo, mas chegando ao mais fundo, e mais perigoso, pondo-o para trás, tomaram dous a dianteira a sondar a paragem, e tanto que estiveram do outro lado, andaram a procurarar o Pahy, distinção com que tratavam ao tenente-coronel receosos de chegar aos mais, até que o mesmo saiu a recebê-los, fazendo-lhe muita festa, e muito alegres chegaram à sua barraca.

Mandou dar o tenente-coronel dous côvados de baeta à maior parte dêles, tangas pintadas, facas, contas, e outras infinitas cousas, que estavam preparadas; a confusão com que chegavam uns, e se retiravam para chegarem outros não deu lugar para que se podesse fazer verdadeiro cômputo de tudo quanto levaram. Dos primeiros, que chegaram à barraca foi ũa moça, que teria dezasseis anos pouco mais, ou menos, bem feita, que se andasse tratada não se conheceria por índia: trazia ũa tanga cingida pela cinta, que lhe dava por cima dos joelhos sem mais compostura algũa: preparou-se com ũa tanga de sofolié, baeta vermelha, ao pescoço várias miçangas, pente na testa, chapéu na cabeça, de que ficou muito alegre, e foi dizer aos seus tanto que saiu da barraca, que estava muito bonita, o que se lhes percebeu por ser quase na língua da terra. Tôdas as suas ações eram obradas com honestidade, e vieram mais duas mulheres, que passavam de

quarenta anos, e foram vestidas na mesma forma; vários rapazes de oito anos para cima todos bem feitos, e um, que teria dez anos vestiu Antônio da Silva Freire dando-lhe camisa de linho, calção branco, véstia, e chapéu, que não parecia índio criado nestes sertões, mas sim rapaz nascido em ũa terra civilizada. Vinha também um índio pequeno, que teria dous anos e meio até três, trazendo-o o pai às costas; era bem feito, e bonito, e tanto que se viu entre nós chorou com bastante excesso; mas dando-se-lhe ũa baeta vermelha, e vários brincos logo se acomodou (*k — Estampa* 29).

Por fim um índio, que tomou um machado em um rancho, já indo com êle dançando, e fazendo extremos de alegria, dando a intender, que era para com êle tirar mel, fêz que muitos dêles perdido o maior receio se dispersassem pelos ranchos entre os nossos, *confundindo-se uns com outros de forma*, que já custava distingui-los com facilidade.

Enfim quantos machados viram, facas, e foices tudo levaram, duas baonetas, ũa catana de Antônio da Silva Freire, sendo excessivo o gôsto do que a levou; tôdas as mais catanas, que viram as pertenderam com grande excesso; ũa faca do mato do tenente-coronel custou-lhe muito a defender querendo um lha desse fazendo já negócio com ũa baoneta, metendo-a na bainha da faca do mato, *para ficar com ela*, e só o pôde *sossegar dando-lhe a intender*, que era para o cacique quando viesse ao abarracamento: mandou-se pelos pretos tocar clarins, boazes, e caixas, com que ficaram admirados, e alegres. Roberto André, que excelentemente tocava viola a tocou e dançou, e êles contentes confusamente o fizeram a seu modo com fortes diligências para levarem a viola, bolindo muito nas cordas, e com admiração examinando o que tinha por dentro. Seriam por todos setenta, pouco mais ou menos (*aa — Estampa* 30). Foram-se pelas dez horas deixando muitas flechas, e arcos aos camaradas, dando a intender, que iam buscar as mulheres, e viriam, e quase se lhes percebia, que queriam ir com Pahy, e tendo passado o rio, logo se preparou o altar para o capelão dizer missa por ser domingo, e se deram muitas graças a Deus por tão bons princípios para redenção dêstes pagões, pela esperança, que ficou de recolher ao grêmio da Igreja êste disperso rebanho.

No *dia vinte e três* despachou o *tenente-coronel* para S. Paulo ao sargento José Joaquim César com a relação antecedente, arcos, flechas, bordões, e mais trastes, que o gentio tinha deixado, para tudo apresentar ao Il.^mo^ e Ex.^mo^ General D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, que com razão devia alegrar-se, e estimar estas filices notícias sucedidas no tempo do seu govêrno, não só pela

propagação da fé, que se espera de tão bom princípio entre êstes pagões, como pela dilatação, e aumento do reino tanto em terras, como em vassalos, que será sempre memorável o dever-se ao disvêlo com que Sua Ex.ª procura o aumento desta capitania. Ficou o dito tenente-coronel aplicando todo o cuidado na eleição do lugar para construção de ũa fortaleza, ou lugar em que com respeito militar estabelecesse neste continente o direito senhorial dêste país, e para com ela animar o corpo de ũa grande povo[a]ção, que provàvelmente se há de estabelecer com multiplicadas fazendas de gados, para o que convidam êstes diliciosos, amenos, e férteis campos. O gentio, que igualmente deve estar gostoso, e assombrado da não esperada afabilidade, que em nós tem encontrado, tendo-se retirado no dia vinte e dous com promessas de voltar com as famílias, movidos ou do receio, que justamente de nós devem ter, lembrados das tiraníssimas ações, que com êles por tantos modos usavam os antigos há pouco mais de cinqüenta anos, ou da curiosidade de notarem os nossos movimentos, julga-se deixaram sentinelas, por que indo alguns camaradas à caça no dia vinte e quatro a uns capões, que abordam o rio perto dêste pôrto, reconheceram trilha fresca dêles, e tendo morto ũa oncinha vulgarmente chamada jaguatirica, pondo-a no barranco do rio, continuaram a caçada, e na volta não a achando no lugar onde a tinham deixado, conheceram que o gentio a tinham levado, e chegaram a averiguar a trilha de quatro, que se verificou mais, por que andando três camaradas em uns capões altos a caça, vindo um veado no campo pastando o quiseram negacear, o que fizeram também cinco índios, e nem uns, nem outros poderam matá-lo. Voltaram os nossos por não haver algum encontro, que descomposesse a boa harmonia, que conservávamos (*bb* — *Estampa* 31); também viram fogo em um capão perto, que mostrava ter maior número de índios.

No dia vinte e cinco se disseram as três missas da festa do Natal antes de ser dia claro, esperando viessem os índios por estarem perto, a fim de nos acharem mais desembaraçados para os receber, e como não apareceram até o meio-dia, foram uns à caça, e outros ao campo a tratar dos cavalos, e do gado. No dia vinte e sete indo outros camaradas também à caça para a parte dos capões do Pouso Triste, cujo nome teve por estar em ũa baixa ao pé do Rio Jordão para a parte do sul, e chegar a êle o tenente-coronel com a partida do capitão Lourenço Ribeiro, e do capitão Francisco Carneiro em um dia muito chovoso, e triste, e ali pousarem todos molhados, e com grande incômodo, encontrando os camaradas acima porcos no campo, ao matá-los viram que dous bugres de um alto vizinho curiosamente presenciaram o modo com

que os nossos faziam a caçada; e porque os porcos acossados dos cães se recolheram a um capão vizinho, seguiram-os os índios para matá-los, e andando os camaradas embebidos neste proveitoso deleite por ouvirem um assobio repararam que um bugre muito perto dêles o tinha dado, e se retiraram sem haver mais novidade.

No dia vinte e oito logo de manhã apareceram índios em um alto, que fica fronteiro ao pôrto, donde logo se retiraram, tornando ao meio-dia a aparecer no mesmo lugar, e seriam três horas quando chegaram mais perto, de sorte que acenando-se-lhes, e bradando-se-lhes, êles fizeram o mesmo, de que se inferiu ser mais que curiosidade de exploradores; e porque fazendo-se-lhes sinal que chegassem ao pôrto, se retiraram, determinou o tenente-coronel fôssem João Lopes, e Manoel Pinto à outra banda do rio, e os seguissem algũa distância, a ver se por êste modo chegavam procurando-os; assim o fizeram, porém os bugres vendo-os mais se ausentaram, por cujo motivo se resolveram a voltar, como já faziam, quando a poucos passos voltando para êles, viram no alto seis, e que dêstes, quatro vinham direitos aos nossos, e dous ficaram imóveis; percebendo-se-lhes acenos, e vozes, voltaram os nossos para êles, e chegando os índios se abraçaram, e deram grandes mostras de conservarem a mesma amizade (*cc — Estampa 32*). Foram convidados viessem ao nosso pôrto, onde havia muito que lhes dar, ao que mostraram responder, sendo mal intendidos os seus acenos, que iam buscar suas famílias, e cousa de comer, e que vinham para lhes darem facas, e facões, e assim se despediram com muitos carinhos, e abraços, tendo um dêles usado a ação de cortar os pequenos ramos do campo, e estendê-los no chão com acenos, que os nossos intenderam para que nêles pisassem. Será talvez afectuosa fineza entre êles, como entre os hebreus, e passou-se o resto do mês, e ano sem mais novidade, que não virem, como se esperava.

No primeiro dia do ano de mil setecentos setenta e dous, depois de dizer missa o reverendo padre capelão e se confessar o tenente-coronel, e várias pessoas, mandou a Paulo de Chaves com dezoito camaradas passar o rio além, e procurar o caminho, que no Capão dos Porcos se tinha topado do gentio, e seguido para a parte do sul, para êle o prosseguir para o do norte, a ver se haviam algumas aldeias de gentio, descobrir o campo, e fazer as mais diligências necessárias conforme as ordens, que levava. Passando Paulo de Chaves o rio além pelo meio-dia municiado, e preparado para poder dilatar-se o tempo, que fôsse preciso, e dar cumprimento ao que se lhe havia ordenado, continuou a sua viagem.

No dia dous passaram o rio além algũas pessoas a tratar dos cavalos, que por ali andavam por haver melhor pasto, e andando procurando viram sete índios em um capão perto, e fogo, que dêle saía, pelo que conheceram estarem dentro mais. Acenaram-lhes os nossos que viessem, mas êles levantaram os arcos, e não lhes perceberam os mais acenos, que fizeram: também os mesmos foram vistos por algũas pessoas da outra parte do rio. Não houve mais novidade até o dia cinco em que passou o rio o tenente-coronel com seis cavaleiros, e seguiu as suas margens para a parte do sul, a ver se encontravam paragem suficiente para dar princípio ao primeiro estabelecimento nestes novos Campos de Guarapuava, e fazer nêles ũa fortaleza em que podessem estar seguros dos insultos do gentio, e do mais, que sucedesse. Tendo andado quase três léguas avistando grandes campos, que estão para o sul, e faltam examinar, seguiu para a parte de oeste, e tendo marchado ũa boa légua, encontrou um caminho, que os índios tinham feito quando vieram ao abarracamento no dia vinte e dous de dezembro do ano passado, e se recolheu por êle para o pôrto, encontrando vários passos em ribeirões, que com bastante trabalho se passaram. Chegou pelas oito horas da noite ao abarracamento, pouco depois Paulo de Chaves com a partida, que tinha ido para a parte do norte, como acima se diz, dando as notícias seguintes: que caminhando pelas margens do Rio Jordão até as cabeceiras, que da parte do norte nascem dos montes, que formam o mato, que fica entre os Campos Gerais de Coritiba, e êstes de Guarapuava costeando-os ao sul, encontrou com um alojamento pequeno deixado de poucos dias com algum milho, e morangas; e prosseguindo o mesmo rumo para examinar tôda aquela costa até o Capão dos Porcos, mais adiante acharam outro alojamento maior, aonde um dos ranchos tinha de cumprido vinte e cinco passos, e oito de largo, e aqui acharam vários trastes do uso dos índios, como panelas, porongos, pratos, caracaxazes, linho em estriga de que fazem os seus panos, e mostra, que o tiram das ortigas grandes, três côches grandes bem feitos, limpos, e levará cada um de sete alqueires de milho para cima, balaios, e cêstos bem tapados, e bem feitos, rebocados por fora e por dentro com cêra, que se supõe ser para trazerem água das fontes, cristais finos, que os partem sôbre outras pedras para suas navalhas, ũa roça, que teria de milho plantado meio alqueire, algum em pendão. Examinaram que o caminho, que se encontrou no Capão dos Porcos é o da serventia dêste alojamento para a aldeia principal de que já tratamos, e conheceram rasto dos que vieram a êste pôrto, que os foram avisar, e se supõe motivou a se retirarem para a aldeia não pelo caminho do Capão dos Porcos, mas em direitura ao alo-

jamento onde pousamos aos dezasseis do mês passado, segundo a grande rastalhada, que fizeram pelo campo, que estava macegoso. Tiraram-se-lhes dous porongos grandes, e se lhes deixou ũa faca, e umas ligas; e daí prosseguindo ao mesmo rumo, de um grande alto, avistaram tôda a campanha, que vai por detrás do Capão dos Porcos até os morretes do mato, que se avizinha à Serra de Vuturuna; que também avistaram divisada da mataria pelo negro dela, da qual os cabeços mais sinalados, que viram, são correndo do sul para o norte, isto é, olhando para o poente, que é por onde passa o Rio do Registo, e dali tornaram a cortar o Ribeirão dos Porcos, e acharam ser de bom tamanho, água negra parada, vários saltos lajeados como os demais corgos, que em tôda a viagem encontraram, e vertem da costa do mato grosso para os campos uns para o Rio Jordão, e outros para o Ribeirão dos Porcos, cujo nascimento vem dos campos.

No capão acima do dos Porcos acharam três pousos do gentio, dous com ranchos, e um sem êles, porém grande, que bem mostrava ser de muita gente, que por êle passava, e dali se recolheu o dito Paulo de Chaves com a sua partida a êste pôrto, tendo marchado neste círculo boas quarenta léguas, dando larga informação do que viu, e presenciou, vendo das cabeceiras do Rio Jordão haviam verdes novos para o outro lado nas campanhas, que nêle existem correndo para o nordeste, e leste, e porque não acharam caminho, nem trilha, que passasse para aquêle lado, pode-se presumir que por aquela serra habitava outra nasção de gentio.

Aos seis mandou o tenente coronel ao tenente Cascais com onze camaradas de cavalo a buscar passo no Rio do Pinhão, que vai para detrás do Pouso Triste meter-se no Rio Jordão, e nasce do lés-nordeste, e vai fazer barra no Jordão abaixo do abarracamento cinco, ou seis léguas.

Aos sete viu-se ter passado o Rio Pinhão o dito tenente, e lançado fogo ao campo do outro lado; e foi também Paulo de Chaves com alguns camaradas examinar o salto grande entre o Pôrto do Pinhão, e veio com a notícia de o ter visto, e ser altíssimo, e horroroso por estar entre o mato.

Aos oito, logo de menhã se dispôs o tenente-coronel a ir ver o sítio, onde formava tenção dar princípio à fortaleza, e fazendo aprontar cavalos para os que o haviam de acompanhar, ao embarcar para o outro lado onde já se achavam os cavalos, se viu um grande lote de índios em um alto defronte do pôrto, e mais dous lotes em diferentes lugares, cada um dêles mostrava ter mais de cento e cinqüenta índios; e porque marchavam apressados direitos ao pôrto, se julgou virem como tinham prometido (*dd — Estampa*

33). Suspendeu logo a viagem voltando para o quartel, fazendo aprontar as roupas, que se tinham feito para vestir as mulheres, e o mais, que a todos se havia de dar, dando ordem ao sargento Manoel Gomes, e tenente Cândido estivesse cada um pronto na sua peça de artelharia para dar fogo; e as mais armas, e corpos da guarda com as cautelas necessárias, sem dar suspeita aos índios desconfiávamos dêles, e sem embargo de ser maior o número do que costumava vir, não causou horror à nossa tropa, pelas repetidas vêzes que os tinham visto ali os caçadores na caça, os campeadores no campo, e enfim o tenente-coronel, e os mais camaradas nos seus próprios alojamentos, onde é inexplicável o perigo a que se exposeram.

Vinham os índios tocando suas gaitas de taquaras, e chegando ao pôrto passaram o rio; logo mandou o tenente-coronel alguns dos nossos a recebê-los como praticava, e com o mesmo carinho, e agrado os recebeu fora do quartel, vindo os primeiros sem as suas costumadas armas, e algũas mulheres, que logo foram vestidas, e adornadas de saias, camisas, bajós, contas, miçangas, brincos, e espelhos, e muitas mais cousas que lhes estavam preparadas, e os homens com tangas de chitas riscadas, e tudo o que apeteciam se lhes dava (ee — *Estampa* 34) com demasiada franqueza. Entravam pelos ranchos, chegando alguns a tomar machados, e foices, até uma baioneta, sem esperar que se lhe desse, o que tudo dissimulou o tenente-coronel para os não desagradar. Estava no lado direito do abarracamento o capitão Lourenço Ribeiro, e algũa gente dêle com prudente cautela cobrindo as armas, e defronte ũa peça d'artelharia, e de guarda a ela o sargento Manoel Gomes com as suas armas.

No lado esquerdo o quartel do tenente Cândido Xavier de Almeida com a gente da expedição, e ũa peça d'artelharia; e no centro o do tenente-coronel, onde se poseram duas sentinelas a título de se fazer igual distribuição das alfaias, que se lhes davam; e porque já não haviam facas, e êles estavam por elas ansiosos, se lhes perecebeu grande desconsolação. Trouxeram milho verde, que ofertavam, e na mesma forma bolos do mesmo tão asquerosos, que só o desejo de os agradar tirava o horror de os aceitar, sendo dificultoso o achar meios de disfarçar comê-los, no que instavam fortemente. Da mesma sorte trabalharam com impertinentes carinhos para conduzirem o tenente-coronel para o pôrto, de que lhe não custou pouco dissuadi-los sem lhes mostrar desagrado, ponto em que se cuidava muito para os adquirir, e reduzir ao grêmio da Igreja. Na mesma forma praticavam com os capitães Lourenço Ribeiro Ribas, José dos Santos, e outros mais, querendo-os levar

às costas, e conduzi-los aos seus arranchamentos, e pela confusão raros reparavam no que os mais obravam, querendo cada um ser autor de heróicas ações, uns com práticas, e outros ensinando a língua, o padre-nosso, e explicando os nomes de vestidos, e o mais, que lembrava a outros (*ff — Estampa* 35). Estando com esta familiaridade, todo o seu ponto era introduzirem-se nos nossos corpos da guarda, o que não poderam conseguir, e desenganados temeram pôr em execução o pensamento com que vinham de nos acabarem a todos, e roubarem, de que Deus nos livrou por sua alta providência, e pela senceridade, e boa intenção com que procurávamos a redução dêstes bárbaros, que debaixo de tão boa-fé aceitando as dádivas com que todos iam convidados, traziam tão danado coração, e para conseguir melhor o seu fim, convidavam a todos com impertinentes rogos fôssem aos seus arranchamentos, mostrando nesta parte ũa grande senceridade. Caíram na imprudente resolução de passar o rio com êles cada um por sua vez sem darem parte Manoel Pinto, José Pinto, Vicente Domingues, João de Ramos, o soldado Manoel Francisco, Lourenço, camarada do padre capelão, um rapaz do capitão José dos Santos, todos a pé, e sem armas, e o capitão Carneiro a cavalo, e de lá persuadidos dos carinhos daqueles bárbaros os acompanharam até encobrir-se com a lomba, que ficava quase meia légua distante do abarracamento, levando-os com muitos folguedos, e brincos até onde estava em um vale grande multidão de gentio que tinham ficado escondidos, e ali os fizeram perecer com muita crueldade, que bem mostrava a tirania bárbara dos seus corações. O capitão Carneiro, que ia a cavalo, tinha-se apeado a beber água com êles, e montando outra vez, continuava para onde êles o guiavam, acompanhando-o sempre um grande número de índios, mas como ficava mais alto pôde ver um dos camaradas morto no chão, e conhecendo a traição dissimulou, e tanto que pôde ganhar algũa distância, deu de esporas ao cavalo, e a tôda a carreira ganhou um passo pela banda de baixo onde bebeu água, estando todo o alto coberto de índios, e correndo venceu o escapar-lhes com a felicidade de lhe não acertarem as infinitas flechas com que lhe atiraram, sendo providência do Altíssimo, para que escapando viéssemos no conhecimento da aleivosia, e ferocidade daqueles cruéis inimigos.

Êles, que em distinctos troços tinham ocupado tôda a campanha, vendo que o dito capitão lhes escapava por ũa baixa procurando o Pôrto das Canoas arriba do vau, apareceram uns no alto, donde fazendo sinais aos que conosco estavam, êstes sùbitamente com arrebatada carreira, e gritando fugiram para o pôrto do vau, e passando-se uniram àquele corpo, e ainda o fugir fize-

ram com tal indústria, que com acenos fingiram ir buscar que comer (*gg — Estampa* 36). Esta ação nos deixou confusos, e muito mais aparecendo a êste tempo da parte dêles um cavaleiro, que era o dito capitão Francisco Carneiro, que a rédea sôlta demandava o Pôrto das Canoas aflicto gritando por ela, e tanto que se pôde ouvir da outra parte do rio, perguntando-se-lhe pelos camaradas informou daquele (*hh — Estampa* 37) aleivoso caso, que nos pôs em grandíssimo pesar não só do sucedido, como de se não saber antes que fugissem, porque certamente seriam bem vingadas as mortes dos nossos camaradas, não tanto pela razão da vingança, como para que o horror do castigo lhes servisse de emenda. Deus, que conhecia o interior do comandante, e dos mais, o gôsto, e desejo, que tinham da redução daqueles bárbaros, seria servido livrá-los por êste modo, que a não ser assim, pereceriam todos confiados na imaginada simplicidade, que mostravam aquelas feras, pois já não procurávamos mais que convertê-los, nem haveria prudente cautela, que podesse livrar-nos de inimigos, que se faziam tão domésticos, e familiares, e com tanta maldade, que se observou depois serem invenenados uns bolos, que traziam, e deram a alguns camaradas, porque um cão, que comeu dêles, logo morreu, e dous mais, que duraram até o outro dia. Um camarada, que passou o cavalo do capitão Carneiro, e lhe pegou no estribo para montar, foi muito rogado dêles, e quase com violência o quiseram levar; ũa índia lhe pôs a mão na barriga, dando-lhe a perceber que voltasse, o que êle fêz vindo para o pé do tenente-coronel e dos mais sem dizer palavra, cheio de mêdo, e só depois do sucesso relatou o benefício, que tinha recebido daquela índia.

Tanto que o dito capitão chegou ao rio, disse que vira um camarada morto, e os mais presumia ter-lhe sucedido o mesmo; logo determinou o tenente-coronel ir sôbre êles com uma partida de cavalos, o que lhe impediram os oficiais para que se não desanimasse aquêle pequeno corpo ficando sem comandante, e sem a principal gente, que o havia de acompanhar. À vista do que mandou ũa esquadra de cavalaria comanda(n)da pelo tenente Cândido Xavier para ver o fim dos camaradas, o qual marchando com presteza, não chegaram a ver senão rasto dos índios, que atravessando as restingas se metiam aos capões do mato, aonde a cavalaria nenhum partido tem, e muito pouco os de pé, pois êles como senhores da casa sabem das entradas, e saídas. No primeiro vale, que entrou o tenente Cândido Xavier, sem que do abarracamento se podesse ver, achou os corpos de seis camaradas mortos passados com flechas, e algũas nos mesmos corpos tão maltratados, que metiam horror, e compaixão, distantes uns dos outros cousa de

tiro de espingarda,* e todos em um regato, que passa pelo meio do campo; o camarada José Pinto com vida, ainda que todo maltratado, e com algũas flechas cravadas no corpo.

Logo o tenente mandou dar parte, para que fôsse o padre capelão confessá-lo, e gente de pé para conduzir os mortos, o que sem demora mandou o tenente-coronel, e o padre capelão confessou ao dito José Pinto (*ii — Estampa* 38).

Voltou o dito tenente Cândido Xavier com os corpos dos camaradas, que foram sepultados todos em ũa cova com a piedade possível, ficando a todos os da expedição o maior sentimento, que se pode expressar, sendo o dia mais triste, e mais sensível, que só os que presenciaram êste acto, o podem expressar. Levantou-se ũa grande cruz ao pé da cova, e se fizeram os mais actos de piedade, e de religião, que permitia simelhante lugar (*ll — Estampa* 39). Chegou ainda simivivo o camarada José Pinto, durou vinte e quatro horas com ũa flecha de pederneira cravada no corpo, que não se lhe pôde tirar. Confessou-se várias vêzes, e perguntado como foi a morte dos camaradas, só se intendeu dizer que os índios, que pareciam mais amigos, foram os peiores.

Vendo o tenente-coronel as cousas neste estado, e o perigo em que se achava o tenente Cascais com os poucos camaradas, que o acompanhavam, que pelos fogos, que tinham feito, fàcilmente o gentio os podia procurar, e êles ignorando o seu mau ânimo os receberiam com a costumada afabilidade, da qual bem se aproveitariam matando-os, como tinham feito aos outros, que apanharam separados do corpo, o mandou logo chamar, e chegou às dez horas da noite com aquêle cuidado, e sentimento de um bom, e fiel camarada, e da sua diligência disse ter achado passo no Rio do Pinhão, que quase iguala ao Jordão, e passando à outra banda pelo campo cousa de duas léguas lhe pôs fogo, pertendendo continuar até poder descobrir a aldeia grande do gentio, e averiguar se a serra, que se via em grande distância era Apucarana, tão recomendada como um dos principais objectos desta expedição. Vendo o tenente-coronel o perigo em que estava de arriscar tôda a expedição se tivesse mais demora nos campos, por não haver já mais do que ũa pouca de farinha, que apenas chegaria para três dias com a mesma regra, que há muito tempo havia, tendo muita parte da gente da expedição passado mais de quinze dias sem a provarem; os bois já no resto, que escapando do gentio chegariam para oito, ou nove dias, e ainda da pouca caça sem esperanças, pelo evidente perigo de perecerem os caçadores nas mãos do gentio; a gente da expedição pouca, doente, e debilitada do trabalho, os cavalos estafados do laborioso caminho, e de explorar a cam-

(*) *espingarga*, no original.

panha de forma que postos em rondas em poucos dias acabariam, e expostos ao campo o gentio os mataria, como já tinha principiado dando fim a três, que não foram mais vistos, e um do tenente Cascais, que se achou varado de ũa flecha; a necessidade de fôrças, e gente para rebater a fúria de tão grande multidão de gentio, que mais crescerá em se ajuntando os das aldeias, que existem ao norte; a impossibilidade de poder haver socorro de povoado em tempo breve; o perigo de nos tornarem* os caminhos em ciladas, fêz com que o tenente-coronel convocasse conselho-de-guerra, para seguir a resolução que parecesse mais acertada, e por uniforme acôrdo de todos determinou retirar tôda a expedição a salvar as vidas, e o trem de Sua Majestade, que tudo pereceria sem remédio em poucos dias, pela falta de mantimentos, e as mais referidas circunstâncias.

Aos onze do presente mês de janeiro partiu tôda a expedição com as cautelas possíveis, para evitar os assaltos, que poderia ter do gentio se já tivesse a lembrança de tomar a intrada do mato. Em primeiro lugar mandou pôr na borda do mato do caminho, que sai ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória ao tenente Cândido Xavier com a gente, que tinha entrado com êle pelo mesmo caminho, e todo o trem, e munições pertencentes à mesma partida para subirem pelo Rio do Registo até o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição por onde tinham entrado, e depois fêz marchar o tenente-coronel tôda a gente, e trem pelo caminho de Capivaruçu por onde tinham entrado, e ùltimamente saiu êle na retaguarda com o capitão Lourenço Rodrigues, e José dos Santos, e mais gente, que deixou para sua guarda.

Deus, que nos defendeu de tantos perigos, nos livrou também dêste, dando-nos tão feliz viagem, que bastaria um só dia de chuva em tão dilatado mato para que perecesse tôda a cavalhada, que por fraca mal pôde sair algũa parte, fazendo-se marchas muito ordinárias, e assim mesmo ficaram pelo mato mais de trinta cavalos mortos, e perdidos. Chegou tôda a expedição a sair do mato aos dezoito, pousando na lagoa, que fica ao pé do mesmo mato em que principiam os Campos Gerais de Curitiba, donde despachou o tenente-coronel ao sargento Manoel Gomes com a presente relação, e o mais, que consta da conta, que deu ao Excelentíssimo General D. Luís Antônio de Sousa para determinar o que fôsse servido.

Os favores, e tão repetidos milagres, que esta expedição recebeu, devemos a Deus pelas orações com que nos socorreram os

---

(*) *tomarem*, no original.

pios amigos, e devoto povo de Curitiba, com as contínuas novenas, e repetidas súplicas, que fizeram a Deus, e Sua Mãe Sanctíssima, rogando pelo nosso bom sucesso. Os perigos, de que Deus nos livrou, nem ainda os que viram cabalmente conhecerão, porque só a reflexão dêles causa horror aos ânimos mais constantes. Alagoa, 20 de janeiro de 1772. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa — o capitão Lourenço Ribeiro de Andrade — o capitão José dos Santos Rosa — o capitão Francisco Carneiro Lôbo — o guarda-mor Francisco Martins Lustosa — o sargento Manoel Gomes Mazagão — João Lopes — Francisco Martins — Paulo de Chaves.

Despachado o sargento Manoel Gomes Mazagão, como na relação antecedente se declara, dispôs o tenente-coronel Afonso Botelho deixar as providências necessárias para que o gentio, que ficava animoso, e ufano por ter morto os sete camaradas, não tomasse a resolução de vir em seu seguimento, e sair aos Campos Gerais continuar os bárbaros insultos a que tinham dado princípio; e sem embargo do receio com que a gente da expedição ficou pelo horroroso sucesso do dia oito de janeiro, se ofereceu o guarda-mor Francisco Martins Lustosa para ficar com Antônio de Pina seu irmão, e outros mais camaradas no Sítio de S. Filipe, que fica duas léguas dentro do mato caminho do sertão, e ali pôr as cautelas necessárias para embaraçar o gentio se acaso tomasse a resolução de seguir-nos.

Proveu o dito tenente-coronel ao guarda-mor de tôdas as munições para embaraçar o gentio, digo de tôdas as munições necessárias, e duas peças d'artelharia com a gente que pediu, e dando-lhe as mais providências necessárias, partiu para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição do Rio do Registo a esperar o tenente Cândido Xavier, que pelo mesmo rio vinha com a gente do seu comando, e chegou a vinte e um de fevereiro. Fêz o tenente-coronel pagamento à gente da expedição, e os lecenciou até nova ordem do general.

No ano de mil setecentos setenta e quatro se dispôs nova entrada aos Campos de Guarapuava, para o que passou o coronel Afonso Botelho ao sertão onde principia a Serra de Capivaruçu, e no meio do mato quase em igual distância tanto para os novos Campos de Guarapuava, como para os Gerais de Curitiba, erigiu ũa freguesia, a que se pôs a invocação Nossa Senhora da Esperança, sendo seu primeiro pároco o reverendo frei José de Santa Brízida, religioso franciscano. Achavam-se ali feitas grandes roças, quartéis, e armazéns pelo guarda-mor Francisco Martins Lustosa, comandante dêste sertão, que sempre nêle tinha assistido com

grande zêlo do real serviço. Também se achava neste sítio o tenente Cândido Xavier com a sua companhia; e sendo necessário saber o que o gentio tinha obrado nos Campos de Guarapuava depois do sucesso de oito de janeiro de mil setecentos setenta e dous, dispôs mandar a êles Paulo de Chaves de Almeida com ũa partida a trazer as verdadeiras notícias do que encontrasse, o que executou, como consta da relação seguinte.

Sendo pelo coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa no dia trinta de novembro de mil setecentos setenta e três nomeado Paulo de Chaves d'Almeida no acampamento da Esperança, onde se achavam, para comandar ũa partida, e com ela ir fazer exploração dos Campos de Guarapuava por onde se tinha andado há dous anos, dispôs que a saída seria a oito de dezembro, dia em que se celebra a Conceição de Nossa Senhora, e para se efeituar nesse dia a mencionada saída houve grande trabalho por serem as chuvas em muita abundância. Contudo na véspera do assinalado dia se achava já pronto tudo o que o comandante disse carecia assim de munições de bôca, e guerra, como de gente, petrechos, e mais preciso para aquela viagem. Dispôs o coronel se festejasse pelo modo possível a Virgem Sanctíssima Senhora da Conceição, fazendo arvorar a bandeira real em que também se achava esculpida a sua soberana imagem, e dar ao tempo das ave-marias três tiros d'artelharia. Foi grande a alegria desta noite, porque os ventureiros dêste campamento formavam danças em seus quartéis, mostrando com a falta dos necessários instrumentos o que lhes sobrava de gôsto, e ao mesmo tempo que assim folgavam disparavam vários tiros para mostrar também que o contentamento os não fazia esquecer das armas que professavam. Mandou o coronel cantar a Coroa de Nossa Senhora, ladainha, hinos, e orações presente êle tão alegre como devoto, assistindo o reverendo padre capelão frei João de Santa Ana Flores, havendo no mesmo tempo fogos pelas ruas do acampamento, que faziam a noite alegre com a muita gente, que por elas passeava.

Ao amanhecer o dia oito se deu outra salva de artelharia; confessou-se, e comungou o coronel, e muitas pessoas, e se disse missa com a solenidade possível, no fim da qual se deu nova salva de cinco tiros de artelharia. Deu o corenel de jantar com excesso dos mais dias, convidando para êle as pessoas de maior graduação, que ali se achavam. Completo êste, se tratou de expedir a tropa, que conduzia o trem, e munições, e estando tudo pronto pelas duas horas da tarde, montou a partida a som de caixa, fazendo-lhe antes o coronel ũa amorável, e discreta fala, animando-os a executar a diligência a que iam, com a felicidade que se esperava de

tão leais servidores de Sua Majestade, e com a actividade, que permitiam os seus fervorosos espíritos; entregou as ordens ao comandante, e abraçando a todos com alegre, e agradável semblante os fêz marchar com salvas de mosquetaria, que se deram assim da parte dos que marchavam, como pelos que ficavam. Partiu a conducta composta de vinte e oito camaradas debaixo das ordens do dito comandante, porém entregue à proteção, e amparo da Imaculada Senhora da Conceição, esperando nela conseguir todos os disígnios da presente expedição sem embaraço, nem perigo algum, continuando a mesma série de benefícios, que desta Soberana Senhora havemos recebido, e entre êles o conhecido prodígio de fazer (hoje se completam dous anos), ao tempo da primeira missa, que se disse nos Campos de Guarapuava, levantar um grande pano, que estava ao sol, e fazendo-o subir sem haver fôrça de vento, que fizesse natural êste sucesso, se demorou em bastante altura tremulando, e veio cair defronte da porta do oratório onde se estava celebrando a missa, deixando-nos êste caso a certeza de que era sem dúvida do soberano agrado desta Senhora, que naqueles campos se arvorasse bandeira branca, símbolo da sua virginal pureza, não ficando em esquecimento o evidente milagre com que permitiu, que no dia oito de janeiro de mil setecentos setenta e dous escapássemos da ferocidade dos índios, que com ciladas se tinham disposto atreiçoadamente acabar a todos os cristãos, como fizeram sòmente aos sete, que não poderam eximir-se de perecer nas garras daquelas indômitas feras. Não deixando enfim de lembrar os benefícios, que actual, e diàriamente estamos visìvelmente recebendo de suas liberalíssimas mãos, por cuja causa nelas nos entregamos todos para que filicite esta diligência como fôr mais do seu divino agrado, honra, e glória sua, e do seu Bendito Filho. Marchou a partida duas léguas de mato por caminho ruim, por causa das chuvas; pousaram na invernada de cima da serra bastantemente fatigados dos pântanos, que encontraram, e nela pernoitaram bem oprimidos da grande chuva, que tôda a noite caiu.

Acompanharam-os algũas pessoas, que daqui voltaram para o acampamento. No dia nove aprontou-se de menhã a partida, e se pôs em marcha, em que tiveram o prejuízo de cansar uma rês, de sorte que ficou sem dela se poderem utilizar. Prosseguindo a viagem teve o comandante a infelicidade de cair com êle o cavalo em que ia montado, levando-o debaixo de si; mas a Singular Patrona desta conducta o preservou do perigo, que viu iminente. Marchando cousa de quatro léguas pousaram no Rio do Piringa, sendo neste trabalhoso caminho a conducta sumamente atropelada de uma grande trovoada d'água, de que receberam algũa moléstia dous camaradas da tropa paga, por cuja causa se falhou ali um dia, e

por ser preciso mandar compor o caminho, e passos, que tudo se achava ainda por fazer.

Êste rio corre de nordeste a su-sudueste, e pela correnteza, que se vê no lugar por onde se passou se verifica ser em tempo de maiores águas caudaloso.

No dia dez sexta-feira não houve novidade de que se possa dar notícia, porque se gastou em fazer o que se determinou no antecedente.

No dia onze sábado todos se aprontaram, mandando buscar a cavalhada ao campo, onde acharam dous cavalos estrepados, e pondo-se em marcha com bom tempo, e caminhando cousa de légua e meia, chegaram ao rio, que se apelidou do Caldeirão, o qual corre de oeste a leste, e também mostra será caudaloso em tempo d'águas. Nêle se fêz passo para poder transportar-se a conducta; e marchando sempre chegaram ao Rio Negro pelas três horas, na margem do qual se abarracaram lançando os cavalos ao pasto, que estava bastantemente sêco. Êste rio corre do oés-sudueste ao lés-nordeste, e se conhece será intrasitável em tempo d'águas sem canoa, pois além de ser largo, é caudaloso, e no lugar onde passaram tem grande barranco.

No dia doze domingo logo ao amanhecer se mandou buscar a cavalhada, e pondo-se todos em ordem se poseram a caminho; e prosseguiram viagem bem trabalhosa por causa dos muitos morros, e bastantemente impinados, em um dos quais cansou um cavalo de sela. Caminharam cousa de légua e meia, e fizeram parada, dando tempo a que os picadores fôssem limpando o caminho tornaram a marchar quase outro tanto, e chegaram ao Papuanduba onde se abarracaram, ainda que bem cuidadosos, por estarem ali os pastos muito secos.

No dia treze segunda-feira, como se fazia preciso continuarem os picadores a limpeza do caminho, resolveu o comandante da conducta deixar ir adiante, e falhar ali êste dia, e para apressar aquêle serviço foi nomeado Sebastião Cordeiro, e Marcelino Gomes da Costa, pessoas da maior confidência do comandante, e no abarracamento se ficou cuidando de três camaradas ventureiros, que adoeceram, um dos quais ficou tão prostrado, que foi necessário sangrar-se. O inculto daquele lugar ofertou-lhes o dilicioso mimo com que costuma dulcificar aos caminhantes o amargoso trago de tão cansada viagem dando-lhes mel, e o mais de que a natureza o fertilizou. Para a tarde carregou ũa grande tempestade, que formando-se da parte do sul, se recolheu para a do norte, e deixando bem molhados, e bastantemente temerosos ainda do mesmo perigo, que já passava.

No dia quatorze têrça-feira logo pela menhã, veio a cavalhada, montaram, e se poseram em marcha, na qual padeceram algum trabalho pelo agreste do caminho, que só se compunha de iminentes morros, e perigosos passos; cansou um cavalo, que ia sôlto, e foi preciso retroceder um camarada a conduzi-lo, e caminhando a conducta cousa de duas léguas, se abarracaram pelas três horas no Pouso da Alegria, onde em lugar dela só tiveram tristeza, que lhes causou a extraordinária chuva com que se viram bem incomodados. Neste mesmo lugar toparam os picadores, aos quais fêz o comandante marchar no mesmo dia para diante até saírem ao faxinal onde deram fim à sua laboriosa, e necessária diligência, e voltaram ainda neste mesmo dia a encontrar-se com a conducta, e com ela pousaram. Carneou-se aqui ũa rês, da qual se municiou tôda a gente, e se remeteu bastante carne para sustento dos doentes, *que iam ficando, digo doentes, que haviam ficado no Papuanduba.*

No dia quinze quarta-feira, despedidos os oito camaradas, que tinham andado na diligência d'alimpar o caminho, e a quem se deram cartas para o senhor coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, e mais pessoas do conhecimento, e amizade dos da conducta, partiu esta, fazendo viagem algũa cousa cuidadosa, e trabalhosa; porque cansaram quatro cavalos, deu o sargento ũa perigosa queda com o cavalo, e houveram outros pequenos incômodos, que juntos todos fizeram amarga a jornada dêste dia: suavizou-se com a chegada ao faxinal, onde logo tiveram caça bastante de gralhas, e jacus, de cujo refresco se inteiraram todos sequiosos da sua falta até aquêle lugar.

Saíram ao desejado campo, o qual os recebeu com ũa grande chuva, que durou até chegarem à destroçada trincheira da invocação Nossa Senhora do Carmo, aonde depois de lançados os cavalos ao pasto lhes descarregou ũa furiosa, e terrível tempestade, e para seu preservativo entoaram* a ladainha, cânticos, hinos, e orações à mesma Soberana Senhora, servindo êste mesmo obséquio de ação de graças pelo benefício, que aquela conducta recebia em chegar àquele lugar com vida, e livre de maior perigo. Observaram, que naquele lugar não tinham chegado os índios desde que em janeiro de mil setecentos setenta e dous se tinham dali tirado o senhor coronel com as tropas, que antão no mesmo se achavam. Todos se comoveram à lástima de ver a cruz prostrada em terra, destroída do tempo, e a sepultura em que fôra enterrado o camarada José Pinto, que até ali tinha conservado a vida, trazendo-a no último fio desde o lugar do insulto, que no dia oito de janeiro do

---

(*) *entraram,* no original.

dito ano fizeram os feros,* e bárbaros índios, sendo êle um dos sete, que ali receberam mortais feridas. Acharam-se os ranchos destruídos pelo tempo, de modo que foi necessário refazê-los para se poderem arranchar naquele lugar, e livrar-se da fúria da tempestade, que continuou a cair, até que a Virgem Soberana Senhora do Carmo foi servida aliviar a todos daquele susto,** incômodo, e perigo. Deu o comandante as ordens às horas competentes, sendo o santo, e senha: Nossa Senhora do Carmo — Estacada.

No dia dezasseis quinta-feira ali falharam empregando-o em fazer limpar as armas, e prontificá-las para qualquer assalto. Fêz-se côcho para dar sal à cavalhada, e mandando-se recolher tôda, se não acharam mais que dous dos quatro, que haviam ficado cansados, os quais, e tôda a mais comeram sal. Achou-se desconsertada a arma de um camarada pago, e por não estar capaz de servir se escondeu entre ũas esteiras, para na volta ser conduzida para fora, e consertada. Saíram algumas pessoas ao campo, e voltando logo trouxeram duas grandes perdizes, que serviram de certeza de as haver ali em muita abundância. Deram-se as ordens, o santo, e senha foram: Nossa Senhora da Conceição — Trincheira.

No dia dezassete sexta-feira, vendo-se que para a parte de lés-nordeste se descobria um capão grande de mato, resolveu o comandante ir explorá-lo, e reconhecê-lo, e para isto montando a cavalo, fêz que obrassem o mesmo os seus companheiros Sebastião Cordeiro, Marcelino Gomes da Costa, e Antônio Martins Lustosa, como também os soldados pagos Antônio José, Francisco José de Camargo, e Tomás Mendes, dos quais ia por cabo o sargento Diogo Pinto de Azevedo. Em distância de cousa de ũa légua toparam o capão procurado, e viram correr êste de nor-nordeste a su-sueste, ser bastantemente cumprido, cercar-se de um rio, que corre ao mesmo rumo cheio de bastante água, que lhe dão dous mais pequenos, que correm um de sul a norte, e outro de sueste a norueste e vão desaguar no primeiro lugar, o melhor, que se tem encontrado para fazer o primeiro estabelecimento. Êste capão (a que poseram o nome de Mato da Boa Viagem) e rio servem de cêrco, e guarda de dous amenos, e aprazíveis campos, em que perfeitamente se pode estabelecer ũa grande povoação, assim pelo seu assento, como por mostrar a experiência do que sucedeu à cavalhada serem sumamente criadores, e não menos pela atendível circunstância de ficar isento aquêle capão de ser invadido dos animais, e poder nêle livremente plantar-se roças por se achar cercado de tão cristalinas águas como as que correm por aquêles

(*) *as feras*, no original.
(**) *justo*, no original.

nomeados rios, às quais poseram o nome de Águas Boas: O Senhor Bom Jesus — Abrecovo.

No dia dezoito sábado não se fêz viagem, mas ordenou o comandante partissem para trás dous camaradas, para do Pouso da Alegria fazerem recolher à estacada onde se achavam os dous cavalos, que não haviam aparecido, com outros dous, que se acharam no dia dezasseis. Juntou-se a cavalhada, e boiada, e deu gôsto ver êstes animais, que estavam visìvelmente nutridos pela bondade dos pastos. Saiu Sebastião Cordeiro com quatro camaradas a caçar, e recolhendo-se muito molhados trouxeram dous jacus, e ũa marreca. S. João Nepomoceno — Campo Largo.

No dia dezanove domingo, antes de amanhecer se ouviu um grande motim, que fizeram os cachorros correndo, e ladrando para a parte de um capão, que acompanha a trincheira pela parte do sul, ao que logo acudiu a providência do comandante mandando várias pessoas informar-se o de que procedia aquela novidade. Trouxeram a certeza de ser ũa grande vara de porcos monteses, que para o mesmo capão entravam. Foram nomeados alguns dos da conducta para irem a êles, o que fizeram com tal acêrto, que em pouco tempo se recolheram com dezassete. De tarde ainda mais perto apareceu outra vara dos mesmos animais, de que com muita felicidade se mataram cinco, e não deu lugar a chuva a fazer maior mortandade, mas desta mesmo se proveu abundantemente a gente, que melhor se satisfaz com esta carne, que com a de rês, de que havia excessiva quantidade. Chegaram pela tarde os dous camaradas, que traziam os cavalos, que tinham ido buscar à Alegria, como se diz no dia dezassete: Santo Antônio de Pádua — Esperança.

No dia vinte segunda-feira amanheceu o dia alegre, e desejoso o comandante de largar fogo ao campo para haver maior abundância de pasto para os animais, fêz montar a cavalo Marcelino Gomes da Costa, o qual dando ũa volta ao campo, se recolheu sem achar novidade, assegurando sòmente de estar a macega nos têrmos de se lhe atacar fogo, o que logo mandou fazer o comandante, e velozmente ardeu até a noite. S. Bartolomeu — Barqueiros.

No dia vinte e um têrça-feira logo cedo se levantaram todos, passou-se ũa exacta revista a tôda a gente de que se compunha esta partida, às armas, baionetas, cartocheiras, selins com todos os seus pertences, e a todo o mais trem, e não se achou novidade algũa além da falta de preparo da arma de que se faz menção no dia dezasseis.

Pronta a cavalhada, e dispostos todos a partirem para diante, o não fizeram sem que de joelhos com várias orações implorassem o socôrro da Virgem Imaculada Senhora da Conceição, e d'outros santos de devoção de cada um. Montados a cavalo, e postos todos em ũa linha reverenciando a cruz, que haviam novamente levantado no terreiro daquele acampamento, clamaram em altas vozes: *Viva El-Rei de Portugal;* e repetindo três vêzes êste cordial obséquio, passaram a dar vivas ao Ilustríssimo Senhor General desta capitania, e ao Senhor Coronel destas expedições. Principiaram a marchar levando adiante ũa guia, que mostrava o caminho, que deviam seguir, conforme as ordens, que destribuiu o comandante em virtude das que havia recebido para esta diligência. Chegando ao Capão Bonito divisaram muitas fumaças de fogo, que de oésnoroeste caminhando pelo norte até o nordeste rodeava a respectiva campina, o que deu bastante gôsto por se julgar efeito de seu trabalho, e estar tão vivamente ateado ainda o fogo, que se havia pôsto ao campo no dia antecedente. Alegres prosseguiram viagem, servindo-se do divertimento da veloz carreira de muitos veados, que fugiam pelo campo a refugiarem-se no mato.

São êstes campos sumamente largos, e aprazíveis, e pelo que mostram bastantemente criadores; têm para um, e outro lado alguns capões, e restingas, razão porque melhor linsonjeiam a vista. Chegaram ao Rio Jordão com a cavalhada bem cansada, apearamse ao pé do arranchamento, que ali havíamos tido em mil setecentos setenta e dous, e conheceram evidentemente naquele lugar ter chegado o gentio, quebrado a carrêta, que nêle ficou, cangalhas, e tudo o mais que na ocasião da retirada, por não caber no tempo o conduzir-se, ali se deixou. O que mais fêz inteiramente ferir o coração de todos os da partida foi o conhecerem, que o braço da cruz, que se deixara plantada no terreiro daquele campamento fôra tirado muito de prepósito pelos índios, para assim mostrarem desfeitas as nossas obras em ódio* da nossa amizade, recaindo esta feroz demonstração naquele soberano madeiro em que o Divino Filho de Deus Padre em forma humana padeceu para nos remir do cativeiro da culpa. Depois de obrarem esta bárbara, e sacrílega ação, passaram a cometer o desumano, e lastimoso procedimento de desenterrar os cadáveres dos seis inocentes camaradas, que no dia oito de janeiro de mil setecentos setenta e dous entregaram as vidas nas ferozes garras daquelas indomáveis feras, e deixando os corpos no campo ao rigor de todo o tempo, deixaram a cova vazia, por cima da qual poseram ũa grade de taquara; julga-se que ainda obraram esta última ação pelo próprio proveito

---

(*) o *dia*, no original.

de não caírem êles naquele fôsso. Os ossos, que se acharam dispersos pelo campo, fizeram fúnebre a alegria com que marchava esta partida, sentindo uns a saudade, que ainda conservavam dos corpos, que informaram aquêles cadáveres, e outros a desumanidade com que receberam tão bárbara e apressada morte, alguns a falta de caridade, que usaram êstes bárbaros em não quererem consentir debaixo da terra os corpos mortos daqueles a quem êles temeram vivos, e nenhuns recearam suceder o mesmo na presente ocasião, ou porque fiavam na proteção a que haviam recorrido, ou por confiarem nos seus animosos espíritos não seriam do número daqueles com quem pode medir as armas aquêle gentilismo, ou por darem por bem empregadas as vidas se as perdessem ao tempo de irem procurá-lo para o meter todo no grêmio da Santa Madre Igreja. Não se acharam as canoas, que naquele rio se tinham deixado, e não poderam decifrar a causa desta falta, por competir em igual balança a fúria dos bárbaros, e a corrente do rio, esta e aquêle soberbos, e indomáveis: fizeram outra canoa a que neste mesmo dia deram princípio procurando pau para ela. Aquartelaram-se no antigo campamento, em cujos ranchos não boliram os índios, e só se achou nêles o dano, que o tempo naturalmente fêz.

O comandante se acomodou no quartel, que tinha sido do senhor coronel, a tropa paga na casa, que foi carpintaria, e os voluntários pelos mais ranchos, que com pouco trabalho se refizeram. Lançaram os cavalos ao pasto, e trataram do mais na forma do costume. A Senhora Santa Ana — Taboaço.

No dia vinte e dous quarta-feira logo pela menhã se cuidou em cortar um pinheiro suficiente, que se achou ao pé do pôrto no mesmo Rio Jordão, e diliniando-se a canoa, se tratou da sua factura, em que se gastou até a noite sem outra novidade. Nossa Senhora da Victória — Miragaia.

No dia vinte e três quinta-feira cuidou-se todo o dia na factura da canoa, em que todos trabalharam, e sem novidade. S. Pedro d'Alcântara — Covelhinha.

No dia vinte e quatro sexta-feira, depois de pouco tempo de trabalho, se acabou a canoa; e suposto que logo se lançou ao rio, não se pôde nela atravessá-lo por estar muito cheio, e se temer o risco, que provàvelmente correria se intentasse acometer semelhante temeridade. Mandou o comandante enterrar os ossos, que dispersos pelo campo comoviam a maior compaixão, lástima, e piedade. Não fizeram viagem, nem houve mais novidade algũa. O Nascimento do Menino Deus — Belém.

No dia vinte e cinco sábado pertenderam passar além do rio, porém a sua enchente não o permitiu; só passou a cavalhada com algum custo, mas sem perigo.

Na tarde dêste dia se intentou por modo de intertenimento examinar se naquele caudaloso rio haveria ouro, ou pedras preciosas, de cuja esperança se desvaneceram todos logo por ser lajeado, sem formação algũa de ter em si similhantes preciosidades, a cujo assunto fêz no mesmo instante um camarada o seguinte

SONÊTO

Para que, ó Jordão veloz maquinas
No curso, que prossegues lisonjeiro,
Encobrir-nos o cofre pregoeiro
Das pedras, que reclusas diamantinas.

As águas que despenhas cristalinas,
Bem nos mostram do ouro ser luzeiro:
Não queiras esconder como grosseiro
As que sabemos tens jóias tão finas.

Bens podes atender agradecido
A um Sousa cuja fama é tão geral,
Que fulmina fazer-te engrandecido.

Pois por te dar a ti glória imortal,
Manda que se escreva enobrecido
Em teus troncos — *Viva el-rei de Portugal.*

Não houve novidade até a noite, na qual ocorreram a[s] cousas do costume das mais. A Virgem Nossa Senhora do Rosário — Mesão Frio.

No dia vinte e seis domingo, enquanto se prontificava a marcha da conducta, saiu do campamento o comandante com o sargento pago, e um dos seus soldados foram à margem do rio para em um tronco a que a sorte tivesse já destinado para depósito do respeitável epitáfio, que o senhor coronel ordenou se gravasse naquele lugar, e se escreveram para memória das doces palavras: *Viva El-Rei de Portugal,* o que se fêz em um grande pinheiro, que parece a natureza produziu para êste fim tão glorioso. Passaram todos além do rio, em cujo fundo esconderam a canoa, para que os índios, se ali viessem a não achassem. Montados a cavalo todos, e a mais bagagem pronta a seguir viagem, entraram a ler nos ânimos uns dos outros o gôsto, e glória com que cordealmente repetiam as palavras, que aquêle feliz tronco lhes apresentava a seus

olhos, e o mesmo que uns obravam, estimulavam aos outros, de que procedeu a ũa voz dizerem todos três vêzes as mesmas palavras: *Viva El-Rei de Portugal,* as quais se festejaram se não com a divida, e verdadeira demonstração, com a alegria, que bem se deixava conhecer no interior. Encaminharam a marcha ao Capão dos Porcos, mais inclinados para a parte direita, tomando primeiramente conhecimento, e fazendo exame do lugar onde os índios tinham cometido o insulto apontado no dia oito de janeiro de mil setecentos setenta e dous.

São alegres êstes campos, nos quais matou-se um veado, e alguns tatus, e perdizes: têm seus capões, dos quais um a que poseram o nome de Capão dos Tigres por terem neste dia aí morto um; os convidou com a sua fresca água, e amena situação a que pernoitassem ali, concorrendo a principal, e atendível circunstância de haver bom pasto para os animais. S. Bartolomeu — Rio Douro.

No dia vinte e sete segunda-feira ao juntar a cavalhada se conheceu estar mais luzida pelo bom pasto, que naquele campo havia. Poseram-se em marcha caminhando ao nor-nordeste por bonitos, e alegres campos, entre os quais haviam alguns rincões, e restingas; passaram com algum trabalho um còrregozinho, e caminhando mais adiante toparam outro em que tiveram igual trabalho; passando faxinais, e lajeados chegaram a um rio, e o passaram com grande custo, por ser naquele lugar algũa cousa caudaloso. Corre êste de lés-nordeste ao oés-sudueste, e logo para baixo do passo faz um salto, em que tem um grande passo, a que poseram o nome Mergulho.

Caminhando daqui a nordeste se foram abarracar na quebrada de ũa lomba cousa de ũa légua distante do alojamento dos indios, que em mil setecentos setenta e dous se viu naquele lugar para a parte do nor-noroeste, onde deixando o comandante ali tôda a gente, só com o sargento pago, e quatro camaradas partiu a envestigar se existia o dito alojamento, e passando por campo a que pôs o nome de Campo Lindo, chegou ao assinalado lugar, onde não achou mais que o chão, e a certeza de que ali fôra, e já não existia. Acharam excelentes pederneiras, de que tiraram algũas para prover as espingardas, e reconheceram ser muito boas; toparam bastantes pedras de cristal, e abundância de frutas chamadas joazes, em que fizeram grande colheita. Explorou-se parte de ũa grande restinga de mato, que do pé do mesmo lugar do antigo alojamento caminha de nordeste, e acaba para o oés-sudueste, mas não se achou vestígio algum, que os fizesse persuadir tivesse por aquêle lugar andado gentio há dous anos. Feita esta diligência voltaram para o abarracamento, onde chegaram quase a noite bem

molhados, e carneando-se ũa rês, sem mais novidade pernoitaram. Às Benditas Almas — Covelinhas.

No dia vinte e oito têrça-feira a chuva embaraçou a viagem, pois foi em muita quantidade, de cujo descanso se utilizou a cavalhada para se ir refazendo das fôrças, que com o trabalho das jornadas perdia. Não houve novidade. A Senhora Santa Ana — Pêso da Régua.

No dia vinte e nove quarta-feira, com melhor tempo saíram do abarracamento seguindo o rumo de su-sueste, e caminhando cousa de ũa légua, acharam um rio a que poseram o nome do Chapéu por cair nêle um dos camaradas pagos. Corre êste rio de norte, e se recolhe para o su-sueste; tem um grande salto, e cachoeira no lugar onde fizeram passo, e dali para baixo tem de ũa, e outra margem altos paredões. Matou-se ũa marreca.

Passado êste rio, marcharam pelo mesmo rumo por campos, que seria justo ocuparem-se de povoações, assim pela sua extensão, como pela fertilidade, que inculcam, e alegria, que se lhes viu. Descobriu-se de um alto um grande alojamento dos índios, para o que seria preciso passar-se um trabalhoso estreito, que estava ainda distante ao rumo de oeste. Caminharam direitos ao alojamento, e antes de chegar a êle toparam um pequeno rancho com algum milho em jacazes, e mais nada. Neste lugar estava plantada ũa grande roça bem limpa, e posta com tal economia, que levava excesso às nossas; seria de meio alqueire de milho de planta. Parecia que àquele rancho, suposto paiol, não havia chegado índio há muito tempo, por não passar o perigoso estreito, que necessàriamente havia de ser atravessado. Deram volta descendo a um extenso mato, onde acharam outra roça maior já com espiga, e pôsto que dela não participou a bôca, se gloriaram os olhos: houve bastante fruta a que chamam guabirobas. Sem outro remédio mais que atravessar o passo, de que pertendiam isentar-se, seguiram viagem, e sobiram a um campo, que fica chegado ao alojamento dos índios, já visto, de donde se divisavam lidando ignorantes em seu terreiro, e logo que se avizinharam os da partida, e foram pelos índios sentidos, começaram êstes a dar muitas voltas d'ũas para outras partes sem atinar no que fariam em tão apertado transe; e querendo os da partida obviar esta desordem se foram chegando a êles para os dissuadir da retirada, que logo se julgou intentavam fazer, e desde antão começaram os nossos a fazer acenos indicativos de que iam de paz, e que se deixassem estar, pois lhes não haviam fazer mal; porém êles não se fiando no que lhes diziam por aquêle possível modo, fugiram para um vizinho mato, que se achava ao pé do alojamento para a parte do norte. Apearam-se no terreiro, correram as casas, e em nenhũa acharam

cousa nova, mais que ũa arara, um machado de pedra, muitos porongos, cestinhos, e princípios de tessumes de pano, cujo fio é de casca de pau a que chamam embira, bem tecida, e tinta * de várias côres; muita carne em juraus, e algũa ao fogo em panelas, que era para jantar, a cujas horas isto sucedeu. Além do referido se acharam quarenta e seis jacazes de milho, e três de farinha, pouco feijão, pilões bem feitos com mãos de pedra, muitos dentes de caça enfiados como rosários, peles dalguns bichos com que se enfeitam para as suas funções, cujos instrumentos são caracaxazes, que é um cabaço com milho, de modo que chocalhe dentro. Toparam ali muitas flechas, e arcos, em que não quiseram tocar por não fazer novidade, e para que se não persuadissem que a nossa diligência se encaminhava a roubá-los. Constava o alojamento de três ranchos grandes, e um de trinta passos, e os dous de quinze, e quatro ranchos mais pequenos, todos em linha recta bem feitos, e já à moda dos nossos, e diferentes dos que se viram** na outra ocasião em que se andou por estas partes. Acomodar-se-iam nestes sete ranchos de quatrocentas pessoas para cima, não só julgando pelos que se viram fugir, como pelas camas, que d'ũa, e outra parte de dentro dos ranchos se viram de coiros, e fôlhas, e pelo meio d'ũa, e outra fileira fazem fogos com que recoperam o calor, que lhes tira a sua total desnudez.

Enquanto andavam indagando estas circunstâncias para se inteirarem do estado dêstes bárbaros, foi Marcelino Gomes da Costa para ũa baixa, onde se haviam metido à sua vista dous índios, e topando com êles os persuadiu a que chegassem, o que dêles não pôde alcançar; para mais os obrigar lhes deu um sortum de baeta côr-de-rosa forrado de outra branca, e um lenço, que tudo levava para seu uso, e nada quiseram receber de mão a mão: lançou ao chão, e ali vieram receber. Tornou o dito Marcelino Gomes para o alojamento, e contando aquela renitência, foi o sargento pago com igual, e dobrado empenho, e sortiu o mesmo efeito, sem embargo de dispender pelo mesmo modo um lenço, botões da farda, espiguilha, e outras miudezas, cuja recompensa foi despararem ũa seta apontada para o chão, mostrando os semblantes embravecidos. Retirou-se o sargento ao alojamento onde estavam os mais, e todos dêle saíram, deixando o comandante nos ranchos muitas prendas das que levava, para por êste meio ver se os fazia tratáveis.

Abarracaram-se em um campo à vista dêste alojamento mediando um córrego sòmente. Depois que se armaram as barracas, começaram os índios a sair do mato, onde estavam, e a pôr vigias

(*) *tinha*, no original.
(**) *serviram*, no original.

nos lugares mais altos, sendo tão vigilantes as sentinelas, que só rendidas por outras se retiravam; faziam suas senhas chamando os mais que ainda estavam no mato, e pouco a pouco se iam ajuntando; vieram alguns conversar com os nossos, mas não passaram o ribeirão, e nada se lhes intendia. Reparou-se, que êste alojamento fôra feito depois de destruído por êles mesmos o antigo, de que já se tratou, e se conheceram muitos índios dos que na outra ocasião andaram entre os nossos; pelo que se assentou ser esta a mesma gente, e só mudado o sítio, e o que corroborou mais êste conceito, foi o conhecer-se uns côches, que na viagem passada deixaram no alojamento, hoje destruídos. Chegou a noite, e postas as cautelas, e prevenções necessárias, se tratou das cousas precisas, e costumadas, e pernoitaram. Santo Emídio Papa — Arrifana.

No dia trinta quinta-feira, como estavam tanto à vista os inimigos, não sossegaram os corpos da conducta instigados do espírito, que sucessivamente os incitava a ir combater com o gentio, mas a obediência lhes atava as mãos para não obrarem o que lhes pedia o impulso, e mereciam aquelas feras, como ao depois se conheceu. Pouco dormiram, e levantando-se logo pela madrugada, não descobriram mais novidade, que o persistirem as sentinelas do modo que no dia antecedente se tinham visto, e alguns índios mais dispersos por todo o campo. Resolveu o comandante ir pôr um sinal na parte até onde podia chegar, para a todo o tempo se conhecer, que até ali andaram, e surcaram os portuguêses, e patentear antão as diligências, que êstes têm feito por reduzir aquêles infiéis a que recebam a nossa Santa Fé Católica. Nomeou para seus companheiros Sebastião Cordeiro, Marcelino Gomes da Costa, Antônio Martins Lustosa, o sargento pago, quatro soldados do seu comando, e dous ventureiros, e todos montados se arrojaram a seguir o caminho de seu destino. Endireitaram para o rumo de su-sueste, e tendo andado ũa légua fazendo as explorações, que lhe pareceu necessárias, avistaram diferentes lotes de índios, que de diversas partes se vinham juntando, seguindo a rectaguarda daquele pequeno corpo. Não houve mais tempo, à vista dêste inopinado encontro, que de lavrar-se o pau para se escreverem as palavras: *Viva El-Rei de Portugal;* e não chegando a poremse porque já estavam muito vizinhos os inimigos, se resolveu o comandante a fazer retroceder o corpo, ao qual logo cercaram os ditos índios fazendo acenos, que demonstravam o que se lhes não intendia de palavra, e por êles se percebeu perfeitamente, que diziam, que voltassem para trás, aliás os amarrariam, açoutariam, e cortariam o pescoço.

Todos vinham armados em guerra, o que só se destingue pelos inícites da cabeça, e pelas frechas, e arcos, que traziam, com que vinham bem guarnecidos. Não deram os nossos assensos algum a êstes ameaços, antes marchando sempre em ũa fileira seguida; êles acompanhavam em duas ũa de cada parte, que tomavam ambos os lados do nosso corpo; mostravam muita alegria, davam gritos, e carreiras querendo montar na anca dos cavalos, dos quais não mostravam o mêdo, que d'antes tinham, nem dos cachorros, e menos das armas de fogo, que embocando-se-lhes aos peitos, não faziam a mais pequena repugnância. Assim os vinha trazendo intretidos o comandante com o projecto de os fazer chegar ao acampamento para lhes dar muitas cousas do fato do seu uso, e dos camaradas, e do que levava de reserva para êste efeito, sem embargo de perceber a intenção bárbara dêstes infiéis, que a êste tempo já faziam o número de cinqüenta pouco mais, ou menos, não entrando um lote grande, que por numerosos, e ainda vir distante se não pôde indagar o cômpito certo.

Na retirada, que traziam os nossos, ainda se vinham encontrando muitos lotes, entre os quais se achavam duas mulheres, e ũa criança às costas da mãe. Êstes, que novamente se iam encontrando, traziam o desfarce de convidar os nossos para ũa roça, que ficava ao outro lado para lhes dar milho, e mel. Quando chegavam a algum estreito passo, logo se queriam adiantar, e prevenindo o comandante, que ali quereriam assaltar ao seu corpo, lhes acenava para que ficassem atrás, o que faziam sem repugnância. Esta desconfiança, que traziam os nossos, a cada passo mais se lhes ia certificando, porque de tôdas as partes se viam mais, e mais índios todos a encorporarem-se com os que acompanhavam o corpo; davam-lhes os nossos muitas cousas, que todos recebiam de mão a mão, indo pegados às estribeiras dos cavalos, digo dos cavaleiros, conservando êstes sempre a divida, e precisa cautela, e vigilância naqueles monstros. Chegou o nosso corpo ao alto monte, que ficava vizinho ao acampamento, e se tinha pôsto o nome de Campo de Atalaia, e logo que os avistaram os do acampamento vieram três a cavalo dar notícia ao comandante de que ũa grande quantidade de índios, que seriam oitenta pouco mais, ou menos, tinham vindo acometer o dito acampamento formando um círculo à roda dêle, e fazendo menção de dar assalto. Puseram-se-lhes em frente os nossos, que eram só dezassete, e suposto que com armas nas mãos, delas não usaram, antes os chamavam para que viessem receber tais, e tais cousas, que se lhes mostravam, a nada assentiam, e só queriam (como supunham) inteiramente destruir-nos, pertendendo valerem-se da mesma traição com que já tinham adquirido a posse de nos tiranizar, sem receberem o castigo bem

merecido pelos seus insultos. Deram princípio ao seu projecto expelindo algũas setas contra a nossa gente, e vendo esta o nenhum remédio, que poderiam ter para salvar as vidas, se resolveram a descarregar sôbre aquêles bárbaros ũa descarga d'outros tantos tiros, quantos eram os homens, que ali se achavam. Sofreram os índios a primeira descarga, constantes, talvez julgando, que as armas de fogo só serviam para ũa vez; mas vendo que se tornavam a carregar, e desparar, pondo muitos as mãos onde recebiam o dano, se voltaram com todos repentinamente para o mesmo mato onde se haviam escondido a primeira vez.

Informado o comandante dêste sucesso, e conhecendo eficazmente, que a Virgem Imaculada Senhora da Conceição protectora desta diligência lhes mostrava o meio de poderem salvar as suas vidas, e a dos companheiros, que o acompanharam, fazendo atemorizar aquêles seguidores, para que não cobrassem ânimo com o nosso dano, resolveu mandar-lhes dar fogo, e logo à primeira descarga tão velozmente correram, que só muito ao longe se viram parar alguns.

Chegou o comandante ao abarracamento, e sendo mais descansado, e verdadeiramente informado do sucedido, nêle dispôs a sua retirada, por ser êste caso todo sucedido até as nove horas do dia, antes que se ajuntasse maior número de índios, e lhes tomassem os passos para ser socorrido de povoado, ou para poderem recolher-se a êle no caso de não poderem as suas fôrças competir com as do gentio, pois se só em menos de vinte e quatro horas se poderam ajuntar de quatrocentos para cima, que seriam pouco mais, ou menos, os que se chegaram a ver, todos moços, e muito robustos, e escolhidos, o que sucederia se se demorassem ali mais tempo? Levaram os nossos do abarracamento; dispôs-se a marcha indo primeiro todos a ver o alojamento dos índios, que ainda estava despovoado, e se observou, que tinham mudado todo o mantimento para fora, e só deixaram ali o menos necessário ou o que não poderam carregar. Recolheu o comandante o que pôde para entregar fielmente ao senhor coronel o que havia inviado, escolhendo o que pela novidade podia ser agradável, e não menos para ter a glória de mostrar, que à custa de seu próprio perigo adquiriu aquelas pequenas alfaias, que não servem mais, que para certeza de que teve o arrôjo de surcar aquêles incultos campos, ir aos alojamentos dos índios, e voltar livre da sua ferocidade.

Caminhando a conducta tôda unida sempre, acompanhada de muitos lotes de índios, que se divisavam de diferentes partes, se arrancharam em distância de três para quatro léguas, em cujo caminho descobriram mais dous ranchos sitos na roça maior das

duas, que se tinham visto, e para a parte de leste divisaram outros, que com o[s] que já tinham passado, se completa o número de onze ranchos, que se viram, sendo só três os que se não correram por dentro. De noite, postas as cautelas, e providências precisas, se tratou do mais, que era costume, e pernoitaram. Nossa Senhora do Bom Sucesso — Provesende.

No dia trinta e um sexta-feira viu-se a cavalhada, que estava bastantemente destruída por causa do pouco pasto, que ali havia; como não se achou outro remédio, com ela se serviram, e montados todos continuaram a retirada pelo mesmo caminho por onde tinham ido; marcharam légua e meia, e por antão se acharem cansados dous cavalos, se viram precisados a marchar mais vagarosamente, e logo mais adiante no lugar a que na ida tinham pôsto o nome Tigre, onde já tinham pousado, se abarracaram, e não houve novidade algũa. S. Pedro de Alcantra — Vilariça.

No dia primeiro de janeiro de mil setecentos setenta e quatro sábado encaminharam a sua marcha ao Rio Jordão, o qual passaram sem perigo, nem novidade algũa. Examinaram se os índios tinham chegado ao acampamento, que ali se tinha deixado, mas não se descobriu vestígio algum, que nos desse a mais leve desconfiança de que naquele lugar o gentio tinha chegado. No mesmo pousaram sem cousa de novo. O Apóstolo S. Tiago — Galiza.

No dia dous de janeiro domingo postos em marcha logo pela menhã, fizeram caminho em direitura pela mesma parte por onde tinham ido.

Cansaram dous cavalos e como foi preciso retrocederem alguns camaradas a buscá-los, não foi possível tomar a estacada de Nossa Senhora do Carmo, onde pertendiam ir pernoitar, e por isso ficaram no Campo Bonito, onde pela tarde se mataram dezoito porcos, e se matariam mais se a chuva o não impedisse, e houvesse cavalhada possante, que conduzisse aquela caça até a estacada referida. De noite, fazendo-se o que de costume se obrava nas mais, se passou sem novidade. Santa Rita de Cácia — Penaguião.

No dia três segunda-feira largaram fogo a ũa grande macega, que neste lugar havia, e logo fizeram viagem para a estacada, ou trincheira. Descobriram-se os cinco cavalos, que naquele lugar tinham deixado, e se divisaram mais bem nutridos, porque o campo é bom, e tinha excelente verde. Conheceram todos, que ali tinham chegado os gentios, porque tendo a conducta deixado naquele lugar um surrão de farinha, a arma desconsertada, e outras cousas, tudo destruíram, e arrasaram, a saber:

abriram o surrão, e entornaram a farinha em um monte no meio do terreiro, sôbre a qual poseram ũa pegada; carregaram consigo a espingarda, supondo todos, que ainda que êles ali chegassem não a descobririam; quebraram as cangalhas, arrasaram os ranchos; e o que mais foi para sentir, foi lançarem por terra a Sagrada Cruz, que no terreiro se havia novamente levantado; e ainda não satisfeitos com esta feroz demonstração de sua barbaridade, passaram a despedaçar a mesma cruz, e a lançar as relíquias dela por tôda a terra, ação, que bastantemente penetrou o íntimo do coração de todos, e os instigaram a justa vingança de tão exacranda barbaridade, indo para isso dirigidamente aos seus alojamentos destruí-los, e acabá-los, porém, a obediência lhes atou os passos, e ligou as mãos para que não obrando o que desejavam sòmente arrancassem do íntimo dos doídos* corações os suspiros, e dos internecidos olhos as lágrimas com que fizeram público o seu sentimento, a sua mágoa, e a sua dor. Replantaram a cruz como tão necessário instrumento para redução daqueles infiéis, assim como foi para a nossa redenção. Assentou-se ser todo êste bárbaro procedimento feito pelo gentio habitador para a parte do sul, o qual suposto está situado em distância de mais de vinte léguas, vendo o fogo, que os nossos haviam pôsto ao campo, o vieram reconhecer, e antão achando aquêles sinais, de que por ali tinham passado os nossos, nêles se vingaram da injúria, que julgam lhes fazem os que sem serem êles mesmos transitam por aquelas terras.

Lançaram-se ao pasto os animais, querendo se utilizassem êstes daquele bom verde, e sem mais novidade, que obrigasse a obrar outra cousa alguma fora do costume, pernoitaram. S. João Evangelista — Palestina.

No dia quatro têrça-feira, como se fazia preciso dar descanso à gente, e cavalhada, ordenou o comandante, que dêste lugar se não saísse aquêle dia, o qual se gastou em fazer juntar tôda a gente, e animais, passar revista, e examinar o que faltava para completar tudo o com que saíram para esta diligência.

Não acharam diminuição algũa mais que em dous cavalos, que naquele lugar haviam deixado, um cansado, e outro estrepado, que não apareciam, e se julgaram mortos. Faltava algũa pólvora, e chumbo, e os trastes, alfaias, e miudezas com que se haviam presenteado os índios.

O vagar, e o descanso, que teve neste lugar a nossa partida, deu ocasião, a que algũas pessoas dela entrassem a reparar na destruição das trincheiras, dos quartéis, e de tudo o mais, que ali

(*) *doudos*, no original.

se via demolido, a qual consideração deu assunto para um dos militares fazer o seguinte

SONÊTO

Onde está, Fortaleza, a escultura
que em ti foi por um Marte decifrada,
pois que obstentas só vejo eternizada
essa, que aí conservas sepultura?

Com valor um herói a ofensa dura
vingar-te quer, ó tropa destroçada,
lembrado de que fôstes despojada,
sem respeito a tão alta arquitetura.

Dos bárbaros verás essa fereza
por um Mavorte irado já rendida,
para glória imortal da redondeza.

Verás esta campanha reduzida
à nossa sojeição sem ter defesa
pela espada de um Afonso embravecida.

Sem mais novidade algũa passaram aquêle dia, e noite. Nossa Senhora da Aparecida — Guimarães.

No dia cinco quarta-feira logo de manhã se poseram em marcha, e mediando duas léguas de campo, entraram ao mato, onde cansaram três cavalos.

Chegaram ao lugar chamado Pinhão, onde pousaram, e como se julgavam livres da infestação do gentio, não aplicaram tantas providências, como as que haviam praticado no campo, e por isso debaixo de ũa sentinela, que tinham para guarda dos ranchos pernoitaram.

No dia seis quinta-feira achou-se a cavalhada em deplorável estado; mas como era impossível outro algum remédio, ũas pessoas a cavalo no resto, que ainda tinha algum alento, e outras a pé, continuaram a marcha até o Rio Negro, onde cansaram sete cavalos; aí pernoitaram.

No dia sete sexta-feira poseram-se em marcha muito vagarosa, e com bastante trabalho vieram pousar no Piranga, onde fêz o comandante incorporar tôda a cavalhada cansada, tendo para isso expedido gente para trás a fazer conduzir, pelo modo possível aquêles animais. Neste lugar os deixou fazendo o número de vinte e um. Sem novidade passaram o resto do dia, e noite.

No dia oito sábado falharam neste lugar do Piranga por causa dos mesmos cavalos, e pernoitaram sem novidade algũa.

No dia nove domingo, deixados ali os cavalos, que não poderam marchar, se poseram todos a caminho escoteiramente, ficando naquele sítio quase todo o trem, munições, e petrechos, matolotagem, e fato particular de cada um dos camaradas, até mais cômodamente se poder mandar conduzir.

Passaram a invernada, e fazendo marcha direita ao acampamento da Esperança, logo na serra, que fica vizinha a êle, e se diz ser de Capivaruçu, entraram a desparar muitos tiros, que serviram de senha para dar certeza ao acampamento de que vinham chegando de volta aquela partida, ao que, logo responderam com tiros de artelharia, que bem demostravam o alvorôço com que recebiam as alegres notícias de sua feliz chegada, que tanto cuidadosos estavam.

Logo ao descobrir o dito acampamento da Esperança entraram novamente a desparar salvas, e a receber igualmente conrespondência. Entraram no acampamento, e logo acharam no meio da praça o Ilustríssimo Senhor Coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, que muito alegre recebeu em seus braços ao comandante perguntando-lhe ansiosamente se vinham todos os camaradas sem novidade algũa, e sendo-lhe respondido, que todos vinham sem moléstia, entrou a abraçar a todos em demonstração do gôsto com que via chegar tôda a gente bem formada, e dando em seu semblante a certeza de terem feito com valor, honra, e brio a diligência de que os tinha encarregado.

Recolheu-se com o comandante, o qual lhe deu conta de todo o sucedido na viagem, não só de palavra, como entregando-lhe êste diário, que recebeu o mesmo senhor coronel com excessivo gôsto, para o ter de fazer presente ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, governador e capitão-general desta Capitania de S. Paulo, por cuja ordem se fêz esta partida ao campo, e se trabalha tão incessantemente no serviço destas expedições, das quais permita a Virgem Senhora da Conceição se consiga o fim, que se deseja para maior honra, e glória de Deus, interêsse da Real Coroa Portuguêsa, crédito do govêrno do mesmo Ilustríssimo Senhor General, benefício das almas daqueles hereges, e utilidade pública de todos os vassalos da Augusta, e Fidelíssima Monarquia Portuguêsa. Acampamento da Esperança, nove de janeiro de mil setecentos setenta e quatro. Paulo de Chaves de Almeida, Diogo Pinto de Azevedo Portugal, Sebastião Cordeiro, Marcelino Gomes da Costa.

Recolhida a partida, que comandou Paulo de Chaves aos Campos de Guarapuava, e dando conta o dito coronel ao Exce-

lentíssimo General D. Luís Antônio de Sousa de todo o sucedido, remetendo cálculos das fôrças, que se precisavam para se ir estabelecer nos referidos campos, e nêles formar a primeira povoação, e as mais, que o tempo permitisse, deixando neste sítio por comandante ao guarda-mor Francisco Martins Lustosa, que com grande utilidade do real serviço tinha ocupado o referido pôsto, e a tropa paga comandada pelo tenente Cândido Xavier, saiu para Curitiba, e Parnaguá a aprontar gente para reforçar o exército, que se formava no continente do Rio Grande, e por esta causa, e a de chegar novo general para a Capitania de S. Paulo cessou tôda a diligência, mandando êste retirar a maior parte da gente, e mantimentos da Freguesia de Nossa Senhora da Esperança, onde chegando o gentio, o que nunca tinha feito, matou três pessoas, e por milagre de Deus não acabou tudo o que ali se achava, pelo que foi preciso reforçar êste lugar com mais gente para evitar maior dano.

É quanto se tem passado no descobrimento dos Campos de *Guarapuava no Sertão de Tibagi, destricto de Curitiba, Capitania de S. Paulo.* *

EXTRACTO DO QUE CONTÉM UM LIVRO QUE ME MOSTROU O TENENTE-CORONEL AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA, CUJO TÍTULO É O SEGUINTE. NOVEMBRO DE 1768. LIVRO, QUE HÁ DE SERVIR PARA CARGA, DESPESA, E ORDENS DAS EXPEDIÇÕES DO TABAGI, PREPARADAS, E EXPEDIDAS POR AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA, AJUDANTE-DAS-ORDENS DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO GENERAL DESTA CAPITANIA, O SENHOR DOM LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO MORGADO DE MATEUS, PRINCIPIA DESTA SORTE.

Partiu a primeira expedição aos 6 de dezembro pelo Rio do Registo abaixo. Foi comandante dela o tenente de auxiliares da Vila de Coriutuba, Domingos Lopes Cascais, e cabo Bruno da Costa Filgueira; e foi o dito embarque no Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga, cuja expedição partiu pelo meio-dia aos 6 de dezembro, como acima se declara.

No mesmo livro, fl. 1, vem a lista das ferramentas, mantimentos e materiais da expedição sobredita, e vem a ser:

Pólvora, arrôbas	1
Chumbo, arrôbas	1
Balas	600

(*) No códice seguem-se aqui duas fôlhas em branco.

Machados	4
Enxadas	4
Fouces	4
Enxó chata	1
Enxó goiva	1
Berruma grossa	1
Escoplo	1
Sipilho	1
Sacos de algodão	20
Alqueires de farinha	24
Alqueires de sal	2
Alqueires de feijão	10
Alqueires de milho	10
Carne charqueada de bois	4
Arrôbas de toucinho	10
Anzóis sortidos	50
Linhas de pescar	12
Canoas, 2 de 4 palmos de bôca, e 1 de 2 e meio	3
Fios de aljôfar falso	7
Fios de granadas	42
Peças de froco	5
Peças de fita bigodinho	3
Facas flamengas	12
Espelhos dourados	2
Anéis de tambaque	24
Caixa para acondicionar as espécies ditas	1

ORDENS PARA COMPRIR O TENENTE DOMINGOS LOPES CASCAIS, COMANDANTE DA EXPEDIÇÃO, QUE POR ORDEM DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR GENERAL VAI PELO RIO DO REGISTO ABAIXO, PREPARADA A EXPEDIÇÃO PELO AJUDANTE-DAS-ORDENS DÊSSE GOVÊRNO, AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA.

Será comandante o tenente Domingos Lopes Cascais, a quem todos da expedição prontamente obedecerão, e comprirão as ordens que o dito der, e êle responsável a distribuí-las, como aqui vão expressadas, e bocalmente intimadas, e declaradas.

Tôda a pessoa, que lhe desobedecer, ou encontrar as disposições, e ordens de seu comandante ou de outro oficial será prêso, e se lhe formará um auto da culpa que cometer, para que em vindo, se lhe dará o castigo, que merecer.

Será cabo da dita expedição Bruno da Costa Filgueira, o qual inteiramente comprirá, e fará executar as ordens, que me forem dadas pelo comandante e de tudo lhe dará parte para que com o seu parecer tome as resoluções que o tempo permitir.

Logo que o comandante partir do lugar do seu embarque formará um diário por todos os dias, em que se dilatar, até que torne ao dito pôrto, em o qual descreverá relativamente tôdas as cousas mais notáveis, que virem, e delas tiverem verdadeira notícia, declarando os vários rumos, que rodam; o tempo desta dilação; observando as regras, que pouco mais, ou menos avançam cada dia; declarando os rios, que encontram em o da navegação, pondo nome aos que não tiverem, cujas nominatas serão conforme os de Portugal.

Tôdas as vêzes, que o rio lhes parecer largo, e sem suas correntes vai recebendo ilhas, enseadas, e lagos, fará rodar a navegação pelo lado direito, e os pousos à esquerda, e na volta, quando subir o transporte da expedição, fará discorrer viajando à esquerda, e os pousos à direita, para assim acautelar melhor os casos, que podem acontecer, como melhor se adverte ao comandante desta expedição, em a qual se lhes darão os motivos.

Todos os montes, que encontrarem, observarão o que há nêles, e os descreverão, pondo-lhes os nomes conforme os rios.

Tôda a novidade, que acharem, e suceder escreverá em o diário, e êste será subscrito, e declarado com tanta clareza, e verdade, pela qual se possa traduzir relações, e mapas dignos de todo o crédito e estimação.

Do pôrto do embarque, que à barra do Rio Negro serão 8, ou 9 dias de viagem, será o primeiro lugar, onde descanse a expedição, e farão por examinar de algum alto monte, se distinguem os morros de pedra branca, ou os agudos, e notarão a sua distância, e mais circunstâncias, que acharem. Se houverem de ter ali algũa dilação, botarão ua roça ao menos de 4 alqueires de planta.

Da barra do Rio Negro ao Salto Grande serão 8, ou 10 dias de viagem, segundo as melhores notícias: em chegando em distância de ũa légua do dito Salto, correm as águas com grande violência; pelo que terão grande cautela, não haja algum pricipício.

Por cima do salto na parte mais perto dêle, que puder ser, descansará a expedição, e examinarão, se se pode varar canoas, ou fazendo embaixo do salto, procurando pela melhor forma, que fôr possível, o continuar a navegação.

No Salto Grande examinarão, se o dito salto nasce da serra, e cordilheira, que vai formar no Rio Grande a celebrada Sete

Quedas, ou se será o Capivaruçu, que forma a Cordilheira dos Agudos.

Por baixo do Salto Grande se acham os Campos de Guarapava, que serão vistos, e examinados, para dêles se dar a mais exacta notícia, que com verdade se puder alcançar, como também da Serra Apucarana, que com o maior cuidado se procurará saber com certeza, aonde, e as mais circunstâncias, observando o que se relata em o capítulo 4.º desta instrução.

Reconhecendo-se terra de gentio, irão com tôda a cautela, para se livrarem de algũa traição, pondo muita vigilância em tudo aquilo, que puder ser prejudicial, e examinando as margens do rio, para que achando sinais dêles, se possam acautelar com prudência, e madurez.

Sendo possível procurarão meios de tratar aos índios, sem ofendê-los, capacitando-os, a que conheçam que não somos inimigos, que os queiramos cativar, e antes os trataremos como a amigos correlativos, socorrendo-os do necessário por meio de um leal comércio sem em tempo algum os molestarmos, nem prejudicarmos nos direitos das suas terras.

O empenho maior desta expedição deve ser o entroduzir-se a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo naqueles incultos, e grandíssimos sertões, para o que serão tratados os índios com afabilíssimo mimo, comprindo enteiramente o que com êles ajustarem, e tratarem, animando-os com alguns mimos, a que entrem no grêmio da Igreja, e obedeçam a Nosso Rei, que os há de estimar, e honrar, como tem feito aos mais. E as cartas, que vão para os caciques, farão por entregar-lhes, e se lhes darão algũas pessoas, das que são para êsse efeito.

Far-se-á tôda a deligência por ver se alguns índios querem vir ver as nossas terras, e habitações, para melhor se capacitarem do trato, que com êles queremos; e se Deus fôr servido, que êles admitam prácticas com a gente desta expedição, terá o comandante grande cautela, que pessoa algũa da sua conducta não tenha trato ilícito com os índios, pois não pode ser ajudado de Deus quem o ofende, e também por evitar as disgraças, que sucede por êste caminho, pelo que o comandante não consentirá que a sua gente durma fora do seu pouso, e sempre desconfiará do peor, que lhe pode acontecer.

Em todos os lugares notáveis ficarão sinais de duração, como em lajes de pedra a escultura de cruz, e outros caracteres, que digam: *Viva El-Rei de Portugal.* Se acharem sinais de gente civilizada, e doméstica, que presumam serem espanhóis, os tratarão

com muito agrado, e modo, e os servirão naquilo, que lhes fôr possível; e se acaso lhes embaraçarem a continuação desta deligência lhes protestarão a causa de lhes empedirem o* viajar pelas terras do nosso Rei.

E para que nem os da expedição, nem os castelhanos, topando-se, fiquem reciosos de algum projecto oculto, farão alto, onde quer, que se toparem, para daí se dar parte ao nosso general e enquanto não fôr a resolução, não consentirá, que os castelhanos passem para as nossas partes, nem a expedição voltará para trás sem ordem para isso, vendo o comandante que tem partido, para se sobster na paragem, que se topar; e quando não, se virá retirando o mais devagar, que fôr possível, e dará parte de tudo.

E caso tenham encontro com os índios, não podendo por bem ter trato com êles, e virem que totalmente vêm de guerra, e que não admitem partido algum de paz, o comandante mandará retirar a sua gente, e desviar-se-á dêles, o que puder, evitando tôda a ocasião de os molestar, seja pela via que fôr.

Para melhor conhecimento, e notícia dos sertões, mandará o comandante patrulhas, para um lado, e outro do rio, determinando os dias, ou tempos, que hão de gastar nestas ocasiões.

Chegada que seja a expedição à barra que o Rio do Registo faz no Paraná, deixando sinais, que a todo o tempo faça manifesto, que ali chegou a expedição, tomando o comandante conhecimento de tudo o que puder ver, voltará com a sua gente tôda para cima até vir ter ao pôrto, onde embarcou, ou a outro qualquer, que melhor comodidade tiver.

A filicidade desta expedição se espera alcançar pela boa harmonia de seu Maior com seus companheiros, para o que faz-se preciso, que o cabo se revista de ũa muito cristã e afável prudência, e seriedade, tratando aos companheiros com amor sincero, para evitar entre êles parcialidades, a qual sempre foi origem de perniciosíssimos, e inevitáveis males.

E tendo o comandante navegado três meses rio abaixo, ainda que não tenha chegado ao Paraná, fará alto em algũa parte mais notável, como em barra de rio, ou morro, ou serranias, por onde se conheça que chegou, e voltará para cima a dar conta do que tiver visto, e feito.

Deus queira prosperar, e ajudar a felicidade desta expedição, para honra, e glória sua, e ao comandante saúde, e discurso, para obrar com acêrto, o que deve, para desempenho do conceito, que fiz dêle quando o nomeei para êste emprêgo. Dadas estas ordens hoje dia do seu embarque, 6 de dezembro de 1768.

(*) e, no original.

ROTEIRO DA VIAGEM, QUE FÊZ O TENENTE DOMINGOS LOPES CASCAIS, E O CABO BRUNO DA COSTA FILGUEIRA, EM QUE COMPRIRAM AS ORDENS QUE SE LHES DERAM COMO ATRÁS FICAM REGISTADAS, COPIADO DA MESMA SORTE, QUE MANDOU O DITO CAPITÃO, HOJE 16 DE ABRIL DE 1769.

RELAÇÃO DA VIAGEM, QUE FIZEMOS PELO RIO DO REGISTO ABAIXO[1]

Por mandado do Sr. D. Afonso Botelho de S. Paio aos 5 de dezembro de 1769, nos embarcamos em 3 canoas com 30 pessoas, para examinarmos, e verificar-se as notícias dos sertanistas antigos, que por tradição dêles se dizia ser navegável até o Rio da Prata, sem mais empedimento que um grande salto, dificuldade, que se vencia, varando as canoas por terra, ou fazendo abaixo do salto outras, e prosseguindo nós a viagem, achamos serem certas as notícias até o salto com os mesmos sinais, e rios notados pelos antigos até onde em algũas partes achamos alguns vestígios dêles; porém do salto para baixo, e ainda a formalidade do mesmo salto os antigos não chegaram a reconhecer, ou a notícia que dêles se conserva, era muito viciada, ou muito mal entendida. Porquanto fizemos o embarque em o dito Pôrto de Nossa Senhora da Conceição, *que dista desta Vila ao sudueste 18 léguas, pouco mais,* ou menos, e tendo nós navegado 7 dias, nos quais, por serem os dias grandes, e a navegação ajudada da correnteza das águas, tiríamos andado 30 léguas com pouca diferença: e no dia seguinte logo de manhã, tendo andado, pouco mais, ou menos, duas léguas achamos a barra do Rio da Varge, que terá nela de largo mais de 30 braças; e andando mais ũa légua, avistamos a barra do Rio Negro, que dividido por ũa ilhota de 200 braças, se mete no Rio Grande por duas bôcas: a primeira de pequena largura, a segunda de 60 braças com tal ímpeto de suas correntes, que faz recuar o do Registo, fazendo-o crescer tanto, que lhe aumenta a largura, pondo-o de mais de 200 braças; e assim o dito Rio da Varge, como o Rio Negro vem do caminho do sertão, que desta vila vai para Viamão; e seguindo mais adiante distância de ũa légua, faz barra um rio, que defronte dos Campos Gerais desta vila desce a êle com a largura de 40 braças, ao qual os antigos chamaram Putinaga.

Seguindo mais abaixo a distância de duas léguas, ou pouco mais, faz barra ao lado direito um rio de 25 braças com muita correnteza, muitas pedras, e por isso lhe pusemos o nome do Rio das

---

(1) Nota — Estas eras que não concordam com as sobreditas.

Pedras, e logo ũa ilha de 200 braças com arvoredos altos divide o rio em iguais partes, e adiante na distância de perto de três, léguas ao lado esquerdo faz a barra o rio chamado pelos antigos Mogi Pequeno, que terá de largo 15 braças.

Seguindo mais abaixo na distância de 3 léguas faz ũa ilha de 100 braças de comprido com arvoredo, e mais adiante ũa légua ao lado direito, e esquerdo, faz barra o rio chamado pelos antigos Mogi Grande, que terá de largo 50 braças.

Seguindo mais a distância de 10 léguas pouco mais, ou menos, achamos, que ũa laje de pedra atravessa todo o rio impedindo o passar canoas: logo intendemos, sermos chegados ao Salto, por ser êste o sinal notado pelos antigos. Fizemos desembarcar no lado esquerdo, e examinando as repetidas, e contínuas quedas, que o rio vai fazendo, despenhando-se por entre penedos, vimos ser o salto, ou queda do rio mais dilatada, do que facilitavam as notícias dos antigos, pelo que resolvi dividir a gente, deixando uns neste pôrto, e outros seguir por terra a examinar o rio para ver o fim de tantos saltos: e porque sendo até ali os matos com demonstrações de infructíferos, sempre por cautela, e por desejo de os experimentar, os mandei roçar com ânimo de plantar, o que não conseguimos na volta, que vim de baixo, por ser já passado o tempo de planta, e estar todo o milho incapaz de plantar, por comido do gorgulho, tendo-se roçado para 2 alqueires.

Seguindo nós por terra, como disse, pelo lado esquerdo do rio, descendo serras despenhadas na distância de mais de 3 léguas, faz barra um rio de 50 braças de largo, que também despenhado por serras, e daí mais para baixo 7, ou 8 léguas achamos a maior queda, que faz o rio em mais de 15 braças de alto, dividindo-se ao cair por duas partes, por fazer das arribas um ilhote de pedras, sendo esta a maior queda, que faz o rio, depois de 17 menos notáveis, e sendo todo êle nesta distância de 10, ou 11 léguas todo despenhado, por contínuos penedos; pois é em tôda esta distância a descer ũa serra continuada: e mais abaixo daquele grande salto na distância de meia légua se torna a unir todo o rio, fazendo navegável, e para o prosseguir, fizemos ũa canoa, e navegando por êle légua e meia, achamos, que tornava a repetir saltos: pelo que mandamos exploradores por terra pelo lado esquerdo pela beira do mesmo rio. Na distância de seis dias de viagem se viu sempre o rio, não só despenhado por entre penedos, mas ainda metido por paredões de pedras tão altas, que obrigam a tantas águas correrem em tão pequeno vau de 10, ou 12 braças de largo. E subindo-se em altos cumes se não divisava mais, que serras, pelo que jul-

gamos, não podermos achar rio navegável, senão em distância muito grande.

E porque já se nos acabavam os mantimentos sem esperança de caça do mato, por serem carrasquenhos, e infructíferos, nos resolvemos a voltar, tendo andado do pôrto do embarque até o último lugar, a que chegamos, sem dúvida mais de 70 léguas, deixando no último lugar, a que chegamos, ũa cruz lavrada em um pinheiro, e sôbre a queda grande em o lado esquerdo em ũa grande pedra, que faz parede, olhando para a queda do rio, e fazendo* face ao nordeste, com um picão nela lavrei ũa cruz, e por baixo as letras V. R. P. tendo deixado êstes mesmos caracteres lavrados em outra pedra, onde finda o rio navegável, que segue desta queda na pedra mais alta do lado esquerdo, e ao pé dela ficou em terra a canoa, em que rodamos êsse pedaço do rio, tendo o rio feito sua carreira entre os rumos de sul até o este. Por baixo da grande queda ao lado direito mandei explorar 5 dias ao rumo de noroeste, e subindo aos mais altos cumes, não se via mais, do que charnecas de matos montuosos, e em grande distância três montes muito altos, e distantes sôbre todos.

Na volta também exploramos o Rio de Mogi Grande, subindo por êle acima 5 dias embarcados, e por não admitir mais navegação, subimos por terra 4 dias, e dos mais altos cumes se não viu mais que os mesmos matos montuosos.

Também pelo Rio de Mogi Pequeno fizemos a mesma deligência, subindo embarcados na canoa mais pequena (por não admitir navegação das grandes) 4 dias, e não se viu mais que a mesma qualidade de matos, e carrasquenhos.

Isto é o que vimos nesta deligência até chegarmos ao pôrto, onde nos tínhamos embarcado, 3 meses menos um dia, sem em todos êsses sertões vermos sinais alguns de gentio, nem são matos capazes de os sustentar; e por êste modo foi feita a dita expedição, voltando ao sobredito pôrto, onde deixamos varadas em terra as canoas do transporte, de que por verdade nos assinamos. Coritiba 11 de abril de 1769.

Domingos Lopes Cascais.
Bruno da Costa Filgueira.

Na margem está ũa cota que diz: — Faltou por examinar o Rio Pexinga, que se mete no Rio Grande do Registo da parte do norte abaixo do Rio Negro, cousa de ũa légua.

(*) *fazenda*, no original.

Seguem-se umas cartas, e ordens para o ajudante de auxiliares Manoel da Cunha Gamizo levantar ũa companhia de cem homens nos districtos de Cananéia, e Iguape, para o descobrimento dos Sertões do Tabagi, a qual companhia devia estar aprontada até os 13 de maio de 1769. A ordem foi datada em Parnaguá aos 19 de abril de 1769. Assinada por Afonso Botelho.

Seguem-se outras cartas, e ordens para vencer o ajudante a diferença que achou em ajuntar a gente necessária e mais adiante f. 9v.

MEMORIAL DE LUÍS DE GÓIS SANCHES

Memorial que faço a meu genro Antônio Garcia da notícia do Anhanguera, para que achando a seus cunhados em idade capaz possam tratar do remédio da sua pobreza, olhar para êles, como para seus filhos, como dêle confio.

Primeiramente declaro, que os guias que neste tempo serviam, foi um rapagão meu, e um rapaz, que foi meu paje criolo da mesma aldeia, e da mesma parentalha, que pela verdade, e fidelidade, que sempre nêles achei, por êles digo, em como aos tantos do mês de março de 1644 anos apanhamos a tôda a gente graúdos, e meúdos, e a correntamos, e foi achado entre esta gente muitos braceletes de ouro, e chumbeiras de linhas de pescar, e burnidores de panelas, de que todos se aproveitaram, fora eu, por estar em êste tempo de sintinela à corrente. Foram perguntados aonde achavam aquêle ouro: enganosamente disseram, que para baixo, por conselho de alguns que tinham fugido dos brancos, o que pelos guias descobri ser fingimento. Descobriram-me, que a sua verdadeira aldeia era debaixo do Pico de Capivaruçu, que tinha muito mantimento, e seus domínios eram entre os rios de Embetuba, e Ubatuba; que aquêle ouro, que víamos, não era nada; que na sua própria aldeia de Capivaruçu havia muitos ribeiros com imensidade de ouro, que tinham as vertentes para Embetuba. Êste morro de Capivaruçu também se chama das Esmeraldas.

CAMINHO BREVE

É entre os dous rios Embetuba ao lado esquerdo, e Uvaí ao direito; farão passages na barra de Tibagi; olhando da parte do poente, verão um morrinho pequeno; ao andar do mesmo rio, endireitarão, para o dito morrinho da parte esquerda, que é da parte de Embetuba, que é direita descarga; levarão o dito rio por guia até chegar as vertentes, que tôdas vertem do Morro Capivaruçu, que serão 4 dias de viagem do Rio Tibagi até chegar a Capivaruçu e não terão mais restingas, e não farão caso dos morros, que virem da outra banda do Uvaí.

EXPEDIÇÃO, QUE SAI DÊSSE PÔRTO DE SÃO BENTO DO RIO TIBAGI POR ORDEM DO ILUSTRISSIMO E EXCELENTISSIMO SENHOR DOM LUIS ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, GOVERNADOR, E CAPITÃO-GENERAL DESTA CAPITANIA DE SÃO PAULO, QUAL FICA ENTRE A BARRA DO RIO PITANGUI, O QUE DA PARTE DO NORTE SE METE NO RIO TIBAGI E O RIO CAPIVARI, QUE DA PARTE DO SUL SE METE NO DITO RIO, PARA EFEITO DE ENTRAR A PENETRAR OS SERTÕES CHAMADOS DO TIBAGI, SENDO COMANDANTE DA DITA EXPEDIÇÃO O CAPITÃO DE AUXILIARES DA FREGUESIA DE SÃO JOSÉ, ESTÊVÃO RIBEIRO BAIÃO, A QUEM SE DÃO AS ORDENS SEGUINTES INSTRUINDO-O EM TUDO O MAIS, QUE DEVE OBRAR, E PRATICAR NA DITA EXPEDIÇÃO. DADAS ESTAS ORDENS HOJE 18 DE JULHO DE 1769.

1.°) As contínuas saídas do gentio, que ocupa os grandes Sertões do Tabagi há 9 anos a esta parte, tendo morto bastantes pessoas, e achando-se já muito próximos da estrada, que vem da cidade de S. Paulo para êstes Campos Gerais, e Rio Grande; as muitas fazendas, que se tem despovoado, e grandes riscos, que correm tôdas as mais dêstes Campos Gerais, e viandantes, que passam por esta estrada, cujas causas, e outras infinitas, sendo a principal o plantar a fé no meio dêstes sertões povoados de várias nasções do gentio, movem ao Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. General a mandar invadir o dito sertão, e aplicar os meios mais possíveis, para reduzir a êstes bárbaros, e entrarem no grêmio da Igreja a adorarem ao verdadeiro Deus, e se fazerem civis, reconhecendo temos Rei, que é Senhor dêste Brasil, e das terras, que êles habitam, ao qual igualmente todos devemos obediência, e vassalagem, e que dêles índios só queremos o comércio útil, e conveniente a ambas as nações.

2.°) Logo que o capitão partir dêste Pôrto de S. Bento e der princípio a sua marcha, fará um diário por todos os dias, em que se dilatar na sua viagem até que torne a êste pôrto, em que descreverá relativamente tôdas as cousas mais notáveis, que notar, e delas tiver verdadeira notícia marcando rumos, e as léguas, que marcha cada dia de jornada, os rios, que encontrar, montes, e campos, pondo nomes a tudo, cujas nominatas serão conforme às de Portugal.

3.°) Todos os montes, que encontrar, descreverá, pondo-lhes os nomes, como os do Reino, e tôda a novidade que achar, e suceder, descreverá em o diário, e êste será feito com tanta clareza, e verdade, pelo qual se possam traduzir relações, e mapas dignos de tôda a estimação.

4.°) Fará o capitão a sua viagem, seguindo os rumos de norte, e noroeste até encontrar o rio, a que os modernos chamam

do Peixe[1], e nos mapas é conhecido com o nome de Ubatuba, aonde fará alto, e será o primeiro lugar, em que descanse a gente da expedição, e logo que chegue ao dito rio, mandará 10 camaradas, que façam o caminho do dito rio até êste pôrto, para poderem entrar cavalos com mantimento e o mais, que fôr preciso, para provimento da expedição: e caso tenha falta de mantimentos, e não possa continuar a viagem sem êles, esperará que lhe cheguem pelos camaradas, que vêm fazendo o caminho e não poderá mandar mais, nem voltar para trás, sem ordem para isso.

5.º) O tempo que aí se demorar mandará fazer canoas, para examinar o rio, e correndo êle entre os rumos do norte, e noroeste, fará embarcar 20 homens com o tenente da sua companhia para descerem por êle abaixo até toparem a barra de um rio grande, que da parte do norte se mete no dito Rio Ubatuba nos Campos de Guarapuava, aonde pararão, e examinando o que até ali tiverem topado, virão dar parte ao capitão, que vendo pode ir com comodidade fazer o segundo pouso na barra do dito rio, que corre do norte, e se mete no tal Rio Ubatuba, marchará logo para lá, fazendo seu segundo pouso na barra, que fica no meio dos dous rios, donde mandará logo ũa bandeira da gente que lhe parecer, para a parte do sul a procurar o Rio do Registo e tanto que a bandeira chegar às margens do dito rio, descorrerá por êle abaixo, até onde fôr possível, examinando, se é navegável, ou tem algum empedimento, que embarace a navegação, e as mais diligências, que dêle pertendemos.

6.º) Logo que o capitão expedir pelo Rio Ubatuba a gente que se lhe determina, marchará por terra, seguindo os rumos determinados, até sair aos Campos de Guarapava, e tanto que ali chegar, procurará a barra do rio, que acima se declara, e caso lhe fique muito distante, e não possa alcançar, fará o dito segundo pouso, aonde melhor comodidade tiver, mandando sempre examinar as margens do Rio do Registo como acima se declara, e logo que chegue a qualquer dos ditos pousos, dará conta do que até ali tiver visto, e examinado.

7.º) Tanto que a gente tiver descansado, continuará a sua marcha, examinando o sertão, e procurando dar dêle tôdas as notícias que puder adquirir até chegar as fronteiras do Rio Paraná, e se Deus fôr servido, de que ali chegue, examinará a sua corrente, e se informará dos estabelecimentos que nela houver já feitos sôbre as terras, que ficam para a parte do nosso continente e êste exame deve fazer com a maior deligência na borda setentrional do Rio do Registo e se em nenhũa destas partes houver estabelecimentos feitos de considerável número de povoadores, o deve eleger nas

(1) Rio do Peixe, que nos mapas se chama Ubatuba.

paragens mais próprias de se aumentarem para o futuro, especialmente sôbre a barra do Rio do Registo ou em parte que fechem as passagens para o nosso continente como também que tenha a facilidade de podermos comunicar-nos pelas navegações dos rios, ou pelas varedas, e picadas, que pudermos abrir.

8.°) E se acaso houver já os ditos estabelecimentos se fará eleição de terrenos com a maior cautela, e nas partes mais cômodas, que houver, e o mais até, que fôr possível, aonde pararão os da expedição, e por modo algum voltarão para trás, sem darem parte para lhe irem as ordens do que devem fazer, para cujo efeito darão notícia de tudo, o que tiver acontecido, e acharem no dito sertão.

9.°) Como o empenho desta expedição é o reduzir o gentio ao grêmio da Igreja, e introduzir a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo nestes grandíssimos sertões, tanto que se toparem os índios, serão tratados com o maior agrado, e afabilidade animando-os, e convidando-os com algũas dádivas, para os capacitar a serem nossos amigos, e a adorarem ao verdadeiro Deus e obedecerem a nosso Rei, que os há de estimar, e honrar, como tem feito aos mais, que vivem entre nós.

10.°) Ainda que os índios, como bárbaros, lancem algũa surriada de frechas, deve o capitão ter instruído a sua gente, não atirem, nem façam mal, antes lhes batam as palmas, e procurem fazer aquêles sinais, que fôr possível, para mostrar-lhes quererem paz, e dos mimos que vão, o capitão mandará pôr alguns em parte, onde êles os vejam; e logo fará retirar a gente, para que êles sem susto os possam vir buscá-los, e se vir que os aceitam, certo é querem paz.

11.°) E logo mandará o capitão vestir a índia, que vai para servir de língua, e em companhia de meia dúzia de homens a mandará adiantar do mais corpo, e pela sua língua os chamará, e procurará vir a fala com êles, e se Deus fôr servido tenham práticas, se chamará ao padre capelão, para ensinar à língua, o que deve dizer-lhes, e o que dêles se pertende, e o capitão convidará aos que vierem a fala, e mandará ao cacique algum presente convidando-os, a que continuem a avistar-se, comprindo enteiramente o que com êles se ajustar.

12.°) Estarão todos muito sossegados, sem se rir, nem dar motivo algum a que os índios desconfiem. Fará o capitão por avistar-se com o cacique, que o lisonjeará pelo mais possível, vendo, se quer ter conosco paz, que o capitão ajustará, e para maior firmeza, se algum dos que acompanham ao dito capitão quiser casar com filha dêle cacique, tendo-a, ou com outra qualquer índia, o consentirá, valendo-se de todos os meios, para com mais segurança continuar as deligências de que vai encarregado.

13.º) Fará tôda a deligência por ver, se alguns índios querem vir às nossas terras ver as nossas habitações, para melhor se capacitarem do trato, que com êles queremos; e se Deus fôr servido, que êles admitam práticas com a gente desta expedição, tenha o comandante grande cautela, para que pessoa algũa da sua companhia não tenha tracto ilícito com as índias, e evitará tôda a ocasião de ofensa de Deus, por não poder ser bem sucedido, quem o ofender, e também por evitar os desconcertos, que sucedem por êste caminho, pelo que o capitão não consentirá, que a sua gente durma fora do seu pouso, e ainda que os índios os tratem com grandes mostras de amizade, sempre desconfiará do peor, que lhe pode acontecer, para se acautelar.

14.º) Se acharem sinais de gente civilizada, e doméstica, que presumam ser espanhóis os tratarão com muito agrado, e modo, e os servirão naquilo, que lhes fôr possível; e se acaso lhes perguntarem o que querem, e o que procuram por ali, lhe dirão: que saíram por impulso de buscar o gentio no sertão, para se evitarem as contínuas saídas, com que nos andam provocando; e como transitam pela terra do nosso Rei, se estenderam por êste sertão, para melhor poderem reduzir o gentio à paz, e civilidade que pertendem, e se aproveitarem dos frutos do mesmo sertão.

15.º) E para que nem os da expedição, nem os espanhóis, topando-se fiquem receosos de algum progresso oculto, farão alto aonde quer que se toparem: e querendo os espanhóis com razões, ou outra algũa obra, embaraçar-lhe o passo, e impedir-lhe a liberdade de andarem pelas terras do nosso Soberano, não podendo com palavras, e bons modos desvanecer quaisquer pretextos, que êles argüírem, ajustar ao tempo suficiente em que se possa dar parte aos seus respectivos governadores, e, enquanto não chegar a decisão, se conservará o capitão na parte mais cômoda, donde se topar com os espanhóis, não consentindo, que êstes passem para as nossas partes, nem o capitão com a sua gente voltará para trás, sem lhe ir a resolução do que deve obrar, conservando-se sempre, e adiantando-se com a maior ventagem, que lhe fôr possível.

16.º) Se acaso o capitão ou algũa pessoa do seu comando encontrar com ouro, ou com outra qualquer riqueza, marquem, e assinalem muito claramente a dita paragem, para que a todo o tempo possam tornar a achar aquêles sítios, mas* por modo algum consinta, que a sua gente se entretenha nestas ocupações; e se acaso algum esquecido da sua obrigação tiver mais amor ao ouro, que comprir o que deve, o fará castigar com o maior rigor, para que os mais fiquem certos, como devem servir a Sua Majestade.

(*) *mais*, no original.

17.°) Em todo o lugar, que o capitão tiver algũa demora, faça roçar para bastante planta, cuja se fará em tôda a ocasião, que houver, e a todos os campos, que encontrar porá fogo, e sempre na entrada, e saída dos matos, fará cortar árvores grandes, e em outras fará cruzes, e descreverá alguns caracteres nos troncos das árvores, e em pedras, que digam — *Viva El-Rei de Portugal*, e *outras cousas similhantes, que em todo o tempo se conheça*, chegou por ali a expedição; nas barras dos rios, e lugares mais notáveis deixarão os ditos carecteres, e no roteiro virão marcados, para se saber, onde ficam.

18.°) Fará pôr sentinelas em todo o seu arranchamento e as conservará, enquanto nêle estiver, e só depois de estar em marcha o primeiro corpo, da sua gente, as mandará levantar, estando já com as armas o corpo, que há de formar a retaguarda, e de noute cada esquadra, porá sua sentinela ao pé do seu arranchamento e o capitão conservará sempre a têrça parte da sua gente no arranchamento pronta para o que lhe fôr preciso: as mais providências e cautelas, que deve ter, e ordens, que deve seguir, como lhe têm sido explicadas, e intimadas, instruindo-o, do que deve obrar nos casos, que lhe acontecerem, se espera saiba desempenhar a sua obrigação.

19.°) Como pode suceder, que os rumos, que acima se declaram para o capitão seguir a sua derrota (suposto foram marcados pelos mapas dêste continente) não sejam, os que se devem seguir, o capitão como vai cabalmente instruído do empenho desta diligência procurará executar o fim dela pelo caminho, que achar mais fácil para o bom êxito do que se pertende.

Deus que até agora tem facilitado o bom êxito desta expedição, e a Senhora Santa Ana, a quem se toma por padroeira, permitam, que ela se faça para honra e glória sua, aumento dos Estados de Sua Majestade, utilidade de tôda esta capitania, e crédito de todos os que se têm empregado nas disposições desta expedição. Dadas estas ordens neste Pôrto de S. Bento do Rio Tibagi a 19 de julho de 1769.

Estas ordens foram distribuídas por Afonso Botelho, suposto que não está assinado no livro, que vou trasladando.

MATRICULA DA GENTE QUE ENTRA PARA O SERTÃO DO TABAGI FEITA NESTE PÔRTO DE SÃO BENTO HOJE 19 DE JULHO DE 1769.

Capelão

O reverendo padre frei Antônio de Santa Tereza do Espírito Santo, religioso de S. Bento, conventual do seu mosteiro da

cidade de S. Paulo, e natural do Rio de Janeiro. Vence de sôldo por mês 10$000, que principiou a 18 de julho de 1769. Não foi pago; leva ũa arma reiúna, e saca-trapo.

Capitão

	SÔLDO
Estêvão Ribeiro Baião	15$000 por mês

Tenente

Francisco Lopes da Silva	8$000 por mês

Alferes

Manoel da Cunha Gago	8$000 por mês

Sargento do número

Bartolomeu Bueno	3$000 por mês

Sargento supra

Tomé Ribeiro da Silva	2$700 por mês

Cabos-de-esquadra

	SÔLDO
Francisco de Oliveira Bueno, cas. — S. José	2$400 por mês
Miguel Fernandes França, cas. Curitiba	
João Leite de Miranda, cas. — Utu	
Inácio da Mota, cas. — Utu..	

Soldados

Foram 61 alguns casados, e outros solteiros, com sôldo de 2$400 por mês; só um era natural do Ouro Prêto, todos os mais eram filhos desta capitania e a maior parte de Curitiba, e seus têrmos. Todos êstes marcharam na expedição, e com êles conduzindo as cargas, e voltar com os cavalos, e tratar da boiada mais seis camaradas com o mesmo sôldo de 2$400. Partiu a gente a 20 de julho. Tudo consta da matrícula, que vem no livro de fls. 23 até 32. Todos foram pagos de três meses adiantados.

Por carta escrita ao capitão Estêvão Ribeiro Baião ao primeiro de agôsto de 1769 lhe ordena o tenente-coronel Afonso Botelho

a ordem que lhe tinha dado nas instruções de mandar ũa bandeira explorar as margens do Rio do Registo em chegando aos Campos de Guarapuava, e isto por não enfraquecer o corpo da sua gente.

Carta

No Pôrto de S. Bento aos 11 de agôsto escreveu Afonso Botelho ao capitão Baião, e nesta carta lhe diz: — e bem sabe V. M.cê que os paulistas têm feito os maiores descobrimentos nesta América, sem levarem mais sustento, que pólvora, e chumbo, e algum sal para as maiores necessidades. Se a gente da nossa expedição não tiver sofrimento para se pôr no mesmo uso, será quase impossível chegar ao fim, que pertendemos; pois bem pode considerar as dificuldades de poder sustentar a gente nesse sertão com abundância, que êles querem.

Depois dêstes entrou segunda companhia de gente vinda de Iguape, e Cananéia. A lista vem no livro, e principia a fl. 35v. É a seguinte:

MATRÍCULA DA GENTE QUE ENTRA PARA O SERTÃO DO TIBAGI FEITA NESTE PÔRTO DE SÃO BENTO HOJE 5 DE AGÔSTO DE 1769.

Capelão

Capitão

Francisco Nunes Pereira, viúvo, natural de Iguape, e capitão de auxiliares na mesma vila. Sôldo por mês.......... 140400 rs.

Tenente

Alferes

José Rodrigues da Silva, solteiro, natural de Iguape........................ 8$000

Sargento do número

Lucas de Sousa Coutinho, solteiro natural de Iguape........................ 3$000

Sargento supra

Joaquim Pereira da Silva, solteiro, natural de Iguape.................... 2$700

Tambor

Joaquim Pereira Nunes, solteiro, natural de Iguape .... 2$400

Cabos-de-esquadra

Pedro Fernandes Sardinha, natural de Iguape .... 2$400
Manoel Caetano de Oliveira, de Iguape. 2$400
José Ribeiro Nunes, de Iguape.......... 2$400
João Rodrigues da Silva, de Iguape..... 2$400

Soldados

Foram 71, todos naturais desta Capitania de S. Paulo, e a maior parte dêles nasceram em Iguape. Foram pagos de três meses de sôldo adiantados.

As ordens que levou êste capitão estão no Livro dos Registos de Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, principiam a fl. 50, e são as seguintes:

Ordens

As ordens, que leva o capitão Francisco Nunes, comandante da gente, que veio de Iguape, e Cananéia, e partiu aos 11, e aos 12 dêste mês de agôsto são as mesmas, que levou o capitão Estêvão Rebeiro Baião, e só se mudaram os capítulos que abaixo se declara. Pôrto de S. Bento 13 de agôsto de 1769.

Capítulo 4.°) Fará o capitão a sua viagem, seguindo o mesmo caminho que vai fazendo o capitão Estêvão Ribeiro Baião até chegar ao Rio do Peixe, aonde fará alto, e será o primeiro lugar, em que descanse a gente desta expedição. E como ali poderá encontrar com a expedição, que vai adiante, de que é comandante Estêvão Ribeiro Baião, com êle confirirá as notícias que tiver adquirido do sertão até a dita paragem, advertindo, que não deve um capitão intrometer-se com o comando da tropa do outro; mas o primeiro que chegar ao lugar do destino, dará parte ao outro para o vir acompanhar, e fortalecer, para melhor segurança do lugar, que se procura.

Capítulo 5.°) E o primeiro comandante que chegar ao lugar do distino, ficará dando as ordens aos mais comandantes das expedições, que se acharem no sertão, enquanto não fôr comandante de tôda a expedição; e se ordena a cada um dos oficiais comandantes obedeçam em tudo, o que fôr para bem do serviço

de Sua Majestade ao dito capitão que primeiro chegar ao lugar do destino, e caso algum oficial, levado de opinião, ou outro algum pretexto não cumpra, o que pelo dito capitão lhe fôr ordenado, se lhe dará em culpa para ser castigado, como merecer à sua reveldia.

Capítulo 6.º) Assim que o capitão tiver descansado no dito Rio do Peixe, largando o caminho e rumo, que levar a primeira expedição, seguirá os rumos de este, e sudueste, e se lhe parecer carregará mais para o sul a procurar direitamente as margens do Rio do Registo e encontrando algum rio, que lhe parece pode dar navegação para o Rio Grande do Registo poderá ir por êle até topar ao dito Rio Grande, que com a maior deligência fará por chegar às suas margens.

Capítulo 7.º) Logo que tiver chegado ao dito Rio Grande do Registo e tiver reconhecido ser o mesmo, que se declara, mandará navegar por êle acima dez camaradas desembaraçados, que possam vencer as dificuldades que acharem na sua navegação, e com tôda a diligência possível façam por chegar até o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacânia, de onde saiu a expedição que em 5 de dezembro do ano passado saiu a examinar o dito rio, e procuraram a quem estiver encarregado destas expedições, para poder mandar em sua companhia pelo mesmo rio abaixo os socorros necessários para fornecer à dita expedição.

Capítulo 8.º) Tanto que o capitão tiver expedido a gente que há de navegar pelo rio acima, descerá êle pelo rio abaixo em canoas, ou por terra a procurar a barra, que o dito Rio Grande do Registo faz no Paraná, e se Deus fôr servido, que ali chegue, examinará a sua corrente e se informará dos estabelecimentos que nêle houverem já feitos sôbre as terras, que ficam para a parte do nosso continente; e se não encontrar estabelecimentos feitos de considerável número de povoadores, ou outros embaraços, que lhe suspendam o fim desta deligência.

Capítulo 9.º) Procurará o lugar mais ventajoso, que na dita barra houver, para se estabelecer, atendendo a tôdas as comodidades necessárias para nêle se poder presistir, e logo formará assento, para se demorar na dita paragem, e segurar-se dos perigos do sertão com tôdas as cautelas, que se lhe advertem, para conseguir o fim da sua expedição, até dar parte, e lhe irem as ordens, e mantimento precisos, e por modo algum desemparará a dita paragem, ou voltará para trás sem ordem, que para isso lhe vá.

Continuam as ordens da mesma sorte que as levou o capitão Estêvão Ribeiro no capítulo 9.º, que principia: — Como o empenho desta expedição.

ORDENS PARA COMPRIR BRUNO DA COSTA FILGUEIRA, COMANDANTE DA EXPEDIÇÃO, QUE ENTRA NESTE PÔRTO DE NOSSA SENHORA DE CAIACANGA PELO RIO GRANDE DO REGISTO ABAIXO AOS 26 DE AGÔSTO DE 1769.

Será comandante desta expedição Bruno da Costa Filgueira, que pela experiência, que tem de ter ido por cabo na expedição, que partiu dêste mesmo pôrto aos 6 de dezembro de 1768, de que era comandante o tenente de auxiliares Domingos Lopes Cascais, que chegou até abaixo do Salto Grande, e pelas dificuldades que encontrou, não pôde continuar a navegação do dito rio, para cujo efeito vai a nova expedição, para o seu comandante executar as ordens seguintes.

Tanto que partir dêste pôrto a expedição, que se está preparando, o comandante marchará de dia, e de noute, visto não haver embaraço nesta navegação até a barra do Rio Pexinga, que da parte do norte se mete no Rio Grande, aonde será o primeiro lugar, em que pare a dita expedição; e com a maior deligência que puder ser, subirá por êle acima, e naquela parte, que lhe parecer desembarcará, e por terra procurará chegar às margens do Rio Grande do Registo abaixo do Salto; e logo que tenha vencido o dito Salto, achando caminho pelo dito Rio Pexinga, ou por outro algum, que melhor lhe parecer, para chegar a vencer as dificuldades do grande Salto, dará notícia, mandando acima alguns camaradas.

O fim desta expedição é procurar caminho ou por terra, ou por água, por onde se possa chegar com mais comodidade até a barra, que êste Rio Grande do Registo faz no Paraná, o que o comandante procurará executar, aplicando todos os meios possíveis, e examinando um, e outro lado do rio, para melhor poder achar caminho que vá dar em o rio navegável abaixo do Salto, e se Deus fôr servido, que possa vencer as ditas diferenças dará parte.

E navegará pelo rio abaixo, se puder ser, até o fim do dito rio, e não achando dificuldades que o embaracem, se estabelecerá na barra, que o dito rio faz no Paraná, e logo mandará procurar as expedições, que entraram a penetrar por terra êstes sertões para que os seus comandantes o vão acompanhar, e fortalecer; e por modo algum voltará para trás, ou desemparará o lugar, a que tiver chegado; pois para poder presistir estão as duas expedições no sertão, que com a maior brevidade irão acompanhá-lo.

Ao capitão Francisco Nunes se deu ordem, que tanto que chegasse a êste Rio Grande, mandasse navegar por êle acima dez

camaradas desembaraçados, e que possam vencer as dificuldades que acharem na sua navegação, e com a diligência possível fizessem por chegar a êste Pôrto de Nossa Senhora da Conceição. Caso esta expedição se encontre com a dita gente, dêles saberão o caminho que devem seguir, e dando-lhes os mantimentos que levam para êsse efeito, fará o comandante desta expedição voltar para trás a dita gente, para se irem encorporar ao seu comandante.

E o comandante desta expedição mandará logo para cima os camaradas, que lhe parecer, a dar parte das notícias que até ali tiver adquerido, e das que o capitão Francisco Nunes mandar, e em companhia da da gente do dito capitão Francisco Nunes o irá procurar aonde êle se achar, e o acompanhará com a gente, que tiver até o dito capitão chegar à parte, ou lugar, onde leva o destino; e tanto que o dito capitão tiver feito seu estabelecimento voltará com a sua gente, e canoas a dar parte do estado, em que deixar o dito capitão e do mais, que importa a esta expedição.

E se acaso qualquer dos capitães, que para chegar ao lugar, que se lhe distinou precisar da companhia do comandante desta expedição, êle o acompanhará, e comprirá enteiramente as ordens, que lhe forem dadas por qualquer dos comandantes das outras expedições; e para que o comandante desta conserve sempre a maior parte da sua gente, quando fôr necessário mandar acima dar as notícias e procurar mantimentos poderão vir três, ou quatro dos seus soldados, e a mais gente, que fôr precisa a tirará das outras expedições.

O mais que deve fazer, topando gentios, ou outra algũa gente civilizada, como lhe são dadas as mesmas ordens, que levou o tenente Domingos Lopes Cascais, saberá determinar-se nos casos, que lhe acontecerem.

Em tôda a parte, que houver algũa demora, se plantará em tôda a ocasião, e em todo o lugar; mas por êste motivo se não dilate a gente da expedição, pois o fim dela já o comandante vai enteiramente instruído, para saber dispor, o que lhe parecer mais útil.

Deus que dispõe, e governa tôdas as cousas, permita, que esta expedição tenha o bom sucesso, que se espera para honra, e glória sua. Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga hoje 27 de agôsto de 1769.

MATRICULA DA GENTE DA EXPEDIÇÃO QUE VAI PELO RIO DO REGISTO ABAIXO EXPEDIDA HOJE 27 DE AGÔSTO DE 1769.

Sargento comandante

Bruno da Costa Filgueira, solteiro, natural de Curitiba. Sôldo em cada um mês 3$000

Cabos

Cristóvão da Rosa, casado, natural de S. José de Curitiba.	2$400 cada um
Antônio Garcia, solteiro, natural de Curitiba	
Antônio Francisco de Oliveira, casado, natural de Curitiba.	
Bento de Siqueira, solteiro, natural de Curitiba	

Soldados

Foram 19 soldados, todos naturais desta Capitania de S. Paulo, com sôldo de 2$400 pagos três meses adiantados.

No livro a fl. 57v. está o rol dos desertores, e dêle consta, que em 23 de agôsto de 1769 desertaram da companhia de Estêvão Ribeiro Baião 7 soldados e em 26 de agôsto de 1769 também desertaram 5 da companhia do capitão Francisco Nunes. Fêz Afonso Botelho grandes deligências por prender a êstes desertores, e depois se dirá o que com êles obrou para exemplo dos outros, *que estavam no sertão.*

Chegou notícia que os soldados da companhia do Baião diziam, que em se concluindo os três meses, de que estavam pagos, haviam sair todos do sertão, quer os cabos quisessem quer não. Afligiu esta notícia a Afonso Botelho, e aplicou todos o[s] meios necessários para evitar tão grande desordem, e castigar aos desertores, se com efeito executassem, o que se dizia.

A esquadra do Mota, e o tenente do Baião, iam diante picando, e como passassem alguns dias, que não haviam notícias dêles, correu na expedição a notícia de que tinham morto ao Mota, e o tenente com as mais haviam fugido, e estas novas deram por carta ao Botelho os capitães Baião, e Francisco Nunes. Deu o Botelho as providências necessárias para o caso, que assim tivesse sucedido, mas respondeu aos capitães, que poderiam o Mota, e tenente ter seguido caminho diverso, e por isso não se saber dêles. Na carta a Francisco Nunes diz: — Como a sua companhia vai ficando diminuta pelos desertores, parecendo-lhe, que só não poderá chegar ao fim da deligência a que vai, pode unir-se com o capitão Estêvão Ribeiro e juntos seguirem, que lhes parecer, para com mais brevidade chegarem às margens do Rio do Registo como já avisei. Tanto que chegarem ao dito rio abaixo do Salto Grande

naquela paragem, que melhor lhe parecer, se estabelecerão, e botarão roças, e ficando um aí, continuando êste serviço, outro irá sempre seguindo as margens do rio, ou embarcado, comprindo em tudo as ordens, que levam.

EXPEDIÇÃO QUE SAI DÊSTE PÔRTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CAIACANGA POR ORDEM DO ILUSTRISSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOM LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA MOURÃO BOTELHO, GOVERNADOR E CAPITÃO-GENERAL DESTA CAPITANIA PARA EFEITO DE NAVEGAR PELO RIO DO REGISTO ABAIXO, SENDO COMANDANTE DA DITA EXPEDIÇÃO O CAPITÃO ANTÔNIO DA SILVA PEIXOTO, A QUEM SE DÃO AS ORDENS SEGUINTES INSTRUINDO-O EM TUDO O MAIS, QUE DEVE OBRAR, E PRACTICAR NA DITA EXPEDIÇÃO, DADAS ESTAS ORDENS AOS 28 DE SETEMBRO DE 1769. AS ORDENS QUE LEVA O DITO COMANDANTE SÃO AS MESMAS, QUE LEVOU O CAPITÃO ESTÊVÃO RIBEIRO, SÒMENTE COM A DIFERENÇA DE SE MUDAREM OS CAPÍTULOS QUE ABAIXO SE DECLARAM ATÉ O CAPÍTULO 10.º INCLUSIVE, DO QUAL ATÉ O CAPÍTULO 14.º SE AUMENTOU, PRINCIPIANDO SEMPRE NAS ORDENS DO CAPITÃO ESTÊVÃO RIBEIRO NO CAPÍTULO 9.º

Capítulo 4.º) Tanto que partir dêste pôrto o capitão com a sua gente, marchará de dia, e de noute, visto não haver embaraço nesta navegação, e levar guia até a barra do Rio Pexinga, que da parte do norte, se mete no Rio Grande; e procurando o caminho que vai fazendo o sargento Bruno da Costa, o seguirá até encontrá-lo: e se acaso tiver aberto o caminho, que saia abaixo do Salto Grande em rio navegável, no primeiro campo, que achar, fará assento, que será o primeiro lugar, em que descanse com a sua gente, procurando bom lugar, para se estabelecer, e sendo possível, achando algum rio, que se meta no Rio Grande do Registo, na sua barra fará o dito estabelecimento sempre nas margens do Rio Grande do Registo.

Capítulo 5.º) E porque o dito sargento Bruno da Costa poderá não ter vencido as dificuldades que encontrar, para achar rio navegável abaixo do Salto Grande, e por êsse motivo não poder o capitão com a sua gente chegar aonde se lhe ordena no capítulo acima; tanto que tiver encontrado ao dito sargento Bruno da Costa, e com êle conferir as notícias que tiver adquirido do modo, como se pode achar o rio navegável abaixo dos saltos.

Capítulo 6.º) No lugar, que achar mais cômodo para planta, mandará roçar tôda a sua gente, de sorte que possam êste ano neste sítio botar 50 alqueires de planta, no que cuidará o dito capitão com grande empenho, e deve eleger a dita paragem com as comodidades precisas para ũa povoação, o que dará princípio,

mandando fazer casas, e armazéns, em que recolha todo o trem da sua conducta, e o mais, que fôr preciso.

Capítulo 7.º) Enquanto o capitão cuida na planta, e o mais que se lhe recomenda, o sargento Bruno da Costa com a mais gente que precisar da campanha, que o dito capitão lhe dará, continuará a deligência de procurar caminho ou por terra, ou por água, que *saia abaixo dos saltos em rio navegável, que examinando* a sua navegação, vendo não tem embaraço, para continuar até o fim, dará logo parte ao capitão para que deixando algũa gente a plantar (se ainda o não tiver feito) com tôda a mais gente vá logo fazer outro estabelecimento, roças, e tudo o mais que acima se declara, nas margens do dito Rio Grande naquela parte, que lhe parecer mais cômoda, para ao diante se aumentar, como fôr preciso.

Capítulo 8.º) E logo que chegue à paragem acima dita fará continuar ao dito sargento Bruno da Costa com a mais gente, que fôr precisa; embarcados descerão pelo mesmo Rio Grande do Registo até chegarem à barra, que faz no Paraná, e se Deus fôr servido, que ali cheguem com felicidade procurarão o melhor lugar na barra do mesmo rio, em que possam presistir, e logo darão parte ao capitão que sem demora algũa, e maior brevidade partirá com a sua gente para que a mesma paragem de onde não poderá voltar para trás, nem desamparar êste lugar, enquanto não der parte, para se lhe darem as ordens, do que precisar e para que possa fortificar-se, e acautelar-se dos perigos do sertão, avisará logo aos mais capitães, que se acharem no sertão com as suas companhias, para que o vão acompanhar, e fortificar.

Capítulo 9.º) E se acaso alguns dos outros capitães, por chegar ao dito lugar, e pedir ao capitão desta companhia o vá socorrer, e acompanhar na mesma paragem, o fará sem demora algũa; pois todo o prejuízo, que se seguir da dilação, ficará responsável ao que suceder, e aos mais castigos, que se lhe derem conforme o seu descuido, ou omissão permitir.

Capítulo 10.º) O fim desta expedição é procurar caminho ou por terra, ou por água, por onde se possa chegar com mais comodidade até a barra, que êste Rio Grande do Registo faz no Paraná, o que o capitão procurará executar, aplicando todos os meios possíveis, e examinando um, e outro lado do rio, para melhor poder achar caminho que vá dar em o rio navegável abaixo do salto.

Capítulo 11.º) E porque entraram pelo sertão as duas companhias de que são comandantes o capitão Estêvão Ribeiro Baião, da gente da Curiutuba, e o capitão Francisco Nunes Pereira, da gente de Iguape, e Cananéia, que levam ordem de procurar a barra,

que o Rio Grande do Registo faz no Paraná, o primeiro capitão que ali chegar, será comandante de tôda a gente, que se achar no sertão, e ficará dando as ordens a todos os mais capitães das outras expedições, enquanto não fôr comandante de tôda a expedição, e se ordena aos capitães e aos mais oficiais, e soldados obedeçam em tudo, o que fôr para bem do serviço de Sua Majestade ao dito capitão que primeiro chegar ao lugar do destino, e caso algum oficial, levado de opiniões, ou outro algum pretexto não cumpra, o que pelo dito capitão lhe fôr ordenado lhe dará em culpa, para ser castigado, como merecer a sua rebeldia.

Capítulo 12.°) Ao capitão Francisco Nunes Pereira se ordena, que tanto que chegasse a êste Rio Grande mandasse navegar por êle acima dez camaradas desembaraçados, que possam vencer as dificuldades que acharem na sua navegação, e com a deligência possível fizessem por chegar a êste Pôrto de Nossa Senhora da Conceição: caso esta expedição se encontre com a dita gente, dela saberão o caminho que devem seguir, e dando-lhes os mantimentos que levam, para o comandante voltar para trás a dita gente para se irem encorporar com o seu capitão.

Capítulo 13.°) E o capitão desta expedição ficará botando roças, e formando os estabelecimentos que se lhe ordena, até que o capitão Francisco Nunes Pereira o avise, ou o seu sargento, que tem achado o rio navegável abaixo do Salto Grande, para onde partirá logo, e aprontando embarcações, embarcando-se com todo o trem, que puder conduzir, irá estabelecer-se na barra, que o mesmo Rio Grande faz no Paraná, como já se lhe adverte.

Capítulo 14.°) E tanto que tiver chegado à barra, que o dito Rio Grande faz no Paraná, procurará o lugar mais ventajoso, que na dita barra houver, para se estabelecer atendendo a tôdas as comodidades necessárias para nêle se poder presistir, e logo formará assento, para se demorar na dita paragem, o segurar-se dos perigos do sertão com tôdas as cautelas, que se lhe advertem, para conseguir o fim da sua expedição, até dar parte, e lhe irem o socorro, e mantimentos necessários, e por modo algum voltará para trás, ou largará a dita paragem, ou outra algũa, aonde possa chegar, sem ordem, que para isso lhe vá.

Continuam as ordens da mesma sorte que as que levou o capitão Estêvão Ribeiro Baião no capítulo 10.°, exceto o capítulo 19.° de que se não faz menção, o qual capítulo 9.°, principia: — 9.° Como o empenho desta expedição, etc.

Por ũa carta de Afonso Botelho, que vem no livro, fl. 63v., consta, que o alferes do Baião,[1] saiu do sertão para povoado

(1) Sai o alferes de Baião.

com licença por doente, e o dito Botelho não proveu êste pôsto, por tê-lo distinado, para quem mais o merecesse distinguindo-se no serviço.

A companhia de Silveira era formada de gente que veio de Pernaguá, como diz Afonso Botelho nũa carta, que vem no livro a fl. 64.

A fls. 64v. vem carta em que o Botelho suavemente repreende ao tenente Francisco Lopes da Silva, por se ter apartado com o Mota de sorte, que a expedição não soubesse dêles; pois por muito se apartarem, e não darem novas suas, iam sendo causa de que desertassem, e desanimassem as companhias, e se perdesse a expedição. Significa-lhe o muito que estimou se falsificassem as notícias que corriam de estar morto. Louva o seu zêlo, e esforça-o, exortando-o a prosseguir, e o mesmo manda dizer ao Mota. Esta carta foi feita aos 17 de outubro de 1769, no Pôrto de Caiacanga, ou Nossa Senhora da Conceição.

Responde as cartas do padre frei Antônio e dá-lhe as razões, por que não manda posseguir pelo caminho que o dito padre abriu, e elas se reduzem, a que quando chegasse a sua carta, já a tropa estaria em parte, onde seria necessário trocer muito para se continuar a expedição pelo mencionado caminho do dito frei Antônio.

Em carta escrita ao capitão Francisco Nunes aos 21 de outubro diz o Botelho: — o reverendo padre frei Antônio me dá parte da picada,[1] que abriu, e da facilidade, com que se penetraria até os campos, ou ao menos até o Rio do Peixe, e que o capitão Estêvão estava com ânimo de seguir a picada do Mota, deixando a do padre e porque V. M.cê se acha perto de ũa, e outra, e pode escolher a melhor; se lhe parecer, siga a do padre junto com êle, e a outra companhia siga a do Mota, que me parece ambas irão dar na mesma paragem. O rio que até gora chamam do Peixe, e mais abaixo se presume ser Ubatuba, se há de chamar daqui por diante o Rio de D. Luís de Mateus, e outro rio grande, que encontrar, lhe ponha V. M.cê o nome Rio de S. Paio; isto mesmo dirá ao outro capitão para se observar. — A fl. 68 datada a 25 de outubro de 1769, e escrita ao Silveira lhe diz Afonso Botelho: — Parte o tenente com a gente, que ficou, e os mantimentos que se puderam aprontar. — A fl. 69v. carta escrita a Estêvão Ribeiro Baião em Parnaguá aos 13 de novembro de 1769 onde diz: — Recebi a sua carta de 25 de outubro, em que me diz chegará ao rio em té agora do Peixe,[2] e agora de D. Luís. — Exorta-o a

---

(1) Picada de frei Antônio. Rio do Peixe Rio Ubatuba. Rio de D. Luís Rio do S. Paio.

(2) Rio do Peixe, hoje de D. Luís.

prosseguir, e comina-o, e mais à sua gente, se tornará para trás, lembrando-lhe os castigos dos desertores, e aflição, em que se vêm os presos na Fortaleza de Pernaguá.

Na página 70v., escrevendo ao capitão Francisco Nunes Pereira diz: — Não me parecer bem a queixa, que forma do capelão, que lá se acha, pois ainda que o capitão Estêvão, e os da sua companhia dissessem algũa cousa dêle, devia V. M.ce desvanecer tudo, e não aumentar as opiniões, com que andam, pois a mente do padre é empregar-se no serviço de Sua Majestade com zêlo que V. M.ce até gora não tem mostrado, e faz deligência por acertar, e V. M.ce nenhũa tem feito por comprir as suas obrigações, e se houveram juízo, prudência, e modo, estaria o serviço de Sua Majestade muito mais adiantado, e V. M.ce com outro crédito que não tem, pois de serra acima não tratam a sua companhia senão com o nome de capitão Cansado. Não sei o motivo, mas V. M.ce bem o pode alcançar. — Êste capelão era frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo.

Página 71. Ordem para se prender o cabo Miguel Fernandes, que de dentro do sertão saiu.

Cópias das cartas, que vieram da expedição do Rio do Registo, e vão para São Paulo em 28 de novembro de 1769.

Executando as ordens de V. S.a, e por me parecer mais conveniente, subi pelo Petinga acima até dar em um rio da parte esquerda, que lhe chamamos Rio Verde: naveguei por êle acima até acabar a navegação: pus-me por terra 40 dias por êsses sertões dentro, onde dei no Rio Grande muito abaixo do Salto: antes de chegar ao rio, logo avistei campos de outra banda rio abaixo, e rio acima, costeando quase o rio; os campos me parece ser muito grandes. Assim que cheguei ao rio, achei picadas, que me parece ser de gente doméstica, por razão de serem cortes de ferros, uns mais novos, outros mais antigos, que me parecem ser uns de ano, e outros de seis meses, e sinais de que andavam navegando, por saírem as picadas fora do rio 10, 12 braças, e tornarem ao rio, sinais de que saíam a jantar, por deixarem fogões, e espetos, em que assaram carne. Estando eu três dias no barranco do rio a patrulhar rio abaixo, rio acima, apareciam fogos bastantes em distância de duas léguas, mais, ou menos, e com certeza ouvi berrar gado, e vários camaradas, e como me vi desprevenido de tudo, que já há um mês sustento-me só com caça, por me ficarem os mantimentos em a barra do Pitinga, por não ter de quem me fiasse mandar atrás, ou adiante, e também por me achar só com 9 armas de fogo, ainda essas a maior parte delas quase não servem, motivos porque arribei para trás, e já com três dias de viagem encontrei a meu

irmão,[1] com o socorro, que V. S.ª me mandou, e eu arribava a buscar socorro de mantimento para vir estabelecer a paragem, e dar parte a V. S.ª e como encontrei o socorro, arribo a estabelecer a paragem, que me parece, que antes de muitos dias hão de vir reconhecer o rasto gente de qualidade, que fôr, e para maior prevenção mandei encontinente pedir ao capitão Antônio da Silveira me mandasse 20 homens armados para prevenção até chegar o dito capitão. Assim rogo a V. S.ª que me acho com os homens desarmados, V. S.ª me mande as armas, e pólvora, e bala para prevenção do que nos poderá acontecer, de que espero em S. Francisco de Paula não seja preciso levar nada por fôrça, senão por jeito, que me parece que cheguei entre as Missões, pelas informações, que me dão uns camaradas, que já têm andado por lá.

Assim V. S.ª não permita, que por falta de socorro de armas mostre eu fraqueza em minha pessoa, que mais fácil será morrer, que mostrar fraqueza.

Remeto a V. S.ª duas armas desconsertadas, para se consertarem: também o rio parece-me, que não terá embaraço para a navegação pelos sinais, que mostram, como de peixes, e a quietação do rio. De largura terá pouco mais, ou menos como das casas de Nossa Senhora do Rosário à chácara de Lourenço Joaquim José. Enquanto ao Salto, não vi; parece-me, que estou muito abaixo dêle. Também V. S.ª diz-me, que quem bem serve a El-Rei, assim se lhe dá o prêmio: eu muito tenho servido, e ainda não fui atendido a ganhar mais sôldo, que de soldado, e outros que nunca serviram, são os que o ganham. Cá fico a espera, que chegue o capitão a esta paragem, para tomar conta, e eu continuar as ordens determinadas. Sobretudo estimarei a boa saúde, para dispor da minha em serviço de V. S.ª e de Sua Majestade que Deus guarde muitos anos. Pouso dos Corvos hoje 5 de novembro de 1769 de V. S.ª menor criado Bruno da Costa Filgueira.

Outra

A segunda carta é de Bernardino da Costa Filgueira escrita a Afonso em o Pouso dos Corvos aos 5 de novembro de 1769. Depois de dizer, que chegou ao Pitinga, e subiu por êle acima, e depois pelo Rio Verde até topar com seu irmão, encarecer as necessidades, fomes, e falta de armas da tropa de seu irmão Bruno da Costa diz: — Enquanto ao sertão da barra do Pitinga acima

---

(1) Êste irmão é Bernardino da Costa Filgueira, que Afonso Botelho mandou com socorro.

de banda a banda do rio tem seus pedaços de campos limpos, e muitos fachinais. Com a continuação do fogo hão de ficar grandes, e subindo o Rio Verde acima, que nasce da serra, e corre ao nascente, e passando a serra, desce em o Rio Capivaruçu, que nasce da mesma serra, que vem dos Agudos costeando a serra corre do poente a buscar o Rio Grande a fazer barra, que as maiores fumaças, que se vêem,* parece ser na barra. Enquanto passando a serra não há embaraço nenhum, nem a serra é cousa grande. Sobretudo estimarei a boa saúde, etc.

Terceira Carta

Sr. D. Afonso Botelho de S. Paio. Aos pés de V. S.ª me reporto com a súplica devida, dando-lhe os parebéns do nosso bom sucesso, e pedindo alvíssaras dêle. Com as ordens de V. S.ª chegamos à barra do Rio Petinga, e subimos por êle arriba alguns dias, e tomamos um braço chamado o Rio Verde até pudemos navegar. Saltamos em terra, e cortando ao poente uns tantos dias atravessamos a cordilheira da Serra dos Agudos, e marchando ainda ao mesmo rumo; e depois cortando a rumo de sul, chegamos com o favor da Virgem Maria Santíssima à margem do Rio da Navegação, Pôrto das Almas, muito abaixo do Salto, e vimos os campos de baixo do Salto, que mostram ser grandes, e não pudemos discorrer, por nos vermos desarmados, e vermos os muitos sinais de gentes divisados, e embarcados, golpes de faca por vêzes, e vendo isto viemos de recolhida, para lhe dar parte. Nas misérias que passamos, não tenho lugar, mas encontramos com o cabo, e fizemos parada, e pedimos socorro, para tornarmos para o Pôrto das Almas.[1] E agora sou a pedir a V. S.ª que pelo portador me mande, etc. Hoje 5 do corrente de 1769. De V. M.cê o mais obrigado servo. O cabo Cristóvão da Rosa.

Carta do capitão Silveira, que traslado para por ela se formar idéia do muito que a gente padecia no sertão.

Sr. Afonso Botelho de S. Paio. Cheguei a êste Pôrto do Rio Petinga com três dias de viagem, entrado algum tempo das noutes. Ali achamos um papel do Bruno, que dizia, gastou até qui 19 dias de viagem, e foi dito rio acima em comprimento da ordem, que trouxe; e no dia seguinte o fiz seguir por seu irmão, e depois de passar 15 dias, como eu não tenho sofrimento de esperar, mandei

(*) *vem*, no original.
(1) Pôrto das Almas.

o meu sargento a saber notícias dêles. Foi o dito sargento, e no fim de 4 dias de viagem encontrou o próprio, que o dito Bruno manda a V. S.ª e me escreve o mande socorrer com mantimentos, e gente, e armas; pois trouxe 9 armas, e me diz, está com 3 capazes de dar fogo. Eu também as que truce, como a maior parte delas foram trocadas em Parnaguá, são armas, que os soldados trocaram, quando as alimparam, só vieram novas, a[s] que êles não quiseram trocar. Hoje despacho 4 canoas para Curitiba a dar esta parte, e buscar com que assistir a esta gente. V. S.ª me deu ordem lhes desse quarta de farinha para 15 dias: assim o fiz, depois de passar 8 dias vieram queixar-se, não tinham que comer; eu repreendi àsperamente; disseram que não tinham carne com abundância, e que andavam com um machado, trabalhando, e não podiam sem comer. Eu vendo a justa queixa, lhe mandei dar farinha para 10 dias. Eu aqui quisera apanhar os aduladores, que por lisonjear a V. S.ª dizem, que o que para cá tem vindo, é de sobra: tomara eu aqui ver com o sono perdido, como me sucede, supondo, que para o futuro, acabado o mantimento me acharei só. A gente, que trago, estando satisfeita, é muito boa; mas eu tenho conhecido, que faltando-lhe à barriga, não há quem os mova, e serão meus inimigos, e ocasião de eu faltar à obrigação, que tenho de brio, e promessa, que fiz de nesta ocasião mostrar a obrigação, que tenho de o ter. Deus tal não permita, antes um rio me leve, que tal me suceda. As novidades, do Bruno não as conto, porque êle dá parte do que há sucedido. Suponho Deus nos quer ajudar. Agora o vou socorrer com gente, e as poucas armas, que tenho, e mantimento, pois não lhe faltam fomes por lá. Ninguém se fia de caças do mato: eu estou aqui a 23 dias, sempre andam 10 homens em duas canoas ocupados a caçar; às vêzes não trazem um pássaro. Têm-se morto no decurso dêste tempo 18 antas, e 5 porcos, a tempo que são 90 pessoas, e precisavam 2 para cada dia. Aqui fica o tenente com alguns homens, plantando a roça, e quando chegarem as canoas, dali irem seguindo. Se puderem vir dessa vila 8, ou 6 homens, entre êles um de capacidade para beneficiar esta roça, pois eu não basta ter poucas armas, se não deixar aqui parte delas para caçar, e outras para andarem na viagem de rio acima, e outras sem consêrto, ficarei sem nada. Se de lá puderem vir 10, ou 15 armas, seria muito bom. A demora dêstes próprios tôda nos é muito prejudicial, pois os quero cá para os aplicar a outras cousas. V. S.ª me prometeu nesta conducta mandar-me patente, e capelão: veremos, o que vem. Permita Deus dar-nos o sucesso, que esperamos para nosso desempenho, e de V. S.ª a quem Deus guarde por dilatados anos. Hoje Pôrto de Nossa Senhora do Bom Sucesso

12 de novembro de 1769.[1] De V. S.ª muito seu venerador servo, e criado Antônio da Silveira Peixoto.

Repostas

Escreveu o Botelho a Bruno da Costa, louvando-o e exortando-o a prosseguir no serviço, com honra, e em sinal do muito que o desejava premiar o proveu no pôsto de tenente da companhia do capitão Francisco Nunes Pereira, e lhe mandou um chapéu agaloado de ouro. Diz, que recebera um bico de corvo branco com 4 dentes de onça, e ũa unha de anta. Ordena-lhe que lhe mande diário da sua derrota: que o estabelecimento que se fizer no pôrto aonde chegou a primeira vez abaixo do Salto se há de chamar de Nossa Senhora dos Prazeres, e aos mais estabel[e]cimentos se hão de pôr os nomes Vila Real, Passos, Mateus, Roios, Constantim, Provesende, Sabrosa, Celeiros, Savaios, Comieira, Vilar de Maçada; e aos rios, ao maior Douro, Córrego, Pinhão, Tua, Tâmega : e nos lugares notáveis os nomes seguintes : Sítio ou povoação, etc., de D. Luís de Mateus; a outro: Afonso Botelho de Passos; a outros: S. Paio, Botelho, Sousa, Mourão, Vasconcelos, etc. Fortaleza de Parnaguá 1 de dezembro de 1769.

Também escreveu a Bernardino da Costa, a Manoel Teles Betancurt, tenente do Silveira e ao alferes Antônio da Costa Resende, que se achavam no Pexinga.

Também respondeu ao Silveira com muita prudência. A fl. 81 vem o bando, que principia: — Por ter chegado.

Em 2 de janeiro de 1770 ordenou que se prendesse o capitão Estêvão Ribeiro Baião, que tinha saído do sertão, e que ordenou, digo ao sargento-mor dos auxiliares Francisco José Monteiro que em chegando à Vila de Coriutuba mandasse vir prêso para a dita vila ao capitão Baião, e que depois de prêso, publicasse o bando: se êle se resolvesse a tornar para o sertão, lhe desse liberdade, e se ficasse com qualquer pretexto, lhe tomasse estreita conta de tudo quanto havia recebido pertencente à Fazenda Real, e não mostrando saída de tudo com as clarezas necessárias o remetesse prêso para a Fortaleza de Pernaguá, onde estava, o Botelho, quando escreveu essa carta.

A fl. 82 vem outra carta escrita em Parnaguá a 2 de janeiro de 1770 ao ajudante de auxiliares Manoel da Cunha Gamito, e principia assim: — Recebo a parte, que me dá da saída do capitão Estêvão Ribeiro com mais 16 homens, que o acompanharam; dêstes,

---

(1) Pôrto de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que é o Pôrto do Rio Petinga, como se infere do princípio desta carta.

diz V. M.cê que tornaram para dentro os mais, e só 3 doentes, e 3 de licença se vieram embora: tudo o que V. M.cê obrou em os prender, castigar, e o mais, está muito bem feito; porém o consentir passasse por esta guarda o capitão não divia V. M.cê deixá-lo passar sem ordem para isso, etc.

Não teve efeito a prisão dêste capitão porque em chegando a sua casa, logo morreu.

A fl. 83 vem ũa carta, que Afonso Botelho escreveu ao capelão frei Antônio em que lhe diz: — Tenho recebido várias cartas de V. P.; ùltimamente a do primeiro de dezembro em que me dava parte se resolvia a rodar pelo Rio de D. Luís abaixo junto com o tenente e ficava no pôrto o Mota, para recolher os que fielmente quisessem empregar-se no serviço de Sua Majestade, vista a saída do capitão para fora com a gente que o acompanhou. O zêlo com que V. P. se tem empenhado nesta deligência para o bom acêrto do que se pertende, é bem constante, e já há muito tempo estava desenganado, de que nada se obraria pelo desmazêlo do capitão, pois se êle tivesse a prontidão de V. P. estaria agora a deligência concluída, e êle com merecimentos de poder lograr o fructo do seu trabalho; mas como êle não soube aproveitar-se das ocasiões, que o tempo lhe ofereceu, agora está em têrmos de passar pelos reveses da fortuna, que o seu merecimento tem alcançado. Na constância de V. P. e no ânimo do tenente e no valor de todos os fiéis camaradas, que o acompanham confio o chegarmos a ver o fim da diligência, etc. Parnaguá 2 de janeiro de 1770.

No mesmo dia escreveu ao tenente do Baião, dizendo-lhe, que por ausência do capitão lhe pertencia o comando da companhia e lhe ordenou, que rodasse pelo Rio de D. Luis até chegar às margens do Rio Paraná, e estabelecer-se nas nossas fronteiras com as ventagens possíveis, e como se achava distituído de gente se unisse a algum dos capitães que se achavam no sertão.

ORDENS QUE FORAM AO TENENTE FRANCISCO LOPES DA SILVA EM 2 DE JANEIRO DE 1770.

1. Enquanto não fôr o capitão substituir o lugar, que ocupava Estêvão Ribeiro Baião, o comandante desta companhia será o tenente dela, Francisco Lopes da Silva, a quem todos obedecerão comprindo enteiramente as ordens, que por êle comandante forem destribuídas.

2. Tomará conta da sua companhia fazendo inventário das armas, que pertencerem a Sua Majestade, munições e todo o mais trem da dita expedição, cujo inventário será feito com tôda a

miudeza, e distinção, assinado pelos sargentos e mais 3, ou 4, pessoas das de maior crédito da expedição.

3. Como o tenente com os fiéis camaradas, que o têm acompanhado, se achará já nos Campos de Guarapuaba, e juntará a gente da sua companhia e com ela irá seguindo o Rio de D. Luís, e tanto que topar um rio, que da parte do norte se mete no de D. Luís, e ambos são grandes, e se encontram no meio do sertão, pouco mais, ou menos, nesta paragem se pode estabelecer o dito comandante tendo as comodidades, que se requerem, para a subsistência da sua gente.

4. E depois de se refazer na dita paragem de mantimentos e do mais, que fôr preciso, irá marchando até encontrar o Rio Paraná, e nas margens dêle formará o seu principal assento, elegendo as comodidades mais próprias, para segurar o sertão dos nossos vezinhos, elegendo sempre barra de rio grande, passo entre morros, que feche a porta ao sertão, que vai descobrindo.

5. Se acaso, quando receber estas ordens, se achar nas margens do Rio do Registo fortalecendo as mais companhias e fôr assentado pelos mais oficiais delas, que é preciso ali a sua assistência, se conservará junto com as mais companhias naquela parte, que fôr assentado; é mais conveniente para o serviço de Sua Majestade.

6. E porque ainda que se ache nas margens do Rio do Registo poderá não ser precisa a sua companhia nas margens do dito rio, neste caso penetrará o sertão para a parte do norte pelos rumos noroeste pouco mais, ou menos, até encontrar um rio grande, que corta pelo meio dos Campos de Guarapuaba, ou outro algum rio grande, que vá fazer barra no Rio Paraná, para onde encaminhará todo o seu projecto a estabelecer-se nas margens dêle da parte do nosso continente.

7. Fará muito por ver a Serra de Apucarana, e examinará a sua grandeza, qualidades, e mais circunstâncias, para poder dar dela ũa exacta, e larga informação.

8. Se o tenente comandante encontrar as mais companhias que entraram para o sertão, examinará com muita prudência a conducta dos seus comandantes e oficiais vendo, se se encaminha à glória de Deus e serviço de Sua Majestade, e caso perceba nos comandantes ou outro qualquer oficial algum leve indício de pouca lialdade, ou inobediência ao serviço de Sua Majestade dará logo parte de tudo, o que perceber, para se lhe dar pronto remédio, e em tanto que de cá não chegarem as providências necessárias êle tenente comandante terá muito cuidado em obviar, e embaraçar tôda a ocasião, que possa haver, de falsidade ao serviço de Sua Majestade.

9. Em tôdas as ocasiões se haverá o tenente comandante com zêlo, actividade, e valor, que se espera da experiência, que tem do serviço de Sua Majestade em que se tem empregado. Parnaguá, 2 de janeiro de 1770.

Em 6 de janeiro de 1770 respondeu a ũa carta, em que o Silveira referia ter prêso a Bruno da Costa pela culpa de haver informado com falsidade, que achara campos, e rio navegável abaixo do Salto Grande. A isto responde Botelho, que obrara com muita aceleração em prender ao Bruno porque, (porque) com esta prisão descompôs a formalidade estabelecida para se conseguir a ação pertendida: além de que o Bruno era comandante de corpo separado, o qual podia governar sem sobordinação ao Silveira, de quem não era subalterno, e por isso não tinha jurisdição, para o prender. Que devia dar parte da culpa a êle Botelho para êste o prender, e castigar como julgasse. Na mesma carta vêm estas formais palavras: — É necessário que V. M.[cê] se modere na presunção, de que as ordens, que se derem ao Bruno, para não consentir, que outra algũa gente passasse adiante da sua, são em desabono da diligência de que V. M.[cê] vai encarregado; pois não quisera eu ver na sua carta, que mandando-se ordem a outrem, depois de V. M.[cê] tomar à sua conta esta diligência era supérfluo, e sendo em desabono seu, o primeiro que lhe mostrasse ordens, para executar, fazendo de V. M.[cê] menos conceito, na mesma hora marchava para povoado com a companhia, saia, o que sair. — O motivo, que êste Silveira teve para escrever semelhante barbatada, foi ter escrito o Botelho, ao Bruno, que puxasse para diante, quanto pudesse, procurando adiantar-se a todos para que outro não conseguisse a glória, de que êle se podia aproveitar. Bem se conhece do contexto da carta, que o intento de Afonso Botelho, era sòmente estimular ao Bruno a obrar honradamente excitando entre êste, e os mais capitães ũa louvável, e virtuosa emulação conforme aquilo de S. Paulo: *emulamini charismata meliora*, para que assim fôsse El-Rei mais bem servido. Porém como o Sílveira ia desesperado, e procurava motivos de queixa, lançava mão de qualquer palavra, ou obra do tenente-general que enterpretada conforme os viciosos impulsos da sua paixão, lhe subministrasse aparentes motivos de justo ressentimento e por isto nesta, e em tôdas as mais cartas picava ao dito tenente-general falando-lhe sempre com arrogância e manifesta irreverência. Pode ser, que falasse com tanta altivez persuadido dos seus merecimentos que suponha superior ao de todos os mais cabos: também pode ser, que se considerasse muito útil, e necessário ao serviço real, e que falasse assim na suposição, de que o haviam de aturar pela necessidade que lhe parecia haver da sua pessoa; e também que a dor, e sentimento de se ver no

sertão, onde o trabalho era imenso, e a lembrança de ter perdido o seu negócio por violência, lhe ofuscasse o juízo e então fôsse a causa de escrever com petulância; mas o sucesso da sua derrota confirmam as sospeitas antecedentes de que escrevia com tanta soltura, por ir com intentos de se passar para os castelhanos, e não torna[r] para os domínios de Portugal, onde o pudessem castigar. Afonso Botelho sempre lhe respondeu com grande prudência, e incrível moderação, e exagerando os seus serviços, e quando o repreendia, fazia-o com suavidade, e muita atenção, como notei em tôdas as suas respostas.

A fl. 87 principia ũa carta escrita de Parnaguá aos 7 de janeiro de 1770 ao sargento-mor Francisco José Monteiro existente em Coritiba. O assunto são disposições prudentíssimas respectivas ao alferes do Baião, e mais companheiros que tinham saído do sertão a fim de que tornassem para êle e levassem consigo alguns parentes e amigos sem violência. Trata do Bruno, que estava prêso, e lançando mão desta infelicidade ordena ao sargento-mor, que em segrêdo, e ocultando, que de Afonso Botelho nascia o conselho persuadisse ao tal Bruno, que desculpasse o seu êrro, e para recuperar a sua honra, se oferecesse a tornar para o sertão, o ir procurar com maior desvêlo algum caminho por onde se chegasse às desejadas margens do Paraná.

A fl. 89: M.^to Rev. Sr. Frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo.[1] Já me parece, que as notícias de V. P. se demoram, para me trazerem a certeza do bom sucesso da sua viagem, que Deus permita corresponda ao zêlo, com que V. P. deseja empregar-se no serviço de Deus e do nosso Monarca, que tendo a tanto tempo rodado pelo Rio de D. Luís, já agora o faço ser chegado ao fim da sua deligência ou ao menos a parte onde possa dar notícia dêsse sertão com mais certeza, que as mais, que têm vindo, e não duvido, alcançaremos, o que se pertende pela navegação dêsse rio; pois me informam, é bastante grande, e suposto tem suas dificuldades tudo vence o ardente zêlo de V. P. e o valor do tenente Francisco Lopes, e dos mais fiéis camaradas, que os têm acompanhado com tão louvável existência, sem ter desmancho em cousa algũa: nas maiores adversidades é que se conhece a constância dos homens, e por isso não deve desmaiar em caso algum.

O capitão Estêvão Ribeiro faleceu[2] depois de três dias, que chegou a sua casa: eu o senti, e fiquei certo, que se não fôsse a sua moléstia, havia de dar conta desta deligência, porém já que

(1) Louvores de frei Antônio, e do tenente Francisco Lopes.

(2) Baião morreu 3 dias depois de chegar à sua casa.

Deus assim foi servido, permita tê-lo na sua glória, e a nós dar-nos vida, para o servir.

Ao tenente já avisei, tomasse conta da companhia enquanto não mandasse o contrário, e fico esperando notícias, do que tem obrado, para poder dispor o mandar-lhe fazer um pagamento à companhia e juntamente fazendas, para poder terem, o que lhe fôr preciso, pois sei o quanto há de falta de roupas,[1] e do mais, etc. Fortaleza de Parnaguá, 24 de janeiro de 1770.

Cópia do papel, que fêz da prisão, Bruno da Costa Filgueira, pág. 91.

Propõe Bruno da Costa Filgueira que vendo-se envergonhado pelo êrro, em que caiu, da parte, que deu em 5 de novembro, ainda que indisculpável; porque tendo descido pelo Rio do Registo até os Saltos em novembro de 1768 não tendo percebido mais do que a serra do mesmo Salto; com razão agora subindo pelo Petinga até as suas cabeceiras, e atravessando ũa serra, em cuja picada gastou mês e meio, e passada ela, procurando o Rio do Registo o achou com assento, e sem cachoeiras; e tendo naquela primeira viagem experimentado nêle esterilidade de peixe, o achou agora fértil; e acrescendo mais o ver dos montes fachinais, que na ocasião da navegação de 68 do plano do rio não tinha avistado; com o desejo ardente de fazer a diligência foi fácil enganar-se. Sem que se lhe possa argüir o enganar-se com o berrar de gados, porque a muitos sertanistas tem sucedido o mesmo, pelo fingimento dos tigres, que o fazem com muita propriedade; nem das fumaças,[2] porque certamente as viu, e sem contraversão se pode crer, e se capacitam, o que tem notícia daquele sertão, porque seguindo-se sôbre os mesmos Saltos em pouca distância os montuosos Campos de Aputerevu há 70 anos vistos povoados de gentio, que dúvida pode haver o haver nêles fogos, e não só êle os viu, como todos os mais camaradas, ficando só culpável na acelerada parte, que deu, devendo-a dar, depois de ũa exacta averiguação; e ainda nisto sofrível pela falta de experiência militar, e pouca civilidade, por não ter tido outra vida, que a do monte. Envergonhado, pois, disto, deseja com ardente resolução procurar nesta deligência ação, em que mostre, que o êrro não foi efeito da sua vontade, senão da ignorância: e se os erros são os estímulos para os acertos nos idênticos casos, para nenhũa deligência se julga êle mais hábil, que *para a mesma, porque para outra qualquer parte que vá ignorando-a* tôda, se lhe oferecem maiores dificuldades, que para aquela,

---

(1) Necessidades da gente.

(2) Estas fumaças, que viram, assenta-se serem corpúsculos, ou vapores áqueos, que o rio levanta com o impulso que faz a sua queda, quando se precipita do Salto abaixo.

de onde já tem conhecimento de parte, e agora bastantemente instruído com as notícias, que tem adquirido dos antigos, que as percebe com mais clareza, por ouvir, o que confere com o que viu.

Propõe mais, que logo, que conheceu o seu êrro, determinou curá-lo, procurando fazer a diligência de romper a Serra do Salto, aplicando tôdas as fôrças, e disvêlo, para o fazer de forma, que quando voltasse desta vila o próprio daquela sempre para êle lamentável parte, já tivesse feita a diligência, para o que a 12 de dezembro fêz partir a seu irmão Bernardino da Costa com 6 camaradas, dispostos a adiantar a picada, para que, tendo comodidade contra os impedimentos que lhe punha o capitão Antônio da Silveira Peixoto, partir a seu alcance, e fazer a deligência com ânimo de perderem as vidas primeiro do que imaginar ainda as maiores dificuldades, e sem embargo que o dito capitão lhe empediu êste desejo, prendendo-o, e remetendo-o, como o irmão já tinha partido havia 6 dias com aquela resolução, e o capitão Silveira o seguiu com a mesma ambição, e há mais de mês, que partiram, está nos têrmos de estar feita aquela deligência, ou por um, ou por outro, ou muito perto de se concluir, de forma que antes que partam as presentes canoas, que se aprontam, se há de ter cá a certeza do bom sucesso da diligência.

Descuberto que seja o fim do Salto, imediatamente se oferecem duas ações, ũa de prosseguir-se adiante a concluir o mais; a outra a de atalhar o caminho; pelo acomodado sem as dificuldades, que na primeira picada se encontraram, e os rodeios, que só depois de conhecidos os matos, se podem atalhar: aquela mais honorífica seja para o capitão e esta não menos laboriosa, será em que se empregue êle Bruno, e não com pouca utilidade ao serviço.

E se até aquêle tempo não tiverem vencido o Salto, parece que nenhũa injúria se faz ao capitão entregar-se a sua mesma esquadra, ou alguns dela a êle Bruno, para por distincta vereda, sem estorvar aquela, que o capitão tiver seguido, procurar avançar os saltos: porque com esta ação não se desperdiçam serviços, quando se multiplicam deligências necessárias; porquanto não estando feita a imprêsa até êsse tempo, parece de razão se multipliquem deligências, pois se verificam dificuldades; sem embargo do que, sacrifica a sua ob'diência a tudo quanto se lhe ordenar.

Aos 5 e 10 de março escreveu o Botelho de Parnaguá a Coritiba, dando ordens, para se enviarem socorros de mantimento, e pólvora às expedições do sertão.

A fl. 93 vem ũa carta escrita ao Silveira; desta resposta se infere, que o Silveira escreveu contra o Bruno, querendo persuadir, que não era diligente. Porém o Botelho convence a falsidade

desta acusação com argumentos indissolúveis, e *ad hominem*. Um dêles é o seguinte: "V. M.[cê] sendo muito activo gastou todo o tempo, que vai de 19 de dezembro até 5 de fevereiro em abrir ũa picada, que os camaradas venceram em 4 dias de marcha, quando vieram buscar mantimentos, e o Bruno em vinte e tantos dias abriu outra, a qual, diz V. M.[cê] que lhe custara infinito vencer, e passar em 13 dias: logo maior é o espaço de caminho que Bruno abriu em menos tempo, que V. M.[cê], e não se podendo negar, que V. M.[cê] é muito deligente somos obrigados a confessar que Bruno ainda o é mais".

Esta conseqüência não deduziu o Botelho por atenção ao Silveira, mas ela é a que se infere do seu convincente argumento. Diz nesta carta, que manda o Bruno para o sertão, onde estava o capitão Silveira e vai às suas ordens, para fazer, o que êle lhe ordenar; mas que lhe não concede faculdade para o prender. Ordenou mais, que entregasse logo a Bruno seu irmão Bernardino com tôda a mais gente, pertencente à sua esquadra, e da mesma sorte o trem, o que tudo constaria do recibo, que se fêz, quando prenderam ao dito Bruno.

A fl. 96, cópia das cartas, que vieram do sertão do Paraná, e vão remetidas a S. Ex.[a] em 27 de março dêste ano de 1770.

Sr. ajudante-das-ordens Afonso Botelho de S. Paio. Aos 7 de janeiro de 1770 com ajuda de Deus, e de Senhora Santa Ana, tenho chegado ao Rio Pará, em o qual me acho abarracado com 60 pessoas, ainda que com imenso trabalho; porém tudo esquecido pelo muito que desejava dar gôsto a V. S.[a]. Já V. S.[a] sabe, que cheguei distituído de tudo, quanto precisa tanta gente em um tão perlongado sertão: não tive a fortuna encontrar os índios, e nem menos os Campos de Guarapuaba, porque êstes o não têm, salvo se os têm retirado do rio, pois incluso verá V. S.[a] o mapa verdadeiro do rio, e com seus braços, e em ũa parte com muitos pinhais de ũa, e outra parte, que é do segundo salto para baixo, e onde os poderá ter: no último braço, que faz à esquerda acima na barra, como por dentro do dito rio, e na mesma madre em distância de três dias de viagem rio abaixo, habituaram muita quantidade de gentios, pois ainda topamos muitas bananas, e se comeu bastantes cachos, muita laranja doce e azêda, limões, cidras, canas do reino, e telhas feitas das nossas, e tão fortes, que pôsto um homem sôbre elas, as não quebrava. Declaro, que só dentro do rio tem sete bananais pequenos. Haverão 10, ou 12 anos, que dali desterraram não sei para onde.

Abaixo do 4.° e último salto, verá V. S.[a] ũa cruzinha no rio, que é até onde chegou ũa expedição, ou patrulha de quem quer que foi, que entrou do Paraná pelo rio acima, haverão dous meses,

mais dias, menos dias; pois o milho, que nos seus abarracamentos nasceu tem três palmos de alto, e as abobras, que por ali comeram, se estão ainda espojando sem flor. O número de gente, que marchavam, seriam 80 até 100 homens; dormiam êstes em ranchos, e armação de barracas duas.

O rio por onde desci, é trabalhoso pelas muitíssimas cachoeiras, de que é composto: tem 4 saltos, os quais vão marcados em o mapa: os 2 primeiros e segundos são maiores; o primeiro tem de alto 45 palmos, o 2.º 38, o 3.º 27, e o 4.º 16, porém todos com passagem, ainda que com risco, e trabalho. É êste rio muito farto de peixes vários, e cheguei a matar com anzóis feitos a facão, jaúzes de 7 palmos, e 3 dedos de comprido, e dourados de 5 palmos; porém como os mesmos peixes levaram os anzóis, têm-nos feito muita falta; pois avisando eu a V. S.ª carecia de anzóis, e fio para rêde, não tive a felicidade de ser lembrado; porém paciência, imos passando com algũa anta assada, e algum peixe sem farinha, nem sal, nem já pólvora, e chumbo, pois conservo quatro libras, para arma em algũa precisão. Fico abarracado da outra banda do Rio Pará, por achar ali comodidade em ũa ponta, que faz o rio, como V. S.ª verá, de onde para cima se avista 3 léguas, e para baixo 3, e meia: tem êste estreito até a Ilha Grande meia légua de largo, pois o rio todo, tirando-lhe as muitas ilhas, que tem em qualquer parte a sua proporção é de ũa légua de largo; rio muito fundo que pode por entre qualquer ilha navegar as maiores naus de guerra. É muito rápido de suas correntes. Declaro, que por ver vários sinais de paus cortados, e varejões novos rodarem pelo rio abaixo, me deliberei a parar, supondo, tenho perto a povoação Ubaí; pois para cima pertendo cedo dar com gente, que ao fazer desta mando um sargento para cima, e outro para baixo, examinar as correntes, e os estabelecimentos, que neste rio houverem, para dar verdadeira notícia, e me utilizar de algum fructo que puder haver dêles, pois se acha esta tropa muito debilitada.

Dou parte a V. S.ª em como ao descer do rio se alagou ũa canoa em ũa cachoeira, e se perderam várias ferramentas, duas armas de fogo, e algũas miudezas, e outras se têm quebrado no serviço, de que me acho distituído, em especial machados, e eixós, e facões, e algũas armas se têm desconsertado, pois não há preparos, para os poder ratificar, que bastava tivesse eu ũa safra pequena, martelo tanaz, limas, e aço que o mais tudo se remediava; pois tenho curiosos de ferreiro. Não peço nada a V. S.ª, pois como do que tenho pedido a V. S.ª nada cá me chega, pois não tenho recebido, senão 7 libras de açúcar, e não tenho a felicidade do capitão Estêvão, que até água ardente, e medicamentos

lhe enviou o ajudante eu nada participo, senão a misericórdia de Deus e do Santo Têrço, que é quem nos cura as infermidades do corpo; porém a desgraça é, Senhor, que o capitão Estêvão lá ficou, e eu tenho concluído a minha jornada, com ser fraco.

V. S.ª bem sabe, que se vem avizinhando a quaresma, que forçosamente nos havemos de desobrigar; e como nunca a deixei passar, sem desobrigar-me, será muito agre viver bàrbaramente. Requer-me esta gente, fale a V. S.ª seja servido mandar-lhes o seu pagamento vencido, e com êle algũa fazenda por conta d'El-Rei, para os miseráveis lhes não sair tão caro, como sendo particular.

Da minha parte não peço nada, pois como aqui careço tudo, e participando nada me aproveita, só o favor, que peço a V. S.ª é, que seja servido mandar-me suceder, pois agora está o caminho aberto, para qualquer Senhor vir tomar contas dêste lugar, e o mesmo desejo alguns, que com zêlo me têm acompanhado em tão penoso trabalho.

Gastei pelo rio abaixo um mês, e dous dias de jornada, não fazendo caso das falhas, e a um dos sargentos picou uma cobra no 3.º salto, e escapou milagrosamente. Um dos poucos que acompanharam ao tenente morreu afogado em ũa cachoeira, pertencente à companhia do capitão Estêvão, de nome José Joaquim Garcia, ao qual dei sepultura acima do primeiro salto: dos meus, graças a Deus até gora vivem com saúde. Bom será V. S.ª, se lhe parecer, mandar alguma estôpa para velas, pois que como o rio é um mar, e de muita corrente, é penoso andar sem ela. Tenho aqui 6 canoas, em que desci: duas ainda se não acabaram por falta de eixó goiva.

Conservei entre algũas fomes um pouco de feijão, para plantar aqui; porém pelo prolongado do caminho chegou encapaz de plantar: fico roçando, assim o lugar, como outra parte, para plantar o que Deus der. Tenho sangrado alguns doentes com um canivete meu de aparar penas. Veja V. S.ª nesta forma, o como poderei viver. Se V. S.ª não poser a estas infinitas necessidades providência, não sei, o como será o passarmos. Deus guarde a ilustre pessoa de V. S.ª por anos mil. O Grande Rio do Botelho, 10 de janeiro de 1770. Inútil soldado de V. S.ª Francisco Nunes Pereira. Diferença das aves, e animais da outra banda do Paraná, jacus são do tamanho de um piru, e as fêmeas são da pintura de ũa galinha de Angola, e a cabeça branca; os machos negros, de penacho, bico amarelo. Os tucanos do feitio que remeto a V. S.ª ũa cabeça, e bico. Os macacos brancos, cabeça negra, e rabo, que por não ter ainda tempo, não tenho tirado algũas peles, para mandar a V. S.ª Francisco Nunes Pereira.

A fl. 98 carta do ajudante Gamito: Sr. tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio. Em a noite do dia 13 me chegam cartas do Paraná, e há 2 meses, e 2 dias de viagem, pouco mais, ou menos, com 3 canoas, e 10 homens, os quais me trazem ũas cartas para V. S.ª que remeto com um bico de tucano, que vem da mesma parte já das terras dos castelhanos.

Da parte dacolá do Rio Paraná fica abarracado o capitão Francisco com a sua companhia um dia da barra do Rio de D. Luís para Paraná, por outro nome o Rio Grande do Botelho um dia de viagem abaixo em terras dos castelhanos, e neste pouco tempo não dão os homens mais notícias de que apenas chegaram ao Rio Grande do Botelho, festejaram esta chegada, ou aquêle mar com instrumentos marciais, e descarga de mosquetaria. Tem êste rio de largo ũa légua, em outra parte 3 quartos de légua, e com tal fundura, que botando ũa linha de 15 braças, lhe não chegou ao fundo. Tem pelo meio muitas ilhas, que detrás de algũas se podem ancorar armadas: três léguas para cima, e muito mais para baixo, muito pouca terra se avista, não havendo mais, que céu, e água ; e suposto se não tenha encontrado com gente algũa, contudo com muitos vestígios de gente católica tem topado, como são alguns bocados de telhas, e outras bem feitas enteiras como as nossas em tudo: ũa se achou nas margens do Rio de D. Luís já perto da barra com vestígios de armações de barracas, lugares de armas de fogo, e também de marmitas; ranchos bem feitos, aparada a palha com instrumento de corte, e ranchos bastantes em bom uso; portos de canoas feitos a enxada em diversas partes, tanto no Rio de D. Luís, como no Grande do Botelho. Em um rio, que cai nêle da outra parte, se acharam cidreiras, laranjeiras, e limoeiros azedos, e doces, e alguns bananais tanto no Rio Mourão, como por baixo da barra do Rio Douro. Da parte dos castelhanos há pássaros de diversas diversidades como também macacos brancos: no rio há peixes muito grandes salpicados de prêto, e branco, com dous palmos, e meio de cabeça, que pela bôca lhe cabe a cabeça do maior homem, e também há dourados mui grandes. O mesmo capitão se admira, de que no sertão houvesse tão grande mar. Tôdas estas notícias que me parece serão de gôsto para V. S.ª eu aqui fiz publicar em algumas salvas: fica o capitão para explorar o rio para baixo, e para cima, em que lhe chega o que a V. S.ª pede; a isto mandava dous soldados, espicialmente levar a carta, que remeto; mas não os deixei passar daqui na conformidade da ordem de V. S.ª de 2 de janeiro. Os soldados, que aqui estão, vêm mui nus, e é preciso algũa cousa, com que se cubram; porque além do muito que têm padecido, perderam alguns a sua roupa em o Rio de D. Luís: bem sinto eu

não ter aqui, com que os contentar por alvíssaras das notícias, que trouxeram, para só 5 que aqui estão, que os mais ficaram no Rio do Peixe. Deus guarde a V. S.ª muitos anos. Pôrto de S. Bento, 15 de março de 1770. De V. S.ª muito venerador, e servo, Manoel da Cunha Gamito.

RELAÇÃO DE ANTÔNIO DA SILVEIRA PEIXOTO

Hoje, que são 18 de dezembro mandei o alferes para Curiutuba com o sargento Bruno da Costa, do Pôrto das Almas, onde havia chegado o dito Bruno, e se me oferece fazer o roteiro seguinte; porque o que vinha fazendo desde Caiacanga o alferes por êrro o deixou na sua canastra, e é o seguinte.

Em 19 do dito muito cedo parti do dito pôrto com 7 canoas, e tôda a gente, que ali estavam rio abaixo para o Pôrto do Salto, e mandei ũa canoa adiante caçar: matou 2 antas, e cheguei ao Salto pelas 4 horas da tarde, onde mandei descarregar tudo, e arranchar a gente, etc.

Em 20, e 21, falhei no dito pôrto, onde pus o nome de Nossa Senhora da Victória,[1] e logo fiz armar ũa casa com armazém fechado para os mantimentos e barreado, grande, e deixei principiada outra no mesmo alinhamento do mesmo tamanho para quartel, e corpo da guarda, e mandei aprontar 17 soldados com cargas, para no dia seguinte marchar para diante em seguimento de 7 que a 7 dias tinha mandado adiante a fazer a picada ao rumo sudueste, atravessando o rio por ter a notícia que o dito corre ao sul, etc.

Em 22 muito cedo mandei marchar com cargas, incluso o sargento supra, ficando ali o do número comandando em falta de outro oficial superior, e lhe deixei ordem para acabar a casa, e descortinar grande terreno para praça, e continuei a marcha: poderia andar 3 léguas, e pousei ao pé de um ribeirão, a que pus o nome das Pedras, e é muito largo ali; por cujo motivo passamos com água pela cintura, e faz ali duas barras; para baixo, e para cima é de nado, e corre ao este por entre morros, etc.

Em 23 marchamos, e ao meio-dia alcançamos aos picadores ao pé de um muito grande morro, a que pus o nome Morro da Boa Vista por ser extremoso, etc.

Em 24 marchamos com a picada, e mandei seis soldados para trás a fim de serem menos, em razão do mantimento durar mais, e andamos cousa de ũa légua. Em 25 por festa marchamos com

---

(1) Pôrto de Nossa Senhora da Victória.

a picada 6 homens, e marcharíamos cousa de meia légua por causa de um muito grande taquaral, e pousamos ao pé de um ribeirão lajeado; e no dito dia se matou ũa anta, e quatro porcos, e o dito corre ao noroeste, e para baixo é de nado.

Em 26, e 27 falhamos por causa da muita chuva e subi a um pau, e não vi formalidade de rio, nem ainda muito longe, e todos os camaradas assentamos, que o dito rio para baixo corria ao norte, e íamos mal guiados: fiz ũa ponte, por ter crescido muito o rio por causa das águas.

Em 28 parecendo-me ia muito desviado do rio mandei a picada a oeste, encostando-me mais ao dito rio.

Em 29 marchamos por matos muito cerrados cousa de meia légua, e pousamos ao pé de um muito grande morro, a que pus o nome Morro dos Macacos, e matamos 4 porcos.

Em 30 marchamos 5 quartos de légua, e pousamos ao pé de outro muito grande morro, a que pus o nome Morro do Veado, por nêle se matar um.

Em 31 tornei a subir a um pau, e não se viram mais do que serrarias, tudo o que a vista alcançava: mais desconfiei de que o rio em baixo dava volta, e ia ao norte, e marchamos cousa de ũa légua.

Em o primeiro de janeiro mandei a picada ao noroeste, e matamos 4 porcos, e passamos dous morros muito grandes de bom mato, cousa de légua e meia, e pousamos ao pé de um ribeirão, que corre ao norte, e é muito turbo, por cujo motivo lhe fica o nome do Ribeirão Turbo, isto é não falando em imensidade de córregos, que tem por todo o caminho.

Em 3 marchamos ũa légua, e descemos um muito grande morro, a que pus o nome Morro de D. Luís, e ao pé dêle pousamos da outra banda do Rio do Sabão.

Em 4 falhamos por causa da chuva, e não houve novidade. Em 5 marchamos, e pelas oito horas me alcançaram dous soldados, que me inviou o tenente com cartas, que trouxeram, os que vieram de povoado com os mantimentos, e pelo meio-dia passamos um ribeirão, que tem grande demonstração de ouro, por cujo motivo lhe pus o nome Acungui, e êste ribeirão mais o dito acima correm ao rumo nordeste e por entre muito grandes morros, e há quem diga, é o afamado Inhanguera afamado dos antigos mentirosos.

Em 6 marchamos, e pelas 10 horas por grandes morros topamos um rio sem o ter visto, por vir por entre grandes serrarias, e topamo-lo em parte de ũa muito grande itaupava, que há de ter cousa de um quarto de légua, e com ũa cachoeira no meio.

Em 7, e 8 falhamos aqui, e foram 2 soldados rio abaixo a ver, se tem navegação, e 6 continuaram a picada por terra, e mandei 6 soldados, e um cabo para trás buscar mantimento, e a maior causa desta falha foi por estarem dous doentes, e foram 4 à caça, não mataram nada.

Em 9 marchamos ũa légua, e pousamos ao pé do Morro da Encruzilhada, e chegaram, (e chegaram) os que haviam ido a reconhecer o rio, dizendo, que haviam cachoeiras contínuas; mas que com grande trabalho se podiam passar canoas.

Em 10 marchamos duas léguas, beirando o rio, e caçando, não se matou nada, nem por tôda a beira do rio se achou pau capaz para canoa, que tudo é mato indigno. Em 12, foram todos à caça, a buscar um pau para canoa, e mataram uma anta com muito trabalho, e risco de um soldado, e acharam um pau de cedro, e a picada continuando. Em todos êstes dias não há palmitos nem caças, nem madeiras por tudo serem serras.

Em 13 mandei continuar a picada, e os mais botar o cedro abaixo, e fazer ũa canoa, a fim de ver, se no rio com canoa matavam alguma cousa, e estar de todo sem nada; e foram 4 buscar a dita anta, que antes tinham matado, e por estar longe, vieram de noute.

Em 14, eu, e 4 soldados continuamos o serviço da canoa, e no dito dia ficou virada, e saiu de 2 palmos, e meio de bôca, e 5 braças de comprimento.

Em 15 ficou quase acabada.

Em 16 acabamo-la, e fizemos os remos, e foram 4 caçar: não mataram nada.

Em 17 muito cedo parti rio abaixo, e parte da gente por terra pela picada: juntamo-nos à noute ao pé do rio, e os picadores atravessaram um grande morro, e ao meio-dia passamos um ribeirão com uns poucos de pinhos finos, que há muitos dias não víamos pinhos, e lhe fica o nome Rio dos Pinhos; e quando nos ajuntamos de noute, foi com grande trovoada de água, e ficamos molhados sem rancho. Em 18 falhamos por causa da muita chuva.

Em 19 mandei a canoa à caça, vieram a noute sem caça, e eu com 7 picadores: não houve mais novidade. Em 20 tornaram à caça, não mataram nada, e foram 6 para diante picar, e eu fiquei com 5 botando um pinheiro, que por furtuna achamos, para fazer outra canoa, por aliviar a gente das cargas, pela ver muito estruída.

Em 21 foram caçar, e vieram de noute sem nada, e ficamos sem ceia; nem um pássaro nem um peixe, nem um palmito há nestas malvadas serras.

Em 22 tornaram à caça, vieram de noute sem nada, e choveu muito; trabalhou-se na canoa com tolda.

Em 23, acabou-se a canoa. Em 24 foram dous a caça, dous a encontrar-se com os que vinham com o mantimento, e todos não vieram, dormiram fora. Em 25 foi a canoa ao rio, e acabou-se os remos, e os outros não vieram. Em 26 falhei à espera de todos, e à noute chegaram 2 com notícia dos mais. Em 27 chegaram todos os da caça sem nada, os das cargas com 8 e fugiram 2 soldados do caminho. Em 28 mandei 12 soldados com um cabo para trás a buscar mantimentos e levaram a canoa nova grande com muito trabalho pelas cachoeiras acima para o pôrto, para nela conduzirem as cargas por rio abaixo; e eu marchei a alcançar os que picavam, e os alcancei pelas 4 horas da tarde.

Em 29, marchamos 6 picando, e os mais com cargas, e corremos ũa anta, e com tal disgrácia, que andamos meio dia, e por fim foi ao fundo com um arpão metido, e no fundo se embaraçou, que não surgiu fora. Em 30 marchamos com a picada por terra, e 3 por rio com a canoa, e mataram ũa anta. Em 31 marchamos na mesma forma sem novidade. Em o primeiro de fevereiro marchamos sem novidade, e fêz-se um pilão, para socar o milho, e a canoa custou andar por causa de muitas pedras.

Em 2 do dito ao amanhecer achamos o terem os cachorros largado a canoa rio abaixo, por comerem o amarrilho, com que estava atada, e me deu grande cuidado, por não haver pau para outra; e mandei em seu seguimento 3 soldados, e até a noute não vieram no dito dia, e os mais continuaram a picada, e conduziram as cargas por terra. Em 3 marchamos na mesma forma, e os da canoa não vieram e pousamos ao pé do Ribeirão de Santo Antônio. Em 4 marchamos na mesma forma, e os da canoa sem vir. Em 5 marchamos na mesma forma, e foram 4 a caça, não mataram nada. Em 6 falhamos por causa das chuvas. Não há tempo para mais; em outra ocasião faremos melhor. Relação de Antônio da Silveira Peixoto.

Carta

A fl. 102 principia ũa carta do Botelho escrita a frei Antônio de Santa Teresa em Coritiba aos 29 de março de 1770, na qual lhe diz: — Pelos conductores das cartas do capitão Francisco Nunes soube que V. P. e o tenente tinham chegado primeiro que o dito capitão ao Rio Paraná. Muita glória adquire quem primeiro rompe as dificuldades e abre os caminhos, por onde se esperam, entre muitas felicidades, assim V. P. e o tenente foram os que

romperam primeiro os incultos Sertões do Tibagi e saíram ao mar do Paraná: de tão relevantes serviços esperamos muito fruto para o céu, e grandes utilidades para a nossa coroa, e podem ter esperança de serem atendidos, pois os seus merecimentos farão merecer atenção dos prêmios, de que se fazem acredores, os que com tão louvável zêlo se empregam no serviço de Sua Majestade, etc.

De ũa carta do Botelho escrita ao tenente Francisco Nunes da Silva em Curitiba consta, que ainda não tinha recebido cartas do dito nem do padre frei Antônio; consta mais que o Mota partiu com socorro em procura do dito, e que o sargento da sua companhia com 16 homens haviam desertado do Pôrto de D. Luís, ou mais abaixo.

De ũa carta que vem a fl. 107 escrita a Manoel Teles Bitancur, em Curitiba, aos 30 de março de 1770 consta, que o dito (era tenente do Silveira) estava no quartel de Nossa Senhora da Victória.

Adiante vem outra escrita a Antônio da Costa Pimentel, alferes do Silveira e principia: — Dá-me V. P. parte da sua viagem principiando em 15 de janeiro até 29 de fevereiro, etc.

A fl. 118 vem outra carta escrita ao Silveira no Pôrto de Nossa Senhora da Conceição aos 2 de abril de 1770 e dela consta, que haviam muitas desordens na tropa do Silveira motivada[s] da discórdia, e enredos que grassavam entre o tenente, e alferes. Para remediar êstes inconvenientes ordenou o Botelho, que o alferes fôsse logo em companhia de Bruno da Costa, que se restituía sôlto ao sertão, para a companhia ou lugar, onde se achasse o Silveira e que o dito Silveira em se achando abaixo do Salto Grande, chamasse logo o tenente para a sua companhia ou lugar, onde êle estivesse, e que no quartel de Nossa Senhora da Victória ficassem 6 homens tendo conta das cousas ali existentes, enquanto de povoado não mandasse êle Botelho pessoa, que se encarregasse das tais cousas. Ao alferes, e tenente escreveu repreendendo fortemente as suas discórdias, e cominando-os com rigorosas prisões, se não se emendassem.

Proibiu salvas em todo o caso, e com qualquer motivo, para evitar o disperdício da pólvora, e arrebatarem armas. Pôrto de Nossa Senhora da Conceição, aos 2 de abril de 1770.

A fl. 112v. principia ũa carta do Silveira da qual transcreverei as cousas, que poderão servir para a história: — Recebo a sua carta de 23 de março, em que me dá parte do grande trabalho, que tem tido nos riscos, a que se tem exposto, e as dificuldades que tem vencido para continuar a sua deligência, o que tudo lhe louvo muito e o zêlo com que se empenha a chegar ao fim da deligência a que vai: eu bem certo estou, que a não tomar V. M.ce a

resolução de se pôr na dianteira da sua companhia já tôda a gente teria afroxado, pois com o exemplo dos oficiais maiores se executam as emprêsas mais árduas: continue V. M.cê na sua deligência como até agora, e tenha a certeza de que hei de procurar todos os meios de que tenham recompensa os seus grandes serviços.

Vejo vai seguindo as margens do rio, e embarcado, quando êle admite navegação. Êste caminho é seguro, custará mais, e levará mais tempo, porém vai certa a diligência, pois vê as dificuldades que o rio tem, e chegando ao fim dêle sabe, o que nos fica para trás, para lhe darmos as providências que fôr possível, e assim continue V. M.cê como lhe parecer; pois quem até agora tem vencido tantas dificuldades também saberá vencer os impossíveis, que daqui por diante se lhe oferecerem.

Sinto ter morrido o camarada Miguel Cordeiro afogado na cachoeira. A disposição de ir o tenente para o pôrto, e prover mais portos, e saltos de gente para com melhor comodidade se transportarem as cargas me parece muito boa, porém é preciso ser da formalidade seguinte. Para o Pôrto de Nossa Senhora da Victória mando um destacamento de soldados pagos com seu oficial, para aí receberem, o que fôr de cima, e vir de baixo: com êles hão de ficar seis homens dessa companhia. O tenente mando vá para onde V. M.cê estiver; e de onde V. M.cê se achar até êste dito destacamento determine, pondo as guardas, e gente e comandantes que lhe parecer, para poder ser assistido com os mantimentos mais cômodamente que fôr possível. O destacamento que acima digo, fica-se aprontando para partir daqui no princípio do mês, que entra, e junto irão. O tenente Francisco Lopes, da companhia que foi de Estêvão Ribeiro, descobriu o Rio do Peixe, andando 2 meses, e 6 camaradas com muito pouca farinha, que logo se lhe acabou; e ùltimamente embarcou no Rio de D. Luís no primeiro de dezembro em 3 canoas com vinte, e tantos camaradas, e a matelotagem foram 6 surrões de farinha, pouco sal, e 4 libras de pólvora: com isto venceu tôdas as dificuldades do grande Rio de D. Luís, e chegou ao Paraná com muita glória sua, e crédito de todos, os que acompanhavam. Parnaguá, 11 de maio de 1770.

Os pontos desta carta, que não trasladei, contêm: Satisfações às costumadas queixas, e barbatadas do Silveira, e porque êle dizia, que era mal assistido, e para lhe mostrar, que a nenhum assistia com tanta abundância, trouxe o Botelho vários exemplos, e entre êles as necessidades e poucos provimentos com que Francisco Lopes conseguiu as suas emprêsas.

Advirto por notícia certa de quem melhor o podia saber do que ninguém, que Afonso Botelho misteriosamente mandou o te-

nente para a companhia do Silveira e não consentiu, que êste o deixasse atrás no lugar, onde determinava. Porque já ia suspeitando, que o Silveira se queria retirar para os castelhanos, e queria, que o acompanhasse o tenente para que esta companhia lhe servisse de obstáculo; e o empenho de não levar consigo tenente nem alferes coadjuvava as suspeitas. Pela mesma razão mandou o destacamento de soldados pagos, os quais iam a fim de estarem prontos, para irem prender ao Silveira em chegando algũa notícia de que se retirava, mas êste intento ocultava prudentemente o Botelho, para não desacreditar injustamente ao Silveira no caso, que a sospeita fôsse falsa, e êle obrasse com diligência movido sòmente do zêlo do serviço real, fazendo-se nesta hipótese merecedor, de muita atenção, e grandes prêmios.

A fl. 116v. Carta

Sr. capitão Antônio da Silveira Peixoto. A esta Vila de Curitiba chegou a grande parte da sua companhia que dessa expedição desertou, com cuja notícia vim logo acima acudir ao mal, que com a sua deserção faziam êstes exemplares da vileza; e aqui me acho dando providência a êste desmancho e para que não fiquem mal logrados os bons serviços que V. M.cê com seu trabalho vai fazendo a Sua Majestade acudo já com a maior prontidão, e brevidade, pois nestes 15 dias faço daqui partir gente bastante com algũa coisa, que fôr necessário e um oficial a fazer lá pagamento aos que com lealdade, e brio continuam na sua diligência e agora faço sòmente partir esta canoa com êste aviso a V. M.cê e aos mais oficiais para que tenham ânimo, e presistam nos lugares, em que se acham, que com a maior brevidade fico fazendo partir o socorro, que sem demora lhes chegará, e assim por nenhum caso hajam de vir para cima. Maior foi o meu cuidado, enquanto não soube, se com V. M.cê tinham ficado alguns, considerando se o deixariam só, por me dizerem era numerosa a tropa, que desertou, mas depois que soube, que V. M.cê tem consigo ainda alguns, fiquei mais sossegado; pois vejo que com êsses há de conservar a sua honra, e providenciar a maior necessidade até chegar o socorro, que estou fazendo expedir. Curitiba, 21 de junho de 1770.

Segue-se ũa carta escrita no mesmo dia ao tenente Manoel Teles Bitancurt, que estava em Nossa Senhora da Victória, e a carta principia assim : — Recebo a parte, que V. M.cê me dá da deserção dêstes fracos, e inúteis para tudo, em cuja conjunctura se houve V. M.cê muito bem, e tudo o que obrou lhe aprovo; porque quando é ocasião, gasta-se tudo, e por isso com acêrto quis V. M.cê

desfazer as barracas, sacos, e ainda os fardos de seu capitão para assim poder acomodar o absurdo, que intentavam; nem êle levaria a mal, vendo que era meio, por onde se podia obviar aquêle procedimento e visto que nem assim os pôde V. M.[cê] sossegar do seu desatino, não podia V. M.[cê] obrar mais; pois claro está, que por fôrça não tinha com êles partido, etc.

Nota-se que os desertores davam por motivo a fome, e desnudez, em que se viam; e por isso o tenente lhes ofereceu todo o mantimento que havia, e quis desfazer as cousas sobreditas para os vestir.

REGISTO DA ORDEM, QUE SE PASSOU AO GUARDA-MOR FRANCISCO MARTINS LUSSOSA.

Depois das expedições, que entraram pelo Pôrto de S. Bento, e têm navegado até a barra, que o Rio de D. Luís faz no Paraná, e as que entraram pelo Rio Grande do Registo e têm navegado por êle abaixo; conforme as partes, que têm dado os seus comandantes e mais oficiais, se faz preciso adquirir as mais notícias que se puderem alcançar dos sertões, que medeiam entre os dous rios de D. Luís, e Rio Grande do Registo até chegar às margens do Rio Paraná; e porque o guarda-mor Francisco Martins Lussosa pela experiência, que tem dos mesmos sertões, e grande vontade, com que sempre se tem empregado em tudo, o que é serviço de Sua Majestade acho ser o mais idôneo para esta deligência o nomeio cabo, e chefe dela; e para poder pô-la em execução, formará logo um corpo de 24 homens voluntários, aos quais se pagará 160 réis os dias que trabalharem, e forem apontados pelo dito chefe, e se lhe apontaram os mantimentos que estão assentados, e tudo mais, que consta da lista feita, para fornecimento da dita deligência, e como o dito guarda-mor a quer fazer só pelo reconhecido zêlo, que tem de servir a Sua Majestade sem vencer sôldo algum, e só quer 200$000 com[o] ajuda de custo, para se preparar, e prover do necessário enquanto nela andar, e que se lhe confira a mercê de guarda-mor, na forma do Regimento de Sua Majestade, das Minas, que descobrir nesta deligência, e atendendo à utilidade, que resultará a Sua Majestade e a esta capitania de tão importante deligência, lhe prometo a ajuda de custo, que pede de 200$000, que lhe serão pagos na forma, que temos assentado, e de ser guarda-mor dos descubertos, que fizer até chegar aos Campos de Guarapuaba, dando feito o caminho até os ditos campos, e daí a campanha na forma das ordens de Sua Ex.[a] Vila de Curiutuba, 23 de junho de 1770.

Esta ordem foi passada por Afonso Botelho de S. Paio e Sousa.

Sr. sargento-mor Francisco José Monteiro. As novidades, que têm ocorrido nesta expedição, de que é capitão Antônio da Silveira Peixoto, fazem ser indispensável o dar-lhe as providências necessárias; e porque não vejo pessoa, que possa ir ao quartel a dita expedição providenciar, o que é preciso, quisera que V. M.cê fôsse remediar as ruinas, que ameaçam tanta novidade, que ali tem havido, e espero da honra, com que V. M.cê serve a Sua Majestade, e do zêlo, com que até gora se tem empregado no seu real serviço, ponha tudo na melhor formalidade, que se requer, *para o fim, que pertendemos. Assim tanto que V. M.cê chegar ao* Pôrto de Nossa Senhora da Victória se informará das causas, que deram princípio às discórdias, que houve entre o tenente, e alferes, e o motivo, porque ambos se não conformavam para o bem do serviço de Sua Majestade e as causas do alferes fazer capítulos contra o tenente em nome do sargento e se êste fomentava a um, e outro para as ditas discórdias.

Informar-se-á V. M.cê do prejuízo, que houvesse em mantimentos, e mais trem desta expedição, e quem foi o causador dos ditos prejuízos.

A deserção, que fizeram 55 homens, que nesta ocasião acompanharam a V. M.cê se faz suspeitosa haver alguns dos oficiais consentido nela, o que V. M.cê examinará, e achando certo o haver quem consentisse, ou desse alguns conselhos, prenderá aos que achar culpados, dando-lhe baixa dos seus postos, e os mandará presos, sendo oficial, para o corpo da guarda da cidade de S. Paulo, indo daqui por terra; e a ser soldado, remeterá para a Fortaleza de Parnaguá, para todos terem o castigo, que merecerem.

Fará V. M.cê pagamento à gente que se achar no sertão; aos oficiais que tiverem bem servido, se pagarão 6 meses, porém aos que V. M.cê achar compreendidos em algũa culpa, e houverem de ser presos, não lhe pague V. M.cê tempo algum; aos soldados pagará V. M.cê 6 meses a cada um, exceto aos desertores, que agora partem, e a pouco partiram, como consta da lista, que V. M.cê leva; que a êstes se lhes pagarão 3 meses, ficando perdendo todo o mais tempo, que tiverem servido até que V. M.cê lhes faça o pagamento que suposto terem perdido com a deserção todo o seu vencimento; contudo, para que tenham com que cobrir-se o tempo, que hão de servir, se lhes pagarão os 3 meses, e do dia do pagamento em diante lhes correrá o tempo, para vencerem o sôldo.

Logo que V. M.cê chegue ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória, desobrigada a gente que aí se achar, fará V. M.cê partir o

tenente com aquela gente, que lhe parecer, em direitura aonde se achar o capitão, levando-lhe os mantimentos e munições, que lhe fôr possível, e *mandará V. M.cê ao capitão que lhe venha falar aonde V. M.cê puder chegar, para que êle e a gente, que o acompanha, possa confessar-se, e informar a V. M.cê da sua conducta, e do mais que pertence a esta expedição.*[1]

Como também fará V. M.cê por se avistar com o tenente Bruno, a ser possível, para que êste o informe do estado da sua conducta, e do que tiver encontrado no sertão, e lhe determinará o caminho, que há de seguir, conforme as ordens, que levou: isto é, ou seguir adiante do capitão Silveira, parar em algũa parte, e voltar para trás abrindo caminho; ou encorporar-se à companhia de Francisco Nunes, de que êle é tenente.

Um dos principais motivos, porque V. M.cê deve falar com o capitão Silveira, e Bruno da Costa, é para consultar o meio de abrir caminho, por onde possa mais fàcilmente haver comunicação, para nos livrarmos do grande trabalho, e dificuldade dêste rio, procurando por outros rios, que encontrem nas suas cabeceiras, a menos distância, que puder ser, para se transportarem de uns a outros, o que fôr preciso, e dêles desaguando acima do Salto, e abaixo fiquem vencidas as dificuldades que nos embaraçam a facilidade, que é preciso haver, para a subsistência desta expedição.

Tudo o que V. M.cê julgar, é preciso dar providência, determinar, e dar as ordens necessárias para o bem desta expedição, o fará como julgar melhor para o bem do serviço de Sua Majestade que eu farei comprir tudo, o que V. M.cê ordenar. Deus guarde a V. M.cê muitos anos. Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga, 11 de julho de 1770.

Com o sargento-mor foi padre para desobrigar a gente.

Também na mesma ocasião foi o sargento pago Cândido Xavier de Almeida, da Praça de Santos, e levou ordens que estão no livro a fl. 120v. O capítulo mais notável é o 2.º, que diz assim: — Chegando ao Pôrto do Salto, ou onde mais conveniente fôr, pedirá ao sargento-mor aprovação do lugar, onde há de estabelecer o registo, e no lugar, que assim fôr aprovado, se deixará ficar com os 4 soldados da praça, e os mais que o sargento-mor lhe puder deixar, que serão 10, ou mais, ou menos; e as armas, que fôr possível, que não serão menos de 8, e daí para cima as que puder ser. Os outros capítulos se reduzem, a que guarde, e receba o trem, e mantimentos que vierem, não deixe passar pessoa para cima, nem para baixo, sem serem enviados ao serviço, por

(1) Nota — Para o prenderem, se se provassem as sospeitas.

quem os possa mandar; e que com a sua gente, e com tôda a mais, que ali chegar, e estiver desocupada faça roças, e plante em tempo oportuno.

Em 12 de julho de 1770 embarcou para a expedição do Rio do Registo no Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga em 9 canoas o seguinte.

Comandante o sargento-mor Francisco José Monteiro; capelão o padre coadjuctor de Coritiba Inácio Álvares Machado; o sargento Cândido Xavier de Almeida.

Soldados pagos da praça	4
Soldados da expedição reclutados em Parnaguá	20
Soldados da expedição que tinham desertado.	35
Pagador da expedição João Cardoso.	

Os quais todos rodaram rio abaixo no dito dia às 3 horas da tarde, e diz o livro, que iam com muito contentamento.

A fl. 122 vem ũa carta, da qual se infere que as companhias de Francisco Nunes, e a outra que tinha sido do Baião não viram até 18 de julho de 1770, se não o primeiro pagamento que se lhe fêz dos 3 meses adiantados.

BANDO QUE SE FÊZ PUBLICAR NA CIDADE DE SÃO PAULO A RESPEITO DE SE FRANQUEAR O SERTÃO DO TIBAGI

D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão Morgado de Mateus, fidalgo da casa de Sua Majestade e do seu conselho, senhor donatário da Vila de Orelha do Marão; alcaide-mor, e comendador da Comenda de Santa Maria de Vimiosa, da Ordem de Cristo, governador actual do Castelo da Barra de Viana; governador e capitão-general da Capitania de S. Paulo, etc.

Faço saber, que sendo Deus servido por sua infinita misericórdia abençoar as minhas disposições, permetiu que se descobrisse, e penetrasse o grande Sertão do Tibagi vencendo dificuldades insuperáveis; e porque desta diligência se podem seguir grandíssimas utilidades, não só pelo que respeita ao real serviço de Sua Majestade Fidilíssima mas também pelo que toca ao bem comum de seus fiéis vassalos : Exorto a tôdas as pessoas geralmente de tôda a condição, e estado roguem a Deus pela conservação, e aumento desta filicidade, e declaro, que eu franqueio os sertões desta capitania dando licença ampla, para nêles se procurar ouro, dando ao manifesto, para se mandar repartir conforme as ordens, que há nesta matéria; e espicialmente franqueio o grande sertão

novamente descoberto, a que dou o nome de Minas dos Prazeres do Tibagi; e aos que se quiserem empregar neste útil, e louvável serviço, atenderei como me facultam as reais ordens de Sua Majestade com muitas franquezas, privilégios, e despachos honoríficos, e de conveniência conforme ao merecimento dos serviços, que cada um fizer: e todo aquêle que.

AUTO DE PERGUNTAS, QUE MANDOU FAZER O AJUDANTE-DAS-ORDENS AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA PELO TENENTE JOAQUIM COELHO DA LUZ, SEREM INQUIRIDOS OS DESERTORES DA EXPEDIÇÃO DO RIO DO REGISTO DE CURITIBA.

Havendo desertado da expedição, que entrou pelo Rio do Registo de Curitiba de que é comandante o capitão Antônio da Silveira Peixoto, 55 homens, vieram êstes encorporados à Vila de Curitiba, e apresentaram-se ao capitão de auxiliares Miguel Ribeiro Ribas, dizendo-lhe, que vinham daquela expedição, para a qual não queriam mais tornar, e que para o mais, que dêles quisessem determinar, estavam prontos: e dando disto parte o dito capitão ao tenente-coronel, e ajudante-das-ordens, subiu êste logo a Curitiba levando em sua companhia ao tenente Joaquim Coelho a devassar esta deserção, para castigar entre aquêles todos os que tivessem mais culpa: e chegando a 19 de junho de 1770, no dia 20 principiou a inquirir a cada um de per si debaixo de juramento na forma, que ao diante se vê.

Até qui são palavras formais do livro; a fl. 127v. segue-se o depoimento de 15 desertores, os quais todos assentaram, que fugiram, por estarem nus, padecerem muitas fomes, e não poderem com o trabalho. Juraram alguns, que lhes davam sòmente (às vêzes) meia quarta de farinha para 10, e 15 dias: Item disseram alguns, que fugiram, por estar acabando o tempo, que deviam servir conforme a promessa, que lhes haviam feito, quando os alistaram. A sentença, e castigo, que tiveram trasladarei no fim se houver tempo para isso; e a substância dêle é, que os desertores tornaram para o sertão do Rio do Registo pagando-se-lhe sòmente três meses de sôldo, e o mais tempo perdido; excetos os três irmãos João de Lara, Narciso de Morais, e Felipe de Lara, e os cabos-de-esquadra Inácio Gonçalves, e Jerônimo Gomes, que foram remetidos para as galés da Fortaleza de Parnaguá, por serem* cabeças de motim.

A fl. 133, conselho-de-guerra feito neste quartel de Nossa Senhora da Victória aos 11 de agôsto de 1770.**

(*) *terem*, no original.
(**) *1720*, no original.

Em presença do sargento-mor comandante da expedição, Francisco José Monteiro, e como escrivão o sargento Cândido Xavier de Almeida e Sousa.

Atendendo a(a) se haverem passado 5 meses desde março, em que do capitão Antônio da Silveira Peixoto houveram algũas notícias, e da tropa, que o acompanha, sem poder se fazer verdadeira ponderação da causa de não haver dado partes do seu estado, como devia, e como costumava, prevendo, que isto nascia de causa extraordinária, resolveu o sargento-mor Francisco José Monteiro consultar esta causa, e as suas providências, e os oficiais, e pessoas de mais carácter, que presentes dessem o seu voto; e achando-se o soldado Manoel Pereira da Silva, como sargento do destacamento dêste Registo o sargento José Lourenço das Neves, o pagador João Cardoso da Silva, e como alferes, ou oficial desta tropa o sargento Cândido Xavier de Almeida e Sousa, a todos lhe foi proposto o seguinte.

Que *ex vi* desta demora, e indecisão, que fica dita, o que julgava cada um, que haveria sucedido ao dito capitão Antônio da Silveira Peixoto com a sua tropa; e juntamente ao tenente Bruno da Costa Filgueira e ao alferes Antônio da Costa Pimentel, que em outra escolta o seguiam.

Até qui são palavras do livro. Em primeiro lugar votou o soldado Manoel Pereira da Silva, em segundo o sargento José Lourenço das Neves, em terceiro o pagador da tropa João Cardoso da Silva, e porque do que êste referiu se colhe algũa notícia para a história, traslado o princípio do seu voto.

Que *ex vi* das notícias que dá o soldado José da Silva, desta companhia, sendo a mesma, que se colige do cabo Cristóvão da Rosa, que com êle veio, sendo conhecidos pelos seus oficiais por verdadeiros e fidedignos, e últimos, que vieram e[n]viados do capitão, julga concordes, e verdadeiras, pois dizem, que com o dito capitão navegaram pelo rio abaixo quatro dias, sem encontrarem obstáculo algum, sendo largo, e navegável: que da parte direita descobriram ũa ponta de campo com macega, e que pertendia o dito capitão ao depois de montá-la, fazer exame do que era; e da mesma parte se descobriam fumaças continuadas: e que da parte esquerda se ouvia um rugido grande, que julgavam ser algum deforme salto, que ali ficava, ou fora da navegação, ou em algũa volta do mesmo rio; mas que pela distância se não podia examinar; e que neste comenos foram enviados, deixando a seu capitão já fora de serras, e onde já matavam algũa caça, como porcos, antas, etc.

À vista do que julga ser êste salto, o de que tratam os antigos, ao pé do qual também dizem, se acha ũa aldeia com muitos

índios: pelo que lhe parece, que o dito capitão com a sua tropa teve encontro com os ditos índios, e encontrando maior fôrça, esta lhe impidiu o passo, para retirar-se, etc.

Em quarto lugar votou Cândido Xavier. Depois de assentar que o Silveira e Bruno com todos quantos os acompanhavam, estavam prisioneiros, foi de parecer, que os não procurassem; porque se a tropa estivesse bem, logo havia de tornar, ou haver notícia dela, e se estivesse perdida, como supunha, escusado era gastar tempo debalde em buscá-la. Em quanto ao remédio assentou, que de tôda a tropa se escolhessem as melhores armas, e se aprontassem 30, ou 40 homens bem armados, e municiados; e êstes sargenteados pelo sargento José Lourenço das Neves, e comandados por êle Cândido Xavier, com quem iriam também alguns soldados pagos, marchassem por terra, e pelo rio, a entrar pela parte direita dêste sertão, especialmente por essa ponta de campo, que se descobriu, para ver se por êste meio se concluía a diligência que era objecto de tôdas as expedições.

O sargento-mor Francisco Monteiro ouvindo os pareceres retro atentamente, decidiu na forma seguinte.

Que concorda com todos, em que o dito capitão Antônio da Silveira Peixoto se acha prisioneiro *ex vi* da falta de partes, e notícias, que tem havido; e assim também o tenente Bruno da Costa Filgueira, etc. À vista do que resolveu:

Que conforme o parecer do alferes Cândido Xavier de Almeida marchasse êste com 32 soldados bem armados, e municiados, com o sargento José Lourenço das Neves a investigar o sertão pela parte direita na forma do parecer antecedente.

Que por ter já o tenente Manoel Teles de Bitancur marchado para o Pôrto do Funil[1] a fazer canoas, e aprontar as passagens em ordem de marchar para dentro do sertão, não prossiga adiante, e fique no dito Pôrto do Funil, onde ficará fôrça de gente em companhia do dito sargento-mor comandante para as conduções dêste Pôrto de Nossa Senhora da Victória para aquêle a fim de se dar socorro para diante de mantimentos no caso de ser preciso.

Que neste Pôrto da Victória fique o soldado Manoel Pereira da Silva encarregado de tudo, que estava o alferes Cândido Xavier de Almeida *ex vi* de ser tão útil ao real serviço o marchar êste para diante a ver, se conclui a indecisão desta diligência como dêle se espera, sem intentar, nem ir contra a ordem do tenente-coronel inspector, e ajudante-das-ordens Afonso Botelho de S. Paio e Sousa.

---

(1) Pôrto do Funil.

Que para o bom regímen dêste Registo deixasse o dito alferes ũa instrução ao sobredito soldado alvorado Manoel Pereira da Silva.

Declarou, que deixava ao tenente Manoel Teles pretirido nesta diligência, deixando de executar a ordem de o fazer encorporar ao seu capitão por não haver dêste notícia, ficando esta execução, para quando houver notícia do dito capitão, e por estar o dito tenente molestado, e impossibilitado para a sobredita diligência.

Dispôs da forma seguinte. Que a tropa que marchará, embarcará em duas canoas com 16 homens, e por terra igual número de gente escoltados pelo sargento José Lourenço das Neves, e a todos mandará o alferes Cândido Xavier de Almeida e Sousa. Irão sempre em conserva uns pelo rio, outros por terra, de forma que possam uns socorrer a outros em caso preciso. Que examinando qualquer dificuldade ou cousa memorável, mandará logo parte, e de tudo quanto acontecer, para lhe dar providência: e que não havendo obstáculo considerável, continuasse a diligência como determina, e conforme a ordem do Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. General.

Que nunca molestasse ao gentio (caso encontrasse) nem necessidade muito grande, e que pelo contrário com qualquer gente, que encontre, fará boa harmonia, mostrando a todos bom afago, e sinais de paz; e deixando o mais para o determinar por escrita ao dito alferes, se assinou. O sargento-mor comandante desta expedição. Francisco José Monteiro. Como escrivão do presente conselho. Cândido Xavier de Almeida e Sousa.

Todo êste voto, ou decisão vai trasladado por *formalia verba*.

De ũa carta que vem a fl. 139 consta, que as 2 companhias de Francisco Nunes, e Baião, depois de estarem nas margens do Paraná, se reduziram a ũa só, e ficaram sendo capitão ao tenente Francisco Lopes; tenente ao alferes José da Silva; alferes o sargento Joaquim Pereira da Silva, e ao Mota sargento.

A fl. 140 foi ordem ao novo capitão Francisco Lopes da Silva, que estava em Guatimi, para que êle com tôda a gente, que tinha entrado pelo Sertão de Tibagi, tornassem ao Rio de D. Luís a receber o seu pagamento e que depois de pagos fizessem um estabelecimento na parte mais ventajosa; e porque se presumia, no lugar onde acharam bananeiras fôra Vila Rica, destruída, lhe ordenou, que fizesse muito por descobrir o lugar da dita vila, e achando-o, nêle se situasse; porque se esperava, que daqui fôsse

socorro para tôdas as povoações, que se fizessem nas vizinhanças do Paraná. Estas ordens mandou de S. Paulo onde se achava.

A fl. 140v. consta, que o capitão Francisco Nunes morreu das partes de Guatimi, ou ali mesmo, com todos os sacramentos.

CÓPIA DAS CARTAS, QUE EM 19 DE NOVEMBRO DE 1770 RECEBEU AFONSO BOTELHO NA CIDADE DE SÃO PAULO, VINDAS DA EXPEDIÇÃO DO RIO DO REGISTO.

Alvíssaras pede na presente conjuntura o meu afecto a V. S.ª como tão enteressado em quanto é do seu empenho; pois quis a fortuna permitir-me a de acampar-me aos 19 do corrente mês de setembro neste[s] diliciosos campos por mim cognominados de Nossa Senhora do Carmo, pois foi quem ali me trouxe também dirigido, como se dêle tivera muita notícia.

Aos 26 de agôsto embarquei no Pôrto das Capivaras[1] com 32 soldados, um sargento, e um tambor, como já dei parte a V. S.ª, e chegando ao Funil em 3 do presente mês de setembro com 10 dias de viagem por causa do muito mau caminho que encontravam, os que marchavam por terra, por não caberem nas canoas, que eram só duas muito pesadas, mal feitas, e pequenas. Ali falhei uns dias, enquanto se faziam cêstos para a condução por terra para o pôrto de *baixo, a que chamam do Botelho, e enquanto*, se fêz caçada para alimento da tropa.

Aos 6 marchei para o dito pôrto de baixo, e chegando ali aos 7 pelas 9 horas da manhã, por algumas observações julguei ficar-me campanha perto; pois além de serem os morros muito baixos na margem do rio, para a parte direita são despenhadeiros: além disto há grande multidão de papagaios, e outros pássaros, que só vivem em campos.

Neste mesmo dia pelas 7 horas da noute descobrimos para a parte direita na cont[r]a-costa um grande clarão, que julgamos ser queimada, cujas cinzas no dia seguinte caíam sôbre nós. Então fiz aprontar ũa esquadra de 8 homens com um cabo inclusive, e o sargento José Lourenço das Neves moniciados com 11 cartuchos.

Aos 9 fiz marchar ao dito sargento com a escolta referida, e lhes determinei, o que consta da cópia inclusa.

Aos 10 logo pelas 9 horas do dia chegou o dito sargento com a feliz notícia, de que em meio dia de picada saiu no campo, achou grandes roças do gentio de muito feijão, abobras, e todo o gênero. Entrou em um paiol, onde tudo estava empilhado em cêstos

(1) Pôrto das Capivaras, acima do Funil.

muito grandes: acharam duas pilhas de pontas de frechas de pau, que estavam ao sol a enxugar-se; porém em nada tocaram, como levavam por ordem: tão sòmente trouxeram ũa espiga de milho muito vermelho, que remeto a V. S.ª Eram muitas as estradas, que naquele lugar haviam, e muito freqüentes para as grandes roças, que ali se acharam. Em ũa noute, que ali pousaram na beira do mato escondidos, ouviram bradar por duas vêzes: no dia seguinte (que foi quando exploraram o conteúdo) acharam pisadas frescas; porém em todo o tempo não encontraram pessoa algũa. Acharam muitas abelheiras tiradas, e paus cortados, ranchos feitos com muita curiosidade; mas nada cortado com ferro, senão tudo com cousa de pedra. Era êste lugar um vergel muito ameno, e em tudo delicioso, circulado de ũa restinga de mato, por cima da qual para o nascente se divisava grande campanha, e muito alta. Com isto se comunicaram ao pôrto com hora e meia de viagem, pelas voltas da picada, que por caminho direito se fará em muito menos. Refletindo, em que não era conveniente deixar a campanha geral, onde podia estar o gado, e cavalos, se houvessem, para meter-me naquele rincão, onde, pelo ser, se plantava; e prevendo, que para o caminho que fàcilmente se pode fazer pelo meio do campo para os Gerais, ou Caiacanga, servia de obstáculo o rio, a que chamam Capivaruçu, que divide o campo, e desagua no Funil, deliberei-me a voltar para o pôrto de cima, para por ali buscar a entrada.

Aos 11 logo marchei para o dito pôrto. Aos 12 despachei ao sargento com 30 homens a buscar o campo; e porque aqui fica mais distante, voltou aos 16 com a notícia de achar em distância de 5 léguas a Campanha Grande, que fica do Rio Capivaruçu para a parte do sul, trazendo de ũa pequena roça, que ali se achava (a qual julgo seria feita de passageiro, pois do rio para cá não há povoação, ao que mostra) alguas morangas de muitas, que acharam; o milho, e feijão, que remeto a V. S.ª e juntamente essa ponta de flecha que também se lhe achou na roça.

Aos 17, mandei picadores, e abriu caminho, o qual é muito plano com poucas subidas, e muito perto, e marchando eu aos 18 com tôda a tropa, aos 19 acampei-me no lugar mais superior, onde achei um córrego para a serventia da tropa, e fiz logo um modo de fortificação, cuja planta remeto a V. S.ª

É o que até qui tenho descuberto; e porque para mais não houve *ainda tempo, só digo a* V. S.ª *que há campanha muito ale-*gre, e muito extensa de forma que (para o decifrar melhor) não se lhe descobre fim: vai sempre acompanhando o rio na grande volta, que êste faz, pela qual julgo, que por direito daqui a Caiacanga serão 10, ou 12 dias de viagem. Eu já mandara explorar

o campo para o caminho se tivera fôrça de gente, e munições, para ir, e para ficar; mas com tão pouca fôrça, nada posso obrar mais do que conservar-me neste lugar, enquanto puder, até V. S.ª determinar-me as suas ordens. O gentio ainda me não sentiu e me admira, distando dêste lugar tão sòmente as duas léguas, pouco mais, ou menos, para o norte, que para as mais partes ainda não sei. De gado ainda não há notícia; mas julgo impossível deixar de o haver em tão lindos, e extensos campos, e muito mais me confunde o ver, que o gentio conserva verdes, queimando o campo em quartéis, o para que ainda ignoro. Eu já pudera mandar a V. S.ª algum gentio à mostra; mas o não faço, tanto por não saber, se será do agrado de V. S.ª como por ver, que esta sorprêsa os há de escandalizar; e como em ũa, ou outra volta aqui os espero, e para ver se os posso reduzir, não tenho com quê, mando vir do Pôrto da Victória um fardo de fazenda de 3 que ali tem o capitão Silveira para dêles tirar algũa cousa, que para êsse fim possa servir. Não dera à Fazenda Real êste dispêndio, se eu tivera com quê; mas sendo tal a minha limitação, qual V. S.ª conhece, não posso deixar de obrar assim, sendo do seu agrado.

Como V. S.ª me ordena, lhe avisasse do bom, ou mau estado desta expedição, sou a dizer-lhe, que o capitão Silveira com o projecto de adiantar o serviço, está em estado de se lhe não poder dar socorro, mais do que algum pouco para o seu regresso; pois influído em adiantar-se, não mediu a grande distância, em que está; o inavegável rio, que tem passado, incapaz de se continuar a sua navegação pelos muitos saltos, cachoeiras, e mais perigos, que nêle se encontram, como eu experimentei, vendo-me por duas vêzes perdido, como se prova com o lamentável falecimento do tenente Bruno da Costa que Deus haja;[1] e assim mais lhe serve de embaraço o grande número de gentios, que lhe fica já na rectaguarda em tôda esta campanha, em que estou, sendo o rio para baixo mais arriscado, e pior navegação, como dizem; julgo outro Acreonte; pois se até qui é tão má navegação, que além do risco das vidas tôda a munição de bôca se perde molhando-se, e alagando-se, como eu experimentei, quanto mais para baixo, que além de ser peor, é maior e muito distante. À vista disto resolva V. S.ª o que melhor julgar. Sendo V. S.ª servido conservar-se êste lugar, rogo-lhe mande mais gente, armas, e munições, especialmente balas, que sòmente há as que já disse a V. S.ª e as espero na primeira ocasião: como também alguns algodões, barretes de pisão, fitas, miçangras, pentes, etc., para com êles se afagar êste gentilismo, e mais que tudo capelão, para os batizar, casar, etc.

---

(1) Falecimento de Bruno da Costa.

Por certo causa pena o ver desertos tão lindos campos, e terras para a planta tão excelentes, como para a criação, sendo um dos meios para reduzir a êste gentilismo o fazer aqui povoações. A gente para êste efeito podia entrar pelo novo caminho, que se abrisse daqui em bem poucos dias pelo campo, livre de contradições do rio, havendo para isso gente, e armas, por se ignorar o que estava a meia pampa. Para descortinar tôda a campanha, 30 ou 40 homens de cavalo : pois com muita brevidade o fariam, vendo-lhe o têrmo, e pondo tudo doméstico.

Muito extenso tenho sido, como tal muito enfadonho ; mas para que nada falte, rogo* a V. S.ª (não pelo meu, porque além de o não merecer, entrego a seu afecto, e a sua lembrança) mas sim pelo aumento do sargento José Lourenço, pois é em tudo merecedor, por muito obediente, e pronto no real serviço, oferecendo-se para tôdas as ocasiões com a vontade, e zêlo, e desembaraço.

Não tenho mais, que rogar a V. S.ª senão que a brevidade das suas ordens a respeito do conteúdo, e em tudo** rogo a Deus guarde a V. S.ª por largos anos, como sabe desejar. Forte de Nossa Senhora do Carmo, em Campo Alegre, aos 22 de setembro de 1770. De V. S.ª o mais obrigado soldado, e fiel súbdito Cândido Xavier de Almeida e Sousa.

COPIA DAS ORDENS QUE DEU O ALFERES CANDIDO XAVIER, QUANDO MANDOU UMA ESQUADRA DE SOLDADOS EXAMINAR OS CAMPOS, CUJO NOME É DE NOSSA SENHORA DO CARMO.

Conforme a resolução do conselho-de-guerra de 11 de agôsto no quartel de Nossa Senhora da Victória, em que se resolveu, entrasse eu a êste sertão a ver se descobria os campos, que há muito se solicitam, *ex-vi* das queimadas, que se observam, e freqüentes fumos na contra-costa pela parte direita dêste rio, ordeno*** ao sargento José Lourenço marche com ua esquadra de 8 soldados, e um cabo inclusive, bem armados, e moniciados a examinar o lugar, e a origem dos ditos fumos com muita cautela, e vigilância bem entendido, que no têrmo de 8 dias se há de achar de volta neste lugar com a notícia que no decurso do referido poder averiguar. Se forem as sobreditas queimadas do gentio, como supomos, e tiver com êstes algum encontro, não os ofenderá de algum modo,

(*) *roga*, no original.
(**) *tanto*, no original.
(***) *ordens*, no original.

mas antes pelo contrário se humilhará muito e fará a diligência por tratá-los, e por reduzir a algum, a que o acompanhe a êste lugar; mas se o quiserem ferir, ou o presionar, far-lhes-á o fogo mais vivo, que puder, em defensa sua, e assim se irá retirando fazendo por haver algum no modo possível. Todo o conteúdo se entende no caso de ser sentido, do que deve livrar-se, quanto puder, fazendo a sua averiguação sub-repticiamente e recolhendo-se com a notícia. Pôrto do Botelho, 8 de setembro de 1770. Cândido Xavier de Almeida e Sousa.

CÓPIA DA CARTA DO TENENTE CÂNDIDO XAVIER ESCRITA DO PÔRTO DE NOSSA SENHORA DA VICTÓRIA A 24 DE OUTUBRO DE 1770 A AFONSO BOTELHO.

Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Logo que acampei nos campos de Nossa Senhora do Carmo dei parte a V. S.^a^ do que té então pude observar e agora o faço, do que me mostrou a experiência, 15 dias estivesse nos ditos campos, explorando para tôdas as partes, sem descobrir mais do que campo, e gentios : fiz diligência por ver se haviam animais, dos quais nem vestígios achei. Mandei fazer contínuo as caçadas, por ver, se havia modo de nos alimentarmos, mas toda a diligência se frustava, sem jamais descobrir cousa, que suprisse a falta de mantimentos, que experimentamos. Em êxtase me vi, sem saber o como melhor acertaria com o gôsto de V. S.^a^ e com a segurança da tropa: ocorria-me mandar canoa para cima buscar socorro; mas receava a muito má navegação do rio, e juntamente via a pouca gente, que me ficava em lugar arriscado, e dessa muita inútel; mas porque vi, que o gentio nos podia pôr em consternação com nos infestar o caminho do pôrto, sem podermos dali buscar recurso para parte algũa sem infusão de sangue, segundo nos indicavam com continuadas queimadas ao redor do acampamento, e refletindo, que naquele lugar não guardava poio, passo, ou presídio, e que nos sobreditos campos por qualquer parte se pode entrar logo do Rio Petinga para baixo, sem tanto risco, nem dilação, como está visto: me resolvi a retirar para o Pôrto do Funil, para ali havermos do rio algũa caça, para sustento da tropa, que não havia de qualidade alguma, como fiz executar ao primeiro do corrente, mas ao depois de mandar ũa partida buscar uns tantos gentios, que nos vieram pegar fogo ao pé do forte, para ver, se os reduzia; e como os não pudessem encontrar, nos retiramos. Aos 2 chegamos ao dito Pôrto do Funil, onde nos acampamos, e por nos faltar a caça, e a julguei muito contingente, a todo o risco

despachei aos 4 ũa canoa para cima com 6 soldados a buscar mantimentos, ficando ali sòmente com um bom cão de caça, e outro principiante. Aos 5 mandei fazer caçada, e matando-se ũa anta pouco acima do pôrto, foi preciso embarcá-la no do caminho, que sai ao campo: estando nesta diligência quatro camaradas muito alheios do caso, repentinamente lhes saíram de ũa emboscada ũa grande partida de gentios a querê-los sobprender com as frechas sôbre êles, fazendo grande alarido. Ocorreu a Bento de Siqueira, soldado curitibano, que se achava na canoa, o pôr-se de joelhos, e bater-lhe as palmas, com o que suspenderam o ímpeto; e porque os soldados logo botaram a canoa para o largo, mostravam êles os índios as frechas, e os chamavam com ũa nunca vista língua; mas vendo, que lhes fugiam, muito irritados batiam nos peitos ameaçando. A êste tempo mandei disparar ũa arma cá no acampamento, com que caíram todos por terra, e fugiram para o mato, matando nesta ocasião o nosso cão melhor, que havia passado a outra banda, quando viu os soldados embarcando a anta. Logo que a canoa chegou ao nosso pôrto fiz embarcar gente armada, e mandei buscar a anta, que havia ficado, como quem dela precisava tanto; mas nesta ocasião não tornaram a sair. Pouco tempo se passou, quando vieram saindo ao pôrto pouco a pouco, chamando-nos com grandes vozes, e fazendo algũas diligências por passar o rio, sondando uns, e outros nadando: eu mostrava-lhes roupas, e os chamava; mas tudo infrutífero, por ser o rio invadeável. São de estatura agigantada, bastantemente alvos, mas alguns bem vermelhos: têm todos cabelos, e barbas crescidas. Entre o grande número de nuelos vinham 5, ou 6, com camisas muito alvas; uns são armados com paus compridos em forma de cajado curvos para a ponta; outros de arco, e frechas, as quais pareciam de cobre pelo reflexo, e estrépito, que faziam. Também vinham alguns cingidos com ũas tangas curtas que pelo jeito mostravam serem mulheres. Ali estiveram até o meio-dia, e vendo, que se lhe não deu mais conversa, se foram retirando, fazendo muitas cabriolas.

Em tal consternação me vi sem ter com que me alimentar, pois já na caça não tinha esperanças, por me faltarem cães; não me devia fiar na canoa, que enviei para cima, por ser muito demorada, e duvidosa a sua volta; o mato muito estéril, o lugar infestado do gentio. E porque julgava, que mais estimaria V. S.ª que se evitassem os danos, do que me censuraria a retirada, me deliberei a fazê-la, refletindo, que também ali não fazia cousa algũa parado, e que para mandar socorro ao capitão não tinha mantimentos, e que ainda que os tivesse, necessitava dêles; e que estando

eu naquele lugar, os mantimentos haviam de ir para mim, ou para o capitão, pois para ambos não podia ir cousa, que chegasse, caso fôssem felizmente, o que é impossível, como tem mostrado a experiência. Aos 7 fiz marchar tôda a tropa para as Capivaras, e neste dia fomos seguidos pelos gentios pela contra-costa distância de uma légua com grandes brados. Na retirada fiz conduzir o fato do defunto Bruno da Costa, que achei na margem do rio, onde deixaram, os que o acompanharam; como também duas eixós goivas, e ũa chata, e um reiúno; também achei o corpo do defunto Manoel Teles, sem que lhe pudesse mandar dar sepultura, por estar com muito mau cheiro. Aos 17 chegamos às Capivaras, tendo passado na viagem fomes extraordinárias, e maiores seriam no Funil, pois nas Capivaras não achei mantimentos com que se me socorresse. Dali tornei a mandar gente abaixo 2 dias de viagem a buscar tanto a canoa, que trouxe do Funil, que por não a querer perder, como a em que naufragou o defunto Teles, que a fiz segurar na margem do rio, cujos conductores ainda não chegaram com as ditas canoas. Do Pôrto do Funil mandei quatro soldados ao Pôrto de S. Paio, que são dous dias de viagem para baixo, e 6 para cima, em busca do cabo José Correia, que ali deixou só para morrer ao defunto Bruno da Costa, como também 8 armas reiúnas; mas com tanta infelicidade, que havendo 15 dias, que tinham ido quando saí do Funil, não havia notícia algũa; e como a falta de sustento me não permitia mais demora ali deixei algũa porção de farinha, que havia, de resto, pólvora, chumbo, e ũa advertência escrita, para se transportarem.

Nas Capivaras encontrei os próprios, que tinham vindo, do capitão, que iam sem cartas, nem socorro; que pouco, ou nada podiam. Ali os detive com a guarnição, que deixei no dito pôrto, cuja lista remeto, a cópia da ordem, que ali deixei até a resolução de V. S.ª. Aos 22 cheguei a êste quartel que o achei ũa desordem, pois nem o soldado, que dêle estava entregue, sabia o que tinha, nem o que andava fora: as casas danificadas, soldados espalhados, enfim era ũa balbúrdia, mas tornando a bom estado, só me falta, o que se perdeu com o tenente Teles, cuja relação remeto inclusa. Também a relação do fato dos falecidos remeto; e porque me acho extraordinàriamente molestado, tolhido das juntas, com as pernas, e pés enchados, e dores insofríveis não sou mais extenso; e só rogo a Deus guarde a V. S.ª muitos anos. Registo de Nossa Senhora da Victória aos 24 de outubro de 1770. Rogo a V. S.ª caso estejam as cousas dispostas, faculdade para me achar a 8 de dezembro na capela, onde desejo confessar-me como costumo. De V. S.ª o mais amante súbdito Cândido Xavier de Almeida.

CÓPIA DA PORTARIA, QUE SE DEU A CLÁUDIO FORQUIM PARA ENTRAR PARA O SERTÃO DO TIBAGI.

Por se me enformar, que Cláudio Forquim de Camargo com seus escravos, e mais alguns camaradas desejam entrar para o Sertão de Tabagi, e procurar os haveres, que ocultam os mesmos sertões; e porque o bando do Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. General desta capitania de 19 de agôsto dêste presente ano põe franco os mesmos sertões, e só proibe entrar-se sem licença sua, e por me ter facultado o poder conceder licença, e obrar tudo o mais, que julgar conveniente para se descobrirem os mesmos sertões em utilidade do real serviço, pelo que atendendo à capacidade, e mais circunstâncias do dito Cláudio Forquim, e seus companheiros, lhe concedo licença, para poderem entrar para os mesmos Sertões do Tabagi, que medeiam entre a guarda do Pôrto de S. Bento do Rio Tabagi, e do Pôrto de Nossa Senhora da Conceição do Rio do Registo, não embaraçando as diligências que anda fazendo o guarda-mor Francisco Martins Lussosa: e de tudo, o que achar o mesmo Cláudio Forquim, e seus companheiros dará parte, para que descobrindo minas de ouro, ou prata, se repartirem conforme as ordens de Sua Majestade, e enquanto se não repartirem, poderá faiscar livremente por aquelas paragens, que não deverem entrar em repartições; e caso haja descobertos, que se devam repartir, ficará ao arbítrio de S. Ex.^{a} o dar a guarda-moria dêles, a quem fôr servido; e para constar a quem pertencer, lhe mandei passar êste. Curitiba, 21 de dezembro de 1770. Afonso Botelho de S. Paio.

A fl. 148 carta ao juiz de Curiutuba, e é a seguinte: — Sr. Juiz. Deu-se-me parte, faleceu o tenente Bruno da Costa, vindo pelo Rio do Registo mandado pelo capitão Silveira a várias diligências, e juntamente trazer as partes, do que tinham feito: e porque acompanhavam 4 soldados ao dito tenente e disseram, êste se afogara no mesmo rio na ocasião de pegar em ũa anta, e porque pode ser falsa esta notícia, mandei prender a João Pinheiro, um dos companheiros do dito tenente e se acha na cadeia dessa vila, para V. M.^{ce} lhe fazer as perguntas, que forem necessárias, para averiguação da verdade; o que V. M.^{ce} fará para o dito prêso ser remetido à cadeia de Parnaguá, que por cautela o mandei segurar, e pertendo fazer o mesmo aos mais companheiros do dito defunto, para em tudo fazer comprir as ordens de Sua Majestade. Deus guarde a V. M.^{ce} muitos anos. Casa, 19 de 1770.

Vem outra carta escrita em Parnaguá ao 5 de janeiro de 1771, à Câmera de Pernaguá, para nomear um cirurgião, que com o comandante, e capelão, entrasse para as expedições do sertão.

Carta escrita ao tenente Cândido Xavier de Almeida, a fl. 48v.

Na cidade de S. Paulo recebi as contas, que me tem dado depois que desceu por êsse rio abaixo, cujas me deram motivo de enculcar a S. Ex.ª o seu bom préstimo; e quanto obrou até descobrir os Campos de Guarapuava, e estabelecer-se, foi com bom acêrto, e mereceu ser provido no pôsto de tenente da companhia do capitão Silveira e logo se passou o seu nombramento que se lhe registou na Provedoria, e lhe não mando agora, por ter ido em cargas, que já mandei para a Vila de Curitiba e na primeira ocasião o farei.

A parte que deu da felicidade com que descobriu os Campos de Guarapuava, foi muito bem aceita, e serviu não só de gôsto para mim, mas para todos os seus parentes e amigos da cidade de S. Paulo, e ficavam esperando correspondessem os fins aos princípios. A planta do forte a que deu princípio nos mesmos campos mereceu aprovação de S. Ex.ª, e pelo bem, que pintou o modo de poder conservar-se e mais disposições, que pertendia obrar, ficamos certos desempenharia a promessa da factura da dita fortaleza, e sempre saberia conservar o crédito de oficial que deseja adquirir honra, para merecer os prêmios, que logram os beneméritos; e com as boas notícias, que nos deu da bondade dos campos, que tinha descuberto, parti logo da cidade de S. Paulo, para vir dar-lhe as providências necessárias e socorros precisos, com que pudesse subsistir, e não houvesse motivo algum que o fizesse desamparar o pôsto, em que se achava, de que deu parte ficava fortificando.

Em Sorocaba recebi a parte, que me deu depois de chegar a êsse quartel de Nossa Senhora da Victória, em que me dizia, tinha saído dos campos, que descobrira, com o fundamento de não ter mantimentos e poder ser atacado pelos índios, tomando-lhes êstes os caminhos, e não poder utilizar-se dos mantimentos que de cá lhe fôssem, e por esta causa suceder-lhe algũa infilicidade. Esta parte ofuscou tôda a glória, que podia ter merecido, sendo um oficial que deve ter obrigação de saber o regulamento, e mais ordens de Sua Majestade para ver o crime, que cometeu, e as penas, a que está sujeito, de que o não isento, enquanto não recuperar o pôsto, que abandonou sem ordem, nem motivo algum; pois a falta de mantimentos que diz não é atendível; porque tendo achado os paióis cheios de mantimentos, dêles se podia prover pelo modo, que lhe fôsse mais possível havê-lo dos índios; munições sei, que as havia com muita abundância; as armas estavam boas; os índios mostravam boa condição: logo que causas haviam, para largar uma praça, cuja planta serve de acusar a sua covardia?

Sei, que chegando os índios ao barranco do rio a tempo, que os 3 ou 4 soldados, que estavam embarcando a anta na canoa, apontando os índios as frechas para êles, e batendo as palmas os mesmos soldados, os índios substiveram os tiros das frechas, e virando estas as ofereceram ao mesmo soldado, e da parte que não tinham ferro: foi tal a rudez do soldado, que não soube tirar as facas da cintura, ou as próprias camisas, para darem aos índios pelo benefício de lhe não tirarem a vida, mostrando êles queriam comunicação conosco, deixando vir os soldados com a canoa para outra banda do rio, e depois de estarem todos da outra parte, mostrando-lhe V. M.ce camisas, e lençóis, como sei, queriam êles ir buscar, metendo-se pelo rio dentro, e procurando pelo modo possível pelo passarem para outra banda, chamando — *Pau canoa*, — e fazendo outras demonstrações de quem queria comunicar, e tratar com a gente, que viam; e é V. M.cê tão falto de valor, que não teve resolução passar da outra banda, ou mandar gente com alguma cousa de roupas, ou do que houvesse, que seria muito bem remunerado, a ver se Deus permetia, tivéssemos trato com os índios, e conseguíssemos os fins, que tanto tempo desejamos; porém creio não foi o mesmo Senhor servido, que V. M.ce fôsse o que adquirisse tanta glória, e honra como a do acêrto desta ação lhe resultaria, antes para horrorizar aos mesmos índios, mandou desparar ũa arma, de que êles conceberam um grande susto, que se prostraram por terra, e depois se foram embora, tornando a aparecer várias vêzes, e a segui-los os dous dias de marcha, que fizeram pela borda do rio, como V. M.ce mesmo me informa. Tudo o que obrou depois que saiu dos campos, foram desacertos muito consideráveis. Espero desempenhe o conceito, que formei, quando foi para êsse sertão; assim para com mais brevidade se poder ir aos campos, logo que receber esta, suba pelo Petinga acima, ou por outro qualquer caminho que lhe parecer mais fácil do Pôrto de Nossa Senhora da Victória para cima, de modo que vá sair aos campos, que deixou, ainda que seja mais, ou menos acima, não importa. E logo que chegar aos ditos campos, me avise; e como se acha muita gente por lá, se não tiver fôrças, para se sustentar nêles, se retire, e venha fazendo caminho o melhor, que puder, até sair ao Rio do Petinga ou a êste do Registo, e no Pôrto de Nossa Senhora da Victória esperará as ordens, que lhe forem; mas é preciso até os 20 de janeiro estarem descobertos os campos, e haver notícia dêsse quartel de Nossa Senhora da Victória do que tem obrado; pois fico dispondo o mandar um oficial, que saiba conservar-se nos postos, a que chegar; e na mesma ocasião darei as mais providências, que me parecer. Deus guarde a V. M.ce muitos anos.

Fazenda dos Carlos, 17 de dezembro de 1770, Afonso Botelho de S. Paio e Sousa.

A fl. 151, principia ũa portaria na qual dá faculdade para acompanharem ao guarda-mor Lussosa, os que com êle quiserem entrar no sertão, como voluntários.

A fl. 152 carta do guarda-mor Lussosa, e seus companheiros.

Sr. tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa. Dou parte a V. S.ª que aos 30 de julho parti para as deligências que V. S.ª me ordenou, para pelo Carrapato entrar a procurar caminho capaz, que dê saída aos Campos de Guarapuava noticiados pelos antigos, que diziam estar além da Serra de Capivaruçu no meio daquele sertão; o que se presume certo por razão de experiência, que se tem adquirido das outras duas expedições, em que se tem andado, a do lado esquerdo pelo Rio do Registo, e a do lado direito pelo Pôrto de S. Bento, para que achados aquêles Campos de Guarapuava, se atravesse com mais facilidade a grande campanha, que dizem ser dos minuanos, que medeia entre o Rio da Prata pelo lado direito, e o Rio do Registo desta vila pelo lado esquerdo, o qual unido (na minha campanha) com o Rio Urugai na mesma campanha faz barra no dito Rio da Prata.

Para esta diligência parti no dito dia, e a 4 de agôsto cheguei ao rio, a que pus o nome de Almas,[1] onde vendo que as dificuldades de achar caminho livre de pântanos, de que abundavam os rios daquele sertão, me consumiam muitos dias, e se passava o tempo de fazer roças, para plantar, determinei mandar explorar veredas para diante com 7 camaradas, e com os mais fiz a primeira roça nessa paragem.

A 13 de setembro por estar adiantada a picada com bom sucesso, passei a fazer a segunda roça na paragem chamada S. Felipe.

A 2 de outubro a tempo que já os picadores tinham passado as cabeceiras do Rio Embetuba, e tinham avistado o Morro de Capivaruçu, que fica defronte das mesmas cabeceiras de Embetuba, passei com a gente à paragem chamada S. Miguel,[2] adiante das tais cabeceiras do Embetuba a fazer a 3.ª roça, e mandei, que prosseguissem os picadores com a derrota ; procurando atravessar a Serra do Capivaruçu pela parte, que julgassem mais cômoda.

A 26 de setembro se acabou de plantar as roças, nas quais se plantaram 11 alqueires de milho, e perto de 2 de feijão; e no tempo que se esperou secassem as roças, para serem queimadas, ocupei a gente em fazer o caminho pondo-o capaz de entrarem

---

(1) Rio das Almas.

(2) S. Miguel.

tropas de cavalos, com aterrados; canoa em um rio, que não admite passo por outra forma; e pontes em outras, que as admitiam.

A 16 de novembro chegaram os picadores já de volta, deixando a picada pouco adiantada do Rio de Capivaruçu, que dista desta vila boas 50 léguas, de onde voltaram, não só por estarem muito distantes do corpo da mais gente e por isso impossibilitados a serem socorridos de mantimentos, que *já tinham passado muitos* dias sem êles sustentados a caça, que rara encontravam, pela esterilidade dos matos da serra, como pela muita imundícia de mosquitos, e motucas, que causa o rigor do verão, que impede o poder trabalhar com diligência, por cujo motivo voltamos para fora, deixando o caminho feito até a distância de 8 léguas a chegar a dita serra.

Conferindo as notícias que achei daquele sertão, e as que me informaram os picadores com as pessoas mais antigas desta vila, de quem supus melhor ponderação na tradição dos antigos; suponho ser boa a derrota para o fim, a que V. S.ª a encaminha; porque é notícia dos antigos sertanistas estar o Morro de Capivaruçu sôbre as cabeceiras do Rio Embetuba, fazendo a tromba para o Rio do Registo e nesta mesma forma se divisa (se divisa) o tal morro, cuja figura se risca à margem desta* com a tromba para o sul, que é para onde lhe fica o Rio do Registo fazendo a quadri*lheira da serra para o norte com pouca diferença*, de cuja figura se vê a propriedade do nome [1].

Na era de 1641 andando por aquêle sertão um Luís de Góis Sanches, homem de conhecida verdade com outros muitos a apanhar gentios para seus cativos (êrro daqueles tempos), e sem notícia alguma de mineração de ouro, acharam no gentio, que apanharam, muitas folhetas de ouro por contas, e outros instrumentos mais, que disseram achavam nos ribeirões, que vertem do tal Morro de Capivaruçu de cuja notícia e de outras mais nascem as grandes esperanças, que há, e os picadores já notaram em o ribeirão mais próximo, que achavam à dita serra, ter boa formalidade de cascalho, e chegaram a ver em ũa pequena experiência algũas faíscas de ouro, por cujo motivo o denominaram o Ribeirão da Esperança.

Dizem os picadores que do alto da dita Serra de Capivaruçu, olhando para o poente em distância de 4 léguas, avistaram outra quadrilheira de serra mais baixa, que esta; e segundo as notícias antigas, e por algũas fumaças, que viram, julgam detrás dela os

(*) No códice há desenho representativo da serra.

(1) Nota — Capivaruçu quer dizer Capivara grande. Êste animal tem focinho rombo e deram o nome de Capivaruçu ao morro por ser o seu pico semelhante ao focinho de ũa capivara grande.

Campos de Guarapuava; e do mesmo lugar mais para o lado esquerdo avistaram um morro que julgam estar em quadrilheira de serra, que avistaram em distância grande de 20 até 30 léguas, que representa a figura riscada à margem,* representando um monté mais pequeno sôbre outro maior, de cuja grandeza e figura se presume ser o Morro de Apucarana, [1] que por tantas, e tão distintas tradições dão as maiores esperanças de ouro, tão desejada, e esperada, não só nesta terra, nem na capitania, mas nas das Minas Gerais, e de Goaiases. É o que achei, e devo informar a V. S.ª que mandará, o que fôr servido, e achar melhor ao serviço de Sua Majestade. Fico para obedecer as ordens de V. S.ª como devo. Deus guarde a V. S.ª muitos anos. Curitiba, a 2 de dezembro de 1770. De V. S.ª muito reverente criado. Francisco Martins Lussosa, e os picadores Sebastião Cordeiro da Silva, José Pinto da Silva.

A fl. 154 vem a petição e licença, que fizeram José Luís Álvares, e Pedro Gomes, para com seus parentes e agregados formarem ũa bandeira que entrasse ao Sertão de Capivaruçu agregada à bandeira real, que comandava o Lussosa e isto sem mais prêmio, que aquêle, que Sua Majestade concede pelo Regimento das terras minerais: com condição porém, que da Fazenda Real lhes haviam de assistir com o sustento, pólvora, e chumbo. Foi o despacho que o guarda-mor Lussosa os admitisse, e conservasse em sua companhia enquanto julgasse, que eram úteis ao serviço real, e que lhes não impidiria saírem do sertão de abril por diante; e que se quisessem tornar a entrar, depois de terem saído, o pudessem fazer em virtude do mesmo despacho que foi dado em Curitiba aos 10 de janeiro de 1771. S. Paio.

LISTA DA EXPEDIÇÃO QUE ENTRA PARA O TABAGI PELA PARAGEM CHAMADA CARRAPATO, FEITA NESTE RIO GUARAÚNA HOJE, 7 DE FEVEREIRO DE 1771.

Comandante

O guarda-mor Francisco Martins Lussosa.

Camaradas aventureiros, que acompanham ao dito comandante

O capitão Jacinto José de Abreu.
O furriel Antônio da Silva Freire.
Antônio Rodrigues.

(*) No códice há desenho representativo da serra.

(1) Apucarana quer dizer ũa cousa junta, pegada ou sobreposta a outra e os antigos deram êste nome à serra por parecer, que ũa está em cima de outra.

Gente a que paga el-rei 160 por dia que são os picadores, e mateiros, pessoas........	22
Gente para ir abrindo a picada, e mais serviço necessário que vencem por dia 80 réis, pessoas	10

Gente que vai como ventureiros e não vence sôldo

Camaradas do capitão Jacinto José.......	2
Escravos do mesmo capitão	6
Fôrros	1
Escravos do furriel Antônio da Silva.....	2
Ventureiros de que é cabeça José Luís.....	5
Escravos do guarda-mor comandante	3
Escravos do mesmo	2
Escravos de Antônio Rodrigues	2
Mulheres casadas, que entram com seus maridos para fazerem farinha na roça	4

Munições

Pólvora — Libra e meia	
Bala perdigoto, e munição competente	
Armas de El-Rei	22
Armas particulares	15
Facões reiúnos, que agora recebeu o guarda-mor	6
Farinha que se deu até o meio de março, alqueires	36
Sal, alqueires	4
Cavalos, que conduziram as cargas para dentro	36
Cavalos de sela, em que iam montados o comandante, e mais pessoas	8

Tudo entrou do Rio Guaraúna para o sertão pelas 11 horas do dia quinta-feira, 7 dêste mês de fevereiro de 1771, adonde fui despedi-los, e dar as últimas ordens, acompanhando-me vários oficiais, e pessoas particulares, isto é, Afonso Botelho.

Pertencentes a esta expedição desertaram no Carrapato aos 6 de fevereiro de 1771:

Inácio Soares, acaboclado, natural de Missões.

João de Almeida, abastardado, natural de Sorocaba.

Miguel, índio, natural de Tapecirica.

Desertou mais N., abastardado, natural de Juquiri, e casado na mesma Freguesia de Juquiri.

ORDENS PARA COMPRIR O TENENTE FILIPE DE SANTIAGO, COMANDANTE DAS EXPEDIÇÕES DO TABAGI, QUE POR ORDEM DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR GENERAL DOM LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, FAZ APRONTAR PARA O SERTÃO PELO PÔRTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO O TENENTE-CORONEL, E AJUDANTE-DAS-ORDENS AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA, QUE SE ACHA ENCARREGADO DE TÔDA A INSPEÇÃO DE TÔDAS AS EXPEDIÇÕES, INSTRUINDO O DITO COMANDANTE DO QUE DEVE OBRAR, E PRATICAR NO SEU COMANDO, ETC.

Será comandante de tôdas as expedições, que se acham nos Sertões do Tabagi, o tenente da companhia de Borges da Praça de Santos, Felipe de Santiago, a quem todos os comandantes, e mais pessoas pertencentes às mesmas expedições obedecerão, e comprirão as ordens, que o dito comandante der, sem dúvida alguma.

O dito comandante se haverá com os mais oficiais das expedições com muita afabilidade, e agrado, tratando-os como fiéis companheiros, ajudando-os, e socorrendo-os, para que possam comprir as ordens, que tiverem, e lhes forem dadas, cujas êle comandante as fará executar; e se lhe fôr preciso servir-se da gente de algũa expedição, ou de tôdas elas, poderá fazer julgando ser mais útil ao real serviço, do que executarem as ordens que trouxer cada um; de que logo dará parte a quem neste continente fôr chefe de tôdas as expedições, para saber a razão, porque assim obrou, e o estado, em que se acham as ditas expedições.

Embarcará o dito comandante neste Pôrto de Nossa Senhora da Conceição; e com tôda a gente que o acompanha, irá desembarcar no Pôrto de Nossa Senhora da Victória, aonde procurará saber do tenente Cândido Xavier os têrmos, em que se acha o caminho que tem procurado abrir do mesmo Pôrto de Nossa Senhora da Victória para os Campos de Guarapuava; e achando boas notícias do caminho, e dos campos, logo sem demora, deixando no pôrto a guarda, que lhe parecer, marchará para os ditos campos.

E se tiver a felicidade de chegar aos Campos de Guarapuava, na paragem, que lhe parecer mais ventajosa, fará o primeiro estabelecimento formando ũa praça em que se possa recolher, e ficar com tôda a sua gente coberta, e livre dos insultos do gentio, dando

logo princípio a ũa povoação, para cujo efeito deve eleger sítio acomodado, e que tenha os meteriais para a dita povoação.

Tanto que se achar estabelecido nos ditos Campos de Guarapuava, procurará adquirir as notícias de todo o sertão, para dar parte do que tiver visto, e encontrado, e lhe irem as ordens do mais, que há de obrar.

Se acaso topar a expedição, que entrou pelo Carrapato, de que é comandante o guarda-mor Francisco Martins Lussosa, com êle confirirá as notícias que tiver adquirido, para melhor se abrir caminho até a Campanha Grande, e socorrerá conforme o tempo permitir; e da mesma sorte topando ao capitão Francisco Lopes da Silva, executará o que ordeno no segundo capítulo.

Como se lhe dão as ordens, que levou o capitão Antônio da Silveira Peixoto, por elas se governará naqueles capítulos, que forem a prepósito desta expedição; e porque se confia do zêlo do dito comandante Felipe de Santiago, servirá a Sua Majestade nesta grande deligência com aquela honra, e fidelidade com que se tem empregado no real serviço, lhe passei estas ordens, e as que levou o capitão Silveira pelo poder, que me tem facultado o Il.[mo] e Ex.[mo] Sr. General. Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caicanga, 4 de março de 1771.

Segue-se ũa carta escrita a Cândido Xavier, e depois o seguinte.

Aos 4 de março de 1771 partiu o tenente pago da companhia de Borges da Praça de Santos, e embarcou neste Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga, para ir comandar a expedição, que comanda o capitão Antônio da Silveira Peixoto, por dêste não haver notícia há 7 meses. Largou dêste pôrto às 4 horas da tarde com 5 canoas, e a gente, que consta da lista, que vai adiante copiada.

Lista a fl. 161.

Comandante o tenente Felipe de Santiago.
Capelão o Reverendo Padre Frei Inácio Alvarez Ribeiro do Carmo.
Cirurgião Manoel Gonçalves Silvestre.

Soldados pagos	6
Ferreiros	2
Soldados da expedição	19
Degradado	1

Escravos

Do tenente, incluindo-se uma negra........	3
Do Capelão	3
Do Cirurgião	2

Na lista vê[m] os nomes de todos, menos os de 5 escravos. Pag. 162, vem uma carta escrita ao guarda-mor Lussosa na qual diz o seguinte: — Suposto não chegou parte do tenente Cândido, por gente, que veio buscar mantimento soube, que o dito tenente achara um bom caminho que ia fazendo, e passara pela ponte do Capivaruçu: topara adiante ũas catandubas, no fim delas estava um serrote, e da outra banda muitas fumaças, que julgavam serem os Campos de Guarapuava. Estas as notícias que ali tive. Ao tenente Santiago, ordenei, que em pinheiros altos mandasse subir, e dar tiros à bôca da noute, pondo algumas luzes, para de noute se poder ver: mande V. M.ce fazer os mesmos sinais, para ver, se podem encontrar-se, e consultarem o meio de continuarem a diligência a que vão. Datada em Pitangui aos 11 de março de 1771 por Afonso Botelho.

A fl. 162 principia a lista das monições, mantimentos, ornamentos, instrumentos de ferreiro, botica, armas, e mais cousas, que levou o tenente Santiago.

Carta ao capitão Francisco Lopes da Silva em que desculpa a tardança, que houve em mandar fazer o pagamento à sua tropa, e diz, que o não fizera por falta de canoas, e estas * não se poderem mandar fazer mais cedo. Diz, que mande pagar um ano vencido, e que o mais mandará pagar brevemente. Diz mais o seguinte: — Feito o pagamento disponha V. M.ce fique algũa gente conservando o estabelecimento que V. M.ce tiver feito, e com tôda a fôrça, que puder, entre pelo Rio Mourão acima, e procurando sair à campanha, que presume não será muito distante. Se tiver a felicidade de chegar à campanha, ou aos Campos de Guarapuava, estabeleça-se V. M.ce naquela parte, que achar mais cômoda, para ũa praça, a que logo dará princípio com ũa boa estacada dobrada, seu fôsso, e parapeito, e com grandeza suficiente de poder alojar, não só a sua gente, mas tôda. a que fôr necessária. E tanto que assim estiver estabelecido, procurará adquirir as notícias da campanha, que fôr possível; e não largará a dita praça por modo algum.

Quanto mais entrar pelo Rio Mourão acima, mais se avizinha ao tenente Felipe de Santiago, que desceu pelo Rio do Registo,

(*) *estão*, no original.

e do Pôrto de Nossa Senhora da Victória há de entrar para os Campos de Guarapuava a dar princípio a outra praça, que se manda fazer; e assim poderá fàcilmente haver comunicação de ũa parte para outra.

O guarda-mor Francisco Martins Lussosa também entrou, rompendo sertão pelo Morro de Capivaruçu sair aos Campos de Guarapuava, e poderão mui fàcilmente encontrarem-se tôdas as 3 expedições, que assim consultarão as diligências de que vão encarregados.

Se chegar aos Campos de Guarapuava, estabeleça-se logo, como lhe digo, não receie o gentio, que pelo que agora aconteceu com o tenente Cândido, etc. — Refere os sucessos de Cândido, para lhe dar esperanças, de que pode ter boa correspondência com os índios, fazendo-lhes mimos com os trastes, que para êste efeito tinham ido em companhia do Baião. Contudo recomenda, que não deixem de haver as cautelas necessárias. Datada pelo Botelho na Guarda do Tibagi aos 13 de março de 1771.

A fl. 11 vem outra carta do mesmo escrita ao dito capitão Francisco Lopes da Silva em que lhe diz, que manda pagar-lhe todo o sôldo, que tem vencido no pôsto de tenente e que lhe remete a sua patente de capitão. Ordena que feito o pagamento despeça logo para cima o tenente Jeremias, e vá logo pelo Rio Mourão acima fazer a praça, como lhe tem ordenado na carta antecedente mas que não descubra à sua tropa, que vai fazer a dita praça, e para os enganar, diga, que vai ver o Rio Mourão, e ver se encontra ao Santiago, e Lussosa, e que feita a diligência que tem para fazer, há de sair para fora com tôda a gente. Mais ordena, que a gente que ficar no Rio de D. Luís plante, para se livrarem de conduzir mantimentos de Curitiba e que pelo mesmo motivo veja, se os pode haver dos índios. Conclui dizendo, que se lhe parecer, pode levar tôda a gente do seu comandamento sem deixar no Rio de D. Luís, os que na outra lhe ordenava, que deixasse. Guarda do Rio de Tabagi aos 13 de março de 1771.

Terceira carta datada no mesmo dia, e lugar, e a cousa mais notável, que nela acho, é que as duas companhias de Baião, e Nunes se regulam em ũa, da qual é capitão comandante êle, Francisco Lopes da Silva, tenente José Rodrigues da Silva, alferes Joaquim Pereira, sargento do número Lucas de Sousa Coutinho, sargento supra Inácio da Mota, e os cabos, êle, capitão, faria.

Pág. 167, carta escrita pelo Botelho a frei Antônio de Santa Teresa, em que diz: — Como tenho conhecido o fervor, e grande vontade de V. Rev.[ma] em procurar o aumento das nossas expedições, julgo não a deixaria, para ficar em Guatimi; e como V. Rev.[ma] pro-

meteu de vir até o Rio de D. Luís, estimarei chegasse com felicidade e tenha adquerido as notícias, que procuramos, e em S. Paulo assentamos: pelas informações de V. Rev.^{ma} bem vê regulamos os nossos progressos. Guarda do Rio Tabagi 13 de março de 1771.

A fl. 169 ordens para o tenente Jeremias de Lemos Conde ir fazer pagamento às tropas, que se acham no Rio de D. Luís, e voltar. Pôrto de S. Bento do Rio Tebagi, aos 13 de março de 1771, e de outra diz a data: Guarda do Rio Tibagi, 13 de março de 1771.

Tôdas estas ordens se alteraram pelo motivo, que constará da carta seguinte.

A fl. 171v. — Sr. capitão Francisco Lopes da Silva. Depois de ter escrito a V. M.^{cê} o que havia de obrar, depois de receber o seu pagamento, como chegou a notícia que lhe dei do capitão Silveira ter sido presioneiro, por se ir meter em Missões sem cautela, nem ordem, que lhe facultasse o sair dos domínios de nosso Soberano; se faz preciso, que V. M.^{cê} se está já no Rio de D. Luís, recebido que seja o seu pagamento volte para Guatimi, fortalecer aquela praça com a sua gente, e execute as ordens, que lhe forem dadas pelo comandante da mesma praça, até vermos o que se deve obrar.

O Mota deixe V. M.^{cê} com 10, ou 12 camaradas no Rio de D. Luís, dando princípio ao estabelecimento que lhe tinha ordenado.

Não diga V. M.^{cê} nada da prisão do Silveira e ainda à sua gente, quando voltar, diga, que vai executar outra diligência e em estando no rio pode dizer vai buscar os mantimentos que deixaram em Guatimi, para seguirem as ordens, que tem.

Como V. M.^{cê} poderá ter dado princípio a algum estabelecimento, cerque-o V. M.^{cê} logo com ũa boa trincheira, fortificando-se a defender-se, se fôr atacado, e dê parte sem demora ao comandante da Praça de Guatimi, para que sendo-lhe preciso, lhe avise, para imediatamente o ir socorrer; isto é, no caso que a distância, em que V. M.^{cê} se acha da Praça de Guatimi dê lugar a êste aviso. Deus guarde a V. M.^{cê} muitos anos. Curitiba, 21 de março de 1771.

Na mesma ocasião avisou o tenente Jeremias, ordenando-lhe, que fizesse pagamento às tropas em qualquer parte, onde as achasse: refere-lhe o caso do Silveira em segrêdo, e ordena-lhe, que vá acautelado, para consumir os papéis, e enterrar o dinheiro no caso que se encontre com castelhanos. Pág. 172.

Na mesma fl. verso vem ũa carta escrita ao tenente Santiago, e depois de lhe comunicar em segrêdo o sucesso da prisão do Silveira diz: — Logo que V. M.^{cê} receber esta, se estabeleça nos Campos de Guarapuava sem demora algũa; e se acaso houver diferença pelo Pôrto de Nossa Senhora da Victória ir aos campos, vá pelo caminho, que levou o Cândido, e faça-o ir a êle dar conta do Forte de Nossa Senhora do Carmo, de que deu parte ficava fazendo; e mandou a planta. Assim nada fêz; pois nem socorreu ao Silveira que talvez, que se seguisse a ordem, que levou não fôsse êle às terras dos castelhanos; nem se conservou no forte. O ponto é que fizesse algũa cousa no caminho que facilitava do quartel de Nossa Senhora da Victória para os Campos de Guarapuava; pois espero saber, o que se passa, para o mandar vir, e remeter ao Limoeiro, de onde sairá tarde. Se o padre frei Inácio não quiser acompanhar a V. M.^{cê}, se fôr pelo rio estabelecer-se no forte, que principiou o Cândido, não embarace a V.M.^{cê} [*] o dito padre nem outro algum pretexto para logo que receber esta, marchar a formar a praça, que lhe ordenei nos ditos Campos de Guarapuava. Se V. M.^{cê} tiver saído aos campos, e principiado a fortaleza em outra parte, que não seja, a que deu princípio o Cândido, se fôr possível, mande-o a êle com algũa gente meter-se no dito forte que fará por conservar até irem as ordens do mais, que deve obrar; pois do que houver de novo avisaria V. M.^{cê} etc. Carlos, 21 de março de 1771.

Passou ordem aos juízes ordinários de Parnaguá, e Curitiba para fazerem apreensão nos bens do capitão Antônio da Silveira e do alferes Antônio da Costa Pimentel, que se achavam presos em Buenos Aires, para segurança da Real Fazenda a respeito do armamento, e mais trem, que levavam em sua companhia. Dada em Parnaguá aos 5 de abril de 1771.

Pág. 174 principia ũa carta escrita a D. José de Macedo Souto Maior, comandante da Praça de Guatimi, e nela diz o seguinte: — O capitão Antônio da Silveira Peixoto, que navegou pelo Rio do Registo abaixo, depois de vencer as grandes dificuldades que encontrou no mesmo rio, excedendo as ordens, que levava, com 12, ou 15 camaradas, navegando pelo Paraná abaixo, foi dar a ũa das Missões dos castelhanos, aonde o aprisionaram com todos os papéis, e ordens, que levava, e o remeteram a Buenos Aires, pondo-o em rigorosas prisões. Não sei, se o mesmo capitão mereceu êste castigo, por exceder as ordens, que levava, e procurar a sua ruína voluntàriamente.

Êste caso deu grande abalo em Buenos Aires, e o governador dali mandou logo embarcar 600 homens, e metê-los pelo rio acima,

---

(*) *V.P.*, no original.

e suposto até agora não há notícia onde esta gente vá distinada, poderá ser, que se encaminhe para essa praça, e como S. Ex.ª deseja acautelar-se, ordena, que a companhia do capitão Francisco Lopes, e tôda a gente, que veio receber o pagamento ao Rio de D. Luís, volte para essa praça; e suposto o tinha já ordenado ao mesmo capitão por ordem de 21 de março, agora o torna ordenar, que sem demora algũa parta para essa praça, e receba as ordens, que lhe forem dadas pelos comandantes dela.

Se acaso houver novidade que se faça preciso algum socorro, ou outra qualquer cousa, V. S.ª me avisará, que prontamente farei por socorrer essa praça, e com maior vontade irei mesmo servir de soldado até dar a própria vida pelo serviço de Sua Majestade.

Do Reino têm vindo cartas, etc. Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres da Barra de Parnaguá 11 de abril de 1771.

Pág. 175, carta ao capitão Francisco Lopes da Silva. Agora me chegam as ordens de S. Ex.ª e juntamente essas cartas para V. M.cê ir para Guatimi, como o mesmo Senhor ordena a V. M.cê Parta sem demora com tôda a gente que aí se achar pertencente às duas companhias do capitão Estêvão Ribeiro e do capitão Francisco Nunes, de que V. M.cê agora é comandante. Dê V. M.cê logo comprimento ao que S. Ex.ª ordena sem demora algũa, e de lá dará parte do que houver.

Estimei a notícia que me deu de ter descoberto os fundamentos da antiga povoação, que estêve nesse Rio de D. Luís, e suposto a sua parte veio muito despida de notícias que podiam dar melhor conhecimento do que foi essa terra, julgo, que a brevidade não deu lugar para mais, e agora com o tempo, que aí tem estado, terá adquerido maiores notícias que espero agora me dê para pôr na presença de S. Ex.ª e determinar, o que fôr servido.

No mesmo lugar em que foi dantes a povoação deixe V. M.cê ao Mota, Miguel Antônio, e mais algum que por doente, ou estropeado o não possa acompanhar, e lhe ordene não saiam daí sem ordem, que positivamente lhe vá, e que vão alimpando a terra, e cuidando em plantar, para poderem subsistir nessa paragem, e fazendo casas, para virem buscar suas famílias.

Ua receita que V. M.cê pediu, etc. Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres da Barra de Parnaguá, 11 de abril de 1771.

De ũa carta, que vem a fl. 176 em resposta ao tenente José Rodrigues da Silva se vê que êste tinha mandado dizer, que a povoação, que se achou no Rio de D. Luís, mostrava ter sido maior, do que é actualmente a Vila de Parnaguá, neste ano de 1771.

Mandou ordem ao cabo Francisco Leme de Brito, para que despachasse ũa canoa pelo Rio de D. Luís com as cartas, que atrás ficam apontadas, e ordena, que leve as ditas cartas Julião Pais com um soldado pago, e a gente necessária.

NOTÍCIA DO DESCOBRIMENTO DA DISTRUÍDA VILA RICA DADA PELO CAPITÃO FRANCISCO LOPES DA SILVA, E PELO TENENTE JOSÉ RODRIGUES DA SILVA, POR CARTAS ESCRITAS A 12 DE MARÇO DÊSTE ANO DE 1771 NO ABARRACAMENTO DO RIO MOURÃO E RECEBIDAS NESTA FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DA BARRA DE PARNAGUÁ NO MESMO DIA, EM QUE NA DITA FORTALEZA SE ESTAVA FESTEJANDO A MESMA SENHORA DOS PRAZERES, POR SER O SEU PRÓPRIO DIA EM 8 DE ABRIL DÊSTE PRESENTE ANO.

No dia 3 de março, terceiro domingo da quaresma dêste ano de 1771, já tarde chegou o capitão Francisco Lopes com a sua companhia à barra, que o Rio Mourão faz no D. Luís: fizeram pouso nos grandes bananais, que ali há, para o outro dia procurarem o lugar, para se situarem, enquanto faziam diligência pelos fundamentos da antiga Vila Rica, pelas notícias, que havia de ser naquele destricto. No dia 4, segunda-feira, foi o capitão abarracar-se acima da barra do Rio Mourão 100 braças pouco mais, ou menos da parte meredional, e o tenente se abarracou da parte setentrional. Ambos se empregaram em mandar roçar, e fazer quartel para acomodação da sua gente; e quando havia lugar, mandavam examinar as margens do rio para um, e outro lado a ver se podiam achar, onde foi a dita vila, e aparecendo vários sinais da situação, como olaria de telhas; muita telha semeada pelos matos; muitos limões, cidras, laranjas, bananais, e enfim tudo, o que há em povoado, está neste formoso lugar. E mandando por último o tenente José Rodrigues no dia 10 quarta dominga de quaresma o sargento Lucas de Sousa com 4 camaradas a explorar a barra do mesmo Rio Mourão para a parte ocidental, que ainda se não tinha visto, logo que saltou em terra a poucos passos se viu dentro da vila, que ainda se percebe bem. Logo vieram com a notícia em como ali estava a vila, ou cidade deixada, e logo trouxeram por sinal uma pedra de moinho, ũas telhas, e muito ferro queimado. Com esta notícia foi o capitão, e tenente na mesma ocasião tomar conhecimento daquela tão boa notícia e acharam ser a mesma verdade; pois se percebem perfeitamente as ruas por onde foram, e as esquinas, e becos, e saídas; montes de telha, ũas quebradas, e outras sãs, pelos lugares que foram das casas, e templos; e o lugar de ũa grande ferraria de ferreiros; enfim tudo

ainda se percebe; e o tamanho dela parece é maior, que a Vila de Parnaguá, com muito bom fundamento. As ruas bem arruadas, que na forma que está tôda cuberta de terra, ainda parece bem.

Tem pelo meio das ruas árvores grandíssimas, e o mato, que a cobre, tudo é laranjeiras, limões, e cidreiras. Em mais de ũa légua todo o mato é da mesma qualidade com grandes bananais pela borda do Rio de D. Luís, e para dentro do Rio Mourão da mesma sorte. Têm os rios muito peixe de sorte que põem a panela ao fogo, e botam as linhas, tiram já o peixe, que é preciso, grande, ou pequeno, como o querem; caça da mesma sorte. Estava a gente tôda tão contente da paragem, que já elegiam as partes, em que haviam de fazer os seus sítios, e alguns tinham justo casamentos com irmãs de outros, para irem viver naquele alegre país.

O portador, que trouxe as partes, que dá o capitão e tenente foi Julião Pais Domingues, dos Campos Gerais, e confirma esta mesma notícia; pois foi à mesma paragem, e dous camaradas tiraram mais de 60 telhas boas só de um monte das ruínas de ũa casa. Apareciam muitas panelas ainda boas, de que se serviram e pela brevidade com que partiu, não dá as mais notícias que o tempo descobrirá. Saiu de lá no dia 12 depois de ver tudo o referido, para informar com a verdade. O que tudo consta das ditas cartas, de que fiz extrair esta relação na Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres da Barra de Parnaguá em 13 de abril de 1771. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa. Principia no livro fl. 177v.

RELAÇÃO DO DESCOBRIMENTO DOS CAMPOS DE GUARAPUAVA FEITO PELO GUARDA-MOR FRANCISCO MARTINS LUSSOSA, QUE ENTROU PELA PARAGEM CHAMADA CARRAPATO, NOS CAMPOS GERAIS AOS 16 DE JULHO DE 1770 E FAZENDO CAMINHO PELO MORRO DE CAPIVARUÇU, CHEGOU AOS DITOS CAMPOS AOS 2 DE ABRIL DE 1771.

Em 2 de abril chegaram os picadores aos Campos de Guarapuava, entrando por êle dentro, aonde encontraram queimadas, que pareciam ser feitas em vários meses. São muito planos os campos, e divisam-se até perder de vista, sem se ver mato mais do que os capões dos lados; e para a frente, que é para onde se põe o sol, dous morros grandes, por entre os quais se mete o sol: e para a direita mostra ser maior distância, para onde viram uns grandes fogos; e para a esquerda apareciam outros fogos, que se presume ser da gente, que entrou pelo Pôrto de Nossa Senhora da Victória do Rio do Registo. Percebe-se vários capões no meio do campo, e alguns rios, que tudo mostra ser muito agradável, e aprazível. O caminho é plano, e bom, e terá de distância do Carrapato, por onde se entra para o mato até sair aos campos, 28 léguas; e ficarão

os mesmos campos distando da Vila de Curiutuba 50, e tantas léguas. Acha-se o Sertão do Tabagi vadeado por 3 partes desde o Morro da Pedra Branca até o Rio do Registo. Deus filicite o achar-se as grandezas, que a fama tem pintado daqueles sertões, para com mais facilidade prosseguir-se o que se pertende, para honra, e glória do mesmo Senhor e aumento dos Estados de Sua Majestade.

Nota

No livro vem à margem ũa cota, que diz: — Dous de abril, dia de S. Francisco de Paula, patrono, que elegeu o mesmo Lussosa para esta emprêsa: do que bem se infere o grande favor do mesmo santo, porque 3 dias antes, tendo os picadores subido em pinheiros, para explorar, julgaram dos matos, que viram, não poder sair aos campos sem o trabalho de um mês; e repentinamente se viram ao terceiro dia no campo.*

Deu-se princípio às expedições do Tabagi no ano de 1768 por ordem do Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, general desta capitania, encarregada a execução a mim Afonso Botelho de S. Paio e Sousa. Entrou a primeira expedição em 5 de dezembro de 1768 pelo Rio do Registo, comandante dela o tenente Domingos Lopes Cascais, com 30 camaradas todos voluntários, sem receberem sôldo algum, e se despendeu sòmente 70 e tantos mil-réis em mantimentos, canoas, e monições. Desceu esta expedição pelo Rio do Registo abaixo, embarcando-se em 3 canoas no Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga, e tendo navegado cousa de 70 léguas com pouca diferença encontrou os primeiros saltos, e deixando aí todo o trem, e com alguns camaradas seguindo o rio continuou pelo lado esquerdo procurando a milhor virada pelas grandes serras que compõem a aquêles continuados saltos, atravessando caudelosos rios que se ajuntam ao do Registo. Tendo andado 11 léguas, achou o rio com aparências de navegável, e fazendo canoa novamente embarcando na distância de duas léguas tornou a encontrar novos saltos, que impedindo-lhes a navegação, fêz que explorando 6 dias por êle abaixo encontrassem sempre as mesmas dificuldades sem esperança de navegação; e por se acabarem os mantimentos, voltaram para trás deixando no último lugar a que chegaram, ũa cruz lavrada em um pinheiro, e sôbre a maior queda que faz o rio em ũa grande pedra que vira para o nordeste, lavrada outra com um picão, e por baixo as letras V. R. P. e em outra pedra, e

(*) No códice seguem-se aqui três fôlhas em branco.

onde finda o rio navegável os mesmos sinais, tendo observado fazer aquêle rio o seu curso pelos rumos entre o sul, e oeste; e além disto ao lado direito mandou explorar ao rumo do noroeste 5 dias de viagem, subindo aos mais altos cumes que não divisaram mais que charnecas de montuosos matos, e examinando mais alguns rios que se metem naqueles do Rezisto chegaram ao Pôrto de Nossa Senhora da Conceição, onde tinham feito o embarque. Gastaram nesta viagem 3 meses.

Entrou a segunda expedição no ano seguinte de 1769 para o Sertão do Tabagi aos 20 de julho.* Comandante o capitão de auxiliares da Freguesia de S. José, (e) Estêvão Ribeiro Baião, e por capelão o reverendo frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo, religioso de S. Bento, conventual de S. Paulo, com a sua companhia composta de 75 homens que constam da matrícula, e êstes da Coritiba, e dos Campos Gera[i]s. Entrou esta expedição pelo Pôrto de S. Bento do Rio Tabagi e encaminhando-se para o centro daquele sertão, tendo atravessado grandes serras, e estéreis matos, quando se julgavam de todo sem esperanças de alcançar caminho que prometesse saída para o intento, e considerando perdida a esquadra[de] Inácio da Mota que comandada** pelo tenente Francisco Lopes se tinha*** apartado do corpo procurando veredas por entre aquêles despenhados montes, voltaram êstes com a notícia do rio a que puseram o nome de D. Luís, e achando ser navegável e o que se procurava, voltaram para donde estava o seu capitão e mais corpo, de que houve o maior gôsto, tanto pelas boas notícias, como pelos virem tendo-os julgados mortos, logo o capitão mandou recolher as mais esquadras que andavam explorando diversas veredas, principalmente a do padre capelão, que vendo não seguia o corpo por não ter achado caminho se tinha resolvido a ir com ũa esquadra pessoalmente a animar aquela diligência de procurar caminho. Logo que o capitão teve a notícia do rio, e a gente junta, fêz endireitar as picadas para o rio abrindo caminho, onde chegaram em o fim de novembro daquele ano, e mandando fazer canoas, se embarcou o tenente Francisco Lopes da Silva, e o padre capelão com ũa esquadra que partindo no princípio de dezembro descendo pelo Rio de D. Luís no meio dêle donde faz barra o rio a que chamam Rio Mourão encontraram grandes bananais, e grandes laranjais com o que mais animados prosseguiram na navegação até saírem ao Rio Paraná a 6 de janeiro de 1770, e descendo por êle abaixo reconhecendo a grande bôca das Sete

---

(*) *Junho*, no original.
(**) *comandava*, no original.
(***) *tinham*, no original.

Quedas subiram pelo outro lado e tomando o rio Goatimim foram dar a nossa praça do Goatimim. O capitão Baião, que tinha ficado enfêrmo na margem do Rio D. Luís, se lhe agravou a moléstia que o obrigou a recolher-se à sua casa adonde faleceu ao 3.º dia da sua chegada, nos fins de dezembro de 1769.

A gente que ficou naquele pôrto, comandada pelo sargento Tomé Ribeiro, abandonando-se, grande parte com êle desertaram ficando só algum na esquadra Inácio da Mota, que embarcando-se seguiram o rio a procurar o seu tenente e mais camaradas que encontraram na praça do Goatimim.

Entrou a 3.ª expedição aos 12 de agôsto de 1769. O comandante o capitão de auxiliares da Vila de Iguape Francisco Nunes com a sua companhia, que consta de 80 praças da gente da Cananéia, e Iguape, e seguindo o mesmo rumo do capitão Estêvão Ribeiro para o animar, e fortalecer se ajuntou com êle no Rio de D. Luís, e fazendo canoas se embarcou logo, depois do tenente Francisco Lopes, e encontrando os mesmos sinais saiu também ao Rio do Paraná adonde se arranchou, e deu parte ter feito a sua navegação com felicidade e mandando explorar o país encontraram com canoas que da cidade de S. Paulo desciam para a praça do Goatimim, e tendo os comandantes daquela praça notícia que no Paraná se achava êste capitão o mandaram subir, e recolher a ela por livrá-lo e a sua gente da epedimia que costuma haver nas margens do Paraná com as enchentes dêle.

Ali depois de juntos, enquanto esperavam sulução das partes que tinham dado deixando o capitão Francisco Nunes gente plantando roças saiu da dita praça e o reverendo padre capelão com Inácio da Mota, e fazendo nova expedição a explorar as Sete Quedas, e corrente do Rio Pequeri, e tornando à praça, faleceu o dito capitão em 27 de maio do mesmo ano, e o reverendo padre capelão com Inácio da Mota saíram da praça de Goatimim navegando o Paraná, e subindo pelo Tieté chegaram à cidade de S. Paulo em outubro dêste mesmo ano de 1770. Tendo entrado para o sertão pelo Tabagi em julho de 1769, gastou um ano, e quatro meses neste grande círculo, ficando assim reconhecido aquêle grande sertão, e descoberta a comunicação por aquela parte para a Praça do Goatimim.

Em 14 de novembro de 1770 se passou patente de capitão ao tenente Francisco Lopes da Silva e se incorporou a gente daquelas duas companhias por terem falecidos seus capitães, e lhe foi ordem para voltar com a sua gente ao Rio de D. Luís estabelecer-se na barra do Rio Mourão aonde se achavam os bananais, e laranjais, e chegando à dita paragem descobriram aos 10 de

março de 1771, os fundamentos da antiga Vila Rica, de que deram parte, e de se acharem botando roças, e principiando seu estabelecimento com a certeza de se achar o dito capitão com a sua gente naquele lugar procurando diantar o seu estabelecimento, se lhe mandou fazer pagamento, indo a esta diligência o tenente de auxiliares Jeremias de Lemos, e João Crisóstimo Pais com a condução necessária, que chegando a aquêle lugar aos 13 de junho fizeram o pagamento que consta da relação que se apresentou; e feito o pagamento teve o capitão Francisco Lopes ordem para com a sua gente ir socorrer a praça de Goatimim o que logo fêz,* deixando a Inácio da Mota com 10 homens, e chegando o capitão a aquela praça faleceu em março dêste ano de 1772 e conserva-se nela a companhia comandada pelo seu tenente José Rodrigues da Silva até o fim dêste ano. A quarta expedição do Tabagi que encentrou aos 28 de agôsto de 1769 entrou pelo Rio do Registo a explorar pelo lado direito do mesmo rio o sertão, para ver se podia achar vereda que facilitasse chegar ao fim do Rio do Registo onde faz barra no Paraná. Comandante da dita expedição Bruno da Costa Filgueira com 25 camaradas que constam da matrícula da sua esquadra, em três canoas com todos os mantimentos, e monições que lhe eram precisos, e chegando à barra do Rio Petinga, sobindo por êle acima deixando as canoas, e trem, com o que puderam carregar às costas, rompendo o sertão, e vencendo tôdas as dificuldades que o podiam embaraçar, chegou a parte que vendo grandes fumaças, que se supõem ter sido dos Campos de Apecteribu julgando serem de Missões castelhanas voltou a dar parte. A quinta expedição entrou pelo mesmo Rio do Registo aos 16 de outubro de 1769, comandante o capitão Antônio da Silveira Peixoto, alferes de Auxiliares da Vila de Parnaguá com gente de lá em duas esquadras que constam de 85 praças: a primeira partiu aos 16 de outubro em sete canoas comandadas pelo dito capitão; a segunda aos 28 do dito mês comandada pelo tenente da mesma companhia Manoel Teles Bitancurt em 9 canoas. Tendo chegado o dito capitão à barra do Rio Petinga, seguiu a esquadra de Bruno da Costa, que encontrando de volta com a errada notícia das imaginadas Missões o fêz voltar em sua companhia, e conhecendo o êrro o prendeu, e remeteu a Pernaguá. Prosseguiu o dito capitão o seu descobrimento tornando a navegar pelo Rio do Registo até o primeiro salto, aonde deu princípio a estabelecer-se, chamando àquela paragem Pôrto de Nossa Senhora da Victória, e pondo em recadação todo o trem da sua expedição, deixando ali a maior parte da gente, entregou ao

(*) *fiz*, no original.

tenente da mesma companhia Manoel Teles. Com 20, e tantos camaradas caminhou por terra a descobrir caminho até ao fim dos saltos pela mesma parte que tinha andado o tenente Domingos Lopes Cascais passando muito mais adiante, ũas vêzes navegando, para o que lhe era preciso fazer novas canoas; e outras por terra, dando várias partes das dificuldades que tinha encontrado, chegando a ver-se no maior perigo, pois despedaçando-se a canoa em que ia embarcado na violência de ũa cachoeira, com dificuldade pôde apegar-se a uns ramos, de donde com os socorros dos camaradas livrou a vida perdendo as armas reiúnas, fatos, e quase tudo quanto ia na canoa, e vencendo valerosamente tantos trabalhos continuou até de todo faltarem as notícias de seu progresso, e saber-se se achava prêso em Buenos Aires por ter saído em Missões, onde foi prêso em 20 de outubro de 1770 junto com o seu alferes Antônio da Costa, que consta ter falescido cruelmente naquela prisão, e os mais camaradas que tiranamente conservam presos em Buenos Aires, e tratados com barbaridades, falta de caridade. Em abril do ano de 1770 foi tornado a mandar o tenente Bruno da Costa, pelo conhecimento que tinha adquerido daquele sertão, e talento para êle, com ũa esquadra composta de desertores que das expedições se tinham presos, e mais algũa gente para reforçar aquela expedição, levando ordem para que logo que chegasse ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória seguir a encontrar ao capitão, o que fêz em o mês de julho, entregando-lhe as cartas que levava, mantimentos, e monições que pôde conduzir, e sendo preciso maiores socorros o dito capitão o mandou para os fazer conduzir para as partes que distinou, e vendo a dita diligência perdida a canoa morreu afogado nos fins de agôsto dêste mesmo ano. Em 12 de julho embarcou no Pôrto de Nossa Senhora da Victória o sargento-mor Francisco José Monteiro, levando em sua companhia o padre Inácio Alves de Azevedo, coadjuctor desta Vila para confessar a gente que estava por desobrigar, e também o sargento da Praça de Santos, Cândido Xavier de Almeida, e 6 soldados pagos em 9 canoas em que iam 63 pessoas com as reculutas, alguns desertores, e gente que tinha vindo buscar mantimento como continuamente se estava fazendo. Levou o dito sargento-mor ordem para procurar ao capitão Silveira de quem já faltavam notícias, e fazer o possível para falar com êle para verdadeiramente se informar do estado da expedição, e das notícias que tivesse adquirido assim do rio como do sertão, e dar as ordens, que lhe parecesse necessárias para bem desta expedição tão importante ao real serviço. E como também havia fazer pagamento

à gente que andava quase nua, pelo mato lhes ter consumido a roupa que levavam, foi com êle João Cardoso da Silva com dinheiro, e fazenda para assistir conforme o sargento-mor mandasse pagar. Chegou o sargento-mor ao Pôrto da Victória aonde se achava o tenente Manoel Teles com parte da gente da expedição, e não achando notícia do capitão fêz pagamento à gente, e fazendo conselho-de-guerra assentou que o sargento Cândido Xavier com a melhor gente, armas, e trem que pudesse levar fôsse procurar ao dito capitão e socorrê-lo, e reforçá-lo aonde quer que se achasse; e o tenente Manoel Teles o seguisse, e se postasse no Funil para daí receber as partes, e remeter para cima todos os avisos necessários, ficando no Pôrto de Nossa Senhora da Victória o soldado Manoel Pereira com a gente necessária para transportarem os mantimentos como se percisava, e mandar canoas ao Pôrto de Nossa Senhora da Conceição a buscar os socorros que continuamente se estavam mandando.

Assentado o referido conselho-de-guerra, se resolveu o sargento-mor Francisco José Monteiro a descer também pelo rio abaixo a ver se podia ter algũa notícia do capitão para falar com êle, e como não alcançou novas algũas, chegando às Capivaras, onde faziam novo embarque, tendo expedido ao sargento Cândido Xavier com a sua gente determinada, fêz seguir também o tenente Manoel Teles, que abaixo logo se alagou, e morreu afogado; e seu filho e os camaradas, perdido o trem, voltaram para a Victória. O sargento-mor despedidos os dous oficiais com as suas condutas, visto não poder falar com o capitão nem dêle ter notícia, voltou para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição, digo, da Victória, e de lá subindo para o de Nossa Senhora da Conceição chegou em setembro. O sargento Cândido Xavier, que por falecimento do tenente Bruno da Costa passou a êste pôsto, prosseguiu a sua viagem, chegando ao Funil nos fins de agôsto, onde pouco abaixo estando pousados já noite depois da reza que sempre se praticou nas expedições, viram um clarão para a parte do norte que mostrava ser de um grande fogo; e logo na menhã seguinte, sendo nos princípios de setembro, fêz o dito tenente passar o rio para aquêle lado ao sargento Manoel Lourenço a examinar aquela parte para onde viram o fogo aquela noite antecedente, e perto do meio-dia saíram ao campo onde toparam um rancho comprido, e reconhecendo-o com cautela, vendo não aparecia gente se chegaram a êle e acharam ser paiol do gentio onde guardavam seus mantimentos das roças que também ali viram, e mais sinais, que ficaram certos ser do gentio que por aquelas partes habitam. Parecendo-lhes também que os gentios estariam nas roças onde

viram o fogo, e todos os mais sinais de haver muito pouco terem saído do rancho, voltaram logo a dar parte ao tenente trazendo algũas espigas de milho, feijão, e outros sinais para certeza do que viram. Tanto que o tenente recebeu as notícias, que deu o sargento e mais camaradas, se resolveu a entrar com todos os camaradas, e trem aos campos, o que fêz por cima do Passo do Funil, saindo a êles a 8 de setembro dia do nascimento de Nossa Senhora. Com tôda alegria festejaram esta felecidade. Logo cuidaram em se intrincheirar dando princípio a um forte a que puseram o nome de Nossa Senhora do Carmo, de onde o tenente deu parte daquele descobrimento. Estando nêles 20, e tantos dias, vendo que não podia presistir por falta de mantimentos e a impossibilidade de ser socorrido pela impossibilidade do rio, se resolveu a sair para procurar caminho para os ditos campos por cima do Pôrto da Victória.

Logo que saiu do campo o dito tenente e se achou aquartelado no Pôrto do Funil, mandando 5 camaradas à caça para remedear a falta do mantimento, repentinamente se viram êstes no mato cercados de gentio que sem defesa lhes podia tirar a vida, e com vários acenos os deixaram embarcar, e passar para o outro lado do rio onde estava a tropa, demorando-se o gentio na margem do rio; retirando-se algũas vêzes ao mato e tornando aparecer deram mostras, e fizeram diligências por passar o rio, entrando nêles até chegar-lhes água ao pescoço, e fazendo outros sinais que davam mostras de quererem chegar-se à nossa gente, e vendo o tenente o perigo em que se achavam de poder o gentio passar o rio por algum passo desconhecido, e acabar-se-lhes o mantimento, e desvanecido também o poder-se encontrar com o capitão Silveira, se resolveu a subir para o Pôrto da Victória aonde chegou com tôda a gente, e trem, deixando nas Capivaras ao sargento José Lourenço com algũa gente.

Chegando o dito tenente ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória, determinando ali o que era preciso, se resolveu a vir ao Pôrto de Nossa Senhora da Conceição para me procurar, e informar da sua deligência, e receber as ordens que lhe desse, e no dia 17 de dezembro chegou à Fazenda dos Carlos onde me achava, e me informou do que tinha visto, e as dificuldades que se ofereciam para se poder continuar para os campos pelo caminho do Funil: dizendo, que pelo Pôrto de Nossa Senhora da Victória lhe parecia seria mais fácil caminho para os campos, a vista do que logo o despachei no dia 18 para sem demora ir botar a picada para

os campos, o que executou com a maior diligência, e trabalho gastando todo o mês de janeiro e fevereiro do ano de 1771 sem poder conseguir o fim que pertendia. Vistas as notícias que haviam do gentio, esperanças de sair ao campo, foi necessário reforçar a expedição com gente e oficiais para poder alcançar-se o fruto de tanto trabalho; e assim em 4 de março de 1771, partiu do Pôrto de Nossa Senhora da Conceição em 7 canoas, o tenente da Praça de Santos, Filipe de S. Tiago que ia por comandante das expedições, e o padre frei Inácio de Santa Caterina, religioso do Carmo, e missionário para catequizar os índios, e dispor a sua redução como parece mais do serviço de Deus; cirurgião, e mais recluta de gente que consta da lista, trem, e mantimentos.

Chegando o dito tenente S. Tiago ao Pôrto da Victória, sabendo que o tenente Cândido Xavier estava no mato animando aos da picada lhes escreveu logo a dar parte da sua chegada, e se recolhessem para comunicar o meio de pôr fim a esta diligência, e juntos os dous tenentes, capelão e os mais fizeram, seus conselhos-de-guerra, em que assentaram seguissem as picadas que determinaram, e se veio alcançar o que se desejava, saindo a picada ao campo nos fins de junho tendo-se trabalhado nesta diligência 6 meses com o maior cuidado, e disvêlo, que puderam mostrar os referidos comandantes, e logo fizeram abrir o caminho e transportar todo o trem e mantimentos para o Rio de S. João onde se demoraram até haver caminho para os campos. E desertando alguma gente, vendo-se quase impossibilitado o tenente S. Tiago de poder sair ao campo, se resolveu a voltar com alguns camaradas para me encontrar por já ter notícia que eu também partia para aquêles campos, e se me pôde encontrar estando eu já nêles aos 6 de janeiro de 1772. O tenente Cândido Xavier com os poucos camaradas que lhe ficaram, tendo recebido o aviso de que eu certamente marchava pessoalmente a aquêles campos continuou a marcha, e saiu a êles meado de novembro de 1771.

A sexta expedição para descobrimento do Sertão do Tabagi entrou em 26 de julho de 1770 fazendo-se a entrada pelo Carrapato, que fica em meio da entrada do Pôrto de S. Bento, e da do Rio do Registo, para o sertão, por se ter achado notícias seria por ali boa vereda, não só para descobrimento dos campos, como para a Serra da Apucarana, visto tôdas as mais despedições não terem aberto caminho para os Campos de Guarapuava e por esta parte se esperar melhor comodidade de caminho para transportes, como a experiência o mostrou e se está experimentando.

Comandante desta expedição o guarda-mor Francisco Martins Lussosa com 18 camaradas, que entrando pelo dito Carrapato passando o Rio Goaraúna, e cinco léguas de campo que vão até a borda do mato, dentro dêste duas léguas fêz ũa roça ao pé do Rio das Almas; e porque a picada a êste tempo prosseguia adiantou outra no lugar chamado S. Felipe, e daí a sete léguas outra no lugar chamado S. Miguel, e tendo chegado* a picada à Serra de Capivaruçu, e por ser tempo de águas, e de outras impossibilidades, saiu para fora em fins de novembro tendo feito nestes quatro meses as referidas três roças, e a picada até a Serra de Capivaruçu, e grande parte do caminho aberto, se recolheu deixando algũa gente na roça para benefício dela.

Tornando a dispor nova entrada pelo mesmo caminho do Carrapato, entrou o guarda-mor Francisco Martins Lussosa aos 7 de março com 60, e tantas pessoas, destas 37 vencendo sôldo, e os mais voluntários, e chegando a Esperança, que é na fralda da Serra do Capivaruçu, fêz subir a serra, e continuar a picada que com facilidade saiu ao campo a 2 de abril, dia de S. Francisco de Paula, que ajudou o feliz sucesso desta importante diligência.

Dando parte de ter saído a picada ao campo dispôs logo abrir caminho para êle, e botar ũa grande roça na Esperança, onde se conservou até a minha chegada, e me acompanhou para os campos.

Com as notícias que tinham vindo do descobrimento dos campos, vendo a pouca fôrça que havia para entrar a êles, e que era preciso quem animasse a gente das expedições, que consomida com trabalho, pouco alento tinham para completar esta importante diligência, resolvi-me pessoalmente ir aos campos, para o que convidei aos capitães de auxiliares Lourenço Ribeiro de Andrade, Francisco Carneiro Lôbo, e José dos Santos Rosa, que com a gente que voluntàriamente pudessem adquirir sem vencimento de sôldo se aprontassem para me acompanhar para os referidos campos; e passando a cidade de S. Paulo, onde cheguei a 12 de agôsto, dei conta a Sua Excelência da minha determinação, que aprovada, dando-me as ordens necessárias, saí daquela cidade a 27 do mesmo. Chegando a Pernaguá logo dispus fazer subir para Curitiba o trem que era preciso para a entrada dos campos, e aos 30 de outubro cheguei à Vila de Coritiba, e com maior cuidado aprontando-se os camaradas fiz marchar o trem, artelheria, e o mais que era preciso, e a 9 do mês de novembro saiu o cabo Simão Ve-

(*) *chegada*, no original.

loso com o dito trem, e aos 10, saí eu, aos 17 passamos o Rio Guraúna, no Carrapato, e aos 18 partimos para a entrada do mato. Daí porseguindo a viagem com as disposições determinadas, vencendo os trabalhos daquele inculto sertão saímos a 4 de dezembro de 1771, dia da Senhora Santa Bárbara, e logo no mesmo dia encontrei ao tenente Cândido que havia perto de 15 dias ali tinha chegado, a esperar-nos e no dia seguinte, nos ajuntamos todos aonde se achava o dito Cândido, e tinha dado princípio a ũa estacada que se havia chamar o Forte de Nossa Senhora do Carmo.

Aos 8, dia de Nossa Senhora da Conceição, se disse a primeira missa nos Campos de Guarapuava, e tendo-se explorado a campanha no dia 9 parti com os 3 capitães e alguma gente a ver o melhor sítio de nos arrancharmos para dar princípio ao estabelecimento que desejávamos; chegamos perto do grande rio que devide aquela campanha, onde pousamos expostos a um grande temporal de águas que apenas no dia seguinte deu lugar de montarmos às 10 horas, deixando naquele lugar o capitão Lourenço Ribeiro de Andrade para com a sua esquadra examinar o rio, e descobrir lugar em que admitisse vau.

No dia 14 nos ajuntamos no vau que se achou no dito rio pondo-lhe o nome Pôrto do Pinhão do Rio Jordão. No dia 15 passei o referido rio com os 3 capitães, e 22 companheiros, e correndo grande parte da campanha sempre a rumo do poente. No dia 16, encontramos os primeiros alojamentos, e passados vários se encontraram alguns índios, e no dia 18 os comonicamos pelo modo possível, pois nos faltava entrépete da língua. No dia 19, nos recolhemos ao Pôrto do Pinhão, onde vendo que brevemente nos faltaria o mantimento necessário cuidei em dar as providências para os fazer aprontar, principalmente pelo Pôrto da Victória, caminho por onde entrou o tenente Cândido, pelo qual se intendeu poder-se aprontar com mais brevidade. Neste pôsto me conservei fazendo correr aquela grande campanha por todos os lados não só para tomar verdadeiro conhecimento daquele país, como para averiguar o gentio que por aquelas partes habitava, tendo-nos êles vindo ver algumas vêzes em avultado número procurando pelo modo possível agradá-los. No dia 8 de janeiro voltou a aquêle pôrto grandessíssimo número de gentio que se averiguou serem já de diversas nações, que confederados se tinham unido para a traição que descobriram de que Deus por sua providência, e algũa nossa nos livrou da manhosa segacidade com que se armaram. No dia 9 chegou aviso do Pôrto da Senhora da Victória do qual ficamos certos não podermos ser socorridos de mantimen-

tos em breve tempo quando já tanto necessitávamos dêle. Estas e as mais circunstâncias expressadas na particular relação desta ação fêz que resolvesse a fazer retirar a gente para fora onde pudessem ser sustentados das roças até dar as cômodas providências. E no dia 18 chegamos à saída do mato, o que tudo consta do diário, e relações, que tenho dado conta a Sua Excelência, ficando o guarda-mor Lussosa na roça de S. Felipe com algua gente tanto para tratar dela como para dar notícia do gentio se por ali aparecesse. Presentemente se conservam as guardas da gente nas partes seguintes. No Pôrto de S. Bento do Rio Tabagi, por onde entraram as primeiras expedições do capitão Estêvão Ribeiro, e Francisco Nunes. Conserva-se o cabo Francisco Lima com dous camaradas pagos, e alguns ventureiros, arrieiros, e cavalos para transportes ao Rio de D. Luís; e serviço daquela guarda, onde se tem botado roças sem que a Real Fazenda dispenda cousa alguma em mantimentos; e a dêste ano tem 21 alqueires de planta. No Rio de D. Luís na nova Vila Real se conserva guarda de 10 homens; têm plantado e êste ano já tem mantimento para muito mais gente. Saiu para fora o cabo, e sargento Inácio da Mota, e está pronto a tôda a hora que o mandarem. No Pôrto de Nossa Senhora da Conceição, por onde entrou o capitão Silveira, e mais condutas que desceram pelo Rio do Registo, se acha o soldado pago Manoel Pereira com alguns ventureiros entregue de todo o trem, e munições, fazendo compor os armamentos, e ferramenta em que até agora têm trabalhado dous ferreiros, e se acha pronto para o que se oferecer. Sustentam-se com o milho, feijão das roças, sem que a Fazenda Real dispenda em mantimentos. No caminho que abriu o guarda-mor Lussosa pelo Carrapato para os Campos de Guarapuava, logo na entrada do mato cousa de 3 léguas, se acha a roça de S. Felipe, em que assiste Antônio de Pina com alguns camaradas; plantou-se seis alqueires de milho. Na Esperança, princípio da Serra de Capivaruçu, aonde com dous dias de viagem podem os índios de Guarapuava chegar, se acha o guarda-mor Francisco Martins Lussosa, presentemente com 40 homens pouco mais ou menos. Colheu da roça antiga quatro mil duzentas, e cinqüenta mãos de milho, fora o restôlho; plantou êste ano 27 alqueires, e muito maior seria a roça se mais cedo pudesse principiá-la; está fazendo armazém onde recolha todo o trem que há de entrar para Guarapuava quando fôr tempo, quartéis para a gente que ali deve fazer alto, e reformar o caminho para os campos, que se acha infinitamente embaraçado por causa das tormentas que têm havido, por aquelas partes. Ali se deve demorar o dito guarda-mor, ou outra pessoa de capacidade, por ser

o ponto fixo onde se devem dispor tôdas as prevenções para a entrada dos campos. E todo o referido se conserva na forma acima enquanto Sua Excelência não mandar o contrário.

Esta é a breve relação que ao presente nesta Vila de Coretiba pude extrair, por faltarem os diários, e livros do registo. Vila de Coretiba, 19 de dezembro de 1772.

Escrita pelo coronel Afonso Botelho, a cujo cargo estão tôdas as expedições, e a quem se deve o bom sucesso delas, que seria muito diverso, se não fôsse esta emprêsa cometida a um herói dotado do valor, constância, prudência, religião, piedade, e mais virtudes, com que se faz admirável o dito coronel; e êle me deu o original por onde fiz extrair esta cópia.

BANDO

Por ter chegado a ser escandalosa a inobediência, e audácia, com que se tem portado a expedição, que entrou pelo Pôrto de S. Bento a penetrar o Sertão de Tabagi, nas desordens, e deserções, que tem havido, não sendo bastante para obviar êstes absurdos as declarações, que sôbre esta matéria se têm feito assim nas instruções, e ordens, que levam os comandantes, como também em cartas de 5, e 17 de setembro dêste presente ano, e os castigos, que estão experimentando os tais desertores da dita expedição, que se acham presos, pois tem chegado a tanto, que o próprio comandante, esquecido da sua honra, e cego a todo o grande mal que comete, se retirou para fora sem licença, nem ordem de quem lha podesse dar, com o frívolo pretexto de doente, devendo em razão do seu pôsto saber que depois de haver sido encarregado desta tão árdua diligência do serviço de Sua Majestade e recebido sôldo do mesmo Senhor, é obrigado a perder a vida no seu real serviço; e quando sem esta circunstância, mas só por leal vassalo, por honra, e por brio seu devia assim obrar, fêz tanto pelo contrário que desprezando todos os avisos, que teve, e declarações da culpa, que cometiam os que desertavam, e dos castigos, de que se faziam merecedores, foi êle um, que com outros mais de tudo se fêz merecedor, desertando para fora, sem ter ordem, nem licença para o poder fazer; e porque semelhantes homens não devem ter, nem gozar da honra, de que gozam os vassalos de Sua Majestade que com fedelidade se impregam no serviço do seu Rei, mando decrarar, que todo aquêle que tiver vindo da dita expedição, que dentro em 15 dias depois da publicação dêste não estiver na guarda do Pôrto de S. Bento para entrar para dentro, e prosseguir a sua diligência, assim êstes, como outros, que para o tempo adiante desertarem,

sejam logo perseguidos, presos, tratados como gente vil, falsários, inconfidentes ao seu Rei, inábeis para o seu real serviço, e qualquer imprêgo, ladrões da Fazenda Real, e como tais confiscados, e mal tratados, tidos por fracos, traidores, inobedientes, e réus de culpa grave, da qual receberão irremissìvelmente o castigo; para o que os prenderão logo não só os oficiais de milícia, e justiça, senão tôda e qualquer pessoa, que delas notícia tiver, sem que para isso precisem de poder, nem mais ordem; pois por êste lhes concedo tudo, e lhes imponho a obrigação para o fazerem; e todo aquêle, que o não fizer, ou der escapula, ou favor algum, recolhendo ou consentindo em suas casas, ou destrictos, ou dando sustento, ou outro qualquer favor a êstes traidores ao seu Rei, ficarão incorrendo nas mesmas culpas para, como se fôssem os próprios, serem castigados. E para que chegue a notícia de todos, e não possam alegar ignorância, se publicará êste nas partes onde fôr conveniente, e se registará onde fôr publicado. Dado nesta Vila de Parnaguá a 30 de dezembro de 1769. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa.

Carta ao sargento-mor de auxiliares Francisco José Monteiro, em 2 de janeiro de 1770.

Sr. sargento-mor Francisco José Monteiro - Logo que V. M.[cê] chegue à Vila de Curitiba mandará buscar prêso para a dita vila o capitão de auxiliares Estêvão Ribeiro Baião e depois de estar prêso fará publicar o bando, que acompanha a esta, e resolvendo-se o dito capitão a entrar para o sertão, sem demora V. M.[cê] lhe dará liberdade para ir continuar a diligência de que está encarregado, e caso o dito capitão debaixo de qualquer pretexto não vá para o sertão V. M.[cê] lhe fará dar conta dos mantimentos, que recebeu, das munições, armas, e o mais trem da expedição pertencente a Sua Majestade e não mostrando êle a saída de tudo com as clarezas, que deve, o remeterá para a fortaleza desta vila, e lhe mandará fazer seqüestro em todos os bens até se fazerem as contas, e ver ao que está responsável a Fazenda Real. E todos os mais, que constar se acham fora das suas companhias, e dentro do têrmo, que o bando declara, se não recolherem a ela, os fará V. M.[cê] prender, e os remeterá para a fortaleza. O desertor da esquadra do Bruno fará V. M.[cê] muito por prender, e remetê-lo com segurança à mesma fortaleza. As ordens, que se confiaram ao capitão Estêvão Ribeiro deve êste entregá-las, de modo que se não façam públicas, e me resolvo a mandar tirar devassa do dito capitão demorar esta diligência e das mais cousas, com que se faz suspeitosa a sua vinda para fora, sem licença. Mande V. M.[cê] passar para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição as canoas, que

a esta hora estarão já no Registo, e com segurança livres do tempo as fará guardar. Mande V. M.cê apronrar os mantimentos que fôr possível, e que se vão conduzindo para o dito pôrto, e bem acondicionados os fará guardar. No mesmo pôrto se há de dar princípio a um armazém, em que V. M.cê pode ir cuidando, fazendo puxar madeiras, elegendo sítio perto do pôrto, atendendo as comodidades de água, e lenha.

Carta ao ajudante de auxiliares Manoel da Cunha, em 2 de janeiro de 1770.

Recebo a parte que me dá da saída do capitão Estêvão Ribeiro com mais 16 homens, que o acompanharam; dêstes diz V.M.cê *que tornaram para dentro os mais, e só 3 doentes, e 3 de licença* se vieram embora. Tudo o que V. M.cê obrou em os prender, castigar, e o mais está muito bem feito; porém o consentir passasse por essa guarda o capitão não devia V. M.cê deixá-lo* passar sem ordem para isso, pois sabia estava comandando um corpo, e entregue das ordens, e todo o mais comando da expedição, a que havia responsável, e devia V. M.cê tomar-lhe conta assim como êle chegou das munições, armamentos, e mantimentos, e saber em que se dispenderam, e a quem ficaram entregues todos os pertences da dita expedição para dar conta a quem lha pedisse, e suposto êle viesse doente, não tirava a obrigação de V. M.cê lhe tomar a mais estreita conta, que fôsse possível, e de o deixar estar nessa guarda até me dar parte.**

DIÁRIO DO PÔRTO DE SÃO BENTO DO RIO TABAGI PARA O RIO DE DOM LUÍS E PRAÇA DE GUATIMIM, PELO TENENTE FRANCISCO LOPES DA SILVA, CAPITÃO HOJE DA COMPANHIA, QUE ESTÁ NA NOVA VILA RICA, QUE SE DESCOBRIU NO MESMO RIO DE DOM LUÍS.

DIÁRIO DA NOVA EXPEDIÇÃO DE TABAGI PELO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOM LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA, GOVERNADOR E CAPITÃO-GENERAL DA CAPITANIA DE SÃO PAULO, DIRIGIDA PELO SENHOR AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA, AJUDANTE-DAS-ORDENS DO MESMO SENHOR.

Depois de se achar no Pôrto de S. Bento a companhia do capitão Estêvão Ribeiro Baião, que constava de 60 homens, e seus oficiais competentes, e seu capelão. No dia 18 de julho do ano de 69, se fêz pagamento à tropa, de três meses adiantado para se poderem preparar do que precisavam.

No dia 19 foram municiados de farinha, pólvora e bala, ficando prontos para partir.

(*) *deixar-lo,* no original.
(**) No códice segue-se uma fôlha em branco.

No dia 20, partiu a esquadra do cabo Inácio da Mota pelas seis horas do dia, cuja esquadra se tinha determinado para ser a que marchasse sempre na vanguarda té que o comandante mandasse o contrário, e no mesmo dia de tarde partiu o sargento do número Bartolomeu Franco com algũa parte da gente. Os primeiros foram aposentar-se no Aterradinho, e os segundos no Ribeirão do Tenente.

No dia 21, marchou o capitão, e mais oficiais, e o seu capelão, e a mais tropa que nos acompanhava. Assim também o Senhor ajudante-das-ordens, e várias pessoas, que o acompanhavam, cujos chegaram até ao Terradinho, onde nos estavam esperando os mais; menos o Mota, que já se tinha adiantado. Neste dia marchamos légua e meia mais ou menos.

No dia 22 marchamos sempre por matos, e campestres, e passando alguns córregos, e dous ribeirões, fizemos pouso em ũa restinga com duas léguas e meia de marcha, onde se mataram nove porcos, em cuja paragem falhamos três dias por conta de chuvas.

No dia 26 marchamos sempre por campos, e restingas té a Boa Vista ; passamos neste dia o Rio de Capivari, e três ribeirões. Fizemos pouso com três léguas de marcha, onde falhamos três dias por nos adoecerem 4 camaradas, e um dêles no quarto dia foi conduzido em rêdes; em cujo pouso se mataram três antas, e também se fizeram dous ranchos grandes para se guardarem os mantimentos que se esperavam de fora.

No dia 29 marchamos légua e meia sempre por campos ; passamos um ribeirão, e entrando em ũa restinga fizemos pouso à margem de outro chamado Rio Negro.

No dia 30 marchamos sempre por matos té o Rio de Capivaruçu à margem do qual fizemos pouso para a parte ocidental, com légua e meia de marcha passamos dous córregos. Neste lugar falhamos 6 dias à espera dos mantimentos que nos vinham de fora, e doentes, que tínhamos; em cujo pouso se mataram duas antas.

No dia 7 de agôsto marchamos com a conducta, que já nos tinha chegado, sempre por matos, e campestres té o ribeirão lajeado, onde fizemos pouso com légua e meia de marcha.

No dia 8 marchamos* 3 léguas e meia, até o espigão alto, onde fizemos pouso ; passaram-se neste dia 2 córregos, e 2 ribeirões ; também se matou ũa anta.

No dia 9, estando nós já para partir chegaram dous soldados da esquadra de Inácio da Mota com ũa parte de que tinham desertado 4 soldados da sua esquadra, e logo sem mais demora mandou

(*) *marchemos*, no original.

o capitão dous camaradas com a mesma parte ao senhor ajudante-das-ordens. Com efeito marchamos té a Campina Alegre, onde fizemos pouso com légua e meia de marcha ; passaram-se 2 córregos, e um ribeirão, onde se mataram duas antas.

No dia 10 falhamos para levantar uma cruz, e ouvir missa por ser dia de São Lourenço.

No dia 11, marchamos légua e meia, sempre por campestres, e serrados limpos; passamos dous córregos, e dous ribeirões, e a um dêles pusemos o nome do Rio Verde: fizemos pouso à margem de um córrego, onde se matou ũa anta, e dous porcos.

No dia 12 me apartei da tropa, e me fui encorporar com a esquadra de Inácio da Mota para cuidar em adiantar a picada para mais depressa chegarmos ao fim, que pertendíamos: marchei naquele dia 5 léguas e meia, e sendo já de noute os alcancei; passei neste dia alguns córregos, e dous ribeirões, e a um dêles pusemos o nome o Rio Tinto, e os vaquianos o chamavam Ovaí: neste dia tinham êles morto duas antas.

No dia 13, marchamos ũa légua forçada por nos adoecer um camarada; fizemos pouso sôbre um espigão, onde chamamos o Pouso da Uperoba.

No dia 14 marchamos légua e meia, e fizemos pouso à margem de um córrego, a que chamamos a Samambaia.

No dia 15, marchamos légua e meia, onde correram os cachorros ũa anta, e depois de levar dous tiros nos escapou.

No dia 16 marchamos légua e meia, e fizemos pouso à margem de um ribeirão, que lhe pusemos o nome das Congonhas por haver muita quantidade delas, também se matou ũa anta, advertindo que todos os córregos, e ribeirões, que se passam desde o Pôrto de S. Bento té êste Ribeirão das Congonhas todos são vertentes do Tabagi, e todos os que se passam das Congonhas té o Rio de D. Luís todos são vertentes do mesmo.

No dia 17, marchamos légua e meia, e fizemos pouso à margem de um córrego, onde se matou ũa anta.

No dia 18 marchamos légua e meia, e nos fomos aposentar em um espigão alto, ao qual se pôs o nome de Pouso da Fome, porquanto a tropa do capitão passaram 7 dias a palmitos, e nós quando ali chegamos matamos ũa anta: neste dia fui eu e o cabo botar ũa picada para um alto monte para dêle explorarmos algũa cousa, e achando que pelo nosso rumo se encontravam grandíssimos montes com altíssimos itaembés voltamos para no outro dia nos desviarmos mais para a parte meredional, como assim o fizemos.

No dia 19 falhamos por causa da chuva. No dia 20 nos desviamos mais para a parte do sudueste, e indo costeando ũa altíssima serra, que seguia o mesmo rumo, e vendo que não podíamos vencer as grandes rochas de pedras que já encontrávamos, carregamos mais à direita, onde encontramos um córrego pequeno com vertentes para o sudueste, para onde se encaminhavam as serras, e seguindo por êle abaixo encontramos um ribeirão com sua origem para a parte do noroeste, porém, logo que se encontrava com outro se seguiam ambos para o mesmo rumo do sudueste, e marchando por êles abaixo primeiro quarto de légua fizemos pouso com ũa légua forçada de marcha; neste dia se matou uma anta.

No dia 21, logo que os picadores marcharam foram outros a caçar, e correndo os cachorros ũa anta. trouxeram-a ao pé do rancho, onde se matou, e depois que se moqueou algũa que se pôde carregar marchamos atrás dos picadores passando altíssimos montes, e concavidades. Fizemos pouso à margem de um córrego com légua e meia de marcha.

No dia 22 marchamos légua e meia e chegando a um ribeirão ainda maior que o primeiro, fizemos pouso à margem do mesmo. Também tinha sua origem para o noroeste, e logo que se encontrava com outro que seguíamos, seguiam todos o mesmo rumo do sudoeste.

No dia 23, marchamos pela margem do dito ribeirão abaixo, e onde se encontrava com outro paramos para caçar, onde se matou ũa anta.

No dia 24, falhamos por conta de chuvas.

No dia 25, marchamos légua e meia, atravessando um altíssimo monte por não podermos seguir as marchas do ribeirão por conta dos muitos itaembés que tinha, que não davam lugar para se fazer caminho de cavalos, que pertendíamos.

No dia 26 marchamos légua e meia, e fizemos pouso à margem de um ribeirão, que se encaminhava para o outro, que seguíamos.

No dia 27, marcharam os picadores pelo ribeirão abaixo, e logo atrás dêles seguiram os mais, ficando eu inda no rancho com o comandante, que marchávamos na rectaguarda, por êle vir molesto de ũa perna. Neste dia desertaram 8 camaradas; incluindo-se nêles os dous guias, que por velhacaria já se tinham atrasado na marcha fingindo-se um dêles doente com pretexto de nos virem seguindo, e não achamos a falta dos ditos senão depois que nos tornamos a encontrar com o dito ribeirão, que seguíamos, onde se matou ũa anta, e muito peixe, e achamos ao tal ribeirão com bastantes águas, capaz de navegarem canoas pequenas, e também grandes

(sendo necessário) e como nos achávamos só oito por todos não fui usado a dividi-los; porém na opinião de que logo chegaria o capitão mandei dous camaradas para a rectaguarda com um escrito para o deixarem em um rancho que tínhamos de duas léguas, em que dava parte ao capitão para quando êle viesse ou mandasse algum a procurar-nos para saber dos desertores, e também de nós, que de tudo lhe dava conta.

No dia 29, nos resolvemos com o cabo a mandar explorar o rio para vermos se nêle havia algũa impossibilidade, ou se chegavam ao Rio do Peixe que procurávamos; com efeito mandamos três camaradas, e depois de marcharem 5 léguas mais ou menos, no outro dia voltaram com a notícia que não tinham encontrado com o Rio do Peixe; mas sim que o dito ribeirão, em que nos achávamos, dava sua navegação ainda que com algum trabalho por razão das muitas cachoeiras, e itaupabas, que tinha; com esta notícia no dia 31 derrubamos um pau, e fizemos ũa canoa, em que gastamos 3 dias e meio.

No dia 3 de setembro deitamos-la ao rio, e seguimos marcha antes do meio-dia; marchamos duas léguas até as 4 horas da tarde; neste dia se matou ũa anta, e dous veados.

No dia 4, marchamos duas léguas té antes do meio-dia, que paramos por conta de ũa anta que se matou, e ali falhamos 5 dias a descansar, e também a espera do capitão por conta de nos provermos de pólvora, e bala, que já vínhamos com muito falta dela (não falamos no pão de monição que já havia muito tempo que passávamos sem êle).

No dia 10, que pertendíamos marchar, falhamos por conta de chuvas.

No dia 11, marchamos légua e meia; paramos antes do meio-dia por conta das montarias: neste dia acharam-se muitas abelheiras tiradas de alguns tempos, porém pelos cortes de machados não parecia de índios, mas sim de gente civilizada; neste dia se matou ũa anta, e eu subi em um alto monte para ver se via algũa cousa e com efeito desde o rumo sueste té o norte vi tudo quanto a vista podia divisar; advertindo que na distância de 4, ou 5 léguas mais, ou menos, seguia ũa cordilheira de serra onde julguei ser o Rio do Peixe para onde se encaminhava o tal ribeirão que seguíamos.

No dia 12 me embarquei com o ajustado do Mota, e seguimos rio abaixo para ver se chegava ao Rio do Peixe, e vendo que o não alcançávamos voltei por ser já tarde, para no outro dia seguirmos todos; porém logo que cheguei ao rancho achei a novidade

de que os camaradas, e o cabo, que também tinham ido à montaria a fazerem-me requerimentos para voltar, porquanto diziam que tinham achado na montaria um caminho de gentio que seguia para a parte do ocidente, e que também viram fumaças, e o cabo me assegurou o estarem os ditos índios abeirando algum rio que estivesse para aquela parte; e como nos achávamos sem provimento algum de pólvora, e bala, resolvemo-nos a voltar a encontrarmonos com o capitão para com tôda a tropa seguirmos as ordens, que tínhamos (como assim fizemos). Gastamos 4 dias té chegar ao Pôrto das Canoas, em cujo pôrto falhamos um dia.

No dia 18 antes de partir escrevi os carecteres *Viva El-Rei de Portugal,* em ũa árvore, dia, era, em que ali cheguei. Seguimos marcha; dali a oito dias chegamos ao Pouso da Samambaia, onde se matou ũa anta; neste dia se ouviram dous tiros da tropa do capitão, que já tinha voltado ao Pouso da Fome, porquanto os desertores o tinham vindo enganar aparecendo-lhe sòmente três com recado fingido a dizerem-lhe que eu lhe mandava pedir pólvora, e chumbo, e algum mantimento, e debaixo dêste engano lhes deu tudo, e recebendo desviaram-se do caminho, o prosseguiram sua deserção, e como o capitão tinha mandado gente a caçar, êstes viram o rasto dos desertores, que tinham passado; com esta notícia mandou o capitão um cabo, e dous soldados com ordem de seguirem as minhas picadas té onde me alcançassem para saber a certeza de tudo, e vendo que êstes não seriam bastantes mandou mais 7 camaradas, e o sargento Bartolomeu Franco para com mais acêrto fazerem a deligência a que iam a tempo que já encontraram no caminho aos três camaradas, os quais disseram aos outros que nos não procurassem porquanto êles já tinham arrematado as picadas, e que nos não tinham topado, e com esta notícia se vieram ao capitão, e o sargento com os mais que o acompanhavam sempre foram adiante, e no fim de 15 dias voltaram com a mesma notícia ao dito capitão; e todos por um teor diziam que eu era morto, e que todos os mais teriam fugido; porém tudo nêles era velhacaria, porquanto êles chegaram muito perto do pôrto, onde nós estávamos fazendo a canoa cousa de um quarto de légua, de onde voltaram a tempo que as picadas se percebiam muito bem, e juntamente sumiram o escrito que eu tinha mandado pôr na rectaguarda só porque o capitão não soubesse, onde estávamos, para obrigá-lo a retirar-se, que era todo o seu cuidado; porém o capitão sempre quis seguir-me, mas porque se via sem mantimentos, e juntamente impossibilitado de moléstias que padecia viu-se obrigado a retirar-se té onde encontrasse a conducta, que esperava, para ver o que devia obrar.

No dia 26 cheguei eu à tropa do capitão com a notícia de que tinha voltado de muito perto do Rio do Peixe, e que logo nos puséssemos a caminho, o que meu capitão estimou muito, e não tinha dúvida de prosseguir logo no outro dia; mas como o nosso capelão se tinha apartado a botar ũa picada a rumo do noroeste haviam 4 dias, foi preciso mandar dous camaradas que viesse para seguirmos a minha picada, porém como êle se demorou resolvemo-nos a seguir marcha por não haver mais demoras.

No dia 2 d'outubro pusemos em execução juntamente com o capitão Francisco Nunes, e sua tropa, que tendo notícia que eu tinha voltado, e que seguíamos outra vez para dentro se veio encorporar conosco, e todos juntos seguimos marcha, e viemos aposentar-nos na paragem chamada o Primeiro Saco.

No dia 3 seguimos marcha, e viemos aposentar-nos no pouso chamado S. Bartolomeu, onde falhamos 2 dias para caçar, e se mataram 7 antas.

No dia 6 marchamos ũa légua pela mesma picada, e desviando-nos para a parte meridional por outra picada, que já tínhamos mandado botar pelo sargento Bartolomeu Franco com 5 camaradas, e chegando ao Ribeirão das Congonhas fizemos pouso, e o capitão Francisco Nunes com a sua tropa passou adiante, e aposentou-se à margem de um córrego distante de nós meia légua.

No dia 7, marchamos, e excedendo à tropa do capitão Francisco Nunes, fomos nos aposentar no Pouso da Fome, e logo atrás de nós chegou o capitão Francisco Nunes com a sua tropa.

No dia 8 marcharam os dous capitães com a maior parte da tropa, fazendo um atalho pela parte ocidental té o Pouso da Anta Gorda, cuja picada já estava feita a maior parte dela, ficando eu com alguns camaradas, e o sargento do número da outra companhia com outros tantos para recebermos os mantimentos, que vinham, e continuarmos o caminho, para os cavalos seguirem adiante, quando chegassem.

No dia 9 falhou o meu capitão por lhe adoecer um camarada; porém sempre mandou o sargento, e o Mota a fazer um atalho pelo ribeirão abaixo, distância de meia légua, por desviar ũa serra, e depois tornaram a subir por um espigão a procurar a picada antiga: neste dia mataram ũa anta. Também o capitão Francisco Nunes marchou com a sua tropa para diante.

No dia 10, marchou o meu capitão com os que o acompanhavam; e foram aposentar-se no Pouso das Moquiranas, onde se matou ũa anta. Dêste pouso para diante dividiu o capitão Francisco Nunes a sua gente, e êle com alguns camaradas foram pelo ribeirão abaixo, e o alferes com outros pela picada.

No dia 11, marchou o meu capitão, e foi aposentar-se ao Pouso do Barreiro, onde alcançou ao alferes da outra companhia, o qual seguiu adiante; e o meu capitão falhou dous dias por repetição da moléstia do camarada, por quem já de antes tinha falhado.

No dia 14, marchou o meu capitão, e chegando ao Pôrto das Canoas já achou ao capitão Francisco Nunes com a maior parte da sua gente, onde pertendia fazer ũa canoa para levar alguma parte do seu trem, e o mais de tudo por terra, como fizeram; e o meu capitão passou adiante, distância de 4 léguas em ũa canoa, que eu tinha feito com o cabo Inácio da Mota, e logo que chegou ao pouso chamado a Charqueada, falhou 8 dias a espera dos mantimentos que eu lhe havia mandar, e no entanto mandou fazer mais ũa canoa para o seu transporte para o Rio de D. Luís. Deixamos aos 2 capitães fazendo as canoas, e tornamos ao Pouso da Fome, onde eu me achava à espera dos mantimentos, e mandar preparar o caminho para os cavalos, quando ali chegassem. Depois de haverem 4 dias que o meu capitão se tinha apartado de mim, me chegou a conducta que constava de 24 alqueires e meio de farinha, e 2 3/4 de milho, 3 de feijão, e 8 libras de charque.

No dia 13, marchamos já com os cavalos, e chegando ao Pouso da Anta Gorda, mandei 4 camaradas, cada um com sua carga de mantimentos ao meu capitão, e depois segui marcha pelo ribeirão abaixo mais de meia légua, onde parei por não haver mais caminho para os cavalos poderem seguir, e os fiz voltar, e eu cuidei em dividir os mantimentos com outros surrões mais pequenos para melhor se poderem conduzir.

No dia 14 falhei, e retrocedendo a picada mandei 3 camaradas pelo ribeirão abaixo fazendo picada, e com êles logo os mais, que me acompanhavam já com cargas a levá-las ao Pouso das Moquiranas: os quais chegaram no mesmo dia, e voltaram té onde eu tinha ficado.

No dia 15 marchei com a maior parte das cargas, que haviam, ficando alguns para no outro dia mandá-las conduzir. Teríamos marchado duas léguas quando encontramos 7 camaradas, que vinham mandados do meu capitão a buscar mantimentos; os mesmos serviram de conduzir os que tinham ficado na rectaguarda.

No dia 16 marcharam os que tinham vindo buscar as cargas da parte do capitão: assim também o nosso capelão com mais 4 camaradas, que o acompanhavam, e eu cuidei logo em mandar os mais, que me tinham ficado a abrir o caminho para os cavalos té o pouso, de onde tinha saído, que seriam 3 léguas mais, ou menos. Gastaram em compor o caminho 3 dias.

Dia 19, que já vínhamos continuando o caminho para adiante para quando os cavalos viessem poderem seguir com as cargas, teríamos marchado meia légua quando o sargento da outra companhia recebeu um recado de seu capitão, que deixasse o caminho, e marchasse com todos os seus camaradas, e cargas, que tivesse, para onde êle se achava, que seriam 3 léguas, e meia: vendo eu que a utilidade do caminho era para todos, e o dito capitão mandava recolher a sua gente, não quis eu continuar com o dito caminho; nestes têrmos mandei fazer um rancho grande para paiol, para recolher os mantimentos quando ali chegasse, e eu segui marcha no mesmo dia, e me fui aposentar no Pouso do Barreiro.

Dia 20, marchamos, e fomos ao Pôrto das Canoas, onde se achava o capitão Francisco Nunes com a sua gente fazendo uma canoa, menos o sargento do número, e um cabo, que com alguns camaradas já os tinha eu mandado adiante a fazer cada um dêles sua canoa para nelas seguirem a sua marcha.

Dia 21, falhei para mandar buscar algũas cargas, que me tinham ficado no Barreiro; e no mesmo dia voltaram.

Dia 22, marchamos com as cargas, que se puderam levar ficando algũas para as mandar buscar no outro dia; porém neste mesmo dia encontrei com 5 camaradas, que os tinha mandado pedir ao meu capitão para me ajudarem a conduzir as cargas, e logo os mandei que as fôssem buscar, e no mesmo dia voltaram té o pouso onde eu me achava esperando por êles.

Dia 23 marchamos, e viemos ao Pouso da Charqueada, onde estava o capitão; porém já o não achamos, porque tinha marchado para baixo, e no outro dia foi ao Rio de D. Luís.

Dia 24 marchei eu sempre por terra, e as cargas pelo rio, em ũa canoa que o capitão me tinha mandado de 2 que já haviam feitas; fomos aposentar-nos pouco abaixo do lugar, de onde eu tinha voltado da primeira vez, que vim com o Mota.

Dia 25 marchei, e fomos ao Rio de D. Luís, seria meio-dia.

Dia 26, muito cedo cuidamos logo em escrever ao senhor ajudante-das-ordens Afonso Botelho de S. Paio e Sousa dando-lhe conta do rio, e do mais que havíamos visto na jornada, e logo que expedimos os próprios para fora me ordenou o meu capitão rodasse eu pelo rio abaixo com o cabo Inácio da Mota, e 8 camaradas a explorar o rio, para ver se nêle havia algũa impossibilidade para a navegação, que pertendíamos; porém tendo marchado em 4 dias perto de 20 léguas, e vendo que não encontrávamos impossibilidade algũa cheguei a terra, e ao pé de ũa cachoeira grande à margem setentrional do rio com o mesmo facão fiz um limpado, e

mandei levantar ũa cruz muito bem amarrada, em ũa árvore, para em todo o tempo se saber que nós ali tínhamos chegado. Dali voltei para onde estava o meu capitão com 10 dias de viagem. Mataram-se nos 10 dias 9 capigoaras, e 2 antas, e muita quantidade de peixes.

Dia 4 de novembro cheguei ao ranchamento do meu capitão, onde se achava também o capitão Francisco Nunes com a sua tropa, e ambos se empregavam em mandar roçar, e assim também em fazer canoas para seguirmos marcha logo que chegassem as conductas.

Dia 12, chegou o arreador da conducta João Leite de Miranda com dous camaradas, que tinham sido mandados levar cartas ao senhor ajudante-de-ordens.

Dia 14, se expediu as canoas para o pôrto, um cabo, com 8 camaradas, que iam para conduzir as cargas, e juntamente para concluir o caminho para os cavalos poderem vir das Moquiranas té o Pôrto das Canoas, onde se haviam embarcar para virem té o Rio de D. Luís, onde nos achávamos; logo que chegaram o dito cabo, e os camaradas no Pouso das Moquiranas, onde tinham ficado os cavalos, e as cargas, cuidaram em adiantar o caminho e chegando ao pôrto mandou logo o dito cabo ũa canoa com algũas cargas adiante, e êle com as mais se embarcou na canoa grande; e veio seguindo a rectaguarda da outra; o que seguia a vanguarda chegou em 21 do corrente, de cujos mantimentos logo se municiou a tropa porque haviam mais de 15 dias que já não tínhamos tomado ração algũa.

Dia 24, chegou o cabo, e os mais que o acompanhavam na canoa grande com todos os mantimentos, e munições de guerra; a tempo que nos achávamos fazendo as canoas que nos eram precisas para seguir o nosso destino quando ao amanhecer no dia 25 se achou no quartelamento a falta de 6 camaradas, que tinham desertado naquela noute sem mais causa do que saberem que nos estávamos para rodar rio abaixo, e logo que se deu parte ao capitão resolveu-se a dar parte ao senhor ajudante-das-ordens; o que não fêz no mesmo dia por razão de chover muito, o que o fêz no outro dia muito cedo. A êste tempo tinha já o capitão Francisco Nunes rodado um dia de viagem de onde pertendia concluir as canoas, que lhe faltavam para nelas se adiantar, e seguir a vanguarda da partida, a qual sempre foi nossa, e como eu reconhecesse o seu intento adverti ao meu capitão que seguíssemos nossa diligência, e quando não, que eu iria seguindo a vanguarda, porquanto não haviam canoas para tôda a tropa, e que êle me conce-

deu com o pretexto de seguir-me quando estivesse pronto, e quando não pudesse por algũa impossibilidade, que pelos sargentos me mandaria a companhia, e ordens, e mais trens * que tinha pertencentes à Fazenda Real.

Dia 27, por ordem de meu capitão me embarquei em duas canoas pequenas com 10 camaradas, e o meu capelão, municiados de 4 alqueires de farinha, 4 libras de pólvora, 8 de chumbo, 150 balas; segui marcha pelas 9 horas do dia, tendo marchado 3 léguas, e meia. Fiz alto, onde mandei fazer ũa canoa possante para irmos mais à vontade, e com menos risco; em 3 dias, e meio se concluiu a canoa.

No 1.° de dezembro pelo meio-dia deitamos-la ao rio e logo que jantamos seguimos marcha sempre por cachoeiras, e itaopabas té onde estava o capitão Francisco Nunes fazendo as ditas canoas, que carecia para a sua tropa; fizemos pouso para a parte meredional do rio com 4 léguas, e meia de marcha.

No dia 2 marchamos té o meio-dia 5 léguas, e paramos na barra de um ribeirão grande para ver se caçávamos.

Dia 3 marchamos 6 léguas té ũa paragem chamada a Cruz, onde eu tinha chegado a primeira vez que vim explorar o rio, sempre por cachoeiras, e itaopabas; neste dia se emborcou ũa canoa com 3 camaradas em ũa cachoeira grande, onde morreu um dêles chamado Manoel Gracia; também se perderam duas caldeiras reiúnas, 3 armas próprias, e outras várias cousas que nela vinham.

Dia 4 marchamos 7 léguas sempre por cachoeiras, e itaopabas; fizemos pouso à margem do rio para a parte meredional.

Dia 5 marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas; fizemos pouso para a parte setentrional do rio com 7 léguas de marcha.

Dia 7 marchamos, e nos viemos aposentar ao pé de ũa cachoeira grande para a parte meredional do rio, na barra de um ribeirão, onde se acharam algũas laranjeiras com bastantes laranjas azêdas com 6 léguas, e meia de marcha.

Dia 8 fomos passar as canoas abaixo da cachoeira, que nos deu bastante trabalho, e aí ũa levada de água, que a cachoeira fazia, se nos emborcou tôdas as canoas; valeu-nos irem descarregadas, porque nada teve perigo, e passada a cachoeira seguramos as canoas, e nos voltamos para o rancho.

Dia 9 se conduziram as cargas por terra té onde estavam as canoas, e embarcando-nos seguimos marcha, e achando o rio

(*) *3*, no original.

favorável fizemos pouso com 8 léguas, e meia de marcha para a parte setentrional do rio.

Dia 10 marchamos, e achando o rio favorável viemos-nos aposentar ao pé de ũa cachoeira grande para a parte meridional do rio com 8 léguas, e meia de marcha.

Dia 11 passamos a cachoeira à sirga, e seguimos marcha; nos fomos aposentar para a parte setentrional do rio com 3 léguas, e meia de marcha.

Dia 12 marchamos por cachoeiras, e itaopabas; nos fomos aposentar à margem do rio para a parte setentrional com ũa légua de marcha.

Dia 13 marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas, e nos fomos aposentar à margem do rio para a parte meredional com 3 léguas, e um quarto de marcha.

Dia 14, marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas, e nos fomos aposentar à margem do rio para a parte setentrional com ũa légua de marcha.

Dia 15 marchamos sempre por cachoeiras, itaopabas, e nos viemos aposentar à margem do rio para a parte meredional com légua, e meia de marcha.

Dia 16, marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas, e sendo já depois do meio-dia chegamos a um bananal que estava à margem do rio para a parte setentrional, onde se cortaram 2 cachos, e continuando a marcha fomo-nos aposentar em primeira praia para a parte setentrional, com légua e meia de marcha.

Dia 17, marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas, e nos fomos aposentar em um laranjal grande ao pé de ũa cachoeira para a parte setentrional do rio, com ũa légua de marcha.

Dia 18, marchamos, e sendo pelas 5 horas da tarde chegamos a um rio que se metia no outro, que seguíamos, pela parte meredional, e como se distinguia dos mais na sua grandeza, porquanto na sua bôca poderia ter 50 braças mais, ou menos, intentei examiná-lo, e subindo por êle acima logo na primeira volta achamos um bananal grande, que teria mais de 400 pés de bananeiras, e nêles nos aposentamos por ser já tarde, para a parte oriental do rio.

Dia 19, embarquei com 5 camaradas, e subi por êle acima légua, e meia, e vendo que não dava navegação por estar mui diminuto em águas, e haverem muitas cachoeiras, e itaopabas, voltei com a notícia de 6 bananais, que se acharam na distância de légua e

meia, que marchamos, de cujos se cortaram 15 cachos, a cujo rio se pôs o nome Rio Mourão dos Prazeres.

Dia 20, marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas, e nos fomos aposentar à margem do rio para a parte setentrional com ũa légua de marcha.

Dia 21, marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas, e nos fomos aposentar à margem do rio pela parte setentrional com ũa légua de marcha.

Dia 22 marchamos sempre por cachoeiras, e itaopabas té ũa cachoeira grande, onde fizemos pouso à margem do rio para a parte meredional com légua e meia de marcha.

Dia 23, seguimos, e passando a cachoeira fizemos pouso abaixo dela à margem do rio, à parte meredional.

Dia 24, marchamos, e achando o rio favorável viemos pousar ao Ribeirão do Natal, à parte meredional do rio, com 8 léguas de marcha.

Dia 25, marchamos, e nos fomos aposentar à margem do rio, à parte setentrional com 6 léguas e meia de marcha; advertindo que já desde o dia 24 por diante se não encontram mais cachoeiras, nem itaopabas, mas* sim tôdas favoráveis té ũa certa altura, e daí por diante todo o rio é sem perigo de cachoeiras; porque as não tem té o Paraná.

Dia 26 marchamos, e nos fomos aposentar à margem do rio, à parte setentrional, na barra do Ribeirão de S. Estêvão, com 8 léguas e meia de marcha, onde falhamos 2 dias por conta de chuvas.

Dia 29, marchamos, e nos fomos aposentar à margem do rio, à parte meridional, com 7 léguas e meia de marcha.

Dia 30 marchamos, e nos fomos aposentar à margem do rio, à parte setentrional, com 12 léguas de marcha.

Dia 31, marchamos, e nos fomos aposentar à margem do rio para a parte meridional, com 10 léguas de marcha.

Dia 1.º de janeiro marchamos, e nos fomos aposentar à margem do rio, à parte setentrional, com 10 léguas de marcha.

Dia 2, marchamos, e nos fomos aposentar à margem do rio para a parte setentrional, com 3 léguas de marcha, e paramos antes do meio-dia por conta das montarias. Dia 3 marchamos 9 léguas e meia té à margem do rio para a parte setentrional.

(*) *mais*, no original.

Dia 4 teríamos marchado meia légua, quando chegamos ao Rio Paraná, e passando para outro lado fomos seguindo a margem ocidental. Seria pelo meio-dia, chegamos ao rio chamado o Mambaia, que teria 30 braças de bôca, e subindo por êle acima, na distância de 100 braças mais ou menos, achamos duas canoas atadas à margem do rio, a saber, ũa de madeira, e outra de casca do mesmo pau, e seguindo mais adiante fizemos pouso para a parte oriental do rio.

Dia 5, marchamos té o meio-dia, e chegando a um pouso dos ditos que haviam deixado as canoas, voltamos, e seguindo o Paraná abaixo chegamos a ũa praia, onde fizemos pouso para a parte ocidental do rio, em té aqui desde a bôca do Rio de D. Luís té êste pouso haverão 8 léguas de distância.

Dia 6 marchamos, e fizemos pouso em ũa ilha para a parte ocidental do rio com 8 léguas e meia de marcha.

Dia 7 marchamos, e sendo pelas 4 horas da tarde quando vimos vir quatro canoas que vinham de Aritaguaba que iam para a nova povoação de Guatimim, e encorporando-me com elas viemos chegar à barra do rio para onde me vinha encaminhando, pois estava certo que me ficava para aquela mesma parte, e logo que chegamos fizemos pouso com 9 léguas e meia de marcha, e da barra do Guatimim às Sete Quedas haverão 5 léguas mais ou menos, e como eu na minha tropa por acaso trazia duas ou 3 armas que davam fogo, e as mais tôdas vinham desconsertadas, foi-me preciso chegar à povoação para as mandar consertar o meu armamento, e prover-me de algũa pólvora, e chumbo, que houvesse da Fazenda Real, para assim poder seguir as ordens, que trazia, e seguindo o corrente do dito Guatimi fui chegar no primeiro arraial da Cachoeira no dia 16 com dous dias de falha.

Dia 17 marchei e fiz pouso bem no centro da distância, que há entre um e outro arraial.

Dia 18, marchei seriam pelas 9 horas do dia, quando encontramos o capitão-mor regente João Martins Barros, que vinha para a Cachoeira, e praticando com êle disse-me que seguisse eu para cima, onde acharia ao tenente de ordens Antônio Lopes de Azevedo, e o capitão João Alves Ferreira, que me fariam tudo quanto eu carecesse, e logo que partiu o dito capitão-mor segui marcha, e fui chegar já de noute à povoação, onde se me mandou consertar as minhas armas, e mais ferramentas, que trazia, onde me conservei 14 dias à espera de que se me aprontasse para poder seguir o meu destino. A êste tempo chegou o sargento Joaquim da Silva, da companhia do senhor capitão Francisco Nunes, que

vinha em meu seguimento, o qual trazia cartas do seu capitão para o capitão-mor socorrer aquela tropa, pois se achavam na última consternação; chegou o dito sargento a 24 do corrente, e partiu para onde tinha ficado o seu capitão a 28 com um tal, ou qual socorro, e cartas do capitão-mor, e do tenente das ordens para fugir às pestilências do Rio Paraná, vindo para a forquilha do Rio Guatimi té chegarem as respostas das cartas, que o dito capitão tinha escrito ao Sr. Afonso Botelho, em que lhe dava parte do estado, em que se achava nas margens do Rio Paraná. A êste tempo estava eu já pronto para partir, e querendo seguir marcha, me perguntou o tenente das ordens para onde pertendia seguir, que lhe dissesse, pois também era expediente das ordens, e muito bem sabia o que Sua Excelência queria; ao que respondi que eu pertendia passar ao Rio do Registo a encontrar-me com o capitão Silveira, onde pertendia esperar o meu capitão, e caso o dito não viesse, que pertendia voltar a encontrar-me com êle para todos juntos seguirmos as ordens, que o dito meu capitão trazia, ao que me respondeu que não fôsse, porquanto tinha muito pouca gente para poder conseguir, mas sim que fôsse té as Sete Quedas, e que fôsse mais abaixo té chegar ao primeiro rio, que encontrasse, e que visto e reconhecido êle, voltasse, e chegando às Sete Quedas deitasse picadas para o centro do sertão um dia, ou dous, e voltando seguisse pelo Paraná acima pela parte oriental té chegar a um rio, a que chamamos Tequeri, e que seguisse a correnteza do mesmo rio um dia, ou dous, e que antes de voltar botasse ũa picada para a parte meridional, e que depois de ter visto tudo, voltasse a dar-lhe parte para êle fazer aviso a Sua Excelência, e assentando nisto parti no primeiro de fevereiro para o arraial da Cachoeira, onde se achava o regente para nos aprontar de mantimentos, onde falhei 4 dias para se fazerem algũas camisas, e cirolas de algodão para os camaradas, que para isso achei ao capitão Silveira Tomás, que me mandou assistir com 36 varas de pano em razão de 320 réis a vara.

Dia 4, que pertendíamos seguir marcha, seriam pelas 6 horas da tarde quando chegou ũa canoa do arraial de cima com ũa carta para o capitão-mor, em que lhe davam conta de que se achavam no passo alguns homens espanhóis, que vinham a falar com êle, e naquela mesma noute partiu, ficando comigo de vir, ou mandar para se nos expedir. No outro dia mandou dizer ao tenente Bento Cardoso, que ali se achava comandando aquêle lugar, que nos aprontasse para seguirmos. Naquele mesmo dia recebi 4 alqueires de milho, um pano de toucinho, e ũa quarta de sal, 4 libras de pólvora, e 8 de chumbo.

Dia 6, segui marcha, e me fui aposentar muito abaixo das cachoeiras.

Dia 7 marchei, e chegando à forquilha fizemos pouso logo antes do meio-dia, por conta de chuvas.

Dia 8, marchamos, e nos viemos aposentar já perto do Rio Paraná.

Dia 9, antes de chegar à barra encontramos ao capitão Francisco Nunes com sua tropa, que marchava para os campos da forquilha té que lhe chegasse resulução certa do seu último destino; êste, logo que nos encontrou, sabendo que nós íamos té as Sete Quedas a fazer certas experiências, que se me recomendavam, deliberou-se acompanhar-nos com 4 camaradas, e um sargento, e logo que chegamos ao Paraná passamo-nos a ũa ilha, e sendo já tarde fizemos pouso.

Dia 10, marchamos, e chegando ao pé das Sete Quedas encalhamos as canoas em terra para a parte oriental, onde fizemos ranchos para condicionar as cargas, e seguindo adiante pouco mais de ũa légua, e sendo já tarde fizemos pouso à margem do rio.

Dia 11, marchamos, e a poucos passos achamos um rasto, de que logo assentamos ser gentios, que cultivavam aquêle país, e seguindo mais adiante logo abaixo do Salto achamos muitas palmeiras derrubadas, e abelheiras tiradas de 8, ou 10 dias, e passando mais adiante achamos um rancho dos ditos índios ainda em pé, e outro já no chão, dos quais ranchos se dividiam vários caminhos, e como seguíssemos um que seguia a orilha do rio, saímos ao despraiado de pedras que é já no último salto: ali se acharam pilões de pedras, em que os índios pisavam o milho para comerem, e não podendo seguir pelo despraiado por conta do rio estar muito cheio, e juntamente os paredões serem muito altos, razão porque nos tornamos a meter ao mato, e seguimos marcha té um laranjal, onde fizemos pouso com 2 léguas de marcha.

Dia 12, marchamos e passando dous ribeirões, e vários córregos, e sangradores chegamos ao Rio de S. Francisco, o mesmo que íamos procurar, e ali paramos com mais de ũa légua de marcha: matamos naquela tarde, e no outro dia de manhã 20 e tantas jacutingas. O tal rio, logo na sua bôca tem um salto de mais de cento e tantos palmos de alto; porém daí para cima pode dar boa navegação para as canoas pequenas.

Dia 13 voltamos, e viemos pousar nas rancharias dos índios, inda cedo, por conta de chuvas.

Dia 14 falhamos pela mesma razão.

Dia 15, marchamos com o pretexto de botar ũa picada atravessando as trilhas dos ditos índios para vermos se topávamos algum caminho seguido, por onde pudéssemos ir bombear com cautela para vermos a capacidade do sítio, e o número de gente que poderia haver, porém eram tantas as trilhas que se confundiam ũas com outras, e vendo que já se não encontravam rastos nem mais cousa alguma senão banhados, e tremedais.

Dia 16 voltamos, e chegando à nossa picada, que costeava ao rio, vimos que as trilhas dos índios seguiam tôdas costeando o rio para a parte de cima; *ex vi* disto pus-me eu, e o capitão, e o seu sargento a observar para onde se apartava o caminho, e chegando a um sangrador vimos que se apartava para o centro do sertão, e seguindo-o no passar de um córrego achamos as pegadas de 2 índios, que por ali tinham passado a bem poucos dias. Seguimos cousa de meia légua, e achando que aquela era a estrada, e não outra voltamos para no outro dia seguirmos com mais alguns camaradas, porém logo que chegamos no rancho naquela noute tomou o capitão outro acôrdo, e não quis que seguíssemos o caminho dos ditos índios.

Dia 17, embarcamo-nos nas canoas, e seguimos pelo Paraná acima com menos ũa canoa, que se desgarrou pelo Salto abaixo; foi Deus servido não ter em si cousa algũa; e chegando ao Rio Pequeri seguimos a sua corrente segundo a ordem, que tinha para o seguir um dia, ou dous, e que ao depois se botaria ũa picada para a parte meridional, um ou dous dias, e depois de ter visto tudo voltasse a dar conta para de tudo se fazer aviso a Sua Excelência, tudo por ordem do tenente Antônio Lopes de Azevedo, expediente das ordens de Sua Excelência.

Dia 22 voltamos depois de ter feito mais ou menos o exame, que se me tinha recomendado sem mais novidade do que as minhas picadas, e caminhos, que achamos, dos ditos índios. Porque em tôda a circunferência das Sete Quedas, e subindo pelo Paraná acima té a barra do Rio Pequeri, que serão 4 léguas e meia, e seguindo por êle acima distância de 6 léguas e meia, mais ou menos, não pusemos pé em terra que não achássemos rastos e caminhos de índios, onde se achavam muitos laços, e mundéus.

Dia 7 de março chegamos no arraial de S. Francisco de Paula, onde se achava o capitão-mor, e o tenente de ordens, a quem eu vinha dar conta de tudo quanto tinha visto, e obrado; e também lhe disse que logo que tivesse a minha gente desobrigada que estava pronto para marchar a me ir encorporar com a minha companhia, e caso esta não encontrasse que iria mesmo dar conta ao senhor ajudante-das-ordens Afonso Botelho, ao que respondeu

o tenente das ordens, e o capitão-mor: que a minha companhia já estaria desfeita; porque os soldados não estariam de acôrdo a seguirem para diante, e que melhor seria esperar té que viesse algũas resoluções: *ex vi* disto me resolvi a ficar té que chegassem os conductores do capitão Francisco Nunes, para ver se êstes me traziam algũas ordens para o que devia obrar; *ex vi do* isto...

No dia 19, me embarquei, e fui para o arraial da Cachoeira, para me passar à Forquilha té que chegassem os ditos portadores do capitão Francisco Nunes. Estando eu ainda no arraial chegou o tenente das ordens.

Dia 24 com o capitão-mor, e o meu capelão, e no último do dito me chamou o tenente das ordens, e também ao capitão Francisco Nunes, e perante ao capitão-mor, e o meu capelão assentamos que seria melhor ficar eu, para junto com o capitão Francisco Nunes irmos fazer ũa povoação no Rio Pequeri, dizendo-nos que bem sabia o que Sua Excelência queria, ficando tudo para depois que chegassem as conoas que se esperavam de Araraitaguaba; e porque estas tardavam, porque não estivéssemos ociosos, impregaram-nos em fazer caminhos, e picadas do arraial para a Forquilha, e da Forquilha para o Paraná. Depois de haver um mês que eu andava a fazer o dito caminho sobreveio ũa grande peste de sezões amalinadas em todo o povo do Guatimi, e vendo-se totalmente impossibilitado, e não havendo já quem pudesse meter guardas, quando recebi ũa carta no dia 5 de maio do capitão-mor regente, em que me dizia da parte do serviço que me recolhesse ao arraial com todos os camaradas que me acompanhavam para vir fazer obrigação na praça, e também mandou vir mais 8 camaradas, e um sargento da outra companhia para o mesmo fim té que melhorassem os da praça, e viessem as canoas do povoado para se nos impor para a nova povoação que pertendíamos.

Dia 28 faleceu o capitão Francisco Nunes no arraial da Cachoeira, e logo o conduziram para o pouso, onde foi sepultado na Capela de Nossa Senhora dos Prazeres de S. Francisco de Paula, onde se lhe fêz o seu funeral. Depois de haver dous meses, e meio que me achava fazendo obrigação na dita praça, chegou o cabo Inácio da Mota com mais 8 camaradas, que o acompanhavam, e a sua china. Chegou ao arraial da Cachoeira no dia 17 de julho, e depois de descansar 2 dias partiu para a praça, onde eu me achava, a dar-me conta do trem pertencente à Fazenda Real, que trazia, e mais cartas de ordens que me vinham do senhor ajudante e expediente das ordens Afonso Botelho de S. Paio e Sousa. *

(*) No códice segue-se uma fôlha em branco.

CÓPIA DE ŨA CARTA, E DIARIO QUE O PADRE FREI ANTÔNIO DE SANTA TERESA, MONGE BENEDITINO, ESCREVEU AO TENENTE-CORONEL AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA, FEITA PELA ORIGINAL, QUE COM OUTROS DOCUMENTOS TAMBÉM ORIGINAIS ME MOSTROU ÊSTE CAVALHEIRO, A FIM DE SE ESCREVER A HISTÓRIA DESTA CAPITANIA DE SÃO VICENTE, HOJE CHAMADA DE SÃO PAULO.

Senhor D. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa. Nesta ocasião remeto a V. S.ª o meu diário, e na verdade o queria mandar de outro modo, e com outro asseio; porém a parte, em que é escrito, e a tinta com que o escrevi antes oprime, a quem escreve, que lhe infunde gôsto: digo, a parte pelos mosquitos, que a cada instante obrigam a deixar a pena.

Rogo a V. S.ª que desculpe os erros; pois acho que necessàriamente poderia cair em alguns a respeito dos rumos, pois suposto na tropa se achem duas agulhas, estas desde o princípio se me escassearam, e não sei delas; porém contudo entendo, não serão mui sensíveis os erros, e cairão sôbre pouca diferença.

Tudo quanto se passou na jornada, assentei, e tudo relato, menos algũas cousas, que o meu estado impede o referi-las; assim pela falta desta já sei, me não argüirá.

Contudo se me faz necessário expor a V. S.ª a razão porque sempre dava a entender a variação do rumo dado. Nós devíamos entrar para o interior do sertão, para onde somos mandados: sendo isto assim, já verá V. S.ª que para isto eram sòmente convenientes os dous rumos de oeste, e noroeste, e não os do sul, e ainda sudueste. E a êste rumo se me não engano, será o que a seu tempo deveremos ir, porém agora intendia não nos era conveniente; porque como o oeste, e noroeste declinam neste sertão muito sôbre êste, vem a ficar na altura, em que estávamos, quase fora dêle pela brevidade da linha, e assim só conveniente para toparmos com o Rio do Registo; e se isto digo a respeito do sudueste, o que diremos do sul.

Isto Senhor meu, era o que não queria entender, não sei quem diga, porém ùltimamente poderá dizer o que quiser, vendo que enquanto não largou o rumo do sul, e sudueste não se fêz cousa algũa, ainda que neste convencimento mais obraram as teimas do Mota, que outra razão algũa.

Porém chegamos a êste rio, que como entendo, corre do sudueste para oeste, esperando as ordens de V. S.ª para seguirmos, o que melhor fôr. Chegou já o tenente e não viu cousa notável pelo rio, e diz andara vinte, e tantas léguas; porém feita a conta, como deve ser, achamos eu, e o capitão que só tinha andado 13 léguas, quando muito sòmente dez, que o terreno se levanta com

muitas serranias; e por isto suponho estamos na bôca, que entre um, e outro rio se mostra no mapa, e me confirmam nisto os mesmos rumos dos ditos rios. Remeto um tal, ou qual mapa no princípio do diário; nêle verá também, o que digo.

Êste trabalho tomei, para o servir, e dar algum sinal do quanto o desejo servir, pois em similhante matéria sou muito mal instruído; porém parece, que sempre se entenderá. Enfim, Senhor, estamos esperando pelas suas ordens, e estou certo, que hão de ser acertadas; pois quem dos desacertos, sabe fazer acertos, como sempre admirava, sempre há de mandar as mais ajustadas; e o que desejamos é nos despache com brevidade a respeito do tempo, que por cá já vai rigoroso.

Estimarei que V. S.ª desfrute saúde, e que Deus o guarde como deseja, e eu, que sou

De V. S.ª

Sr. D. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa o mais humilde criado e servo

Frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo

Rio do Sr. Luís de Mateus, Pôrto de S. Rafael, 20 de novembro de 1769.

INTRODUÇÃO

No ano de 17, chegando, e dando fundo no pôrto da cidade do Rio de Janeiro ũa nau de guerra de Portugal, se divulgou, que nela vinham ordens para que o general da dita cidade, Minas, e S. Paulo, Gomes Freire de Andrada, então criado Conde de Bobadela, se embarcasse para a Colônia de Todos os Santos.

O fim desta jornada, então espalhado pelo povo foi: que se mandava entregar a sobredita praça aos castelhanos, dando-nos êstes as Missões. Supôs-se, e experimentou-se nessa permuta grandes dificuldades, e por isso foi necessário aos Reis de Castela pôr um exército em campo, entrando também nós com um corpo de tropa considerável: não afirmarei, se como auxiliar, ou inspector da sinceridade, que devia obrar com a nossa Coroa, o Ministério de Castela. Não poucos anos durou esta negociação, e se usou das fôrças, e poder para a execução, sendo causa a tenaz rebeldia, e cega ambição dos superiores das Missões, dos procederes tão insperados, e cavilosos. Tais foram, que se necessitou muitas vêzes da violência do ferro, e fogo.

Ùltimamente se demarcaram as nossas raias, declarando dêste modo o Gabinete de Espanha, o que era nosso; pois assinaram os seus comissários, assistidos dos nossos, têrmos certos com as solenidades devidas. Foi o nosso primeiro comissário o brigadeiro José Fernandes Pinto e Alpoim, e segundo o capitão Antônio da Veiga de Andrade; de Castela, D. Francisco Arguedes. Feita a tal demarcação, se retiraram ũas, e outras tropas. Passados, porém, alguns anos, por motivos, que ao vulgo não convém saber, houve um breve rompimento entre a nossa Coroa, e a de Castela; e foram teatro da guerra neste continente do Brasil os países do Rio Grande, e fortaleza da Colônia, ficando os castelhanos com ũa, e outra cousa, e julgo antes por pouca penetração das ordens, que por fôrça, dando por isto motivos, os que tão rudemente assim obraram a grandes ruínas. Contudo tornou a nosso poder a praça da Colônia, e se me não engano, parte dos países do Rio Grande, ficando o mais em poder dos castelhanos.

Por isto, pois, e talvez por outras circunstâncias, que a mim, nem ao vulgo convém indagar, manda o nosso Ministério povoar as raias, que se tinham demarcado no ano de 17. Prevendo, porém, acertadamente que melhor se podia executar êste projecto pela Capitania de S. Paulo, a proveu de general, e tal que para o intento se não podia descobrir mais apto. No que despachou para êste emprêgo se encontram com igualdade as qualidades necessárias para a emprêsa tão árdua. Neste com igualdade se admira a prudência, e afabilidade, com as quais tem conseguido atrair todos os seus súbditos para voluntàriamente seguirem as bandeiras necessárias para o intento.

Êste é o Ex.^mo^ e Il.^mo^ Sr. D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão. Êste Senhor, tanto que chegou, pôs em execução a primeira expedição, que foi a de Yvaú, ou Sete Quedas, a qual apenas se concluía, quando já cuidava, e ordenava esta outra sem sentir-se o mínimo pêso de algum verdadeiramente injusto gravame por alguns de seus súbditos.

Para haver porém de ordenar, e principiar esta, e outra, e para que fôsse mais fácil a sua execução, se deviam aprontar tanto os soldados, como os mais aprestos na Vila de Coritiba e Campos Gerais. Para executor dêste efeito com grande acêrto mandou o Excelentíssimo e Ilustríssimo Senhor ao Sr. D. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, para seu lugar-tenente nas Vilas de Parnaguá, e Coritiba. Descansando Sua Excelência, neste Senhor tem pôsto a emprêsa em têrmos de ver-se concluída, que seguramente se viria mal lograda a não ser recomendada a tão singular sujeito. Mais que em tudo está a felicidade desta emprêsa em saber êste

Senhor tirar acertos dos mesmos desacertos, que principiavam a desvanecer esta bandeira.

Não há dúvida, que tinha-se oferecido, e talvez pedido à Majestade do nosso Invictíssimo e Soberano Monarca, para si a emprêsa o coronel das Ordenanças de Mogi (se me não engano) a emprêsa. Êste é Francisco Pinto do Rêgo, o qual de tal modo pedia a bandeira com tantas mercês, honras, e ajudas de custo, que parece que com aquelas queria tirar o domínio das terras a Sua Majestade e com estas querer antes fazer a conquista à custa d'El-Rei Nosso Senhor que à sua, como oferecia, e vir ùltimamente a ficar-se com o lucro, e glória da expedição. Raro negócio!

Conhecendo isto talvez o Excelentíssimo e Ilustríssimo Senhor, tomou a emprêsa à conta da Fazenda Real, e mandando as ordens convenientes a seu lugar-tenente, o Sr. D. Afonso, o qual para haver de dar princípio ao negócio, mandou o ano passado de 1768 ao tenente da cavalaria da Vila de Curitiba, Domingos Rodrigues Cascais descer pelo Rio do Registo de Coritiba, chamado dos castelhanos Iguaçu (desejo saber para seu tempo se parecer, o que obrou). Nesta bandeira foram 40 homens em ... canoas.

Vindo êste começou Sua Senhoria com a mais vigilante actividade a aprontar a gente necessária, e os víveres: e assim formando primeiramente ũa companhia, que havia ser a primeira que havia de entrar para o sertão, a fêz vir para o novo Registo do Tabagi, de donde havia partir para o interior do sertão a procurar, e estabelecer, o que se intentava. Nisto, pois, tenho tido a grande consolação de ver a destreza do nosso hoje incomparável Gabinete da Côrte, que ao mesmo tempo que procurava executar as suas ocultas máximas as soube encobrir à vigilância do vulgo, contemporizando os desejos, que tinha de ver penetrado, e indagado êste sertão. Ajuntou a isto a bizarria de pagar aos soldados anticipadamente soldos dobrados, com o que mostrou-se liberal em satisfazer seus intentos, e sagaz em adiantar os interêsses da Côrte. Levantou pois, Sua Senhoria ũa companhia de gente escolhida, e voluntária, na qual fui eu indigno capelão da expedição, e elegeu um capitão e mais oficiais, se[n]do o capitão...

Reflexão minha. Não me devo fiar nas notícias, que o autor dá nesta introdução, senão tão sòmente nas que dizem respeito à expedição, em que êle foi, e assistiu; porque no mais se enganou muito e mostra pouca notícia, como é dizer, que Gomes Freire veio feito conde na nau, em que recebeu as ordens para ir fazer as demarcações, o que é falso; pois a notícia de o ter Sua Majestade favorecido com a mercê de conde chegou depois de estar

êle nas Missões, e tão falsas como esta são outras notícias, referidas nesta introdução.

LISTA DO CAPITÃO E MAIS OFICIAIS, E CABOS DA EXPEDIÇÃO

Capitão Estêvão Ribeiro Baião.....	Natural de Coritiba.
Tenente Francisco Lopes da Silva...	Natural da Vila de Santos.
Alferes Manoel da Cunha Gago.....	Natural de Coritiba.
Sargento do Número Bartolomeu de Oliveira Franco	Natural de Coritiba.
Sargento supra Tomé Ribeiro da Silva	Natural de S. Paulo.

Cabos

1.	Inácio da Mota	Natural de Utu.
2.	João Leite de Miranda	Natural de Utu.
3.	Francisco Franco de Oliveira...	Natural de Coritiba.
4.	Miguel Fernandes	Natural de Coritiba.

Picadores e guias

Antônio Batista, Marcelino Rodrigues — Naturais de S. Paulo.

Todos êstes se ajuntaram no Pôrto de S. Bento do Tabagi, e assim estando, se tinha determinado a marcha para o dia quarta-feira, 19 de julho dêste presente ano de 1769 e enquanto se fazia esta necessária demora, cuidou com tôda a brevidade Sua Senhoria no despacho, e neste ordenava, que a entrada fôsse feita pelo Rio do Peixe, e assim para que fôsse conhecido de nós me fêz a mercê de chamar juntamente com o capitão, e mostrando-me um mapa, me ensinou qual era o dito rio, o qual trazendo o seu princípio do sul para o norte, ùltimamente ia descaindo para o noroeste até a meia partida, na qual fazia barra com outro que corria do sudueste para o dito ponto, e daí principiavam a correr juntos, formando o Rio Ubatuba. O que tudo feito, entrou a cuidar na marcha da tropa, e tendo determinado saísse no dia 19, como já disse, não foi possível pela muita chuva; e assim foi transferida a saída para o dia 20 quinta-feira, em que rezava a igreja de S. Margarida vésperas e matinas e minha sagrada religião de S. Henrique confessor transferido de 15 do mesmo mês. E assim principia.

DIARIO E MARCHA DA COMPANHIA DE QUE É CAPITAO ESTÊVAO RIBEIRO BAIAO.

Dias de marcha*

Julho de 1769

Amanheceu o dia 20 de julho de 1769, quinta-feira, com sinais de chuva; porém desfazendo-se as nuvens, se mostrou sereno e saiu o sol indicando bom tempo; e por isto, como estava tudo pronto, se correu a caixa, e mandando-se perfilar a esquadra de Inácio da Mota, que se compunha de gente dos Campos Gerais, entre os quais iam os picadores, e guias, lhes encomendou o Sr. D. Afonso, a felicidade e deligência, e tomando as munições de um, e outro gênero, que pôde levar, desfilou, e se pôs em marcha subindo a lombada, que fica defronte dos quartéis da parte do sul, e corre de leste para oeste pouco mais, ou menos, e indo do mesmo modo com a cara ao sudueste, foi a dita esquadra pouco a pouco dobrando para noroeste, e seguindo êste rumo até a entrada do mato. Aí pousaram, e andariam légua e quarto.

Saiu esta esquadra às 11 horas do dia, e foi dando salvas, e vivas El-Rei Nosso Senhor. Sinal de alegria, com que começavam o serviço. Esta esquadra era dos picadores.

No mesmo dia às 2 horas da tarde perfilou-se a esquadra de Francisco de Oliveira Franco, e se pôs em marcha dando salvas, e vivas com muito prazer. Nesta saiu o sargento do número. Esta esquadra tôda era composta de homens eminentes caçadores. Seguiu a mesma marcha, e o mesmo pouso, que a primeira. Pelo que respeita ao sustento da tropa tem servido bem, e principalmente o soldado Pedro da Cruz.

2. Na segunda-feira 21 do dito mês, e ano, feita a mesma evolução, saiu a esquadra de Miguel Fernandes, fazendo e dando os mesmos sinais de alegria ; seguiu a mesma derrota, e fêz o mesmo pouso : saiu às 9 horas.

Neste dia se adiantaram os picadeiros, e a esquadra do Mota, como se havia ordenado, para que a tropa sempre achasse caminho aberto.

No mesmo dia às 2 horas da tarde saímos eu, o capitão, o tenente, o alferes, e nos fêz a honra de acompanhar o Sr. D. Afonso, assistido do capitão da cava-

(*) No códice há também na margem direita as indicações de *Dias de falha* e *Léguas de marcha.*

laria dos Campos Gerais Francisco Carneiro Lôbo, e Custódio Álvares de Moura, capitão das ordenanças dos mesmos Campos, e outras pessoas honradas, que aí se achavam. Recebemos esta honra, todo o espaço da marcha que foi a mesma da primeira esquadra, e se despediu. Conosco saiu o sargento supra e a esquadra de João Leite de Miranda servindo de guarda trem, conduzido êste em 10 cavalgaduras, a saber, 8 d'El-Rei, e duas do capitão, arreadas pelo arreador Miguel e dous camaradas.

Neste pouso estando carregando um soldado chamado Julião Pais Domingues a espingarda, casualmente disparou, e o feriu na face, e o matara, se já lhe tivesse entrochado o chumbo; porém sarou, e não teve perigo. O mesmo assim ferido sempre teve cuidado em não deixar escapar um terneiro de anta vivo, que mandou-se no outro dia a Sua Senhoria por um dos arreadores.

3. No sábado 22, do dito mês e ano, prosseguimos a marcha por restingas, e campestres, e passamos 3 córregos, e dous ribeirões pequenos. Marcharíamos 3 léguas.

Passamos mal a noute, por estarmos sem ranchos, e chover. Topamos a João Pais Domingues, que saía do sertão com seus filhos João, e Bartolomeu, e um escravo.

4. Falhamos os dias: 23, 24, 25, por chuva.

No dia 26 quarta-feira prosseguimos a nossa marcha, e nos fêz o tempo a mesma peça, que na noute do dia 22, pois tendo-se avançado meia légua, caiu ũa horrorosa trovoada: porém foi Deus servido, que durasse pouco, e contudo nos deixou bem molhados, e seguindo assim chegamos à tapera, que foi de Pantalião Pedroso, embaixo da Boa Vista. Passamos o primeiro braço do Capivari, ũa légua distante dêste pouso, e dous córregos pequenos. Tôda jornada foi por restingas, e campestres. Seria de 3 léguas.

O tal braço do Capivari corre do sul para o norte, e traz a sua corrente de mais longe, do que supõe o mapa, que tem V. S.ª e tem sua origem de um morro chamado do Cucuruto, por mostrar seu cume mais alto, que todos os mais, que ficam ao sul da Boa Vista. Corre o tal cume de leste para oeste.

Falhamos o dia 27 para enxugar roupas.

5. Na sexta-feira 28, subimos o morro da Boa Vista, e fêz-se casa para armazém dos mantimentos, que vies-

sem de fora. Ficaram os mais dos soldados embaixo. Terá êste morro quase um quarto de légua de alto, o qual espaço foi a marcha do mesmo dia.

Falhamos o dia 29, para se lavar roupa. Neste pouso vieram ter os picadores, e consultando às ocultas o rumo, que haviam seguir, assentaram deviam ir a oeste quarta de *sudueste, tanto (diziam êles) porque pelo tal rumo* tinham ido ao rio, como porque pelo tal rumo que íamos ao quarto dia toparíamos com os índios. Isto ouvi não a qualquer, e várias vêzes se me deu com esta afronta (para mim mui honrada) na face, e êrro então mui grande; porém provera a Deus que então o cometêssemos, que estaríamos talvez no fim da jornada: porém ùltimamente viemos a parar quase no mesmo ponto, o que devemos às teimas de Inácio da Mota, que de outro modo ainda andaríamos não sei por onde.

Assim desde aqui começamos a seguir o rumo de oeste quarta de sudueste.

6. No domingo 30 do dito mês começamos a marchar ao dito rumo, e descendo o morro da Boa Vista, passamos o Ribeirão do Poço Fundo, e continuando a descida, passamos o outro braço do Capivari, sempre *por campestres, e pousamos além dêle, e andaríamos* légua e meia. Chamou-se êste pouso Ponte Alta.

7. Na segunda-feira 31 marchamos ao mesmo rumo, e passamos a madre de Capivari (tem 3 braças de largo) a que começaram a chamar Capivaruçu, fazendo com isto haver algũas equivocações. Esta jornada foi sempre por mato. O rio corre do sudueste para o norte, pouco mais, ou menos. Andaríamos légua, e quarto.

Aqui mandou o Mota buscar mantimento e deu-se-lhe alqueire e meio. Também falamos com êle, e lhe disse, visse o que faziam os picadores; pois julgava não terem feito muito a respeito da facilidade, com que se podia picar. Agradeceu-me a advertência. Também lhe encomendou o capitão fôsse fazendo sòmente a picada, quanto se conhecesse, e que fôsse para diante, e desde então só o vimos, quando apareceu com a notícia do rio.

Agôsto 1769

Falhamos desde o primeiro até 6, que fazem 11, à espera dos cargueiros e diziam também por um doente, que saiu.

A respeito desta falha houve quem dissesse ao capitão que o melhor era irmos para diante; pois a marcha, o maior mal que nos podia fazer, seria o comermos mais 2 ou 3 dias sem farinha, porquanto os cavalos achando o caminho feito marchariam em um, ou dous o que marcharíamos em 5, ou 6 dias. Foi desprezado o parecer. Houve neste pouso bastante mel. Ocuparam-se os soldados em fazer passo para os cavalos; e podera-se ter feito ũa boa ponte, para melhor passage da tropa, e não arriscar algũa cavalgadura, e não faltou quem advertisse.

8. No dia segunda-feira 7 prosseguimos, e fomos pousar em um lajeado: quase tôda a marcha foi por campestres, e andaríamos légua, e quarto.

Houve bastante mel, e ficaram os mais soldados atrás, e não se soube, com que ordem.

9. No dia têrça-feira 8 saímos dêste pouso, e passando 3 córregos, e para passarmos dous, descemos por ũas barrocas, suposto que pequenas, quase a pique. Subimos um morro bem íngreme, e passando um campestre grande na coroa, ou chapada dêle, e passado entramos em um mato, e fomos pousar em um pouso do Mota, que achamos do meio do mato. Andaríamos três léguas, e meia.

Nesta marcha me adiantei, por ver que o capitão queria logo pousar em um dos córregos, por respeito dos soldados que se tinham deixado ficar. Chegando porém, ralhou comigo por esta causa, mas me fiz surdo, e tornando a repetir, que se havia culpa, era dos seus soldados, que tinham ficado sem sua ordem.

Em um dos córregos matou o Mota ũa onça, que tinha morto um cachorro.

Neste mesmo pouso, estando para sair na manhã seguinte veio aviso do Mota em que dizia, tinham desertado 4 soldados, e que adiante havia muitas fumaças de índios. O mesmo aviso fêz o capitão a Sua Senhoria, e dizendo o portador, que viam as ditas fumaças, lhe admoestei, que nunca dissesse tais cousas pùblicamente.

10. No dia quarta-feira 9 do dito mês saímos, e indo por restingas, e campestres, saiu a um campinho, que por ser de ares mui diliciosos, lhe chamamos Pouso Alegre. Andaríamos ũa légua.

Posemos ũa cruz de pinheiro, e foi desejado para sítio. Houve bastante mel, e montaria.

Falhamos no dia 10 por caçar, e pelos camaradas terem mêdo ao dia, que diziam ser de S. Lourenço. (O dia 11 vai no fim.)

Dêste pouso para diante já fomos quase a sudueste.

12. No dia 12, sábado, prosseguimos adiante por campestres, e passamos o primeiro braço de Ubaí, a que chamei Rio da Ave em memória de outro de Portugal, e por se matar nêle um pato. Corre no passo quase do sul para o norte, e é aprazível. Terá duas braças, e meia até 3 (como os braços do Capivari), fundo de areia, e algum pedregulho: no seu natural dá vau até o meio da perna. *Dêste rio por diante fomos por mato.* Também passamos um ribeirão, que faz nêle barra com água pelos peitos, digo joelhos. Fomos pousar além de um ribeirãozinho, que lhe chamamos do Pinheiro Sêco, o qual corre por um campestre, e aqui estêve muito tempo o capitão Francisco Nunes Pereira. Andaríamos duas léguas e meia pouco mais, ou menos.

Dêste pouso se apartou de nós o tenente, já aborrecido das falhas passadas, e convidou para o mesmo efeito a mim, e a Francisco José, para que fôssemos com êle; e ao sair ia principiando ũas razões com um camarada; porém não houve cousa alguma, e *foi-se.*

13. No dia domingo 13 saímos do ribeirão, e passando a madre do Ubaí, que lhe chamei Rio Tinto em memória de outro de Portugal. Viemos sempre por mato. Chamou-se êste pouso Debaixo da Serra. De noute choveu, e nos molhamos, por *isto* passamos *mal,* e prometemos nunca mais pousar sem rancho. Andaríamos quase duas léguas.

Achamos aqui sinais de se ter experimentado um córrego, que fica abaixo da rancharia pela parte do sul, e nos servia de aguada.

Falhamos os dias 14, e 15 por chuva, e ser dia da Assunção da Senhora.

Tornou o camarada, que tinha levado o saco do tenente e nos disse, que na esquadra de diante tinham dito os picadores, que daí a 7 dias haviam chegar ao rio, e certamente apenas dobraríam se adiante não sucedesse sermos guiados pelas antas, como direi ao depois, e a seu tempo; pois diziam, que os picadores tinham visto a serra, por onde corria o rio, que julgavam estar distante outras tantas léguas.

14. No dia quarta-feira 16 prosseguimos a derrota, e passamos ũa serrota, na qual parece fazem fecho os morros, que vêm correndo ao sul, e ao norte da Boa Vista de leste para oeste, chegando-se cada vez mais para esta. Embaixo da dita corre um ribeirão do norte para o sul. Chamei a esta Serra da Chamusca. Em cima se acharam, e viram alguns córregos com boa formação. Caminharíamos légua, e meia.

Adiante dêste pouso, que chamamos da Tropa, encontrou o tenente ao Mota ũa légua adiante. Dêste lugar mesmo começou a ser a picada mui vária; porque ora seguia ao sul, ora ao leste, ora ao sudueste; pois era o rumo, ou seguia-se por diante de donde morria alguma anta, e deixaram os picadores a picada, depois de ter entrado por ela duas braças adiante do caminho, que topamos, e seguiram ao que a anta ensinou até o poço, onde foi morta, junto do qual pousaram, e daí por diante sempre assim fizeram os picadores; e neste lugar os achou o tenente, e foi seguindo o mesmo rumo.

Falhamos os dias 17, 18, e 19, para esperar os cargueiros, e estávamos sem farinha.

15. No domingo 20 fomos para diante, e passamos 4 córregos, e um ribeirão. Chamou-se êste pouso dos Doentes, por adoecerem três pessoas. O ribeirão corria do norte para o sul. Andaríamos ũa légua.

16. Falhamos 21, 22. Sangraram-se os doentes.

Na quarta-feira 23 seguimos a nossa marcha, e fizemos pouso em um espigão. Chamou-se êste pouso de S. Bartolomeu, por pousarmos aí em seu dia. Andaríamos légua, e quarto.

Falhamos 24, 25, por chuva.

17. No sábado 26, seguimos adiante, e passando dous ribeirões, e um campestre, pousamos adiante dêste em um taquaral. Chamou-se êste pouso da Anta Podre por se achar junto ao córrego uns quartos de anta fétidos, que tinha deixado o Mota. Andaríamos 3 léguas, e um quarto.

18. No domingo 27, prosseguimos a marcha, e andaríamos ũa légua. Chamou-se êste pouso da Fome, por 7 dias não haver caça, e já não haver farinha.

Falhamos 28, 29, para esperar os cargueiros, por haver pouco mantimento.

Na segunda-feira 28 dêste mês vieram 3 soldados do Mota, e afearam de tal sorte o caminho e esterelidade do sertão por aquela parte. Causou isto ũa total confusão, pelo que ficou perplexo o capitão, o que vendo eu, chamei um dos ditos e o repreendi, por ter dito tais cousas. Também disse ao capitão que devia ter repreendido, e que quando viesse algum, logo o chamasse à sua barraca, e lhe imposesse silêncio do mal, que houvesse; e assim, visto que êle consentira no princípio em sermos assim guiados, que pusesse todo o esfôrço em descobrir o rio, e ver caminho para êle: e que enquanto isto se fazia, eu, iria ver fora, o que havia ser. Por isto saí, e indo até o Registo do Tabagi, falei com o sargento José Joaquim e por êle mesmo escrevi a Sua Senhoria o que lhe constará, e consta da minha carta de 3 de setembro de 1769.

Nota

11. No dia sexta-feira 11, prosseguimos a nossa jornada, e pousamos junto a um ribeirinho. Sempre por restingas, e campestres; andaríamos légua e quarto. Um dos campos mostrava ser queimado.

Contramarcha do autor

No dia 30 quarta-feira saí para o campo como já disse, e assim ajustei com o capitão que indo para diante me deixasse um escrito no rancho para eu o seguir. Consta-me, que estando eu ausente mandara o capitão ao cabo João Leite de Miranda a ver, se achava caminho para seguir-se: e gastando êste quatro dias em procurar, o não achou, pelo que mandara o capitão duas bandeiras, nas quais em ũa ia João Cardoso por cabo, e em outra o sargento do número Bartolomeu Francisco, e andando 15 dias ambos, jamais acharam o caminho, uns, e outros, antes saindo o primeiro assentaram que tôda a esquadra avançada tinha desertado, e deixando mortos ao tenente, e ao Mota. Com que razão diziam isto, não sei, sempre me pareceu ser isto falso, e ùltimamente veio a verificar-se êste meu conceito. Mais divia dizer na matéria, porém não devo fazer assim. Outro foi, que desertaram 8 soldados, e entre êstes os picadores. Dêstes desertores tornaram dous para o serviço sem fôrça.

Setembro de 1769

Até 14 dêste falhou o capitão no dito Pouso da Fome, gastando-se o tempo nas diligências acima ditas até que fêz a seguinte contramarcha, tanto (disse-me êle) pela fome, que experimentou-se em 7 dias contínuos, como para ver, se achava melhor caminho retrocedendo, que ajuntando os 14 dias dêste mês aos 4, que restaram de agôsto fazem 18, que juntos aos 21 que já se tinham falhado, somam até qui os dias das falhas 39.

Na outra volta, pois que fiz, vim encontrar aos 17 dêste mês com a esquadra de Miguel Fernandes, que tinha adiantado a contra-marcha por ordem do capitão no Pouso de S. Bartolomeu, e indo eu para diante, achei ao capitão no Pouso da Anta Podre, o qual saindo dêste pouso, veio para o Pouso da Tropa, onde passei com êle o seguinte.

Chegando aqui o capitão, e vendo a gente totalmente desalentada, para os alentar, fêz bastante esfôrço, e nesta matéria se lhe deve a boa deligência que fêz para isto: e chegada a conducta, perguntei ao capitão o que determinava. Me respondeu, o que queria mandar a uns procurar caminho para o rio, e a outros procurar ao tenente e ao Mota; ao que respondi, e foi o seguinte que consta dos motivos, que tive, para fazer a bandeira seguinte.

Bandeira do autor: motivos que teve para a fazer

Vendo eu a perplexidade, em que se achava o capitão, e a confusão, em que se achava a tropa, fui ter com o capitão e disse-lhe que estando dêste modo a expedição, estava em risco de perder-se, e que visto isto, lhe rogava, me desse 6 camaradas à minha eleição, que eu queria tomar à minha conta ir ver modos, e caminhos para chegarmos ao rio, e assim que me fôsse seguindo; pois eu desconfiava, que os soldados parados fizessem alguma cousa: e além disto me constava, que os antigos sempre fogiram de entrar para esta parte pelo rumo do sul, tanto porque por ali era impenetrável o sertão para estas partes, como tínhamos experimentado no pouco, que para êsse rumo tínhamos andado, como porque já estávamos em parte, por donde podendo penetrar com mais brevidade o sertão, tudo quanto andássemos era para diante. Pelo que respeitava ao tenente e o Mota, disse eu, que se êles eram vivos, como cria, haviam vir, e ficando escrito no rancho, nos seguiriam: e que se fôssem

mortos, a diligência só servia para nos deter; e que enfim nesta matéria o mesmo nos ensinaria o que havíamos obrar. Com algũa repugnância aceitou o negócio. Nasceu esta repugnância, por querer mandar não sei a quem: ao que respondi, que visse o que tinham feito da outra vez, e que assim atendesse ao que obrava. Com isto totalmente ficou satisfeito.

2. No domingo 24 de setembro caminhamos pelo mato, e pelo mesmo caminho desde o Pouso da Tropa até passarmos um ribeirão, que cai em um poço na mesma estrada para a parte junto a um pouso do Mota; e passando adiante na chapada do morro entrei pouco distante do Pouso dos Enfermos por um taquaratuba, e principiei a picada a oeste quarta de noroeste pouco mais, ou menos, e seguindo assim, fomos, passado êste, por uns campestres; e passado um còrregozinho, pousamos junto dêle. Corria do sul para o norte, inclinando-se para o noroeste. Andaríamos duas léguas e meia.

Na segunda-feira seguimos a picada por um taquaratuba mui cerrado, e passado, encontramos um ribeirão fundo de água negra, que corria do sul para o norte, inclinando-se para o noroeste, como o outro de cima; e indo avante, topamos outro mui bonito com o mesmo curso, e tinha boa formação, e fazia nêle barra outro, que corria do leste para oeste; e indo adiante, fomos pousar além de um còrregozinho, que corria do sul com a mesma inclinação para noroeste, e aí pousamos. Chamamos a êste pouso do Manduri, por tirarmos ũa abelheira desta espécie, que estava em um pinheiro sêco, que se derrubou no mesmo pouso. Tôda a jornada foi por campestres, e taquaratubas. Andaríamos duas léguas e meia.

3. Na têrça-feira 26, saímos, e prosseguindo a derrota por catandubas, ou matos carrasquenhos, e campestres, entramos em um restingão grande de mato, e indo por êle, viemos ter a um ribeirão de bastante água, e poços. Corria de sul para o norte inclinando as suas correntes para noroeste. Ia fechado entre itambé de ũa, e outra parte, e em um poço, que estava pegado ao passo tinha peixe, e se fêz diligência para o pescar; porém não pegavam na isca. Descansados no intanto com êste breve divertimento tornamos a seguir por um espigão de mato grosso, e acabando-se êste, saímos em um campes-

tre, que mostrava ter sido queimado, e pondo nêle os camaradas fogo, passamos um còrregozinho, junto do qual pousamos; e por acharmos aí ũa panela de índios já sem fundo, lhe chamamos o Córrego da Panela. Neste pouso vimos as fumaças dos fogos dos índios para a parte do norte, e estava perto, como quatro léguas, pois se via da chapada o negrume, que saía do fogo, motivo porque ralhei com os camaradas, por terem atacado fogo no campo. Os itambés, por onde corria o ribeirão, teriam suas 12, ou 13 braças de largo. Andaríamos 2 léguas pouco mais, ou menos.

Advirto, que êste ribeirão só tem um passo por esta parte, e quem o quiser achar, há de seguindo êste rumo, descer mais para baixo.

Neste pouso chegou um próprio do senhor capitão com a alegre notícia de ter chegado o tenente, dizendo ter descuberto o Rio do Peixe, por ter chegado perto dêle, e que me segurava, que para cá da serra não havia rio algum, ao que respondi que os meus olhos já então diziam outra cousa; e que enquanto êles paravam, para abrir o caminho, que me concedessem faculdade para acabar a diligência. E que quanto aos índios, que me asseguravam haviam, que seria o que Deus quisesse; porém como todos servíamos ao mesmo amo, visto suas mercês recearem êste inimigo, me mandasse mais algũas pessoas, e algũa pólvora, e chumbo, que bem sabiam a não tinha trazido. Isto disse, por saber diziam, levaria eu o víctor, e mais, se me negaram êstes socorros depois que se encorporou com o nosso capitão o capitão Francisco Nunes Pereira, todos com o motivo de dizerem ser vergonha seguir a um frade. E posso dizer, senhores meus, com sua licença, que talvez estivesse a expedição com outro adiantamento se se fizesse o que o frade dizia. Tudo tem tempo; sempre porém, me ficou o gôsto de os ver puxar para diante, para se não verem obrigados a seguirem ao frade.

4. Na quarta-feira 27, prosseguimos nossa derrota sempre por mato: passamos um córrego junto à barra, que entrava no Ribeirão Grande, e indo para diante, vimos ũa picada de índios já antiga: e passando um córrego, que corria ao sul, e se supôs ser cabeceira do outro, fomos pousar junto a outro, que chamamos do Urupu por tirarmos ũa abelheira desta espécie. Andaríamos 2 léguas.

5. Na quinta-feira seguimos avante, e fomos por uma caraatuba, e entendemos ser roça antiga dos índios, e fomos pousar em ũa furna. De noute choveu, e passamos mal. Já então e desde agora comi sem sal até a saída, e só passávamos a palmitos, e farinha. Duas léguas, e meia.

Falhamos na sexta-feira 29, no sábado 30 (*outubro* de 1769), no domingo 1.°, por chover.

6. Na segunda-feira 2, prosseguimos sempre por mato e fomos pousar no lajeado chamado da Queda, por nêle cair um dos camaradas. Caminhamos ũa légua.

Na têrça-feira, continuei a jornada, e indo por diante, achei o rio, que procurava, o qual julguei ser o mesmo, que se procurava, pelos sinais dados acima; e para satisfazer à promessa, que fiz à Senhora Santa Ana, logo rezamos a ladainha. Achamos ũa abelheira tirada a fogo pelos índios, e um fogão rio abaixo, e no Pouso da Queda um pau queimado dos índios. O dito rio é navegável até ũa légua, que mandei examinar, e daí por diante entendo, que também o será muito melhor; pois abaixo logo de donde chegaram os examinadores, se mete o Ribeirão Grande, e mais acima da parte de oeste, recebe também um ribeirão medíocre. Vem por ũa abertura da parte de oeste, e recebe um ribeirão, que vem do sul. Eram tantos os peixes, que queriam, * parece, comer aos inspetores. Andaríamos 3 léguas.

Advirto, que se deve seguir a mesma picada, para se achar o pôrto, que é excelente para se embarcar; e podem chegar os cavalos até largarem as cargas nas canoas. Senti na alma não poder examinar seu curso; e perdoe Deus a causa, pois indo êste, como quase tenho por certo dar neste, em que estamos, escusavam-se tantos dispêndios de tempo, e fazendo de Sua Majestade no tempo, em que se gastou em fazer caminhos.

Saí em dia e meio. Marcha do auctor, para a tropa.

Na quarta-feira 4 retrocidi, e vim ao Pouso da Queda.

Na quinta-feira cheguei ao Pouso dos Infermos, e aí achei alguns soldados.

Neste falhei para mandar buscar as cargas na sexta-feira 6.

(*) *crião*, no original.

No sábado 7 fui a S. Bertolomeu. No domingo 8 falhei, e disse missa para sacramentar a um infêrmo. Falhei aqui até 14, à espera dos cargueiros e por saber, que adiante não havia montaria, e mantimentos.

No domingo 15, cheguei ao Pouso da Fome, e aí achei ao tenente, e alguns camaradas.

Desde aqui fomos seguindo o ribeirão.

Na segunda-feira 16, prossegui a viagem, e fomos pousar em um mato à beira do ribeirão, que seguimos, e assim o rumo, e ao que seguia o mesmo ribeirão: e indo adiante houve grande confusão a respeito da picada, que se não achava. Até aqui chegaram os cavalos. Andaríamos duas léguas.

O capitão e eu chamamos a êste pôrto de S. Rafael por chegarmos ao dito no dia dêle à sua barra.

20. Na têrça-feira 17, fomos adiante ora pelo rio, ora por terra, seguindo o ribeirão, e fomos ao Pouso das Moquiranas ; por que nêle se acharam a uns camaradas da esquadra dianteira cheios delas. Andaríamos 3 léguas.

21. Na quarta-feira 18 segui a derrota só com 3 camaradas, por ficar o tenente no dito pouso, para fazer conduzir as cargas, e vim ao Pouso das Canoas pelo Mota aí fazer ũa, em que rodou pelo ribeirão abaixo com o tenente. Andaríamos 3 léguas, e subimos um morro bem íngreme, e tôda a viagem constou de morros. Descemos ũa serra por um córrego de pedras, sôltas até a ribanceira do ribeirão que aí faz um formoso poço; e andaríamos 3 léguas.

Entre o ribeirão, que vem da serra, digo, que aí da parte do norte de um ribeirãozete que vem da dita serra, estava o capitão Nunes fazendo ũa canoa, na qual rodou pelo ribeirão abaixo.

Na quinta-feira 19, prosseguindo a viagem [cheguei] aonde estava o capitão. Chama-se êste lugar a Charqueada, por nêle charquear o Mota ũa anta. Andaríamos 4 léguas.

Achei fazendo ũa canoa, que saiu bem redícula pelo mestre que veio, não ser bom; e por êste respeito, falhamos 20, 21, e 22 para fazer canoa.

Na segunda-feira 23, prosseguimos a nossa derrota eu, e o capitão e fomos ter a ũa praia, onde pousamos, e aí às 5 horas da tarde chegou a canoa do Mota com a notícia de ter chegado ao Rio do Senhor D. Luís de Mateus. Andaríamos 4 léguas.

Na têrça-feira 24, se embarcou de manhã o capitão e veio ao rio: andaríamos 8 léguas. No mesmo dia vim eu, e pousei em ũa ressacada no meio do mato. Aqui achei ũa abelha furada com machado, e diziam os inteligentes que teria um ano. Intendo, que o gentio apanhou os machados aos homens, que o ano passado mataram no Monte Negro, e por isso acho, que êstes terão bom gênero para êles; pois se fôr certo o meu juízo, já conhecem sua utilidade, e sabem usar dêles. Andei ora pelo rio, ora por terra, e seria a jornada de 3 léguas.

Na quarta-feira 25, prosseguindo a marcha, ora por terra, ora pelo rio, cheguei ao pôrto, e barra do ribeirão, e andaríamos 5 léguas.

Até êste lugar temos chegado, Senhor, e queira Deus por sua divina bondade, que todos os trabalhos correspondam aos desejos de Sua Excelência, e Vossa Senhoria, pois tem feito as maiores deligências para execução do glorioso fim, que se pertende, tanto para glória de Deus, como para felicidade da monarquia, que na verdade a julgo feliz por esta parte, tendo feito eleição de tanto sujeito para general desta capitania e o dito Senhor em Vossa Senhoria para seu descanso neste, e outros gravíssimos negócios.

Quisera nesta ocasião também fazer outro diário, ou para melhor dizer reduzir êste ao estilo histórico para ser remetido ; porém a falta de tinta, e ainda de papel, e outras amofinações, me não deixam capaz para isto. Por outra parte não sei como se me perderam, ou se me descuidei de algũas memórias, que tinha, o que bem poderá conhecer dos claros, que deixei na introdução, o que tudo necessitava. Pelo que se V. S.ª me puder facilitar isto, hei de estimar, para o efeito mencionado.

No que respeita à emprêsa, acho que se conseguirá, querendo Deus, e só a êste respeito rogo a brevidade do despacho de V. S.ª, visto que os Senhores capitães o esperam. Deus guarde a V. S.ª muitos anos. Rio de D. Luís de Mateus, 20 de novembro de 1769.

De V. S.ª

Sr. D. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa o mais humilde servo e criado

Frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo

As voltas que os sojeitos [deram] esteja certo não foram para procurar caminho, porém sim pelas antas os levarem, que muitas vêzes deixavam bom para seguirem o mau.

Carta do mesmo padre

Sr. Tenente-Coronel. Recebi a de V. S.ª de 24 de janeiro de 1769 a 18 de julho de 1770. Nesta me mandava, lhe enviasse notícias do sertão, para determinar, o que fôsse mais conveniente. Não só ũa, como mais vêzes intentei executar, e de modo que com a prática se expusessem as dificuldades e se segurassem os caminhos mais úteis para os acertos. Não foi possível isto, ou pela nímia desconfiança, que não se devia ter de mim, ou pelos contratempos, que se seguiram; porém deixando estas impertinências, e tomando a confiança, que a benignidade de V. S.ª me tem facilitado, direi o seguinte, que quando sejam desacertos muito bem saberá usar dêles, se lhe parecer, de modo que tire os maiores acertos, como costuma. Pelo que digo.

Que não me parece idônea para se fundar povoação a barra do Iguaçu. Êste em outro tempo me afirmaram, que faz barra, e que saia ao Paraná entre paredes. Por isto já verá V. Sª que lhe faltará a parte essencial, que é o pôrto para a parte do Paraná, onde devem estar as embarcações, que necessàriamente havemos ter para pesca, e outros quaisquer fins, que se ententarem, tanto para o presente como para o futuro.

Por isso julgo, que os espanhóis, que antigamente foram expulsos do Ivaí pelos paulistas, não habitaram esta barra, só sim tiveram duas povoações, ũa, que se me não engano se chamou Cidade Real, e outra Vila Rica, e de ũa, ou de outra intendo serem os vestígios, que aponto no mapa com o sinal de estrêla. Destas duas povoações entendo trata o Medrano em um mapa, que traz da maior parte das terras, que os Reis Católicos possuem na América, e lembra-me, que do sertão lhe remeti um pequeno mapa, tirado do mesmo, no qual apontava estas duas povoações; as quais, se me não engano, ficam entre os Rios Paranapanema, e D. Luís, êste chamado pelo autor do mapa Itatu, e aquêle Paraná, ou Paná. Do sítio, pois, que intendo estarem estas povoações venho também a concluir que a barra do Iguaçu não será mui cômoda para povoar-se. Se nela houvesse capacidade, sem dúvida aí a fundariam os espanhóis; pois teriam pôrto, e fácil, e breve comonicação com o Paraguai, e Missões.

Tanto não tinham para a parte do sul, que quando os paulistas os derrotaram, e sorpresaram, não fogiram os castelhanos para

o Iguaçu, porém sim para as partes de Paranapanema, do qual sendo outra vez expulsos, se retiraram pelo Rio Três Barras, ou Aveima: donde bem se pode ver, que a parte do sul do Rio de D. Luís, não tinha cômodo, para povoar-se, tanto pela aspereza, como por lhe faltar campos suficientes para criar. Não duvido poderá ter algum, porém julgo fundamentalmente que êste não seja suficiente para ũa pequena fazenda, quanto mais para as muitas de que necessita ũa povoação.

Sendo pois isto assim, ainda que o sertão da outra parte do Rio de D. Luís, que fica para o norte, seja rico como se crê, nem por isso julgar-se-á ter a povoação fundada na barra de Iguaçu capacidade para o comércio, porque além da diferença que resultará de 50 léguas de distância pouco mais, ou menos, faltarão os gêneros, que sendo trazidos de fora, se poderão mui fàcilmente (como acontecerá) vender antes de lá chegar; pois é impossível passarem por terras ricas, sem que haja quem os queira comprar, o que não farão, para irem vender, onde não houver com que se compre: pelo que com isto faltará o comércio, e assim jamais poderá crescer, antes sim irá a menos, até que se deixe o lugar, que nem em si, nem de fora terá gêneros para o comércio.

Além do sobredito estando esta povoação na barra do Iguaçu é o mesmo que estar nas margens do Paraná sojeitas às pestilências, de que se não exibem muitas vêzes aquêles que estão em grandes distâncias delas, como bem se viu na nova povoação. Verdade é, que nesta distância não é tão fatal. Disto talvez fogiriam os espanhóis* de fundarem na barra do dito Iguaçu, Paraguai, e margens do Paraná, onde não faltam excelentes sítios, para habitações, a não ter sôbre si tão terrível inimigo.

Por esta mesma razão afirmo ser mui insuficiente a paragem, que vimos no Paperi para se habitar; pois quase chegam e talvez excedam aos alagadiços do Paraná, que por ũa enseada entram excessivamente pela terra dentro.

A isto acresce também, que as mais do Paraná, que ficam debaixo do Salto do Goairá, ou Sete Quedas, são duas altíssimas paredes, o que faz que se não possa descer ao rio, para se navegar, o que faz, com que não se possa ter surgidouro para embarcações, e com tal circunstância, que ainda, que o houvesse, não era de serviço algum, porque nesta parte é totalmente inavegável o Paraná até 20 léguas abaixo, e alguas léguas, que se navega, é vindo de baixo para cima, e são poucas, e no tempo, que há algũa praia entre a parede, e madre do rio.

(*) *hespanhoens*, no original.

Nem menos pode facilitar-se a chegada por terra à barra do Iguaçu, o que faz, com que seja quase impossível o transporte dos socorros avultados, que a benignidade do nosso Excelentíssimo General quer, e manda se façam aos seus novos povoadores; pois para lá chegarem hão de ser carregados por mais de 30 léguas por um caminho aspérrimo. Esta dificuldade melhor conhecerá hoje V. S.ª depois da experiência da nossa entrada, e se encontrará por qualquer parte, que se pertenda em mais, ou menos distância.

Não intenda V. S.ª que nisto digo, que se não poderá chegar à barra do Iguaçu, porém sim exponho a dificuldade que por uma parte experimentei, e por outra se mostra à vista; pois logo acima do lugar, que cheguei no Peperi quiseram o tenente, e o defunto capitão subir ũa cachoeira, e o não poderam fazer, e isto me confirmou, no que me disseram alguas pessoas na nova povoação, que querendo nós subir o tal rio, o não poderia fazer, por ser para cima inavegável. Isto é, Senhor meu, o que intendo a respeito do sertão por esta parte, que como V. S.ª me tem dado ousadia, e atrevimento para falar nestas matérias, proporei a seguinte idéia, que me parece ser a melhor de seguir-se.

Não há dúvida, que tôda esta expedição é dirigida a conseguir-se a demarcação principiada no ano de ... A esta se deu princípio pela povoação de Guatimi, com o que ainda não está completo o Tratado de Limites, que por esta parte se assinou, e era o Rio Jarenhi, ou Ipecu, o qual é o último, que está sôbre o Salto de Guairá pela parte oriental, e sendo isto assim parecia justo (se convier) se fôsse povoar êste rio. Verdade é, que para isto é necessário algũas cautelas, tanto a respeito de nós mesmos, procurando não ser sentidos, como a respeito dos espanhóis, que não deixarão de fazer fôrça, ou procurar, e ver se podem fazer com que deixemos o intento; porém acho, que isto se poderá infalìvelmente vencer.

A maior oposição, que nos poderá fazer o castelhano, é alegar, que o nosso comissário não quisera lá ir, e que se contentara com passar para diante. Consta-me ser esta a razão de quererem iludir a nossa justiça. Mas isto não é no caso, e tempo presente cousa algũa: antes nos servirá de escudo forte, como agora o direi.

Não há dúvida, que a causa porque não chegou a êsse rio o nosso comissário foi por dizerem os castelhanos, que o tal rio não era navegável por pequeno, como se por isto deixasse de ser rio. Com esta frívola razão, e por esta causa, ouvi dizer, ou chamar por alguns o Rio Encuberto. Isto fizeram os espanhóis induzidos pelos jesuítas, que das cabeceiras do dito rio tiravam grandes in-

terêsses pela factura da erva. Por isto, pois, sòlidamente poderemos responder, que suposto lá não fôsse o nosso comissário com tudo não por isso deixou, ou dimitiu o direito, que tínhamos pelo tratado ao tal rio. Não foi não há dúvida, porém deixou de ir, por que vista a repulsa certamente conheceu as conseqüências opostas ao negócio, e assim sem se meter neste duelo, prosseguiu. Não quis questionar o caso, porque conhecendo os padres jesuítas se opunham, também não haviam de querer ceder os espanhóis, que talvez então temessem, e respeitassem mais aos padres que a seu rei nesta matéria. Donde se vê, que obrara sábia, subtil, e prudentemente o nosso comissário com dissimular o engano, deixando a execução, dêste artigo, para o futuro o qual agora se pode executar, visto haver na parte modo de fazer respeitável a nossa justiça, e estarem os monarcas livres de perturbadores das negociações de seus gabinetes. Fortificando-se, pois, no dito rio um lugar cômodo se poderá conseguir sua subsistência com dissimulação.

Com esta povoação teremos sem dúvida fechado, e defendido o sertão do Iguaçu, pois pelo dito rio é que hoje poderão descer os espanhóis, para irem ver o tal sertão como também servirá de forte defensa a todo o continente da Vila Nova de Guaratases.

Não têm, Senhor meu, os espanhóis outro caminho hoje, para nos perturbar, que êste; falando êles a respeito de certo negócio por esta parte é que pertendiam executar, e assim estando ali aquela fôrça, evitar-se-á o ver-se em algũa ocasião cercada a nossa praça por aquela parte, e invadidas as nossas campanhas.

Ao que tudo se seguirá introduzirmos sagazmente um grande comércio com o qual haveremos criações para aumento das povoações, que ali se fundaram, e talvez venham por esta causa crescendo em número.

Outra conseqüência também mui útil se seguirá, e vem a ser que se poderá seguir a viagem do Cuiabá por êsse rio, para daí seguir-se pelo Bicuí, que tem as suas vertentes defronte do mesmo, e é rio navegável, e manso, com o que convidará aos comerciantes a seguirem com vontade êste caminho. Não só parece justo usar da sobredita razão, e cautela, senão também não era desacêrto usar de outra, e será fazer com que apareçam sôbre a cidade de Paraguai algũas canoas com bastante gente, e dada vista, se retirarão para cima.

Porém como para isto se há de gastar dinheiro poder-se-á mandar, se fôr justo, fundar ũa povoação embaixo do Salto do Botetu, a qual servirá para segurar êste Estado do Brasil, de sorte que pelo rio acima não possam invadir o Cuiabá. Esta povoação

suponho será a mais fácil de fundar-se; pois parece-me, que a maior despesa, que fará, será a do sal; porque tem perto os pantanais, donde poderão colhêr infinito arroz, que ajudará aos mais gêneros, de que necessitar.

Contudo para que êste negócio fique completo, entendo, será justo se pusesse um presídio forte na cabeceira do Rio Amambaia, o qual *tivesse razão com que os índios monteses não penetrem os* Campos de Guatimi, e fôsse pouco a pouco convidando-os a ũa sincera correspondência, e conveniência, a qual se conseguirá melhor, estando de perto como estará o dito presídio, ou colônia, se quiserem.

Isto entendo, Senhor meu, a respeito do sertão, porém fàcilmente me poderei enganar, pois tenho mui pouca prática, e para falar mais certo, nenhũa a respeito de cousas de Estado; e assim perdoe-me todo o atrevimento, e queira mandar-me como seu servo, pois sou de Vossa Senhoria, senhor tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, o mais humilde, e obrigado servo, e cativo, obsequioso frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo. Vila Nova dos Prazeres, 16 de agôsto de 1770.

Outra do mesmo

Ex.mo Il.mo Senhor. Os desejos, que considero em V. Ex.ª de saber, o que se tem visto neste sertão, me moveu a escrever-lhe, e assim tenho certo o perdão do atrevimento exponho, e relato o seguinte.

Em 27 de novembro do ano pròximamente passado de 1769, descemos, eu e o tenente Francisco Lopes com uns camaradas pelo Rio do Senhor D. Luís, e tendo-o navegado todo, observei o seguinte.

Primeiramente reparei, que as serras, que principiavam da Pedra Branca, vinham correndo desta para o sudueste, e depois de chegarem às cabeceiras do mencionado rio iam continuando até o Rio Iguaçu, e acompanhando as suas margens, vêm continuando até o salto grande do dito Rio Iguaçu. Êste salto conforme algũas informações, que julgo verdadeiras, dista 7 léguas do Paraná.

Disto bem se vê, Excelentíssimo Senhor, que das margens do Iguaçu, que ficam para nossa parte, se levanta ũa altíssima cordilheira, que faz, que por esta parte não seja penetrável o nosso sertão, o que muito menos se poderá fazer pela parte de baixo do salto, que se julga pantanosa, como é a sapata do último degrau da cordilheira.

Esta depois que nas ditas margens do Iguaçu se levanta inormemente desce para nosso sertão, formando um assento conside-

rável, o qual está habitado de índios, e é cortado pelo meio do Rio Peperi, e pela parte de cima do Mourão, o qual golpe também julgo receberá de um, que vimos abaixo das Sete Quedas, ou Salto de Goairá. Êste assento, de que falo, principia logo acima do Rio Mourão, e vem acabar defronte do Salto do Iguaçu, mediando a cordilheira, que o acompanha. No meio dêsse assento talvez sejam os Campos de Guarapuava, e ao tal rio não falta quem o chame Ivaú, sendo assim só êste assento capaz de habitar-se. Pelo que vendo isto, se fôsse digno de ser ouvido, diria: que não era mau fundar-se a povoação em partes, que ficasse senhoreando os três rios, a saber, do Senhor D. Luís, Mourão, e Peperi, ficando assim nós hábeis para domesticar os índios, aproveitar os frutos, que aí há, e examinar ũa, e outra parte do sertão, para ver se dará os fundos competentes, para sua duração. Isto julgo assim, por entender, que pelas partes do Iguaçu não poderão entrar gêneros, que sirvam, para manter comércio; pois o país pelos lados daquelas partes se mostra impenetrável. Os mesmos castelhanos, que por aqui estiveram, quando foram derrotados dos nossos, não fugiram para esta parte do Iguaçu, porém sim para as partes de Paranapanema o que evidentemente confirma, o que digo. Nisto, Senhor meu, falo sòmente como quem propõe, e não duvido, talvez vá mui errado.

A ocasião, que tive para dizer algũa cousa sôbre esta memória, foi a seguinte. Saímos mui destroçados ao Paraná; pois já haviam dias, que padecíamos a persiguição do fogo, terra, e água; porque tôdas as armas negavam totalmente o fogo; a água os peixes; a terra as caças, e seus frutos. Combatidos destas últimas necessidades, viemos procurando esta povoação, para haver algum socorro, e Deus que se quis lembrar de nós, fêz, que na entrada do Rio Guatimi nos encontrassem as canoas, que vinham com socorro para esta povoação, e seguindo com êles, viemos ter à nova Vila dos Prazeres. Nesta achamos ao tenente Antônio Lopes, que nos recebeu com tôda afabilidade, e como êste senhor não sabe descansar no que respeita ao serviço do nosso Soberano, nos rogou, fôssemos examinar a cordilheira da parte do Iguaçu, o que muito gostamos, por ser cousa, a que éramos obrigados, como pelo especial modo, com que nos ordenou o dito senhor. Com isto fomos, e chegamos embarcados até onde pôde ser.

Desembarcados a poucos passos dobramos a ponta da cordilheira, que chega a esta parte, e fomos seguindo adiante até 4 para 5 léguas, onde encontramos um pequeno rio, que chamaram de S. Francisco e que por ser o primeiro era o prazo dado, até onde nos mandava chegar o dito senhor. Aqui observei, que todos

os baixos da cordilheira não são sujeitos às inundações do Paraná, ficando êstes baixos pantanosos, ao que juntas a esterilidade, a péssima qualidade dos matos, e a incomparável, e horrorosa corrente do Rio Paraná, de tal sorte se mostra, que é quase impossível entrarem por esta parte inimigos. Êstes mesmos pântanos, esterilidade, e asperezas do mato, vão continuando até o Rio Iguaçu, e por isso ainda que já então se navegue o Paraná desde a barra do Iguaçu 7 ou 8 léguas para cima, ficam, e permanecem as dificuldades quase inseparáveis da terra.

Com coriosidade examinei, quanto foi possível, o canal das Sete Quedas, ou Salto do Goairá. Me pesou muito não se poder logar todo da parte, em que estávamos, e a tôdas quedas dêste rio, que sendo um mar em cima, é embaixo um rio ordinário na largura. Como olhava com atenção reparei num pequeno rio, que logo abaixo obra de meia légua até 3 quartos se mete no dito Paraná. Olhei para a cordilheira da mesma parte por tôda a sua extensão, e me pareceu mui fácil de vencer-se, e que para se ir ao tal rio, se podia abrir caminho desde êste Rio Guatimi, e que êste não teria mais de 2 léguas, ficando aqui neste rio o pôrto. Procurei saber o nome do dito rio, e dizendo-me Guareí, não sei, que espírito me alvoroçou o interior, que hoje ainda o trago inquieto, e me parece, que o tal espírito era, e é português. Porém, Excelentíssimo Senhor meu, receio explicar-me, e perdoe-me querer falar em semelhante matéria, que Vossa Excelência muito bem há de perceber.

Apenas, pois, chegamos, quando começaram a adoecer os soldados, o tenente, e eu. Nestas circunstâncias aqui estamos esperando pelas ordens de Vossa Excelência e no entanto nos têm valido as acertadas providências do tenente Antônio Lopes, fazendo, que sejamos socorridos suficientemente, e fazendo, com que se façam as roças, e tudo quanto fôr útil à expedição.

Ùltimamente rogo a Vossa Excelência que atenda à solidão em que tenho andado, e que esta não pode deixar de me ser mui perniciosa, e que necessàriamente me há de tirar o ânimo. Bem sabe Vossa Excelência que o esfôrço de um católico nasce da saúde d'alma, e que esta só seguramente se alcança por meio da confissão. Lembrado estará do que lhe representei a êste respeito. Como falo com pessoa tão católica, como a de Vossa Excelência parece-me atenderá infalìvelmente a esta súplica. Deus guarde, e prospere com tôdas as felicidades a pessoa de Vossa Excelência Ilustríssima de quem sou. De V. Ex.ª Il.ma Sr. General D. Luís Antônio de Sousa Botelho.

O mais humilde súbdito, cativo e criado frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo.

Cachoeira de Guatimi, 12 de agôsto de 1770.*

CÓPIA DO DIARIO DO CAPITÃO BAIÃO

Diário da entrada, que por mandado do Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. D. Luís Antônio de Sousa Botelho e Moura, general da Capitania de S. Paulo, e sendo director o senhor D. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, fêz o capitão Estêvão Ribeiro Baião para o Sertão do Tabagi no ano de 1769.

Haviam anos, que suspiravam os senhores de S. Paulo pelos descubertos, e entrada do Sertão do Tabagi, e intentando-se várias vêzes, ùltimamente veio a principiar-se, e a executar-se no feliz govêrno do Il.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. D. Luís Antônio de Sousa, o qual dando seus poderes ao Sr. D. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, o mandou para a Vila de Parnaguá, e Vila de Coriutuba, para daí com mais cômodo cuidasse, e determinasse o conveniente para o feliz sucesso da dita expedição: pelo que mandou entrar primeiramente a minha companhia, da qual foi servido o dito senhor fazer-me capitão, como também aos oficiais seguintes:

Capitão

Estêvão Ribeiro Baião.

Tenente

Francisco Lopes da Silva.

Alferes

Manoel da Cunha Gago.

Sargento do número

Bartolomeu Franco.

Sargento supra

Tomé Ribeiro.

Cabos

1. Inácio da Mota.
2. Francisco Franco.
3. Miguel Fernandes.
4. João Leite de Miranda.

Compunha-se esta companhia de 63 homens, tôda de gente luzida, e voluntária, e foi dada a vanguarda ao cabo Inácio da

(*) No códice seguem-se aqui duas fôlhas em branco.

Mota, e nesta iam os 2 picadores, e guias, Antônio Batista, e Marcelino Rodrigues.

Ajuntaram-se os oficiais, e cabos no novo Registo de S. Bento do Tabagi, e aí recebendo os mais dos soldados com muita alegria seus sôldos, determinou-se a partida para o dia 19 de julho do ano de 1769, porém chovendo por todo o dia, se dilatou, e diferiu a marcha para o dia seguinte 20 do dito mês, e ano, e principia o

DIÁRIO

Julho de 1769

1. O dia 20 quinta-feira do dito mês, e ano às 11 horas da manhã perfilou-se a esquadra do cabo Inácio da Mota, destinada para vanguarda, e recebendo as ordens convenientes e as munições, que puderam levar, saíram, e principiaram a marcha, dando salvas, e Viva El-Rei Nosso Senhor com muita alegria. Subiu a lombada, que fica defronte dos quartéis da parte do sul, e corre de leste para oeste, e levando o rumo do sudueste, foram descaindo pouco a pouco para o noroeste, o qual rumo foram seguindo até a entrada do mato, onde pousaram. Nesta mesma esquadra iam os picadores, e guias.

No mesmo dia às 2 horas da tarde perfilando-se a esquadra de Francisco Franco e sendo animados à presistência, e felicidade pelo Sr. D. Afonso, se pôs em marcha, indo nesta o sargento do número Bartolomeu Franco. Esta esquadra deve dizer-se era dos caçadores. Seguiu a mesma derrota, e fizeram o mesmo pouso. Saíram com a mesma alegria, salvas, e vivas.

2. No dia sexta-feira 21, do dito mês e ano às 9 horas da menhã saiu a esquadra de Miguel Fernandes, feita a mesma evolução com salvas, e vivas. Se pôs a caminho e foram pousar no mesmo pouso.

No mesmo dia às 2 horas da tarde saí eu, o capitão Estêvão Ribeiro Baião; o capelão, o muito reverendo padre-mestre frei Antônio de Santa Teresa do Espírito Santo, monge do patriarca S. Bento, natural do Rio de Janeiro; o alferes Manoel da Cunha Gago, o tenente Francisco Lopes da Silva, e o sargento supra Tomé Ribeiro. Servia de guarda do trem a esquadra de João Leite, e arreador Miguel [Fernandes] o qual trem foi conduzido em 10 cavalgaduras.

Foi êste trôço honrado com a presença, e companhia do senhor D. Afonso, a quem acompanharam o capitão da cavalaria dos Campos Gerais, e Custódio Álvares de Moura, capitão das

ordenanças dos mesmos Campos Gerais, e algumas pessoas honradas, que aí se achavam. Recebeu-se esta honra tôda a marcha daquele dia, que foi até o pouso das esquadras avançadas, e constaria de légua, e quarto.

3. No sábado 22 do dito mês e ano, prosseguimos a nossa marcha por restingas, e campestres, e passamos três córregos, e dous ribeirões pequenos, sem que houvesse novidade considerável mais que a de passarmos mal a noute, por nos chover, e estarmos sem ranchos feitos. Marcharíamos três léguas mais, ou menos.

Falhamos os dias 23, 24, 25, por chuver.

4. No dia quarta-feira 26, do dito dia mês e ano prosseguimos a nossa marcha, e nos fêz o tempo a mesma peça, que na noute do dia 22, pois tendo andado meia légua, caiu ũa horrorosa sôbre nós; porém foi Deus servido, que durasse pouco, e assim molhados chegamos à tapera da Boa Vista. Passamos o primeiro braço do Capivaruçu, distante da Boa Vista uma légua. Corre do sul para o norte. Esta jornada constou de três léguas, pouco mais, ou menos. Aqui despedimos os cargueiros.

Falhamos o dia quinta-feira 27, para enxugar as roupas.

5. No dia sexta-feira 28, subimos ao morro da Boa Vista, e fizemos casa para armazém: aqui estrepou-se um dos camaradas, e foi necessário ir em rêde. Será da tapera acima do morro um quarto de légua.

Falhamos o dia sábado 29 para se lavar as roupas dos soldados, mal acondicionadas pelos temporais.

6. No domingo 30 prosseguimos, e passamos o Ribeirão do Poço Fundo logo abaixo da Boa Vista, e passando o segundo braço de Capivari, pousamos junto a êle: corre de sul para o norte um, e outro. Desde aqui viemos a oeste quarta de sudueste. Andaríamos légua, e meia.

7. Na segunda-feira 31 do dito mês marchamos, e passamos a madre de Capivari, e andaríamos ũa légua, e quarto. Esta marcha foi sempre por mato, e houve bastante mel.

Neste lugar veio a gente do Mota buscar mantimento, e deu-se-lhe alqueire e meio de farinha, de seis, que vieram.

Agôsto de 1769

Falhamos têrça-feira 1, quarta-feira 2, quinta-feira 3, sexta-feira 4, sábado 5, domingo 6. Se fêz passo no rio para os cavalos. Esperou-se pelos cargueiros. Comeu-se desde segunda-feira até

domingo à noute sem farinha. Tínhamos um doente que saiu, chamado Francisco da Gama.

8. No dia segunda-feira 7 de agôsto de 1769 prosseguimos, e fomos ter o nosso pouso em um lajeado, em um campestre de fronte de Capivari acima; e andaríamos ũa légua. Houve bastante mel.

9. No dia têrça-feira 8, do corrente mês, e ano prosseguimos a jornada, e fomos pousar no meio de um mato: passamos três córregos, e um morro, e um ribeirão. Neste matou o Mota ũa onça. Na coroa do morro está um campestre. Andaríamos três léguas, e meia.

10. No dia (4,) quarta-feira 9, saímos, e indo por restingas, e campestres, chegamos ao Pouso Alegre: pusemos ũa cruz. Marcharíamos uma légua.

Houve mel; alguns o desejaram para sítio.

Desde aqui caminhamos quase ao sudueste.

Falhamos quinta-feira 10, por se ir a caça e os homens terem mêdo do dia, que diziam ser aziago, por ser de S. Lourenço.

11. No dia sexta-feira 11, prosseguimos nossa jornada por restingas e campestres, e pousamos junto a um ribeirinho: andaríamos légua, e quarto.

12. No dia sábado 12 seguimos a nossa derrota por restingas, e campestres, e passamos o primeiro braço do Ibaú, a que chamou-se Rio da Ave, por se matar um pato, e em memória de outro de Portugal: e fomos pousar em um catanduba, ou mato carrasquenho. Andamos pelos tais, e alguns matos. Andaríamos 2 léguas, e meia.

13. No dia domingo 13 saímos do ribeirãozinho, e passando a madre do dito rio, a que chamou-se Tinto em memória de outro de Portugal, viemos a pousar junto à serra, que chamou-se da Chamusca pelo mesmo motivo; e tornamos a ser molhados de noute, e andaríamos duas léguas.

Achou-se aqui sinal de se ter experimentado um córrego.

Falhamos na segunda-feira 14 por chuva. Na têrça-feira 15, dia da Assunção da Senhora.

14. No dia quarta-feira 16, prosseguimos a derrota e passamos ũa serra, na qual parece fazem fecho as que correndo ao sul, e ao norte da Boạ Vista, se vêm chegando cada vez para esta, e fica à maneira de um fecho. Embaixo da dita serra corre um ribeirão do sul para o norte, e em cima da dita se acharam alguns córregos. Caminharíamos légua, e meia.

Desde aqui caminhamos ora ao sul, ora ao sudueste, e para melhor dizer, com rumos mui vários, e começou o caminho a ser ásparo.

Falhamos quinta-feira 17, sexta-feira 18, sábado 19, à espera dos cargueiros, e algũa chuva.

15. No domingo 20, andaríamos uma légua, tudo mato, e passamos 4 córregos: adoeceram 3 pessoas.

Falhamos na segunda-feira 21, na têrça-feira 22. Sangraram-se 3 doentes.

16. Na quarta-feira 23, seguimos nossa derrota e pousamos em um espigão pequeno, e passamos três córregos. Andaríamos ũa légua, e quarto.

Falhamos na quinta-feira 24, na sexta-feira 25, por chuva.

17. No sábado 26, seguimos a derrota por mato sempre, e passamos dous ribeirões: andaríamos 3 léguas, e meia.

18. No domingo 27, prosseguimos; andaríamos ũa légua. Chamou-se êste pouso da Fome; porque 7 dias contínuos não houve caça: também acabou-se a farinha.

Falhamos desde 28 de agôsto até 14 de setembro. Tanto pela fome, como por ver se achava caminho, e por isto mandei 3 bandeiras das quais ũa pôs 4 dias, e as outras 15 e tôdas diziam, que não achavam a picada, motivo porque mandei o aviso pelo sargento Tomé Ribeiro.

Retrocesso, ou contra marcha, para procurar melhor caminho.

Setembro de 1769

No dia sexta-feira 15, saí dêste pouso, e vim ao do dia 23 de agôsto.

Falhamos sábado 16, domingo 17, por fraqueza dos soldados.

No dia segunda-feira 18, fomos ao pouso do dia 16 de agôsto a encontrar os cargueiros para socorrer a gente, que por fraqueza ia caindo em desalento, e foi necessário fazer-me forte, e não fazer caso da moléstia, e ferida, que trazia em ũa perna, e fazer diligência por melhor caminho.

Falhamos nos dias 19, 20, 21 (choveu), 22 (choveu), 23 (choveu), 24, 25, 26 (chegou o tenente e o Mota, e foi-se preparar o caminho), 27, 28, 29, 30.

Outubro de 1769

No primeiro domingo chegou o capitão Francisco Pereira Nunes ao meu acampamento.

Na segunda-feira 2, tornei para o pouso de 20 de agôsto.

Na têrça-feira 3, tornei para o pouso do dia 23 do dito.

Falhou-se por chover.

Na sexta-feira 6, tornei para o pouso do dia 26 do dito.

No sábado 7, tornei para o pouso do dia 27 do dito.

19. No domingo 8 de outubro prossegui adiante, e vim ao Pouso da Anta Gorda: passamos uns córregos, e andaríamos 3 léguas, e meia.

Na segunda-feira 8, falhou-se por doente.

20. Na têrça-feira 9, vim às Muquiranas, e pousamos à beira do ribeirão. Andaríamos duas léguas.

Na quarta-feira vim aos Barreiros, e andaríamos 2 léguas pouco mais, ou menos, por caminhos ruins.

Falhamos quinta-feira 11, sexta-feira 12, por chuva, e doente, que sangrou-se.

21. No dia 11, sábado vim ao lugar, onde se fizeram as canoas, e andaríamos algũas 6, ou 7 léguas, ora embarcados, ora a pé.

Falhamos até 20, para fazer duas canoas, ũa meia grande, e outra pequena.

22. No dia 21 de outubro vim à praia, ora por terra, ora pelo ribeirão; andaríamos ũa légua, e quarto.

23. No dia 22 me embarquei, e vim ao rio. Caminharia até 8 para 9 léguas pouco mais, ou menos.

Deixei o tenente para cuidar no trem, e para o fazer conduzir.

Vou cuidando nas canoas, e está ũa principiada, e estou roçando.

Esta é a derrota, que tenho feito, e Deus seja servido continuá-la em seu serviço, e de Sua Majestade com bom sucesso.

No dia 23 mandei o tenente com 10 homens, entre êstes o Mota, para examinar o rio, e não foram mais pelas canoas serem pequenas.

Faltam o alferes, e 5 soldados, que mandei por doentes, e um, que foi para a guarda, por rendido, e 9 que desertaram, como sabe V. S.ª

No discurso da viagem mataram-se 130 e tantas antas, a saber: o Mota 58, e a tropa as mais; 36 porcos, 4 tigres, e um leão. S. Rafael, 30 de outubro de 1769.

Sou de V. S.ª Sr. D. Afonso Botelho de S. Paio e Sousa.

O mais humilde súdito,

Estêvão Ribeiro Baião.(*)

DERROTA DO CAPITÃO SILVEIRA, QUE EMBARCOU EM NOVEMBRO DE 1769 NO PÔRTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CAIACANGA, E NAVEGOU PELO RIO DO REGISTO ABAIXO. RELAÇÃO DIARIA DE MINHA DERROTA DESDE O DIA 6 DE FEVEREIRO DE 1770 ATÉ O PRESENTE POR TER MANDADO O QUE TINHA FEITO ATÉ O DITO DIA DE FEVEREIRO.

Em o seguinte dia 7 do dito mês falhamos por chover, e achamos um pau de cedro, e com a tardança dos que foram buscar a canoa botamos o dito pau abaixo, e eu mestreei por razão do mestre ter ido buscar a outra, e pus em prática a factura dela. Em 8 entramos com a canoa, e foram 3 para diante picar, e de tarde chegaram os que tinham ido buscar a outra com ela, e com 6 dias de ida, e volta; mas como a outra se estava fazendo, e se carecia muito para o transporte das cargas foi-se continuando a factura dela, e no dia 7 mandei 2 camaradas para povoado com cartas em reposta de outras que me vieram. Em 9 foram à caça, mataram ũa anta, e mandei 2 para adiante ajudar a picada, e levaram um quarto, e a canoa, continuando-se em 10, e 11 continuou-se a dita canoa, e não houve mais novidade. Acabou-se da parte do fundo. Em 12 continuou-se o mesmo serviço, e não houve mais nada de novo. Em 13 se acabou a canoa, e fêz-se remos, e foram à caça com muita chuva, e mataram ũa anta. Em 14 falhamos por causa da muita chuva. Em 15 marchamos rio abaixo com a canoa nova carregada, e pelas 9 horas, alcançamos os que iam picando diante, e a canoa pequena foi à caça, e não matou nada. Em 16, e 17 falhamos por causa da muita chuva, e botamos um pau abaixo para canoa, e no cair se quebrou, e foram 3 pessoas rio abaixo ver outro, e não acharam, e deixaram lá a canoa por não poder romper a correnteza por estar o rio muito cheio, e vieram por terra pi-

(*) No códice seguem-se aqui duas fôlhas em branco.

cando. Em 18, e 19 marchamos caçando, e picando, e fui a buscar um pau; achei um tal, e qual e não mataram caça, e chegaram 2 soldados com a notícia que vinha a canoa com os mantimentos a salvamento, e pousamos na barra de um grande rio de nado, que vem do leste, e faz barra neste, e é muito largo, quase imita ao grande, e como não se sabe o nome, pus-lhe o nome Rio da Conceição, e fui de tarde buscar um pau para canoa, e achei com muito trabalho um. Em 20 muito cedo foram 8 soldados à caça, e não mataram nada, e eu com os mais botar o pau abaixo, e não se fêz mais por causa da grande chuva, e chegaram os que vinham de trás com a canoa dos mantimentos com 24 dias de viagem de ida, e volta por causa das muitas chuvas e rios cheios. Em 21 foram 12 homens caçar e não mataram nada, e foi-se trabalhar na canoa com os mais. Em 22 continuou-se no serviço da canoa, e foram 11 homens à caça, e não mataram nada. Em 23 continuou-se o mesmo serviço, e foram 3 canoas à caça, e mataram sòmente um veado. Em 24 mandei ũa canoa para acima buscar mantimentos, e foram à caça, e não mataram nada. Em 25 acabou-se a canoa, e fizeram-se remos 3. Em 26 marchamos rio abaixo, e de tarde pousamos com grande trevoada, e passamos duas cachoeiras muito grandes. Em 27 marchamos, e passamos duas ilhas no meio do rio, e ambas com cachoeiras muito arriscadas, e de tarde chegamos a ũa sem nos podermos retirar de repente, e com tanta violência, que quase nos perdemos, mas acudiu-nos Deus, que sempre nos pegamos em uns galhos javarandizes, assim chamados, onde pousamos, ũa canoa de ũa parte do rio, e duas da outra parte sem se poderem falar pela largura do rio, e grande correnteza. Em 28 com grande trabalho tornaram as duas canoas para acima com as cargas tôdas molhadas, e ajuntamo-nos todos, e eu com um soldado fui para baixo por cima de pedras a ver o rio se dava navegação para baixo, e vi que o dito rio se ia ajuntando por um canal de pedras, que não tem mais de 10 braças de largo cousa de légua e meia, e no fim desta achei um rio que da parte do norte entra neste, e é do mesmo tamanho, ou maior, e na barra do dito rio tem ũa ilha, que faz desaguar por duas partes neste, e cai por um muito grande salto, e levanta ũa fumaça de água que parece de fogo de longe. Em 29 acabaram-se de enxugar as cargas, e fêz-se pôrto para as canoas na outra banda do rio da mesma parte esquerda.

Em 30, e o 1.º de março fêz-se rancho no dito pôrto, e vararam-se as canoas e foram caçar, nada mataram. Em 2 marchamos por terra, com as cargas. Em 3, 4, e 5 marchamos atravessando ũa serra, que vai pela beira do rio, e não se pôde tirar água do rio

por grande rochedo, e fêz-se cacimbas para bebermos água. Em 6, 7, 8 se continuou pela mesma parte a andar, e neste dia fui com um soldado rio abaixo a ver se dava navegação, e andamos todo o dia, e não achamos mais cachoeiras té onde fomos. Em 9 voltamos, e achei um pau para canoas, e à noite nos ajuntamos todos na beira do rio. Em 10 botou-se o pau abaixo com grande trabalho por ser muito duro, e saiu ôco, e não serviu, e no mesmo dia foram 3 soldados, e o sargento a todos os riscos ver se podiam trazer pela grande cachoeira ũa canoa visto não haver pau para outra, e a necessidade ser muita. Em 11 botou-se outro pau abaixo, era ôco, e no mesmo dia chegaram o sargento e 2 soldados com a *notícia de que tinham naufragado, onde morrera um soldado afogado*, e outro ficara da outra banda do rio quase morto, e perderam ũa arma da Majestade, e dous facões, e as roupas dêles todos, e ficaram nus. Em 12 se foi com ũa jangada passar o soldado, e marchamos dêste pôrto chamado do Botelho com as cargas picando por terra por não haver pau para canoa, que pousamos defronte de um rio, que cai de um itambé abaixo no Rio Grande. Em 13 falhamos porque choveu muito. Em 14 mandei dous soldados rio abaixo ver como ia o rio, e marchamos picando. Em 15 marchamos na mesma forma, e vieram os dous soldados dizendo que o rio não tinha novidade algũa, que ia manso, e alargando. Em 16 achou-se um pinheiro pequeno, e mandei cinco camaradas continuar a picada; eu, e os mais ficamos botando o pau abaixo. Em 17 continuou-se o serviço. Em 18 e 19 se continuou o mesmo serviço na canoa. Em 20 acabou-se a obra, e remos, para a dita canoa. Em 21 marchei rio abaixo carregando a dita as cargas, alcancei os da picada, e dormimos juntos. Em 22 mandei 2 soldados rio abaixo a reconhecer a sua navegação, e 5 ditos para atrás saber notícias dos que tinham ido buscar os mantimentos, e eu fiquei com os mais botando um pau abaixo para canoa, e de tarde se matou um porco. Em 23 se continuou o mesmo serviço; e de tarde chegaram os que tinham ido rio abaixo, e me deram por notícia que o rio dava boa navegação, e de cada vez mais alargando, e também me veio notícia dos que foram para atrás que estavam as cargas a salvamento. Em 24 foram 5 soldados à caça, e não mataram nada, e continuou-se o serviço da canoa, em 25 continuou-se o mesmo serviço, e foi a outra canoa ao pôrto buscar as cargas. Aos 26 me chegou a canoa com as cargas. Em 27 se acabou a canoa, e remos, e despedi a outra canoa para acima buscar mantimentos. Em 28 marchamos com a canoa carregada, e alcançamos a gente que tinha marchado com a picada. Em 29 marchou-se com a picada, e foram 9 soldados caçar, e não

mataram nada, e passamos a Ilha Grande, e pousamos da parte de baixo. Em 30 também marchamos, e pousamos à tarde com muita chuva.

E no 1.º de abril marchamos, e pousamos ao pé da Ilha Comprida. Em 2, marchamos adiante com as canoas para falhar um dia a assoalhar as cargas de milho, que estavam perdidas de gorgulho, e os picadores atravessando um morro porque o rio fazia grande volta. Em 3 marchamos os de terra, e nós falhamos a assoalhar o milho e foram caçar, e não mataram nada. Em 4 nos ajuntamos com os da picada. Em 5 marchamos buscando um pau para canoa, e achamos um. Derrubamos mas se quebrou no cair. Na falta dêste fiz botar um pau peior para remediar as cargas, e ficou derrubado, e atorado. Em 6 choveu. Em 7 depois de tirada a boca do pau, feito o bôjo, achou-se ser muito rachado, e não prestar, e largou-se, e foi-se derrubar outro de cedro, e ficou para o dia seguinte. Em 8 se deu princípio ao dito pau. Em 9 se continuou o mesmo; em 10 o mesmo; em 11 se acabou a canoa, e remos; em 12 marchamos rio abaixo, e pelas 8 horas passamos ũa barra de rio que vem do norte, e faz barra neste rio navegável, pois mandei por êle acima 2 dias, e vai na mesma forma, e não viram novidade. Em 13 continuamos, e passamos um rio que da parte do sul vem fazer barra neste, e é muito violento, a que fica o nome Rio das Correntes. Em 14 marchamos, e de tarde nos apareceu Aleluia com um mui grande salto, e nos serve de embaraço à viagem, e defronte dêste de onde fizemos parada vem outro rio da parte do norte, e também se foi ver, e até certa parte donde se foi é bom, navegável, largo, que terá 16 braças, ou mais, em o qual se pôs o nome Rio dos Pinhais; pois para cima tem grandes máquinas de pinheiros. Em 15 foram à caça neste mesmo, e mataram ũa anta, e foram 3 soldados rio abaixo a vê-lo, e não voltaram. Em 16 fiz pôrto, varei canoas, e dei princípio a um rancho. Em 17 acabou-se o rancho, e chegaram os do rio abaixo dizendo que o rio ia muito bravo. Em 18 mandei 4 soldados abrir picada para continuar a marcha por terra, e os mais fomos à caça, e não matamos nada. Em 19 marchamos com as cargas, e alcançamos os da picada. Em 20 marchamos com as cargas, e alcançamos os da picada. Em 21, e 22 marchamos, e pousamos no Poço Grande. Em 23, e 24 marchamos sem novidade. Em 25 marchamos o mesmo. Em 26 mandei rio abaixo ver o rio se dava navegação, e o sargento com os mais foram para atrás buscar as cargas, que tinham ficado no pôrto chamado S. Paio; em 27 chegaram os das cargas; em 28 chegaram os que viram o rio dizendo não dava

navegação. Em 29 marchamos, e pousamos no Ribeirão de S. Francisco. Em 30 marchamos, e matamos ũa anta.

Em o 1.º de maio matamos 2 porcos; em 2 marchamos, e pousamos no Ribeirão das Antas; em 3 foram para atrás 6 camaradas buscar cargas, os mais ficaram moqueando, e mataram ũa anta. Em 4 chegaram 5 carregadores, e um fugiu com a carga, e um facão, e ũa arma da Majestade chamado o tal soldado Simão Cardoso. Em 5 falhamos para moquear a anta, e charquear, e foram 4 camaradas picar adiante; em 6 falhamos a acabar de enxugar o charque. Em 7 marchamos, e alcançamos os picadores. Em 8 marchamos sem novidade; em 9 mandei 2 camaradas para atrás encontrar os da canoa, que vem de cima; em 10, e 11 marchamos, e matamos um porco, e um jacu. Em 12, e 13 o mesmo, e matamos 3 porcos; em 14 marchamos, e chegamos ao Rio Grande. Em 15 mandei 3 camaradas rio abaixo a ver como vai, e 5 foram para atrás buscar cargas, que ficaram. Em 16, e 17 nada de novo; em 18 chegaram os do rio abaixo, dizendo que o rio dava navegação, e os de detrás chegaram com 4 cargas, e um tinha furtado o soldado fugido Simão. Em 19 mandei outros 2 soldados reconhecer o rio, e os mais botamos 20 paus abaixo para canoas; em 20 se deu princípio à canoa, em 21 matamos 4 porcos; em 22 marchou-se com o mesmo serviço; em 23 se acabou a canoa; em 24 se deu princípio a outras, e vieram os de baixo dizendo que o rio dava navegação, e era bom. Em 25 mandei 3 soldados para atrás saber dos outros, e os mais no serviço da canoa; em 26 se virou a canoa; em 27 choveu todo o dia; em 28 acabou-se a canoa, e chegaram os que foram para atrás sem notícia das canoas de cima. Em 29 marchamos rio acima a ver se pelo rio achava pôrto mais perto para a condução das cargas; em 30 falhamos para caçar, e não matamos nada; em 31 marchamos rio acima a ver se o rio dava navegação.

Em o 1.º de junho marchamos rio abaixo a ver paus para canoas, e matamos 4 porcos; em 2 choveu todo o dia; em 3 se botou o pau abaixo para canoa; em 4 se achou o dito pau rachado; em 5 se botou outro abaixo; em 6 se deu princípio; em 7, e 8 se acabou com remos e se matou ũa anta; em 9 choveu todo o dia, e se fizeram mais remos, e neste dia se acabou farinha, sal, e mais mantimentos. Em 10, 11, 12 e 13, fizemos ũa canoa e andaram 5 soldados a caça: não mataram nada. Em 14 falhamos, e matamos ũa anta; em 15 subimos rio acima com as canoas para o pôrto e esperar as cargas e se matou ũa anta; em 16 foram caçar, e não mataram nada; em 17, 18, e 19 se mataram duas antas; em 20 falhamos a charquear a carne; em 21, e 22 se mataram 3 porcos,

e chegou o tenente Bruno, e o alferes sem cargas. Em 23 falhamos, e foram para atrás buscar o chumbo, e pólvora, e ũas miudezas, que tinham ficado atrás; em 24 marchamos rio abaixo cousa de 14 léguas. Em 25 marchamos 12 léguas. Em 26 marchamos cousa de 5 léguas, e topamos o salto pelas 10 horas, onde despenha a água por 3 partes, e paramos e foi-se rio abaixo ver como ia, e achou-se ser manso. Em 27 fizemos caminho por terra para varar ũa canoa pela notícia de não haver paus. Em 28 varamos a canoa, e ficou da parte de baixo do salto no rio. Em 29 subi rio acima a buscar lugar para o pôrto por ali estar o rio muito bravo; em 30 chegamos ao dito lugar do pôrto, em o qual pôrto fica o nome de Sousa, e matamos ũa anta.

Em o 1.º de julho se fêz o pôrto; em 2 se fêz o rancho, e varou-se a canoa; em 3 falhamos por causa da muita chuva; em 4 marchamos por terra picando; em 5 o mesmo; em 6 chegamos ao rio da parte de baixo do salto, manso, e navegável. Mandei 2 soldados rio abaixo, a reconhecê-lo 3 dias de viagem; vieram dizendo, o rio ia despenhando por contínuos saltos. Em 7, e 8 marchamos por terra, picando, chegamos a um muito grande rio, que terá 100 braças de largo, que da parte do sul faz barra neste do Registo; em 9, 10, e 11 marchamos por terra picando, deixando no dito rio a canoa, que acima passamos, e outra mais pequena, que aqui se fêz para as passagens do mesmo, onde fica o título do pôrto de Nossa Senhora da Luz, Antônio da Silveira Peixoto.

OS CAMPOS, QUE AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA, AJUDANTE-DAS-ORDENS DO GENERAL DE S. PAIO, E TENENTE-CORONEL DAS EXPEDIÇÕES DO TABAGI, MANDOU DESCOBRIR PELO GUARDA-MOR FRANCISCO MARTINS LUSSOSA, CHAMAM-SE CAMPOS DE GUARAPAVA, E APUCARANA; E TAMBÉM AS GRANDEZAS TÃO DECANTADAS DO CAPIVARUÇU, QUE ESTÃO NO SERTÃO DE TABAGI.

O capitão que os castelhanos prenderam chama-se Antônio da Silveira Peixoto. Êste entrou pelo Rio Grande do Registo de Coritiba com cem homens com ordem de marchar por água, e terra, e fazer até chegar à barra, que o dito rio faz no de Paraná, e aí erigir ũa povoação, e reduzir à fé os gentios infiéis, e descobrir os haveres, que no sertão se prometem. Depois de ter marchado 80 léguas, achou grandes dificuldades na navegação, e não lhe sendo possível continuar a navegação, fêz casas para recolher a gente e trem, e deixando aqui tôda a equipagem marchou com 15 homens por terra. Andou 15 dias, e depois de passar grandes serras chegou ao mesmo Rio do Registo, e porque nesse lugar não

era navegável, continuou a marcha por terra, gastando três meses nessa derrota. No fim dos ditos três meses fatigados do caminho se resolveu a continuar outra vez pelo rio, o que fêz por muitas muito arriscadas cachoeiras e nesta navegação andaria cousa de 60 léguas. No fim destas 60 léguas encontrou com um salto onde se afogou um soldado, e assim foi necessário fazer ranchos, em que se guardassem as canoas. Tornou a entrar por terra, por montes, e grandes serras, sempre procurando o rio, que tornou a achar manso, e navegável. Fêz canoas, e marchou cousa de 30 léguas até topar com outro salto, onde fêz rancho para as canoas, e marchou por terra. Em conclusão, 7 vêzes topou com saltos, que o obrigaram a largar o rio, e marchar por terra, e depois, quando topava com o rio navegável, fazia canoas, e navegava. O mantimento estava acabado, e se sustentavam com palmitos, e algua caça. Ùltimamente, depois de se ter encontrado com índios infiéis, que lhe não fizeram mal, chegou à barra do rio com dez meses de viagem, depois de se ter apartado da tropa, e em todo êste tempo marcharia cousa de 340 léguas sem ver campos, e sòmente montanhas, serras, e rios caudalosos. Chegando à barra, enganou-se com o Rio Paraná, supondo que era braço do tal rio o mesmo Paraná. O motivo do seu engano foi ser o Paraná nesta parte quase da mesma largura do Rio Grande do Rezisto e o mapa, por onde se governava, representar o Paraná larguíssimo, e muito menor o Rio do Rezisto, por onde navegava. Também se originou o engano de lhe assegurarem que o Paraná corria por meio de campos, e como pelo contrário o dito Paraná no lugar onde recebe o Rio do Rezisto vai por meio de rochas, se julgou que não era ainda o Paraná. Já pelo Rio Paraná marchou 15 léguas sem achar vestígio algum de gente doméstica; foi dar com ũa porção de índios domésticos no lugar chamado Ervales, os quais índios estavam cortando erva. Perguntou-lhes como se chamava aquêle rio, responderam que Rio Grande, e como o de Coritiba se chama também Rio Grande do Rezisto, assentou que ainda navegava nêle mesmo, onde havia dado princípio à sua derrota. Perguntou-lhes pelo Paraná, e responderam, que ficava muito mais abaixo. Perguntou finalmente onde era sua aldeia, e responderam que ficava nove dias de viagem. Destas repostas se persuadiu o Silveira que só os índios estavam em terras de Portugal, e que a barra que buscava ficava muito mais abaixo, e assim foi continuando a sua navegação, e tendo viajado 4 dias topou com 3 botes e várias canoas, em que vinham cem homens castelhanos, e índios, e traziam ordem do governador para os portuguêses entregarem os índios, que tinham prêso, e tudo quanto lhes tinham

roubado, e logo se retiraram dos domínios de Espanha; porque os índios depois de falarem com os nossos, e os enganarem, foram ao seu governador e lhe disseram, que vinham portuguêses pelo rio abaixo, e que os haviam prendido, e tomado tanto quanto tinham. Só então soube o Silveira que navegava pelo Paraná e mandou por reposta ao governador que ela vinha errado, supondo, que navegava pelo Rio do Registo, que suposto lhe parecia que os índios, com quem encontrara, estavam em terras de Portugal fazendo ervagem, não lhos molestara em cousa algũa; e para mostrar a sua verdade voltou com os botes para cima com tenção de chegar até o lugar onde se encontrara com os índios. Depois de terem subido, ou andado para trás com os botes ũa légua, fizeram pouso, e o comandante ia muito assustado, dizendo que o português tinha perto algum corpo de gente. Sucedeu de noute cair um pau muito longe, e a sintinela, que ouviu o estrondo, deu parte que ouvira um tiro de espingarda. À vista desta parte ordenou por escrito o comandante ao capitão português, que visto estar em terra de espanhóis, e debaixo das suas bandeiras, ordenasse à sua gente que não usasse das suas armas, e que o acompanhassem todos até à presença do governador daquela província. Resolveu-se o capitão a ir primeiro porque em um capítulo das suas instruções levava ordem para não ter a menor dúvida com os espanhóis, se por acaso encontrasse com algum. Segundo porque haviam seis meses, que a sua tropa não comia mantimentos de povoado, e se achava muito cansada, e falta de alimentos por ser o terreno próximo estéril de caça. Terceiro porque o intentava conseguir do governador que lhe desse sustento para 6, ou 8 meses, que havia de gastar na volta. Com efeito foram todos soltos debaixo de capitulações, e palavra de honra do oficial. Chegaram à presença do governador aos 20 de outubro de 1770. Êste os agasalhou com urbanidade ũa noute, por lhe assegurar o capitão que estava pronto para se retirar; porém de manhã mandou lançar dous pares de grilhões no capitão, outros dous no alferes, e um com cada soldado, e tomou tôdas as armas, e trem, etc., e ficaram os presos com sentinelas à vista de dia, e de noute. No fim de 8 dias foram todos assim presos obrigados a montar a cavalo por tôdas as Missões até chegarem ao Salto de Urugai, que são 180 léguas, onde quase todos os soldados estiveram à morte infermos de bexigas. Cinco foram sacramentados, e com tão mau trato, que nunca lhes tiraram os grilhões, e só os alimentavam com caldo de carne de vaca. Aqui se detiveram 40 dias, e foi buscá-los um barco de Buenos Aires aonde chegaram aos 29 de dezembro de 1770. O capitão e alferes foram presos no Forte

no Calhabouço, e os soldados na cadeia. O capitão e alferes com sentinelas à vista de dia e de noute, examinando-se, o que comem, e não os deixando falar com pessoa algũa. O alferes morreu aos 22 de março, e acabou de ũa maligna, que padeceu 11 dias. Os presos eram o capitão, alferes, um sargento, dez soldados, e dous escravos do capitão. São incríveis as tiranias, com que os castelhanos trataram a êstes miseráveis prisioneiros, os quais chegaram quase nus ao lugar das Missões, onde os prenderam, e estavam despidos, quando se fêz a carta, a qual foi escrita cinco meses, e meio depois de estarem presos. Etc.

Tudo isto é extraído de ũa carta, que o capitão escreveu de Buenos Aires ao governador da Colônia, Pedro José Soares de Figueredo Sarmento, datada aos 16 de abril de 1770, da qual carta vi ũa cópia na mão do tenente-coronel Afonso Botelho, que me fêz a mercê de a mostrar em segrêdo.*

RELAÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO QUE TIVEMOS COM OS ÍNDIOS DO SERTÃO DO TIBAGI, NOS CAMPOS DE GUARAPUAVA, AOS 16, E AOS 17 DE DEZEMBRO DE 1771.

Estando abarracado nas margens do Rio Jordão, que passa quase pelo meio dos novos Campos de Guarapuava correndo de entre o norte, e nordeste para o sul, e resolvendo Sua Senhoria passar à margem ocidental para descobrir os campos, que se viam ao mesmo ocidente, o fizemos no domingo 15 de dezembro, ouvindo missa que a disse o reverendo capelão o Sr. José de Santa Teresa de Jesus. Acompanharam a Sua Senhoria os 3 capitães da cavalaria auxiliar da Vila e Destrictos da Coritiba Francisco Carneiro Lôbo, Lourenço Ribeiro de Andrade, e José dos Santos Rosa, o tenente Domingos Lopes Cascais, os dous sargentos da Praça de Santos Manoel Gomes Marzagão, e José Joaquim César, e várias pessoas mais, que no todo faziam o número de 26 cavaleiros.

Marchando assim sem provimento algum, pois fazia Sua Senhoria tenção de voltar, no mesmo, ou outro dia, passando o rio na cachoeira, que faz no mesmo pôrto, que permitia vau com algũas dificuldades pela corrente, que faz o despenhado das águas, e muito mais pelos caldeirões, e canais, que tem pelas lajes em que tropeçando os cavalos fica evidente o perigo, como sucedeu nesta ocasião, que caindo os cavalos de 4 camaradas, um se avezinhou à morte por se não poder desembaraçar dos estrivos, sendo levado(s) com o cavalo pelo impulso das águas a lugar fundo, onde se

(*) No códice segue-se aqui uma fôlha em branco.

viu dar três voltas o cavalo por cima dêle, que por milagre de Deus escapou e assim mesmo continuou a viagem.

Dêste perigo se não livrou Sua Senhoria, pois caindo o cavalo se lançou fora da sela com brevidade, e ficou em pé no meio do rio, dando-lhe água por baixo dos braços, e sendo socorrido pela gente de pé, que se lhe avizinhava para acautelar o perigo, passou a pé o mais arriscado até ganhar ũa laje mais alta, que está quase em meio rio, que tendo neste passo mais de cinqüenta braças de largo (pouco mais, ou menos) grande parte é perigoso, por cujo motivo para o não repetir retrocedendo à barraca para mudar roupa, o fêz no meio do rio soubre a mesma laje, mandando vir a roupa da barraca pela gente de pé, que o[s] de cavalo corriam o mesmo perigo, passando o rio sem mais novidade. Continuamos a viagem a rumo de sul com pouca diferença que é o atravessar do campo, que faz seu comprimento com o sobredito rio, e pelo que se tem visto parece ter de comprido mais de 40 léguas, *id est* de norte a sul, e de largo pelo que se tem andado, e falta para andar muito mais de 20, e prosseguindo como digo chegamos a um campo, digo capão, cuja distância ao pôrto será de cinco léguas, ao pé do qual se achou ũa trilha de gente, e daí a pouco um caminho, que terá um palmo de largo bem seguido, e logo assentou Sua Senhoria continuar por êle para a parte do sul para encontrarmos o gentio, de quem indispensàvelmente havia de ser, e porque os cães sentiram porcos no tal capão correram para êle latindo, e alguns camaradas juntamente. Entendendo Sua Senhoria seriam gentios bradou parassem, para que os não maltratassem, mas segurando-lhe eram porcos monteses nos demoramos algum tempo, enquanto os camaradas seguindo os cães pelo mato mataram 4, com que ficamos mais hábeis a seguir o caminho, porque para isso só tínhamos alguas perdizes, que Sua Senhoria tinha morto.

Assim prosseguimos o dito caminho até chegar ao córrego do Campo do Craveiro, distante ũa légua, e aí achamos um rancho grande, e nêle vários sinais de ali terem pousado os índios haveria cousa de 8 dias, e por ser já tarde determinou Sua Senhoria pousássemos como fizemos arredados do passo cem braças por aproveitar um verde bom para os cavalos e têrmos à vista; e porque o tenente Cascais com 3 camaradas se tinham adiantado a explorar, e já era noute, repetiram-se salvas no pouso para se recolherem a êle, o que fizeram pelas oito horas da noute. Ceamos muito bem porco do mato assado, e perdizes; dormimos com muito sossêgo estendidos pelo campo com a cautela de sentinelas para não parecer imprudência. Tôda a noute nos cercaram trevoadas

gravíssimas, que por milagre de Deus corriam para diferentes partes, e assim passamos sem algum incômodo.

Na segunda-feira aos 16 do mês, logo de manhã, juntos os cavalos, sem mais demora partimos; e porque ũa grande trevoada, que ameaçava a horrorosa chuva nos não apanhasse a pé tendo escapado de tantas em tôda a noute, passada, prosseguimos viagem acompanhados bastantemente dela, seguindo o mesmo caminho do gentio, e ao depois de encontrarmos alguns pastos empertinentes para os cavalos, tendo marchado mais de légua avistamos em um alto um grande rancho do gentio onde chegando achamos deserto de poucos dias; e nêle foram vistas várias alcôfas, ou cestinhas em que êles têm guardados os seus pobres trastes, e entre êstes foi achada a simitrunfa composta de penas, e não mal tecida, e ũa fita branca à maneira de liga trançada, dous novelos de fios muito bem fiados, panelas, porongos, e um grande de mel, carracaxazes, e outras cousas, com que custumam fazer seus festejos; nas fontes circunvizinhas, lagos de pinhões, e outros víveres de que se costumam sustentar; e porque se lhe tiraram alguns dêstes trastes para amostra lhe recompensamos deixando-lhes um barrete vermelho, duas facas, miçangas, medalhas, anéis, navalhas, digo maravalhas, frocos, e outras cousas semelhantes, e perseguindo mais distância de duzentas braças estava em um capão ũa roça de alqueire de planta de milho, que já apendoava, e continuando o caminho por êle achamos vários alojamentos, e um bastantemente grande queimado do fogo do campo, e em distância de 3 léguas boas achamos outro de 3 ranchos grandes, que bem acomodam 150 pessoas, e um pequeno aonde, por vir já um cavalo de um camarada cansado determinou Sua Senhoria pousássemos, que seria ũa até duas horas da tarde, e para melhor cautela mandou Sua Senhoria ao capitão Francisco Carneiro junto com o tenente Domingos Lopes Cascais, e mais dous camaradas a explorar o campo, os quais seguiram o caminho para diante, que parecia mais trilhado por haverem já vários, que saíam dos mesmos ranchos, e dos camaradas, que ficaram, 8 foram para a caça para o mato e Sua Senhoria com Paulo de Chaves, um sargento, e um soldado foram às perdizes. Nos ranchos ficaram o capitão Lourenço Ribeiro, e o capitão José dos Santos, e os camaradas, para o que se varreu um dos ranchos onde foi achado um círio de milho branco, roxo, e amarelo todo pururuca, que teria um bom alqueire, do qual se remidiou a necessidade do cavalo cansado, e a nossa com puruazes de milho assado, feito tudo em ũa panela do gentio de duas que acharam-se, do que todos comeram, e gostaram muito bem, e Sua Senhoria os

acompanhou com o mesmo gôsto, bebendo em cima ũa pouca de água que foi a sobremesa.

Foi Sua Senhoria às perdizes, e matando 4 à vista dos ranchos quando já apareciam o capitão Carneiro, e mais exploradores dando muitas salvas, e repetindo-as, tivemos bom anúncio vendo ao tenente sem véstia, e sem barrete, e um dos camaradas João Lopes nu só com a[s] ceroulas, e os mais sem alguns trastes que levaram, o que nos fêz infirir, que tinham encontrado ao gentio pelo alvorôço com que vinham.

Contaram, que havendo marchado pouco mais de ũa légua, encontraram um rancho queimado, e mais adiante em um lago um índio com 5 filhos tirando pinhões, que vendo-os arrebatadamente fugiram, e êles a rédea sôlta os alcançaram, fazendo logo ao longe sinais de paz batendo as palmas, com o que parou o índio sobressaltado, em extremo assustado, do que logo atiraram dando-lhes o tenente um barrete de pisão encarnado, no que duvidou pegar o índio, mas deitando-o de cima do cavalo o apanhou antes que chegasse à terra, ficando alegre, e muito mais, quando o mesmo tenente despiu ũa chimarra de baeta côr-de-rosa, que levava vestida, e lha deu que ficando muito contente pegou nela, e abraçou muito mais alegre. Logo se apeou o mesmo tenente, e lha vestiu, com que ficou muito mais satisfeito. João Lopes, que tinha dado alcance aos filhos, lhe vestiu as suas bombachas, dando a véstia de guingau, que tinha, a um dos ditos filhos, e a camisa de bertanha a outra: o capitão Carneiro deu um lenço de listas vermelhas, e ũas verônicas a ũa filha; Diogo Bueno, e outro camarada deu outro lenço, e abraçaram muito aos pequenos mostrando-lhes muito agrado, com que o pai ficou muito satisfeito dando abraços a todos, e praticando por acenos por se lhe não entender a língua; dizendo-lhe donde estávamos arranchados, prometeu de vir no seguinte dia, e dando mais o dito João Lopes um facão ao pai, mostrando mais gôsto nas mais dádivas, com esta fêz extremo de alegria, pondo-se a cortar com êle o capim do campo, o que vendo os nossos foram ao mato buscar um pau, e o cortaram em muitas partes diante dêle, com o que mostrou maior contentamento, e despedindo-se por acenos assegurou voltar no dia seguinte com mais companheiros.

Os nossos camaradas que tinham ido à caça ao mato, ouvindo nêle o estrondo das salvas, entendendo estávamos atacados do gentio acudiram a tôda a pressa, mas certificados daquele feliz encontro soavizaram com a alegria o pesar * da perda da caçada, e a cansada carreira, que trouxeram. Passamos a noute, principal-

(*) *apezar*, no original.

mente depois de rezar, que chovia nos ranchos, como se fôsse no campo.

Têrça-feira ao 17 se cuidou em ajuntar os cavalos, e porque era o pasto macegoso de tal sorte se espargiram, que até o meio-dia, não apareceram todos, pelo que teve o gentio tempo de às 9 horas vir achar-nos no seu alojamento, vindo primeiro 8 guiados,* pelo que no dia antecedente foi v[est]isto pelos explorados. Foram o tenente e João Lopes recebê-los um pouco adiantado dos ranchos, abraçando-os, e fazendo-se-lhes muitas carícias, o que lhes coibiu algum receio, com que vinham, e chegando a nós muito alegres os tratamos com grande carinho, e se os vê-los mansos causou prazer, compaixão foi o vê-los nus, e sem roupa, ou compustura algũa, pois alguns traziam seu modo de camisas, sem mangas, e estas mesmas sendo muito curtas, arregaçada de sorte que se lhes via todo o corpo da centura para baixo; dous traziam bordões na mão (dos quais vão amostra) e enferimos serem insígnias de oficiais entre êles, e os mais com arcos, e frechas, do que também vão amostra: todos moços bem feitos, e claros, e o mais velho teria 50 anos, os cabelos compridos de um palmo pouco mais, ou menos, cortados por diente bem redondos, e dous com coroas no próprio lugar que os nossos clérigos as têm bem redondas, pouco maiores que as dos minoristas; as sombrancelhas rapadas tôdas em geral, as barbas crescidas** ũas mais, outras menos, e perguntando-lhes porque as não rapavam, ou traziam como nós, responderam por acenos, que por não terem com quê.

A fala tão bârbara, que é totalmente distinta da geral indiana. Foram todos logo vestidos, despindo-se os nossos das próprias camisas do corpo, pois nos ficou todo o trem no pôrto, que dista mais de 10 léguas. O senhor tenente-coronel lhe deu a véstia, que levava vestida, que era côr de cana com botões brancos, ficando como sobretudo, e a vesti a um a quem se tinha vestido camisa, que todo se mirou, pondo-se-lhes algũas medalhas no pescoço, maravalhas, e vedrilhos, que por cautela foram, e os mais camaradas deram a maior parte dos seus fatos, ficando quase nus, e também muitas facas, e facões, o que êles mais que tudo estimaram, e um machado, que ia para fazer algum caminho, que fôsse necessário, mostrando por acenos o estimavam para tirar mel, e assim como se viram vestidos disseram iam chamar outros, que haviam ficado(s) no caminho, indo dous correndo a êste efeito, e os mais ficaram nos tratando com muita familiaridade, como se fôssemos muito(s) conhecido[s]. Pegando em cascas de pinhões nos

(*) *criados*, no original.
(**) *tecidas*, no original.

ofereceram se os queríamos, que os queriam buscar, e dizendo-lhes que sim para os contentar pegaram em dous jacazes, que ali estavam, e pegando pela mão a um camarada, José Pinto, e o levaram até a beira do mato, que distará do alojamento donde estávamos dous tiros de espingarda, e ali lhe deram a entender que voltasse por ser longe o lugar onde os pinhões estavam, o que fêz, e logo chegaram os dous, que tinham ido a conduzir aos mais, que atrás tinham ficado, que eram 8, e os recebemos, e vestimos como aos outros. Entre êstes vinha um a quem chamavam Pahy, que mostrava mais madureza, e todos os mais tratava a Sua Senhoria por Pahy. Deram mostra de confiança armando prática[s] emperceptiveis, com que quiseram mostrar o seu agrado, e por acenos lhe pedimos, que disparassem as suas frechas, o que prontamente fizeram, pedindo-nos, atirasse também com as nossas armas, no que se lhe fêz o gôsto.

Deitou-se-lhes um bocado de couro ao ar para que atirassem, o que fazendo erraram o tiro; mandando Sua Senhoria botar ao ar o mesmo couro lhe atirei com a felicidade de lhe empregar tôda a carga, em que logo pegaram, admirando-se todos de o ver passado de ũa a outra parte.

Tiraram-nos as catanas das bainhas, pedindo muito lhas déssemos, mas para os devertir deram-se-lhes outras cousas. Pediam muito os botões das véstias por serem de casquinha, e reluzentes, tirando-os alguns pela sua mão ao capitão José dos Santos, sem no cortar ofenderem ao pano, ou corda do botão.

Chegaram os dous, que tinham ido ao pinhão despidos das roupas, que se lhes tinham dado para as não sujarem, e trazendo bastante pinhão o lançaram ao meio do terreiro, fazendo-lhe fogo em cima e entrando logo a pegar, ensinando como se comiam, os ofereciam; pôs-se-lhe no terreiro um quarto de porco assado para que comessem, e o não aceitaram, convidando-nos muito que fôssemos ao seu arranchamento; pegaram-me na mão querendo levar-me, mas tendo andado um pouco disse-lhe que fôssem êles adiante, que eu pondo-me a cavalo lá ia ter, o que êles perceberam bem, e deixando-nos alguns arcos, e frechas, se foram embora, dizendo que nos esperavam no seu alojamento, e os dous que tinham ido buscar o pinhão nos disseram que para adonde haviam ido buscá-los estavam cavalos, e mandando lá achemos 5, que nos faltava, os quais tôda a manhã se andavam procurando, o que tudo se percebeu por acenos, e nisto conhecemos a sua lisura.

Depois de aparecerem os cavalos, sendo perto de ũa hora montamos, e fazendo retroceder a um camarada doente, e 3, que o acompanhassem para o pôrto, marchou Sua Senhoria com os

mais, desejoso de fazer mais experiência nos ânimos dos mesmos gentios para comprir com a promessa, que lhe fiz de lá ir; segui o caminho que êles tinham tomado, encontrando vários lagos de pinhão, providência de que usam para o anual sustento, e ũa rancharia queimada, e tendo caminhado quase légua e meia bem molhados da trevoada, de um alto se avistou a sua rancharia, e a poucos passos nos sentiram. Saindo alguns ao terreiro como inquietos, vimos vestir as roupas, que lhe demos, e um vestiu a camisa com o detrás para diante; e porque seguindo a marcha sem alteração e chegando já nós em distância de 50 braças, vieram ao nosso encontro 3 bugres, um com um bordão, e os mais sem armas, fazendo-nos sinais com a mão, para que chegássemos, e com vozes imperceptíveis caminhando acelerados na nossa frente até a porta do seu alojamento, reciosos dos cavalos; e porque os cães, que nos acompanhavam, se embravesceram contra êles, e os nossos tiveram a cautela de prontamente castigá-los reconheceram o auxílio, e se puseram em sussêgo conservando-se a maior parte dêles armados; e apeados, que fomos, nos ofereceram com vozes, acenos, o abrigo de seus pobres ranchos para que nos livrássemos da chuva, e para mais os agradar entra Sua Senhoria em um rancho quase de gatinhas pela pequenez da porta e logo dous dêles com Sua Senhoria levando-lhe dentro ao fogo, que estava no fim do rancho, logo se sentaram, e lhe ofereceram assento. Sentou-se em um pedaço de pau, que ali estava, e ofereceram-lhe do pinhão, que ali estava a assar ao fogo. Tiram um com a mão, descascaram, e comeram dizendo-lhe fizesse o mesmo, e outro pegou em ũa tanaz de taquara mostrando o uso que devia ter dela para tirar o pinhão do fogo, e descascá-lo, e comê-lo; me ofertou; aceitou Sua Senhoria e tirando o pinhão o deu * ao tenente Cascais que o comeu, e outros que o fizeram disseram que era muito melhor, que os outros, que haviam trazido do lago, e ficando êles muito satisfeitos saiu Sua Senhoria para fora dos ranchos, que, digo estavam todos os camaradas espergidos uns para ũa parte outros para outra, mostrando recíprocos sinais de afecto, e alguns percebidos por acenos. Continuaram êles algũas pequenas dádivas, oferecendo-lhes viessem ao pôrto aonde havia muito que lhes dar, o que êles permeteram fazer dando mostra de trazerem suas mulheres, e filhos, que para isso tinha [m] já mandado vir da aldeia principal corando com isto a cautela, que tinham tido de pô-las fora do alojamento, conservando-se nêle sòmente os que podiam usar de armas, e bem mostraram o receio que tinham de que houvesse em nós traição, mas como não viram mostras, nos pediram muito

(*) *dece*, no original.

ficássemos lá, pois tinham mandado caçar, e melar para Pahy, que assim tratavam a Sua Senhoria, e pegaram na mão a alguns camaradas, que fôssem com êles para lhes darem, que comer aonde tinham as mulheres, e os filhos, e mostravam que muito breve voltariam.

Faltavam alguns dos que pela manhã tinham ido ao nosso pouso, e estavam outros, que lá não tinham ido, e dos trastes que lhe demos já poucos tinham; enfim, vendo-nos com a resulução de montar a cavalo tornaram a rogar-nos que ficássemos; porque havia de chuver muito como sucedeu, e estando nós já montando trouxeram-nos um grande tição de fogo que o conduzíssemos, o que entendemos ser entre êles grande fineza, pelo muito que lhe custa a tirá-lo, e estando já a cavalo a partir-nos veio um, e ofertou a Sua Senhoria um bordão dos referidos, um arco, e ũa frecha, que êle aceitou dando-lhes um lenço vermelho, e as ligas das pernas que era o que ali podia dar, de que ficou muito satisfeito.

Todos os mais índios nos ofereceram as suas frechas, e vendo o gôsto com que as aceitávamos prometiam fazer muitas e trazê-las; pusemo-las diante de nós direitas com as penas * para cima, e viemos marchando, de que êles fizeram ũa grande galhofa; enfim voltamos com a resolução de virmos ao pôrto, mas passando pelo pouso donde tínhamos saído levantamos ũa grande cruz para memória de que ali tínhamos chegado, e primeiro lugar donde Deus principiou a abrir as portas de sua Divina Misericórdia a êste gentilismo, que nunca perzumimos achá-lo tão humano, e tratável, como o experimentamos; o mesmo Senhor permita dar-lhe luz para acertarem o caminho da sua Divina Lei, e os traga ao grêmio da Igreja, e a nós fôrças para continuarmos esta grande obra. Ficou-se chamando a êste pouso de Santa Cruz, e continuando a viagem debaixo de trevoadas grandes, e infinitas chuvas nos veio anoutecer no meio do campo, e porque os camaradas se puseram em opiniões sôbre o rumo que seguíamos, se foram apartando pelo escuro da noute, de forma que se achou Sua Senhoria só com o capitão Lourenço Ribeiro, e o capitão José dos Santos Rosa, e 10 camaradas quase perdidos. Sem sabermos para onde marcharíamos nos abrigamos a um pequeno capão sendo já 10 horas da noute, e ali passamos sôbre a terra branda por mulhada, suprindo a falta da ceia o ensopado da roupa, pôsto que sem sal, pela pouca graça que tinha.

Cuidou-se em fazer ũa boa fogueira, e a êste tempo ouvimos salvas, que conhecemos ser o capitão Carneiro com alguns camaradas, e respondendo-se, conhecendo êles, que estávamos pou-

(*) *pernas*, no original.

sados o fizeram também em um capão, que próximo acharam, e os mais camaradas, que estavam dispersos, fizeram o mesmo; e porque por direito estaríamos distantes do pôrto té légua, e meia, a tropa que nêle* velava cuidadosa, ouvindo os tiros nos julgaram em algum perigo, e porque o Jordão não dava vau pelas cheias ** das trevoadas cuidaram logo em botar ũa canoa, que tinham principiada ao rio, e nela passaram à outra banda, e fizeram várias deligências, para nos encontrar, dando salvas até que com a manhã montamos, e nos fomos juntando de forma que ao mesmo tempo chegamos todos ao pôrto onde com a notícia do passado fomos recebidos com recíprocas salvas, sendo inexplicável em todos a alegria, vendo quanto Deus favorece esta emprêsa para a redução*** dêste imenso povo pagão.

Neste dia 18, como já disse, chegamos a êste pôrto, adonde a alegria dos que ficaram de nos verem voltar ilesos, e com as notícias referidas mesclaram o gôsto com a emulação de os têrmos deixado(s) tendo bastante matéria para que devertidos com as maiores demonstrações de alegria passássemos êstes dias até hoje domingo 22 do corrente, na esperança de ver neste pôrto o gentio, ao que deu comprimento, aparecendo hoje às 7 horas da manhã defronte ao pôrto em um alto alguns; e porque logo se percebeu que os outros cautelosamente se encobriam por detrás da lomba, ordenou Sua Senhoria a todos que curiosamente se alvoraçavam a vê-los, que se não movessem das barracas, e ranchos donde estavam nem pegassem em armas fora dêles para que o nosso sussêgo lhe diminuísse o receio, passando logo em ũa canoa à outra banda para recebê-los o capitão Carneiro João Lopes; e poucos mais, com carinhos e abraços, e mais ofertas os resolveram logo a passar o rio gritando primeiro prendessem os cachorros, advertência dos mesmo[s] índios, e ofertando-lhes a canoa para passarem, êles por acenos disseram ao capitão Carneiro, que pois estava de botas, passasse nela, que êles passariam pela cachoeira, apontando para baixo donde ela existe, e dá vau, acompanhando-os um moço, Francisco Martins, o qual pôsto diante ao passar do vau só consentiram enquanto baixo, mas chegando ao mais fundo, e mais perigoso, pondo para trás tomaram dous a dianteira a sundar a passagem, e tanto que estiveram dêste lado andaram a procurar o Pahy que assim tratavam a Sua Senhoria, receosos de chegar aos mais, até que saí a recebê-los. Fizeram-me muita festa, e muito alegres chegaram à minha barraca, onde mandou Sua Senhoria dar dous côvodos

(*) *nella*, no original.
(**) *chuvas*, no original.
(***) *rodução*, no original.

de baeta a cada um, ou à maior parte dêles tangas pintadas, facas, contas, e outras infinitas cousas, e a confusão com que chegavam uns, e se retiravam para chegarem outros não deu lugar a que se fizesse verdadeiro cômpito de tudo quanto levaram. Dos primeiros que chegaram à barraca foi ũa moça, que teria 16 anos pouco mais ou menos, bem feita, asseando-se, tratada, não se conheceria por índia. Trazia ũa tanga, que lhe dava por cima dos joelhos; sem mais compostura algũa. Perparou-se com ũa tanga de sufuli e baeta vermelha; ao pescoço várias miçangas, pente na testa, chapéu na cabeça, de que ficou muito alegre, e foi dizer aos seus, tanto que saiu da barraca, que estava muito bonita, o que se lhe percebeu por ser quase na língua da terra. Tôdas as suas ações, eram obradas com honestidade, e vieram mais duas mulheres, que passavam de 40 anos, e foram vestidas da mesma forma; vários rapazes de 8 anos para cima, todos bem feitos, e um que teria 10 anos vestiu Antônio da Silva Freitas dando-lhe camisa de linho, calção branco, véstia, chapéu, que não parecia índio criado nestes sertões, mas sim rapaz nascido em ũa terra cevilizada.

Vinha também um índio pequeno que teria dous anos e meio, até 3, trazendo[-o o] pai às costas. Era bem feito, bonito, e tanto que se viu entre nós chorou com bastante excesso, mas dando-lhes ũa baeta vermelha, e vários brincos logo se acomodou. Por fim, porque um tomou um machado em um rancho já indo com êle dançando e fazendo extremos de alegria, dando a entender que era para com êle tirar mel, fêz que muitos dêles, perdido o maior receio, se espargissem pelos ranchos entre os nossos, confundidos uns com outros, de forma que já custava a destinguir com facilidade; e enfim quanto machado viram, facas, e facões tudo levaram; duas baionetas, ũa catana de Antônio da Silva, que foi excessivo o gôsto do que a levou, tôdas as mais catanas, que viram pertenderam com grande excesso ũa faca do mato que Sua Senhoria tinha à cinta custou bem a defender, querendo um que êle lha desse, fazendo ja negócio com ũa baioneta, querendo metê-la na bainha da faca em refém, e só o pôde sussegar dando-lhes a entender que era para dar ao cacique se cá viesse. Mandou-se pelos pretos tocar clarins, buazes, e caixas, com que ficaram admirados, e alegres.

Roberto André, que toca bem viola, a tocou, e dançou, e êles contentes, e confusamente o fizeram e fizeram fortes deligências para levarem a viola, bulindo muito nas cordas, e admirando, e examinando o que tinha por dentro.

Seriam por todos 70 pouco mais, ou menos. Foram-se pelas 10 horas deixando muitas frechas, e arcos a todos os camaradas, dando a entender que iam buscar as mulheres, e vinham, e quase

se lhes percebia que queriam ir conosco para as nossas terras. Logo se preparou o altar para o nosso capelão dizer missa, por ser domingo, que ouvindo demos muitas graças a Deus por tão bons princípios a redução dêstes pagões, tendo todos passado o rio para outra banda. Antes de principiar a missa se foram, deixando-nos cheios de gostos, e alegria para esperança que temos de recolher ao grêmio da Igreja êste disperso rebanho. É quanto se tem passado nestes Campos de Guarapuava com os índios de nação Xuclan, segundo algũas palavras, que se lhes tem percebido.

Para maior clareza fiz esta relação no Pôrto do Pinhão do Rio Jordão aos 24 de dezembro de 1771.

SEGUNDA PARTE EM QUE SE CONTINUA O MESMO ASSUNTO, SEGUINDO A MESMA ORDEM DO SUCESSO DESTA VIAGEM NO ENCONTRO DOS ÍNDIOS.

No dia 23 dispachou Sua Senhoria ao sargento José Joaquim César para S. Paulo com a relação retro, arcos, frechas, bordões e mais trastes que os índios tinham deixado, para tudo apresentar ao Il.mo e Ex.mo Sr. General D. Luís Antônio, que com razão se deve aleg[r]ar, e estimar estas felizes notícias sucedidas no tempo do seu govêrno, não só pela propagação da fé, que se espera* de tão bons princípios entre êstes pagões, como pela dilatação, em aumento do Reino, tanto em terras, como em vassalos, que será sempre memorável o dever-se ao disvêlo com que Sua Excelência procura o aumento desta capitania.

Ficou Sua Senhoria aplicando todo o cuidado na eleição do lugar para construção de ũa fortaleza em o respeito militar, estabeleça êste continente o direito senhorio dêste país, e para com ela animar o corpo de ũa populosa povoação, que provàvelmente se há de estabelecer com multiplicadas fazendas de gado, para o que convidam êstes diliciosos, amenos, e férteis campos.

O gentio que igualmente deve estar gostoso, e assombrado da não esperada afabelidade que em nós tem encontrado, tendo-se retirado no dia 22 com promessa de voltar com as famílias, movidos, ou do receio, que justamente de nós devem ter, lembrados das tiraníssimas ações por tantos modos que com êles usaram os antigos a pouco mais de 50 anos, ou da coriosidade de notarem os nossos movimentos, julga-se deixaram sentinelas, porque indo alguns camaradas à caça no dia 24 a uns capões, que abordam o rio, perto dêste pôrto reconheceram trilha fresca dêles, e tendo morto ũa oncinha vu[l]garmente chamada jaguatirica, pondo-a no

---

(*) *suspira*, no original.

barranco do rio continuaram a caçada, e na volta não achando no lugar aonde tinham deixado, conheceram, que o gentio tinham levado, e chegaram a averiguar a trilha de 4 que se verificou mais; porque andando 3 camaradas em uns capões mais altos a caça, vendo um veado no campo pastando, o quiseram negacear, o que faziam também 5 índios; nem uns, nem outros poderam matar o veado, e voltaram os nossos por não haver algum encontro, que descompusesse a boa harmonia que conservávamos; viram fogo em um capão perto em que mostrava estar maior número de índios.

No dia 25 se disseram as 3 missas da festa do Natal antes de ser dia claro, esperando viessem os índios nesse dia, por estarem perto, a fim de nos acharem mais desembaraçados para os receber, e como não apareceram até ao meio-dia, foram uns à caça, e outros para o campo a tratar dos cavalos, e do gado.

No dia 27 indo outros camaradas também à caça para as partes dos campos do Pouso Triste, encontrando uns porcos, ao matá-los, viram que 2 bugres de um alto vizinho curiosamente presenceavam o modo com que os nossos faziam a caçada, e porque os porcos acossados dos cães se recolheram a um capão vizinho, seguiram-nos a matá-los, e andando os camaradas embebidos no proveitoso deleite da matança dos porcos, por ouvirem um assubio repararam que um bugre mui perto dêles o tinha dado, retirando-se sem haver mais ação.

No dia 28, logo de manhã apareceram alguns em um alto que fica fronteiro a êste pôrto, na distância de mais de seiscentas braças, de onde logo se retiraram tornando logo ao meio-dia a aparecer no mesmo lugar, e seriam 3 horas vieram mais perto, de sorte que acenando-se-lhes, e bradando-se-lhes fizeram o mesmo, do que se infiriu ser mais que curiosidade de exploradores, e porque acenando-se-lhes, que chegassem ao pôrto, se retiraram, determinou Sua Senhoria fôsse à outra banda do rio, aonde êles estavam João Lopes, e Manoel Pinto, e o seguissem em alguma distância a ver se assim chegavam procurando-os. Assim o fizeram, porém os bugres vendo-os mais se ausentavam, por cujo motivo determinaram * voltar, como o fizeram, e a poucos passos olhando para êles viram que estavam no alto 6, e que dêstes, 4 vinham direito aos nossos, e dous ficaram imóveis. Percebendo-se-lhes acenos, e vozes voltaram os nossos para êles, e chegando os índios se abraçaram e deram grandes mostras de conservarem a mesma amizade. Convidaram-os viessem ao nosso pôrto onde havia muito que lhes dar, ao que mostraram responder, sendo mal entendidos os seus acenos, que iam buscar suas famílias, e cousas de comer, e que

(*) *determinavão*, no original.

vinham para lhe darem facas, e facões, e assim se despediram com muitos carinhos, e abraços, tendo um dêles usado a ação de cortar uns pequenos ramos do campo estendendo-os no chão com acenos, que os nossos entenderam, para que nêles pisassem. Será talvez afectuosa fineza entre êles, como entre os hebreus, e passou-se o resto do mês, e ano sem mais novidade que não virem, como nós esperávamos.

Ano de 1772

No *primeiro* dia dêste ano depois de dizer missa e me confessar, e várias pessoas, mandou Sua Senhoria a Paulo de Chaves com 18 camaradas passar o rio além e procurar o caminho, que no Capão dos Porcos tínhamos topado do gentio, e seguindo para a parte do sul para êle o prosseguir para o do norte a ver se haviam mais algũas aldeias do gentio, e fazer outras deligências necessárias.

Passou o rio além pelo meio-dia moniciado, e preparado para poder dilatar-se o tempo que fôsse preciso dar comprimento ao que lhe ordenou Sua Senhoria.

No dia 2 passaram o rio além algũas pessoas a tratar dos cavalos, que por lá andavam por ter melhor pasto, e andando-os procurando viram 7 índios em um capão perto; pelo fogo, que dêle saía, conheceram estarem mais. Acenaram-lhes que viesse, mas êles levantaram os arcos e não lhes perceberam os mais acenos, que fizeram também. Os mesmos foram vistos por algũas pessoas desta parte do rio.

Não houve novidade té o dia 5, que passou Sua Senhoria com 6 cavalheiros o rio além, e seguir as suas margens para a parte do sul ver se encontrava paragem suficiente para dar princípio à fortaleza, e tendo andado quase 3 léguas avistando grandes campos, que estão para o sul, e faltar examinar, seguiu para a parte de oeste, e tendo marchado ũa boa légua encontramos um caminho que os índios tinham feito quando vieram ao nosso alojamento no dia 22 de dezembro do ano passado, e nos recolhemos por êle para o pôrto encontrando vários passos em ribeirões, com bastante trabalho os passamos; recolhi-me pelas 8 horas da noute, e pouco (o) depois chegou Paulo de Chaves com a partida, que tinha ido para a parte do norte como acima se lhe ordenou dando as notícias seguintes.

Que caminhando pelas margens do Rio Jordão até as cabeceiras, que da parte do norte nascem dos montes, e continuando-os ao sul encontrou com um alojamento pequeno deixado de poucos dias com algum milho, e murangas, e porseguindo ao mesmo rumo para examinar tôda aquela costa até o Capão dos Porcos, e mais

adiante acharam outro alojamento maior onde um dos ranchos tinha de comprido 25 passos, e 8 de largo, e aí acharam vários trastes do uso de índios de panelas, porongos, pratos, caracaxazes, linho em estriga do qual fazem os seus panos, e mostra que o tirar da estriga dá grande, 3 cochos grandes bem feitos, que bem podem levar de 7 alqueires de milho para cima cada um, balaios, e cêstos bem tapados, e bem feitos, rebocados por dentro, e por fora com cêra; se supõe ser para trazerem água das fontes, cristais finos, que os partem sôbre outras pedras para as suas navalhas, uma roça, que teria de milho plantado meio alqueire e algum em pendão; e examinaram que o caminho que encontraram no Capão dos Porcos é o da serventia dêste alojamento para a aldeia principal (do que já tratamos) e conheceram rastos dos que vieram a êste pôrto, que os foram avisar que se supõe o motivou a se retirarem para a aldeia não pelo caminho do Capão dos Porcos, mas sim por indireitura ao alojamento onde pousamos aos 16 do mês passado, seguindo a grande rastulhada, que fizeram.

Tiraram-se dous porongos grandes, e se lhes deixou ũa faca, e ũas ligas, e daí prosseguindo ao mesmo rumo, de um grande alto avistaram tôda a campanha, que vai por detrás do Capão dos Porcos até os morretes do mato, que se avezinha à Serra da Ubuturuna, que também avistaram divisada da memotória pelo negro dela, da qual os cabeços mais sinalados, que viam são cortando do sul para o norte com êste feitio..., isto é, olhando para a ponta, que é por donde passa o Rio do Registo, e dali cortaram ao ribeirão do Capão dos Porcos e acharam ser de bom tamanho, água negra parada, vários saltos, lajeado como os demais córregos, que em tôda a viagem encontraram, e vertem da costa do mato grosso para os campos, uns para o Rio Jordão, e outros para o ribeirão do Capão dos Porcos, cujo nascimento vem dos campos. No capão acima do dos Porcos acharam 3 pousos do gentio, dous com ranchos, e um sem êle porém grande, que bem mostrava ser de muita gente que por êles passava, e daí se recolheram a êste pôrto tendo marchado neste círculo boas 40 léguas.

Das cabeceiras do Rio Jordão notaram que para o outro lado haviam verdes novos nas campanhas, que para aquêle lado existem correndo para o nordeste, e leste, e por não divisarem caminho nem trilha, que passasse para aquêle lado, pode-se presumir que para aquela serra habitava outra nação do gentio.

Aos 6 partiu o tenente Cascais com 17 camaradas de cavalo a buscar passo no Rio do Pinhão, que dêste lado nasce de lés-nordeste, e vai fazer barra no Jordão.

Aos 7 vimos que já tinha passado o rio, e lançado fogo aos campos de outro lado, e foi também Paulo de Chaves com alguns

camaradas, examinar o salto grande, que faz o Rio Jordão entre o Pôrto do Pinhão, e veio com a notícia de o ter visto, e ser altíssimo, e horroroso por ser entre o mato.

Aos 8 logo de manhã se dispôs Sua Senhoria a ir ver o sítio aonde formava tenção dar princípio à fortaleza, e fazendo aprontar cavalos para os que me haviam acompanhar, ao embarcar para o outro lado donde já estavam os cavalos, se viu um grande lote de índios, em um alto defronte ao pôrto, e mais dous lotes em diferentes lugares; cada um dêles mostrava trazer mais de cento e cinqüenta índios, e porque marchavam apressados direitos ao pôrto julgamos vinham como tinham permetido. Suspendeu Sua Senhoria a viagem voltando para o quartel, fazendo aprontar as roupas, que se tinham feito para vestir as mulheres, e o mais que a todos se havia de dar, e deu [ordem] Sua Senhoria ao sargento Manoel Gomes e ao tenente Cândido estivessem cada um na sua peça de artilharia prontos para dar fogo, e as mais armas, e os corpos da guarda com as cautelas necessárias sem dar suspeita aos índios, que desconfiavam dêles.

Sem embargo de ser o gentio muito maior em número do que custumava vir, não causou horror à nossa tropa pelas repetidas vêzes que os tinham visto ali; os caçadores na caça, os campeadores no campo, e enfim nós nos seus próprios alojamentos adonde inexplicável é o perigo a que nos expusemos.

Vinham tocando suas gaitas em taquaras; vieram direitos ao pôrto, passaram o rio. Foram dos nossos alguns a recebê-los comigo, com o mesmo carinho e agrado; chegaram ao nosso quartel, os primeiros sem as costumadas armas, que trazem. Vinham algũas mulheres; foram logo vestidas, e preparadas de saias, camisas, bajós, contas, miçangas, brincos, espelhos, e muitas mais cousas; aos homens tangas de chita riscadas, e tudo quanto apeteciam se lhes dava; com demasiada confiança, entravam pelos ranchos; chegaram alguns a tomar machados, facões, até ũa baioneta, sem esperar que se lhes desse, o que tudo se dissimulou para os não desagradar.

Estava no lado direito o quartel do capitão Lourenço Ribeiro do abarracamento, e algũa gente com prudente cautela cobrindo as armas, e o mesmo no quartel da gente da expedição, que estava no lado esquerdo, e no centro estava Sua Senhoria, aonde se puseram duas sentinelas a título de fazer igual destribuição das alfaias, que se lhes dava; e porque já não havia facas, e êles instavam por elas, percebeu-se grande desconsolação; trouxeram milho verde, que ofertavam, e na mesma forma bolos de milho tão ascarosos, que só o desejo de os agradar tirava o horror de os aceitar, sendo di-

ficultoso o achar * meios de dilatar o comê-los, pois instavam tanto o fizéssemos. Fortemente trabalharam com muitos e impertinentes carinhos para conduzirem a Sua Senhoria para o pôrto, e me não custou pouco despersuadi-los sem lhes mostrar desagrado, ponto em que se cuidava muito para os adquirir, e reduzir ao grêmio da Igreja; na mesma forma ao capitão Lourenço Ribeiro, ao capitão José dos Santos, e outros mais querendo levar às costas, e procurando todos os meios, e agrados para nos reduzir a ir aos seus abarracamentos; e porque pela confusão raros reparavam no que os mais obravam, querendo cada um ser autor de heróicas ações uns (uns) com práticas (que gôsto poderia haver não sendo percebidas, senão por acenos) e outros já ensinando a língua a uns, e outros o padre-nosso a outros.

Estando com esta familiaridade todo o seu ponto era entroduzirem-se nos nossos corpos da guarda, o que não poderam conseguir e desenganados temeram pôr em execução o pensamento com que vinham de nos acabarem a todos, e roubarem-nos, de que Deus nos livrou pela sua alta Providência pela senciridade e boa intenção com que procurávamos a redução dêstes bárbaros, que debaixo de tão boa-fé aceitando as dádivas com que todos iam convidando-os traziam tão danados os corações, e para conseguirem melhor o seu fim, convidavam a todos com empertinentes rogos; caíram na prudente resolução em passar o rio com êles cada um por sua vez Manoel Pinto, José Pinto, Vicente Domingues, João de Ramos, o soldado Manoel Francisco, Lourenço, camarada do reverendíssimo capelão, um rapaz do capitão José dos Santos, todos a pé, e sem armas, e o capitão Carneiro a cavalo, e de lá persuadidos dos carinhos daqueles bárbaros os acompanharam até incobrirem-se com a lomba que fica meia légua distante do nosso abarracamento, levando-os com muitos folguedos, e brincos até onde estava grande moltidão de gentio, que tinham ficado escondidos, e os fizeram perecer com muita crueldade, que bem mostravam a tirania bârbara dos seus corações. O capitão Carneiro, que ia a cavalo, tinha-se apeado a beber água com êles, e montando outra vez a cavalo continuava para onde o guiavam acompanhando-os sempre um grande número de gentio, mas como ficava mais alto, pôde ver a um dos camaradas morto no chão, e conhecer a traição. Dissimulou, e tanto que pôde ganhar algũa distância deu de esporas ao cavalo, e a tôda a carreira pôde ganhar um passo pela banda de baixo estando todo o alto coberto de índios, correndo, venceu o escapar-lhe com a felicidade com lhe não acertarem com as infinitas frechas, com que lhes atiraram, sendo providência do Altís-

(*) *olhar*, no original.

simo para que escapando viéssemos no conhecimento da aleivosia, e ferocidade daqueles cruéis inimigos.

Êles, que em distinctos troços tinham ocupado tôda a campanha, vendo que o dito capitão lhes escapava por ũa baixa procurando o pôrto das canoas, arriba do vau apareceram uns em um alto, de onde fazendo sinais aos que conosco estavam êstes sùb[i]tamente com arrebatada carreira, e gritaria fugiram para o pôrto do vau; passando-o se uniram àquele corpo, e ainda ao fugir fizeram com tal indústria, que com acenos fingiram irem buscar que comer. Esta ação nos deixou confuso, e muito mais vendo a êste tempo um cavaleiro, que era o dito capitão, que a rédea sôlta demandava ao pôrto das canoas aflito, e gritando por ela, e chegando informando-nos daquele aleivoso caso nos pôs em grandíssimo pesar, não só do sucedido, como de o não sabermos antes que fugissem, porque certamente seriam bem vingadas as mortes dos nossos camaradas, não tanto pela razão da vingança, como para que o horror do castigo lhes servisse de emenda.

Deus que reconhecia o nosso interior gôsto, e desejo que tínhamos da redução daqueles bárbaros, seria servido livrar-nos por êste modo; porque a não ser assim pereceríamos * todos, que confiados na imaginada simplicidade que mostravam aquelas feras já não procurávamos mais que convertê-los nem haveria prudente cautela que pudesse livrar-nos de inimigos, que se faziam tão domésticos, e familiares, e com tanta maldade que se observou ao depois serem os bolos, que deram, envenenados, porque um único cão que comeu dêles logo morreu.

Tanto que o dito capitão nos informou do caso determinou Sua Senhoria ir sôbre êles com ũa partida de cavalos, o que se impediu o êle ir para que se não desanimasse aquêle pequeno corpo; porém foi ũa esquadra, que marchando com a presteza possível ao alcance dêles, não chegaram a ver senão o rasto, que atravessando as restingas, se meteram aos capões de mato onde a cavalaria nenhuma partida tem, e muito(s) poucos de pé, pois êles como senhores da casa sabem das entradas, e saídas.

Voltaram com os corpos dos camaradas, que foram sepultados com a piedade possível, e um dêles semivivo, que se confessou, e ainda durou 24 horas.

Vendo as cousas neste estado, e o perigo em que achava o tenente Cascais com os poucos camaradas que o acompanhava[m], que pelos fogos que tinham feito fàcilmente o gentio os podiam encontrar, e êle ignorando seu mau ânimo receberia-os com acostumada afabilidade, do que bem se aproveitariam matando-os como

---

(*) *pareceríamos*, no original.

fizeram aos outros, que os apanharam separados do corpo; mandou Sua Senhoria logo chamar, e às 10 horas da noute chegaram ao barracamento com a notícia de terem achado passo no Rio do Pinhão. Aquêle quase iguala na grandeza ao do Jordão, * e vendo o perigo em que estávamos de perecermos a fome por não haver já mais que ũa pouca de farinha que apenas chegaria para 3 dias, os bois já no resto, que escapando do gentio chegaria com regra para 8, ou 9 dias, e ainda da pouca caça sem esperança, pelo** evidente perigo de perecerem os caçadores na mão do gentio, a gente da expedição pouca, e debelitada do trabalho, os cavalos estafados do laborioso caminho, e de explorar a campanha de forma que postos em rondas em poucos dias acabariam, e expostos ao campo o gentio os acabariam, como já tinham principiado, dando fim a três, que não foram mais vistos, e um que se achou varado de ũa frecha; a necessidade de fôrças para poder rebater a fúria de tão grande multidão de gentio, que mais cresceirão em se ajuntando os da aldeia que existe ao norte, a impossibilidade de podermos ser socorridos de povoado em pouco tempo, o perigo de nos tomarem os caminhos com ciladas.

É o que se tem passado nos Campos de Guarapuava, etc.

*Francisco Olinto de Carvalho.****

ANO DE 1771. CONTINUAM AS DELIGÊNCIAS DO REAL SERVIÇO EM QUE ANDA EMPREGADO O TENENTE-CORONEL AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA.

Janeiro: aos 3, foi à fortaleza ver as obras, e o mais que se tinha feito na sua ausência, e por ter muito que fazer se recolheu no mesmo dia para a Vila de Parnaguá; e aos 6 despachou para S. Paulo as contas a Sua Excelência de tudo que pertencia às expedições do Tabagi, e dos mais negócios do real serviço que lhe estão incumbidos; e determinando na mesma Vila de Parnaguá o que se havia executar na sua ausência, tanto com a obra da Fortaleza como com o que pertencia às expedições, e novas vilas, e freguesias a que tem dado princípio, e se acham já alguas concluídas.

Aos 12 do dito mês subiu para a Vila de Curitiba, e chegou aos 16, e logo despachou o alferes da companhia do capitão Francisco Lopes para o Rio de D. Luís a fazer canoas para se ir fazer pagamento na nova Vila Real à companhia do dito capitão; acabou

(*) *Pinhão,* no original.

(**) *sem,* no original.

(***) No códice seguem-se aqui três fôlhas em branco.

de ajustar com o guarda-mor Francisco Martins Lussosa a segunda entrada que o dito fêz para os Sertões do Tabagi pelo Morro de Capivaruçu; e fazendo pagamento de todos os mantimentos e mais despesas das expedições, fêz aprontar o trem e monições que era preciso para continuar as deligências, e descobrir os grandes haveres dos Sertões do Tabagi, Serra de Apucarana, e Campos de Guarapuava. *E partiu.*

Em o primeiro de fevereiro fazer entrar o guarda-mor Francisco Martins Lussosa pelo Carrapato, e o acompanhou até além do Rio Guaraúna, aonde assestiu e passou mostra a tôda a gente, armas, e mais pertences da dita expedição de que era comandante, e dando-lhe as ordens de procurar as grandezas do Morro Capivaruçu, e descobrir os Campos de Guarapuava, e abrir caminhos para êles; e dando de tudo conta a Sua Excelência, partiu para a nova freguesia de S. Antônio do Registo, aonde chegou aos 10, e passou mostra à nova companhia de auxiliares, e determinou o mais que era preciso para o aumento da nova freguesia, e partiu para os Carlos, aonde chegou aos 13 do dito mês, e aos 14 foi à Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tamanduá despachar a gente que ali estava pertencente às expedições, mandando seis homens para a expedição do guarda-mor Francisco Martins Lussosa e os mais para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga.

Aos 19 chegou à Vila de Curitiba a fazer aprontar a expedição que havia de entrar para o Rio do Registo, o que se concluiu até o fim dêste.

Em o primeiro de março partiu da Vila de Curitiba com o padre missionário frei Inácio Alves que ia por capelão da expedição do Rio do Registo (e ver se podia adquirir os índios) e o tenente Felipe de S. Tiago por comandante, e a mais gente que consta da lista que se acha registada no Livro das Expedições, e tudo fêz partir no dia 6 dêste mês com todo o mantimento, e mais preparo que pôde ser.

E partindo para o Pôrto de S. Bento, chegou aos 11, e dispondo o pagamento para o Rio de D. Luís, e o mais que pertencia às expedições que entraram por aquêle Pôrto de S. Bento, partiu aos 15 para a nova freguesia da Senhora Santa Ana de Yapô onde procurou dar as providências necessárias para o aumento da nova freguesia; e fazendo aos 16 pagamento dos mantimentos e mais despesas das expedições, partiu para a Ponta Grossa, e ali mandou comprar cavalos para a expedição do guarda-mor Lussosa; e chegando ao Carrapato despachou ao furriel Antônio da

Silva Freire com êles, e mantimentos, e mais as disposições que eram precisas para aquela expedição.

E partindo para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga, determinando o que se havia de aprontar para a expedição do Rio do Registo, chegou em 23 à Vila de Curitiba, e dando despacho a várias cousas para bem das expedições, partiu para a Vila de Parnaguá aos 26, e chegou aos 27, com tempo muito rigoroso.

Abril, aos 7 foi para a fortaleza ver o que se tinha feito na sua ausência, e demorando-se nela recebeu as partes da expedição do Rio de D. Luís de se ter achado os fundamentos de ũa grande povoação, que se entende ser a antiga Vila Rica destruída pelos paulistas, a mais de oitenta anos, situada nas margens do Rio de D. Luís, e bôca do Rio Mourão. Aos 15 do dito mês voltou da fortaleza para a Vila de Parnaguá, e aos 26 partiu para a nova Povoação de Guaratuba levantar em vila aquela nova freguesia aonde chegou aos 27, estando já na nova povoação o ouvidor da comarca, capitão-mor, e mais oficiais da mesma vila, e a Câmara da Vila do Rio de S. Francisco, que todos receberam a êle tenente-coronel com o maior aplauso que foi possível; aos 28 se benzeu a nova igreja, sendo um dos melhores templos que tem esta marinha, e pela muita chuva se não pôde fazer mais nada. Aos 30 se levantou pelourinho, eregendo-a em vila com a invocação de S. Luís, que é o padroeiro, com muito gôsto de todos, e se fizeram os têrmos, e outros que constam de tudo o que se obrou, e se acham registados nos livros da Câmara da mesma vila.

Maio, aos 2 se fêz a demarcação dos têrmos entre a nova Vila de S. Luís e a do Rio de S. Francisco, e determinando o mais que lhe era preciso para o aumento dela, despachando vários requerimentos, partiu para a Vila de Parnaguá aos 3, e aos 4 chegou à mesma vila, e aos 8 foi para a fortaleza aonde estêve até os 18. fazendo continuar as obras, e determinando o que em sua ausência se havia de fazer.

Junho, aos 3 partiu para a Vila de Curitiba, e chegou aos 4, onde se dilatou dispondo o que era preciso para fornecer as expedições do Tabagi, e os mais negócios que se ofereceram. Partiu aos 14 para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga, mandou colhêr as roças que ali estavam feitas, e se aprontassem canoas e mantimentos para moniciar a gente do Rio do Registo que dali expediam; e voltando para a Vila de Curitiba chegou aos 17 a dispor os socavadores que haviam de socavar o Tabagi, e aos 23 partiu da mesma Vila de Curitiba, e chegou ao Pôrto de Caiacanga aos 25, e no mesmo dia despachou pelo rio

abaixo mantimentos, e cartas em ũa canoa para o tenente Felipe de Santiago; e partiu para o Pôrto de S. Bento do Rio Tabagi a ordenar a entrada dos mineiros que *ali* se achavam com desejos de provar as grandezas de ouro que os antigos tanto certeficavam daquele sertão.

Julho, ao primeiro chegou ao dito Pôrto de S. Bento, e assentando com os mineiros para onde haviam de socavar, e mandando fazer novo caminho para o Rio de D. Luís, dando ali as ordens que eram precisas, saiu daquele Pôrto de S. Bento aos 5, e chegou a Caiacanga, aonde estava ũa canoa que tinha chegado do rio abaixo com as partes do comandante daquela expedição, e partindo para Curitiba aos 11 despachou aos condutores, e cartas que foram pelo rio abaixo do Registo, e duas canoas carregadas de *mantimentos*, dando ordem a fazer pagamento das despesas das expedições do Tabagi, como consta da lista que se fêz; dispôs a gente que havia de entrar com êle Afonso Botelho de S. Paio e Sousa a descobrir os Campos de Guarapuava, e deixando recomendado ao *capitão Lourenço Ribeiro de Andrade* convidasse gente de cavalo que acompanhassem voluntàriamente, deixando determinado o mais que era preciso aprontar para o descobrimento dos ditos campos, partiu para Parnaguá aos 22 dêste mês de julho, e chegou aos 23; e dando as providências necessárias aos mais negócios do real serviço partiu desta vila aos 27 para a fortaleza a ver o aumento que havia nela na sua ausência, e dispondo o que era preciso, partiu para a nova freguesia de S. José da Marinha, e determinando o que era necessário para o aumento dela, passou a Vila Nova da Senhora da Conceição da Laje, e dando as precisas ordens para se continuar no seu adiantamento, partiu para a cidade de S. Paulo embarcando-se em Una. Estêve quase perdido sem esperança de vida pelos grandes mares que fazia, e por milagre livrou de ali ficar, e os mais que com êle embarcaram. Aos 12 de agôsto chegou a aquela cidade a dar conta a Sua Excelência da execução que deu às suas ordens, e recebendo de Sua Excelência novas instruções, e ordens, saiu daquela cidade aos 26, e aos 27 chegou à Praça de Santos aonde deu cumprimento a várias determinações que Sua Excelência lhe mandou executar naquela praça. E seguindo viagem por terra veio pela nova Vila de Nossa Senhora da Conceição, e pela nova freguesia de S. José, e pela fortaleza, e chegou à Vila de Parnaguá aos 11 de setembro, aonde estêve providenciando o que era necessário para bem do real serviço; e aos 21, foi para fortaleza aonde estêve assistindo às suas obras até o fim do mês.

Outubro: no princípio foi da fortaleza para a Vila de Parnaguá, e aos 6 recebeu as ordens de Sua Excelência para despachar a companhia do capitão Francisco Aranha Barreto em socorro da Praça de Guatimim; passou logo a aprontar mais gente que se agregou à mesma companhia assestindo com pagamento e mais despesas necessárias, e a expediu da Vila de Parnaguá a 23 do dito mês para seguirem pelo Rio de D. Luís abaixo, e ir à dita Praça de Guatimim; tendo feito subir para Curitiba três peças de artelheria, todo o trem, monições, e os mais pretechos necessários para a entrada dos Campos de Guarapuava, e subiu êle tenente-coronel aos 26, saindo pelas duas horas da Vila de Parnaguá indo por terra embarcar ao Pôrto Grande do Rossio, e o acompanharam tôdas as pessoas distintas que havia na vila, e o capitão Francisco Aranha, que ali se despediu por ir destacado para a Praça de Guatimim, e as mais pessoas que se acharam presentes.

Embarcou, e junto com êle várias pessoas, em 3 canoas, largando as velas a som de várias trompas, e com vento fresco navegaram; e pelas 8 horas da noute chegaram às Carniças, e aos 28 foi ouvir missa aos Morretes, e dormir ao Cubatão, onde estava já o sargento Manoel Gomes e a companhia do capitão Francisco Aranha, que ia para o Guatimim, e recebeu a êle tenente-coronel com as honras militares, e dadas as ordens se recolheu a pousar em casa de Francisco Inácio, aonde chegaram várias pessoas a visitá-lo, e à noute houve um sarau. Aos 29, determinando ali o que era preciso, dispondo a marcha da gente que ali se achava, partiram para a Vila de Curitiba onde chegou no mesmo dia.

Aos 31 passou mostra à gente que marchava para o Guatimim, e a que partia para a expedição do Rio do Registo; talharam-se as barracas, e deu ordem se aprontassem os soldados, e a mais gente que marchava para o Guatimim.

Novembro: no primeiro chegou o capitão Francisco Carneiro e outras pessoas que tinha mandado aprontar para acompanharem a êle tenente-coronel para os Campos de Guarapuava, e se deram as ordens para as mais providências necessárias.

Aos 2, mandou à freguesia de S. José o sargento José Joaquim César, e o cadete Francisco Olinto, para irem os cavalos, e a gente que daquela freguesia tinha mandado aprontar; e os mais dias se gastaram em dispor o que era preciso, até o dia 5, em que chegou o capitão José dos Santos Rosa, que era um dos oficiais que havia de acompanhar a êle tenente-coronel, e recebendo as ordens partiu no dia 6 para mandar a boiada para a expedição e aprontar os soldados da sua companhia que o haviam de acom-

panhar. No mesmo dia despachou o alferes Felipe Freire e a companhia para o Pôrto de S. Bento com 40 soldados pagos e auxiliares que marchavam para o Guatimim, e um comboio de monições para o Pôrto de S. Bento.

Aos 7, e aos 8 se deram várias ordens, e tornou a mandar o sargento César a S. José aprontar os cavalos que refugaram. Aos 9 partiram da Vila de Curitiba as monições e mais trem que pertencia à expedição de Guarapuava, e as cargas dêle tenente-coronel, tudo entregue ao cabo Simão Veloso do Campo Largo. Fêz-se pagamento das despesas e mantimentos e tudo mais que consta das listas do primeiro pagamento pertencentes às expedições; e deram-se várias ordens que eram precisas.

Aos 10, depois de ouvir missa, e deixar disposto o que era preciso, partiu êle tenente-coronel pelas 10 horas da Vila de Curitiba com as pessoas da sua cometiva que o acompanhavam para os Campos de Guarapuava, e algũa da Vila de Curitiba que tendo-o acompanhado ũa légua, os despediu e seguiu viagem. Chegou pelas duas horas ao Campo Largo, onde Brás Domingues o esperava com bom jantar: comeu e os mais que iam com êle, e partindo, chegou no mesmo dia à Fazenda dos Carlos pelas 8 horas da noute, sendo da Vila de Curitiba 10 léguas à dita fazenda, onde estavam algũas pessoas, e oficiais, esperando a êle tenente-coronel que tendo vindo ao caminho esperá-lo, por ser tarde, e chover se tinham recolhido.

Aos 11 chegaram várias pessoas que haviam de entrar também para o sertão com êle tenente-coronel, e outras mais com vários requerimentos, que despachados, se cuidou em arrumar para partir no dia seguinte.

Aos 12 saiu da Fazenda dos Carlos, e o acompanharam várias pessoas até a capela de Nossa Senhora da Conceição do Tamanduá, onde estava o missionário frei Inácio Alves gravemente enfêrmo, e por ter chegado a pouco da expedição do Rio do Registo aonde se achava o tenente Felipe de Santiago. Falou com êle o tenente-coronel, e depois de largo tempo seguiu viagem, e chegou ao Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga aonde deu as ordens para partirem as canoas, e a peça de artelheria que ali estava, com a gente, e trem, e cartas para o comandante Felipe de Santiago, que se supunha já nos Campos de Guarapuava, o que disposto, partiu, e foi dormir à fazenda chamada Ferrador, e antes de chegar apanhou ũa grande trevoada que todos se molharam.

Aos 13 depois de dar ordem marchasse a boiada que ali estava, partiu com tôda a gente que o acompanhava, chegou pelas 4 horas ao Carrapato, sendo 9 léguas, onde achou já a gente do ca-

pitão Francisco Carneiro, e outras mais que haviam de entrar com êle para o sertão, e dando ordem que ao outro dia se passassem para outra banda do Rio Caraúna, que fica dali uma légua, e se armassem barracas, e se recolhesse todo o trem, e estivesse tudo pronto, para se dizer missa o primeiro domingo, pois dêste Rio Caraúna para dentro já é sertão, e dando as mais ordens que foram precisas ao capitão Carneiro, ficando ali o sargento Manoel Gomes doente, partiu com alguns que o acompanhavam, para o Pôrto de S. Bento, foi dormir a Ponta Grossa, tendo andado nesse dia 12 léguas, e por um sol asperíssimo.

Aos 14 partiu para o dito Pôrto de S. Bento, e chegou pelas 5 horas da tarde, tendo marchado 10 léguas. No seguinte dia logo pela manhã passou mostra ao armamento que tinha vindo da expedição do Rio de D. Luís, e determinando fôssem para o Pôrto de Caiacanga para se consertar, tomando conta dos mantimentos, monições, e todo o mais trem, escrevendo para o sargento Mota, que estava comandando o destacamento do Rio de D. Luís no lugar das bananeiras, e também escrevendo para a Praça de Guatimim, e dando as ordens ao alferes Felipe Freire, que ali se achava com a companhia que marchava para a dita Praça de Guatimim, recomendando ao cabo do Registo daquele pôrto, Francisco Leme, fizesse aprontar com a maior brevidade o que fôsse preciso para transporte do mesmo alferes, e a companhia, até o Rio de D. Luís, dispondo o mais que era preciso naquele pôrto, partiu no dia 16 pela manhã do Pôrto de S. Bento do Rio Tabagi, para o Carrapato, aonde chegou pelas 8 horas da noute, que passou o Rio Caraúna, que fica na entrada do caminho para Guarapuava, e logo passado o rio se achava abarracado o capitão Francisco Carneiro, e tôda a mais gente, que ali tinha chegada, e estava armada a barraca dêle tenente-coronel com o seu trem, e tudo mais de Sua Majestade que pertencia à expedição.

Aos 17, pelas 11 horas chegou o capitão Lourenço Ribeiro, o capitão José dos Santos, e mais gente que faltava para entrarem ao sertão; de tarde partiu o capitão Francisco Carneiro com a gente que lhe pertencia mandando conduzir a boiada; foi dormir à Lagoa, à entrada do mato, deram-se várias ordens, e se dispôs a partida de tôda a gente para o outro dia.

Aos 18 pelas 9 horas partiu o capitão Lourenço Ribeiro com a sua esquadra, o trem d'El-Rei, e tôda a mais bagagem da expedição: pelas 11 horas partiu êle tenente-coronel, o capitão José dos Santos, e a mais gente da expedição, e despedindo-se de várias pessoas que ali se achavam, seguindo o rumo de oeste meia partida ao sudueste, e passando alguns morros, um ribeirão, e duas restingas de mato, e o mais tudo campo, chegou a um pouso chamado a

Lagoa, distante quatro léguas do Rio Caraúna, de onde tinha saído. Estava já tôda a gente arranchada; chegou o trem da expedição.

Em o dia 19 pelas 11 horas partiu o capitão Lourenço Ribeiro, e o capitão Francisco Carneiro com a gente e trem que lhe pertencia, e ordem de ir consertando o caminho arruinado, e acabar de fazer para o campo o que faltava.

Aos 20, chegou Antônio Bonito, da Vila de Curitiba, e outras mais pessoas que haviam de entrar para o sertão; chegaram cartas de Sua Excelência, e outras várias, de que se deu reposta; veio notícia que estava o vigário de Curitiba fazendo ũa novena a Nossa Senhora do Rosário, e os padres de S. Francisco dispunham fazer outra para o bom sucesso desta expedição.

Aos 21 partiu dêste pouso da Lagoa pelo meio-dia o tenente-coronel com tôda a gente, e trem da expedição; entrou logo ao mato, que era ralo, a que chamam catanduba. Tendo marchado uma légua se chegou à roça que o guarda-mor Francisco Martins Lussosa o ano antecedente tinha ali deitado, aonde estavam dous paióis de milho, e no fim o rio a que chamam das Almas, que indo bem pequeno, foi preciso descarregar os cavalos, e a gente passar por ũa pinguela. Dilataram-se ali por dispararem alguns cavalos, e quando tudo estêve pronto marcharam para diante seguindo o mesmo mato, e pelas 4 horas chegaram a outra roça a que chamam de S. Felipe, e fica duas léguas distante da lagoa da borda do campo de onde saíram. Assistia na dita roça Antônio de Pina com tôda a sua família; estava-se fazendo farinha em dous monjolos e um bom forno de cobre que para ali se tinha mandado. Viu-se a roça que tinha plantado, e determinou-se o que era preciso para outro dia seguir viagem.

No dia 22, disse missa o reverendo padre capelão, que foi a primeira nesta viagem; desobrigou a gente que ali se achava ainda por desobrigar da quaresma passada, e disposto o que era preciso, se partiu desta Roça de S. Felipe pelo meio-dia, e tendo andado três léguas se arrancharam no Pouso Novo.

Aos 23 desapareceram os cavalos, e até uma hora ainda não tinham aparecido; pelas duas partiram, ficando o sargento José Joaquim e três pessoas a procurar os cavalos que faltavam, e tendo marchado légua e meia, se arrancharam no Rio Embetuba.

No dia 24 pelas 7 horas se disse missa, e chegaram os homens que tinham ido adiante a fazer o caminho; partiram pelas 9 horas, e tendo marchado ũa légua toparam outra roça a que chamam de S. Miguel, que também a tinha lançado o outro ano o guarda-mor; deu-se milho aos cavalos, e continuando a viagem foram pousar ao Taquaroba, que fica da roça duas léguas e meia.

No dia 25 pelas 9 horas partiram, e foram dormir ao Rio Jacotinga, e o trem d'El-Rei ficou atrás no Rio do Tigre um quarto de légua distante dêles, e andaram nesse dia três léguas e meia.

Aos 26 pela manhã chegou o sargento José Joaquim que tinha ficado a procurar os cavalos que não apareceram; partiram pelas 9 horas e meia; chegaram ao Papuanduba pelas duas; ali esperaram chegassem os cargueiros, e os deixaram a pousar; partiram pelas 4 horas e foram dormir à Roça da Esperança, aonde estavam ranchos feitos, e um bom cômodo, por ter assestido ali o guarda-mor Francisco Martins Lussosa, que mandou plantar uma grande roça, e tinha partido no dia antecedente com o capitão Lourenço Ribeiro, e a mais gente que iam a preparar o caminho, e deixaram ũa carta e roteiro das viagens que iam fazendo, e das que êles haviam de fazer. Estavam ali 6 homens, e duas pretas do mesmo guarda-mor. Andaram neste dia quatro léguas e meia.

No dia 27, falharam, disse missa o padre capelão para desobrigar a gente que ali se achava, mandou-se a caça, e morreu ũa anta. Vieram os cargueiros, que ficaram atrás, para o Pouso do Lajeado, aonde dormiram, tendo deixado quatro cavalos cansados no Papuanduba.

Aos 28 partiram pelas 2 horas e meia da tarde desta Roça da Esperança, tendo já passado todo o trem, e mais cometiva; subiram a serra, e foram dormir a Santa Cruz, chegaram às 5 horas, que são duas léguas: nessa noute principiou a chover, e como parecia bom o pasto para os cavalos, não lhes causou descômodo. Todo o dia 29 choveu, e aos 30, dia do Senhor Santo André disse missa o padre; e porque continuava a chuva, falharam domingo, primeiro dia de dezembro, disse missa o padre capelão, e como o tempo já ia a melhor, partiram pelas 11 horas dêste Pouso de Santa Cruz, e tendo marchado duas léguas chegaram à Lagoa do Espírito Santo, e parecendo cedo continuaram a viagem, e chegando ao Rio Negro com ânimo de ali pousar, acharam tudo queimado da gente que ia adiante, e lhes foi preciso marchar até aonde houvesse pasto para os cavalos. Dêste Rio Negro voltou o sargento José Joaquim, e o rapaz Francisco a encontrar os cargueiros e mais cometiva, para pousarem aonde houvesse pasto antes do Rio Negro, e trazerem de comer para o tenente-coronel e mais pessoas que o acompanhavam por não levarem cousa alguma, e continuando o tenente-coronel com 5 camaradas que o acompanharam foram pousar ao Rio do Milagre em uns ranchos velhos que ali estavam, e depois de acomodar os cavalos, recolhendo-se nos ditos ranchos, fazendo fogo às portas por amor das onças, de que há grande quantidade nesta parage, sendo horas de rezar a Coroa a Nossa Senhora, o fizeram como sempre se praticou nesta

viagem. A ceia, foi beber ũa pouca dágua por uns canudos de taquara; acomodaram-se com os ponches que por acaso levaram alguns dos camaradas; passou-se a noute com algum frio por se apagar o fogo. São quatro léguas do Pouso de Santa Cruz ao Rio do Milagre.

Aos 2 dêste mês de dezembro pelas 10 horas chegou o sargento José Joaquim, o sargento Manoel Gomes, o padre capelão, e o rapaz Francisco, que trazia feijão cuzido com carne de porco, biscouto, queijo, e doce; comeram todos com vontade, e por ser a parage triste, que tudo era mato cerrado, e rio fúnebre, voltou para trás o sargento José Joaquim, e o rapaz Francisco a encontrar os cargueiros, para virem dormir aonde os topasse, e quando não pudessem chegar os cargueiros, trazer provimento de mantimentos; e o tenente-coronel com os mais marchou para diante com ânimo de ficar na entrada do caminho novo, e porque não se conheceu senão depois de ter andado por êle mais de meia légua, e o mato não dava lugar a pousarem, por não haver pasto para os cavalos, foram marchando até ũa parage alta que fazia um pântano grande, e como estava quase sêco, tinha bom pasto para os cavalos. Era o sítio alegre, e se chamou o Pouso Alto. Eram duas horas quando ali chegaram, e andariam légua e meia do Rio do Milagre até êste Pouso Alto. Pelas 4 horas chegou o sargento José Joaquim, e o Francisco com o provimento e os cargueiros do padre capelão. Houve de comer, porém a cama foi nos capotes, que apenas puderam vir.

No dia 3 chegaram os cargueiros, e todo o trem, e marchou para o Papuanduba; e êles em comendo partiram, e chegaram pela ũa hora, por ter meia légua, e acharam em ũa árvore um escrito dos camaradas que iam adiante, que dizia o seguinte: "Hoje o primeiro de dezembro, partimos para diante como cousa de ũa légua, ou pouco mais, por rezão de milhorar de pasto para os cavalos, que estão muito fracos, e por fazer conservar os camaradas que andam no caminho que já andam muito longe: imos ficar hoje perto do campo cousa de meia légua, ou pouco mais, e como hoje é o dia de nos ajuntarmos conforme o itenerário, amenhã será o dia de sairmos ao campo, e do contrário pereceremos a fome, que já imos a Deus Misericórdia, que dêste mato não sai coelho. Anda gente adiante a explorar, e a picar os atalhos, gente no serviço do caminho, gente no trem; não é fácil separarmos gente para trás com aviso, nem por ora há de que mais do que dizer tenham cautela com as onças, que já ũa matou a um cachorro entre as pernas de um camarada". À vista do escrito mandou o tenente-coronel ao cadete Francisco Olinto, e o soldado Manoel Francisco,

fôssem a encontrar os capitães, e mais gente que estava adiante para lhe dar notícia adonde se achavam, e que pela manhã partiam a encontrá-los, e tanto que os topassem, voltassem a dar-lhe parte.

Aos 4, dia da Senhora Santa Bárbara, quarta-feira, pelas 7 horas montou o tenente-coronel a cavalo com o padre capelão, o capitão José dos Santos, e outras pessoas que o acompanhavam, que por todos eram 7, e deixando tôda a cometiva ainda no pouso, tendo andado ũa légua toparam o cadete e o soldado, que no dia antes tinham ido a procurar a gente que estavam adiante, e deram parte que daí a ũa légua toparam o capitão Lourenço Ribeiro, e a mais gente, que já alguns tinham partido de manhã para saírem ao campo, que distava duas léguas, e que os mais se estavam aprontando para partirem. Com esta notícia marchou mais depressa o tenente-coronel e os que o acompanhavam, e pelas 10 horas chegaram ao Pouso das Alegrias, que assim lhe puseram o nome, pois dêle viram os picadores o campo a primeira vez. Mataram ũas antas em ocasião que não tinham cousa alguma para comer; chegou-lhes socorro de mantimentos; teve notícia o capitão Lourenço Ribeiro que ali estava com o guarda-mor e os mais, que o tenente-coronel com a gente que o acompanhava estava perto, pois não sabiam notícia alguma dêle depois que se apartaram na Lagoa do Campo, e ùltimamente por se ajuntarem todos. Já adiante tinha marchado o capitão Francisco Carneiro a acabar de abrir o caminho; dilataram-se até as 11 horas. Montando todos a cavalo partiram para o campo, ficando neste Pouso das Alegrias o soldado Manoel Francisco para dar notícia aos condutores do trem, e mais gente que ficava atrás, e a sua partida para diante, para êles pousarem ali, ou onde pudessem; e marchando para o campo, tendo andado uma légua acabou-se o mato grosso; entraram nas catandubas, e cousa de ũa légua encontraram os faxinais mais de outra légua, e saíram a campo queimado de dous anos, tendo andado 6 léguas. Sendo 3 horas cuidaram em se arranchar; estavam já junto com o capitão Carneiro, e os mais que tinham vindo diante: em um capão de mato assentaram fôsse o pouso, e não se apeando o tenente-coronel, o capitão José dos Santos, o capitão Carneiro, e mais alguns camaradas, que por tudo eram 11, foram ver o campo para a parte do noroeste, e tendo andado pouco apareceu ũa perdiz, que se atirou, e logo depois do tiro cousa de meia légua apareceu uma fumaça grande, o que visto pelo tenente-coronel entendeu ser gentio, e deu ordem que se fôsse reconhecer. Marcharam todos, e passado ũa lomba viram-se ranchos, e ũa bandeira, e se conheceu ser a nossa gente que tinha entrado pelo Rio do Registo. Chegaram, e acharam o tenente Cândido Xavier, que recebeu ao tenente-coronel com as honras militares que o sertão

permitia: foi excessivo o gôsto de parte a parte. O tenente Cândido tinha saído a 15 dias ao campo, e dado princípio a ũa estacada. Sustentava-se com carne do mato, e tinha alguma sêca para cousa de 3, ou 4 dias, sem mais provimento algum. E depois de lhe dar notícia do estado da expedição, e do comandante dela, o tenente Felipe de Santiago, ter seguido pelo Rio do Registo levando a melhor gente, com ânimo de encontrar a êle tenente-coronel nos Campos Gerais, e entrarem juntos para o campo, desacôrdo que podia malograr esta diligência, pois estando para sair aos campos em 3, ou 4 dias, foi dar uma volta em que perdeu o tempo em mais de dous meses; e a não tomar o tenente Cândido a resolução de sair aos campos com os poucos camaradas que o acompanhavam, quando o tenente-coronel saísse ao campo, e não topasse a gente que tinha entrado pelo Rio do Registo, conforme as ordens que tinha dado, gastaria todo o tempo a esperar por êles, e serviria de embaraço para não poder adiantar as deligências a que ia.

Logo que o tenente-coronel chegou à estacada aonde estava o tenente Cândido, mandou um camarada dar parte ao capitão Lourenço Ribeiro e aos mais de ter encontrado a nossa gente, pois já de um alto tinham visto a bandeira que estava na estacada, e com um oclo, reconhecido a nossa gente; e sendo 6 horas, despedindo-se êle tenente-coronel do tenente Cândido e dos mais, lhe disse que o outro dia vinha com tôda a gente para a dita estacada, e partiu com os mais camaradas para onde estava o capitão Lourenço Ribeiro, e o guarda-mor com a gente que tinha saído ao campo, e chegando aonde êles estavam foi grande o gôsto por verem que tão breve foi topada a nossa gente, e por não terem saído os cargueiros do tenente-coronel ao campo, ciou, e os da sua cometiva muito bem que deu o Doutor Lourenço Ribeiro e o guarda-mor, e a cama dêle tenente-coronel foi o capote, mas como não estava frio passou menos mal.

Aos 5 pelas 8 horas foram todos para onde estava o tenente Cândido; chegaram logo por ser perto, e pela uma hora chegaram os cargueiros do tenente-coronel, e o trem d'El-Rei, e tudo o mais que tinha ficado atrás, e no mesmo tempo montou a cavalo o tenente-coronel, e os capitães José dos Santos Rosa, e Francisco Carneiro Lôbo, mais alguns camaradas, que por tudo faziam o número de 15, e marchando para a parte do norte a explorar o campo, chegaram até um capão alto que ficou chamando-se Capão Alegre, e tendo andado 3 léguas e meia, sendo 5 horas da tarde mandou o tenente-coronel fazer alto para se recolherem, não tendo descoberto mais do que grandes campos para o norte, e nordeste, e todo o campo por onde passaram estava queimado de um ano,

e diziam os camaradas ser de bom capim e de criar; e como o tenente-coronel se resolveu a voltar, ofereceu-se o capitão Carneiro a ficar com alguns camaradas para explorar o campo, e chegar ao Rio Grande se podesse, e acompanhando-o 8 camaradas, se recolheu o tenente-coronel com 7, e tendo andado cousa de uma légua se topou uma fermosa anta que andava pastando; atirou-se-lhe um tiro, porém meteu-se ao mato, e por não irem cachorros, se não pôde seguir, mas tornando a sair ao campo, foi perseguida de alguns camaradas, e lhe atiraram tiros, e por ser noite escapou. E marchando para a estacada onde estavam os camaradas, por ser noite se perdeu o rumo, e se acharam em uns pantanais que foi preciso dar ũa excessiva volta para se sair ao alto, e o que valeu foi atirarem os camaradas alguns tiros de peça, que pelo cuidado com que estavam da demora acenderam fogos, e atiraram tiros, pelo que conheceram aonde estavam. O primeiro tiro de peça ouviu-se na distância de légua e meia pelas 8 horas da noute, e pelas 9 outro, e tanto que subiram a um alto, se atiraram vários tiros, e vieram direito as luzes que puseram em ũa atalaia, e certamente dormiriam no campo se não fôssem os tiros e luzes. Muitos camaradas vieram encontrá-los; chegaram pelas 10 horas, e tudo sussegou com a chegada dêles. Neste dia vieram 14 homens do Pôrto da Victória, certificaram ter o tenente Santiago partido para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga com 3 canoas carregadas de gente, com o destino que atrás se diz.

No dia 6 pela menhã se mandaram algũas partidas a caça; pôs-se fogo ao campo como já se tinha feito no dia antecedente para haver pasto para os cavalos, pelas 3 horas chegou a boiada, e pelas 5 horas se levantou uma grande cruz, benta pelo padre capelão, primeiro sinal da lei de Jesus Cristo nos Campos de Guarapuava: deu-se uma salva com ũa peça de artelheria. Pelas 6 horas chegou o capitão Carneiro, que no dia antes tinha ficado a explorar o campo; deu notícia de ter chegado ao rio que vai pelo meio do campo, e disse ser maior que o Tabagi, e ficar distante 6 léguas do lugar aonde estavam abarracados, porém depois se viu ser mais de 8, ou 10.

Aos 7, véspora de Nossa Senhora da Conceição se armou um rancho para capela o melhor que pôde ser, e se passou o dia sem novidade; à noute se fizeram vários fogos.

No dia 8, dia de Nossa Senhora da Conceição, logo de manhã houveram várias confissões, confessou-se o tenente-coronel, o capitão Lourenço Ribeiro, e muita mais gente; pelas 11 horas se principiou a missa, foi cantada pela melhor forma que foi possível, e no fim se deu ũa descarga de 3 tiros de artelheria, e se festejou

a Senhora da Conceição com a maior alegria que pôde ser, tanto por ser a primeira missa que se dizia nos Campos de Guarapuava, como por ser padroeira da casa de Passos, onde todos os anos é festejada por ser senhor dela o tenente-coronel comandante desta expedição. De tarde chegaram algũas cousas que tinham ficado atrás, como foram as vacas de leite, e alguns cavalos; e porque não deve ficar em silêncio o que sucedeu quando se estava à missa, se conta no modo seguinte: No fim da missa que se disse neste dia, estando ũa vara de roupa ao sol em distância de 50 passos do oratório, se levantou ũa toalha ao alto, levada de um vento de pouca fôrça, e panejando como uma bandeira caminhou para a frente do oratório, onde fazendo vários movimentos, e ainda retrocessos contra o mesmo vento que a movia, e quase parada veio cair ao pé da gente que ouvia missa, caindo muito serena, o que viu a maior parte da gente, e só não viu a gente que estava mais dentro do oratório, e ainda a êsses foi percetível o movimento que fazia a mesma toalha, de que se tomou bom anúncio; Nossa Senhora permita assim se cumpra. À noute, cantou-se a Coroa de Nossa Senhora no seu oratório, e várias orações.

Aos 9 de dezembro disse missa o padre capelão, e partiu o tenente-coronel com os 3 capitães e o guarda-mor, e tôda a esquadra do capitão Lourenço Ribeiro, que passavam de 50 pessoas; chegaram ao rio pelas 5 horas, e acharam ter mais de 7 léguas de distância, chovia bastante, fizeram-se alguns ranchos para se recolherem, ceou-se alguma cousa que se pôde levar, mataram-se 3 veados, e se aproveitaram muito bem. Dormiram nos capotes, e se enxugaram, porque choveu bastante tôda a noute.

No dia 10, amanheceu chovendo bem, mas como estavam mal acomodados, resolveu o tenente-coronel ir para o forte, ou estacada, ficando ali o capitão Lourenço Ribeiro com a sua gente, a quem deu ordem fôsse para a parte do norte ver aonde o rio tinha melhor capacidade para se fazer pôrto, e logo se cuidasse em canoas, e se avisasse para vir logo com tôda a gente, e trem para o mesmo pôrto, e partiu com 14 camaradas, e os outros capitães para a parte do sul a ver onde o rio se juntava com os que vão dos capões de Santa Bárbara; e como chovia não se pôde descobrir os morros, para assentar onde o Rio Grande se metia para a campanha do sudueste, por ir cercado de matos. Acharam-se sinais de gentios pela borda do rio, mas mostravam ser já de muito tempo, que nem assim tinham aparecido até então. Marcharam para a estacada, chegaram pelas 5 horas, e pela volta haviam de andar mais de 9 léguas.

No dia 11 foram várias partidas à caça e não se caçou cousa alguma.

No dia 12 saiu o tenente-coronel com os dous capitães, Santos, e Carneiro, e 12 cavaleiros a ver donde saía o caminho do Pôrto da Victória, e se havia lugar melhor para fazer a fortaleza a que queria dar princípio. Recolheram-se à noute, e não houve novidade.

Aos 13 se resolveram a mudar para o rio onde estava o capitão Lourenço Ribeiro; pelas 8 horas partiu o capitão Carneiro com os seus camaradas, e pelas 11 partiu o tenente-coronel, e o capitão José dos Santos com tôda a cometiva, e trem, e ficou na estacada o tenente Cândido com a sua gente, e foram dormir ao Capão da Anta, que ali se matou uma muito boa, e chegou o Bonito com a notícia de estar o capitão Lourenço Ribeiro na borda do Rio Grande, ter achado pôrto, e vir êle para ensinar o caminho. São mais de 4 léguas dêste Capão da Anta à estacada de onde saíram.

Aos 14 pelas 9 horas partiram do Capão da Anta, e marchando sempre por campos excelentes sem mato algum, chegaram ao rio pelas 2 horas da tarde; andariam 4 léguas; acharam o rio bom, e o capitão Lourenço Ribeiro com a sua gente arranchado ao pé. Tinha descoberto passo de vau, e passado à outra banda Paulo de Chaves com alguns camaradas a descobrir o campo, e pôr-lhe fogo para haver pasto para os cavalos. De tarde chegou todo o trem, e se armou a barraca do tenente-coronel, e as mais.

Aos 15, domingo ouviram missa, e determinando o tenente-coronel passar à outra banda o rio, o fêz pelas 11 horas com os 3 capitães, e mais camaradas que por todos faziam o número de 25, e principiando a passar o rio vários camaradas caíram nêle por tropeçarem os cavalos, e o mesmo sucedeu ao tenente-coronel, e na maior correnteza d'água caiu, e a não ser o socorro dos camaradas de pé que iam prontos, podia suceder-lhe algum perigo, e por se molhar todo, em ũa laje no meio do rio mudou de roupa, e se continuou a viagem, ficando chamando-se o Rio Jordão, pelos muitos que nêle foram bautizados contra o seu gôsto. O mais que sucedeu nesta viagem consta da relação do encontro com os índios, que vai no fim dêste diário, e o mais, que se passou até dia 22.

No dia 23 partiu para S. Paulo o sargento César com as contas do que tinha sucedido até então; foi gente para o Pôrto de Nossa Senhora dá Victória, e gente para a Esperança conduzir algum mantimento.

Aos 24 de tarde, vindo da parte d'além 3 homens que tinham ido à caça, disseram ter visto os índios em um capão, e 7 no campo

perto dêles, e se retiraram por não haver encontro, que fôsse preciso algum obrar violento.

A 25, dia de Natal, ao amanhecer estavam as 3 missas ditas, para que, se viessem os índios como se esperava por se terem visto no dia antes, estivessem desembaraçados para poderem tratar, e comunicá-los, e porque até o meio-dia não tinham aparecido, foram alguns a caça, e o tenente-coronel com o capitão Santos, e Carneiro, ao campo, seguindo rio acima, e se recolheram ainda de dia.

Aos 26 pelo meio-dia embarcou o tenente-coronel com os 3 capitães, guarda-mor, e tenente Cândido, que tinha chegado aos 18 com tôda a gente, e trem que ficou na estacada, e seguindo todos pelo rio acima para assentarem onde devia dar-se princípio à fortaleza, que por não haver paragem cômoda para êste efeito, voltaram, tendo pegado fogo a um grande campo, e chegaram ainda de dia ao abarracamento.

No dia 27 foram duas partidas a caça, e ũa delas se recolheu no mesmo dia trazendo 8 porcos, e disse viram dous índios muito perto, e outros mais longe, mas, nem uns, nem outros fizeram câso de se verem, e continuaram o exercício da caça.

Aos 28 apareceram pela manhã alguns índios; pelo meio-dia ainda apareceram, e ùltimamente pelas 3 horas, da banda d'além do rio, e perto, que gritando-se-lhe mostraram queriam falar, e mandando-se lá dous camaradas retiraram-se, o que vendo os nossos, voltavam: com isto se resolveram a vir quatro ao encontro dos nossos, ficando dous no alto, e encontrando-se, abraçaram-se muito, e por acenos se lhe percebia diziam iam buscar as molheres, e vinham, e o mais que consta do diário do encontro que houve com os mesmos índios; e não houve mais novidade neste ano de 1771.

Ano de 1772

No primeiro de janeiro foi Paulo de Chaves com 18 camaradas a examinar um morro que parecia de pedra branca para a parte de nordeste, e socavar os ribeirões que encontrassem, seguir o caminho que se achou dos índios para a parte do norte, e ver se aparecia bom lugar para a fortaleza.

No dia 2 passando alguns camaradas além do rio a caça encontraram 7 índios, e não fizeram mais que levantar os arcos; não chegaram a fala, e em um capão perto aparecia fogo, que presumiram estar lá mais.

No dia 3, e 4 foram partidas à caça, mataram 2 antas, e 10 porcos, e não houve mais novidade.

No dia 5 depois de missa passou o rio além o tenente-coronel com o capitão José dos Santos e o tenente Cascais, e alguns camaradas mais a ver se achava lugar para a fortaleza, e caminhando para o sul, tendo andado 3 léguas, voltando para o norte topou o caminho do gentio, que fêz no dia 22 de dezembro quando veio ao nosso abarracamento, e seguindo por êle para o Pôrto do Pinhão se encontraram alguns ribeirões que custaram bem a passar por serem barrancosos para cavalos. Tudo se remediou; e ameaçando-os uma grande trevoada apressaram a marcha, e pouco se molharam. Chegaram pelas 8 horas, e passado pouco tempo chegou Paulo de Chaves com a partida que tinha ido no primeiro dêste mês para a parte do norte; deu as notícias que constam por mais extenso dos sucessos com os índios.

No dia 6 chegou o tenente Felipe de Santiago com dous soldados pagos, e 6 da expedição, vindo pelo caminho do Carrapato em que gastou dous meses, e tantos dias, depois que saiu do Rio de S. João, que fica distante dêstes campos 3 dias de viagem, até tornar a êles pelo caminho que se diz.

No dia 7, deu ordem o tenente-coronel ao tenente Cascais fôsse com 10 camaradas para a barra que faz o Rio Pinhão neste Rio Jordão, abrir caminho de cavalos para uns grandes campos que se viam para o sul, e parte do Rio do Registo, e ficam separados dos que tinham visto, pelo dito Pinhão, e Jordão. Também foi Paulo de Chaves com 7 camaradas a ver um grande salto que êste Rio Jordão faz abaixo do Pouso Triste, e ver se o rio admitia passo, e se aparecia lugar para a fortaleza. Recolheu-se à noute dando notícia do salto ser mais alto que um grande pinheiro.

No dia 8, mandou o tenente-coronel aprontar cavalos para ir ver o lugar da fortaleza; estando embarcando pelas 10 horas apareceram os índios, e consta da relação do sucesso com os mesmos índios, o sucedido até uma hora, em que se foram; deixando-os livres da maior traição que se podia imaginar, e só Deus os podia livrar da morte por sua piedade, do que não escaparam 7 camaradas. No mesmo dia se mandou chamar o tenente Cascais; chegou pelas 10 horas da noute e os camaradas, tendo aberto passo no Rio Pinhão para as campanhas que se viam ao sul. Deu notícia marchar pela campanha mais de ũa légua, e quanto pôde alcançar com a vista não descobriu mais do que campo, e os morros, que lhe pareceu seria a Serra de Ubuturuna.

No dia 9, se retiraram do abarracamento do Rio Jordão por ser lugar muito arriscado às traições dos índios, já reconhecido por êles, em que podiam acabá-los sem os poderem ofender pela

desigualdade das fôrças do terreno, e assim, pelas 9 horas, saíram com todo o trem para o forte ou estacada, aonde chegaram já de noute, e bem molhados.

No dia 10 assentou-se se retirassem do campo antes do gentio tomar a entrada do mato, visto não haver mantimentos, gente nem cavalos, para poderem ali presistir e o mais que consta do conselho-de-guerra que se fêz. Pelas 11 horas mandou o tenente-coronel pôr na borda do mato do caminho da Victória ao tenente Cândido, e o trem que pôde ser, para com a gente que lhe pertencia marchar pelo mesmo caminho, e chegando ao Pôrto de Nossa Senhora da Victória embarcar todo o trem, e gente, e navegar para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga; e voltando os condutores que levaram ao tenente Cândido, e cargas, se carregou todo o trem, e cargas particulares, sem ficar cousa alguma que tivesse serventia, e depois de ter partido todo o trem, e gente, pelas 5 horas da tarde partiu o tenente-coronel, e os capitães, e mais pessoas que o acompanhavam, chegando já de noute ao faxinal onde estavam todos arranchados.

No dia 11, pela manhã partiram, e vieram dormir ao Papuanduba, ficando alguns mais atrás por não poder puxar os cavalos, e o caminho não ser muito bom.

Aos 12 vieram dormir, à Lagoa do Espírito Santo, aonde se juntaram todos.

Aos 13, à Roça da Esperança, e ficando atrás algumas partidas, chegaram no dia 14, e todos foram dormir ao Rio do Lajeado.

Aos 15 vieram dormir ao Rio do Tigre; e aos 16, à Roça de S. Miguel, e aos 17, à Roça de S. Felipe; e aos 18 à lagoa da borda do campo, aonde falharam para dar descanso aos cavalos, e gente, e ali apanharam uma grande invernada dentro das barracas, que não podia livrar da chuva.

No dia 22 partiu o sargento Manoel Gomes para S. Paulo com as contas que o tenente-coronel deu a Sua Excelência de todo o sucedido até êste tempo; e o capitão Carneiro, para sua casa.

Aos 23 partiram todos para o Carrapato; alguns tiveram licença para daí se recolherem para suas casas, e a 26 partiu o tenente-coronel com a mais gente para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição, e aos 31, a Vila de Curitiba, onde se deram graças a Deus de todo o sucedido na viagem. Permita o mesmo Senhor que pelo caminho que se abriu para aquêles grandes sertões entre a lei evangélica, e se consiga muito fructo para o céu, e utilidades para o real serviço.

RELAÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO QUE O TENENTE-CORONEL AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA TEVE COM OS ÍNDIOS DO SERTÃO DE TABAGI NOS CAMPOS DE GUARAPUAVA AOS 16 E AOS 17 DE DEZEMBRO DE 1771.

Estando abarracado nas margens do Rio Jordão, que passa quase pelo meio dos novos Campos de Guarapuava correndo de entre o norte e nordeste para o sul, e resolvendo passar à margem ocidental o fiz no domingo 15 de dezembro, ouvindo missa que a disse o reverendo capelão frei José de Santa Teresa de Jesus. Acompanharam-me os 3 capitães da cavalaria auxiliar da Vila e Destricto de Curitiba Francisco Carneiro Lôbo, Lourenço Ribeiro de Andrade, e José dos Santos Rosa, o tenente Domingos Lopes Cascais, e os dous sargentos da Praça de Santos Manoel Gomes Marzagão, e José Joaquim César, e várias pessoas mais que no todo faziam o número de 26 cavaleiros.

Marchando assim sem provimento algum, pois fazia tenção voltar no mesmo, ou no outro dia, passando o rio na cachoeira que faz no mesmo pôrto que prometia vau com algumas dificuldades pela corrente que faz o despenhado das águas, e muito mais pelos caldeirões, e canais que tem, pelas lajes, em que tropeçando os cavalos fica evidente o perigo, como sucedeu nesta ocasião, que caindo os cavalos de quatro camaradas um se avizinhou à morte por se não poder desembaraçar dos estrivos, sendo levado com o cavalo pelo impulso das águas a lugar fundo aonde se viu dar três voltas o cavalo por cima dêle, que por milagre de Deus escapou, e assim mesmo continuou a viagem. Dêste perigo me não livrei, pois caindo o cavalo me lancei fora da sela com brevidade, e fiquei em pé no meio do rio dando-me a água por baixo dos braços, e sendo socorrido pela gente de pé que se me avizinhava para acautelar o perigo, passei a pé o mais arriscado até ganhar uma laje mais alta que está quase em meio rio, que tendo neste passo mais de 50 braças de largo pouco mais, ou menos, grande parte é perigoso, por cujo motivo, para o não repetir retrocedendo à barraca para mudar roupa, o fiz no meio do rio sôbre a mesma laje mandando vir a roupa da barraca pela gente de pé, que os de cavalo corriam o mesmo perigo.

Passando o rio sem mais novidade, continuei a viagem a rumo de oeste com pouca diferença que é o atravessar do campo, que faz seu comprimento com o sobredito rio e pelo que se tem visto, parece ter de comprido mais de 40 léguas de norte a sul, e de largo, pelo que tenho andado, e falta para andar, muito mais de 20, e prosseguindo como digo chegamos a um capão cuja distância ao pôrto será de 5 léguas, ao pé do qual se achou ũa trilha de gente,

e daí a pouco um caminho que terá um palmo de largo, bem seguido, e logo assentei continuar por êle para a parte do sul para encontrar o gentio, de quem indispensàvelmente havia de ser; e porque os cães sentiram porcos no tal capão, correram para êle latindo; e alguns camaradas juntamente. E entendendo seriam gentios bradei parassem para que os não maltratassem, mas segurando-me eram porcos monteses nos demoramos algum tempo, enquanto os camaradas seguindo os cães pelo mato mataram 4, com que ficamos hábeis a seguir o caminho, porque para isso só tínhamos algumas perdizes que eu tinha morto.

Assim prosseguimos o dito caminho até chegar ao córrego do Campo do Craveiro, distante uma légua, e ali achamos um rancho grande, e nêle vários sinais de ali terem pousado os índios haveria cousa de 8 dias, e por ser já tarde determinei pousássemos, como fizemos, arredados do passo cem braças por aproveitar um verde bom para os cavalos, e termo-los à vista; e porque o tenente Cascais com 3 camaradas se tinham adiantado a explorar e já era noute, repetiram-se salvas no pouso para se recolherem a êle, o que fizeram pelas 8 horas da noute. Ceamos muito bem porco do mato assado, e perdizes; dormimos com muito sossêgo estendidos pelo campo com a cautela de sentinelas, para não parecer imprudência. Tôda a noute nos cercaram gravíssimas trevoadas que por milagre de Deus corriam para diferentes partes, e assim passamos sem algum incômodo.

Na segunda-feira aos 16 do mês, logo de manhã juntos os cavalos, sem mais demora partimos, porque ũa grande trevoada que ameaçava horrorosa chuva nos não apanhasse a pé tendo escapado de tantas tôda a noute passada: prosseguimos viagem acompanhados bastantemente delas, seguindo o mesmo caminho do gentio, e depois de encontrarmos alguns passos impertinentes para os cavalos, tendo marchado mais de légua avistamos em um alto um grande rancho do gentio onde chegando o achamos deserto de poucos dias, e nêle foram vistas várias alcôfas, ou cestinhas em que êles têm guardados os seus pobres trastes, e entre êstes foi achada a simitrunfa composta de penas não mal tecidas, e ũa fita branca à maneira de liga trançada, dous novelos de fio muito bem fiado, panelas, porungos, e um grande de mel, caracaxazes, e outras cousas com que custumam fazer seus festejos; nas fontes circunvizinhas lagos de pinhão, e outros víveres de que custumam sustentar-se.

Porque se lhe tiraram alguns dêstes trastes para mostra, lhe recompensei deixando-lhe um barrete vermelho, duas facas, miçangas, medalhas, anéis, maravalhas, frocos, e outras cousas semelhantes. E prosseguindo mais, distância de 200 braças, estava em

um capão ũa roça de alqueire de planta de milho que já pendoava, e continuando o caminho por êle achamos vários alojamentos, e um bastantemente grande, queimado do fogo do campo. Em distância de 3 léguas boas achamos outro de 3 ranchos grandes que bem acomodam 150 pessoas, e um pequeno, aonde por vir já um cavalo de um camarada cansado, determinei pousássemos, que seria ũa até duas horas da tarde e para melhor cautela mandei ao capitão Francisco Carneiro Lôbo junto com o tenente Domingos Lopes Cascais, e mais dous camaradas a explorar o campo, os quais seguiram o caminho para diante, que parecia mais trilhado, por haverem já vários que saíam dos mesmos ranchos; e dos camaradas que ficaram, foram 8 a caça para o mato, e eu com Paulo de Chaves, um sargento, e um soldado fomos às perdizes. Nos ranchos ficaram o capitão Lourenço Ribeiro, e o capitão José dos Santos Rosa com os cansados, para o que se barreu um dos ranchos, onde foi achado um círio de milho, branco, roxo, e amarelo, todo pururuca, que teria um bom alqueire, do qual se remidiou a necessidade do cavalo cansado, e a nossa, com piruás, que é milho torrado, feito em ũa panela do mesmo gentio, de duas que se acharam, o que todos comeram, e gostaram muito bem, e eu os acompanhei com o mesmo gôsto bebendo em cima ũa pouca dágua, que foi a sobremesa. Fui às perdizes, e matando 4 à vista dos ranchos me recolhia quando já apareciam o capitão Carneiro, e mais exploradores dando muitas salvas, e repetindo-as tivemos bom anúncio vendo o tenente sem véstia, e sem barrete, e a um dos camaradas João Lopes nu só com as ceroulas, e os mais sem alguns trastes que levaram, o que nos fêz inferir que tinham dado tudo ao gentio, e pelo alvorôço com que vinham. Contaram, que havendo marchado pouco mais de ũa légua encontraram um rancho queimado, e mais adiante em um lago, um índio com 5 filhos tirando pinhões,* que vendo-os, arrebatadamente fugiam, e êles a rédea sôlta os alcançaram fazendo logo ao longe sinal de paz, batendo as palmas, com o que parou o índio sobressaltado, e em extremo assustado, do que logo o tiraram dando-lhe o tenente um barrete de pisão encarnado, no que duvidou pegar o índio, mas deitando-lho de cima do cavalo o apanhou antes que chegasse à terra, ficando alegre, e muito mais quando o mesmo tenente dispiu ũa chimarra de baeta côr-de-rosa que levava vestida, e lha deu, que ficando muito contente pegou nela, e abraçou muito mais alegre. Logo se apeou o mesmo tenente, e lha vestiu, com o que ficou muito mais satisfeito. João Lopes, que tinha dado alcance aos filhos, vestiu as suas bombachas a um, e deu a véstia de guingau que tinha, a

---

(*) *pinhores*, no original.

outro dos ditos filhos, e a camisa de bertanha a outro; o capitão Carneiro deu um lenço de listas vermelhas, e ũas verônicas a ũa filha; outro camarada, Diogo Bueno, deu outro lenço; e abraçaram muito aos pequenos, mostrando-lhes muito agrado, com que o pai ficou muito satisfeito dando abraços a todos, e praticando por acenos, por se lhe não entender a língua. Dizendo-se-lhe aonde estávamos arranchados prometeu de vir no seguinte dia; e dando mais João Lopes um facão ao pai, mostrando gôsto nas mais dádivas, com esta fêz extremos de alegria pondo-se a cortar com êle o capim do campo, o que vendo os nossos, foram ao mato buscar um pau e o cortaram em muitas partes diante dêle, com o que mostrou maior contentamento, e despedindo-se por acenos, asseverou voltar no dia seguinte com mais companheiros. Os nossos camaradas que tinham ido à caça ao mato, ouvindo nêle o estrondo das salvas, entendendo estarmos atacados do gentio, acodiram a tôda pressa, mas certificados daquele feliz encontro, suavizaram com alegria o pesar da perda da caçada, e a cansada carreira que trouxeram. Passamos a noute com as cautelas precisas, sendo tão grande a chuva, e trevoadas, principalmente depois de rezar, que chovia nos ranchos como se fôsse no campo.

Têrça-feira aos 17, se cuidou em ajuntar os cavalos, e porque era o pasto macegoso, de tal sorte se espargiram, que até o meio-dia não apareciam todos, pelo que teve o gentio tempo de às 9 horas vir achar-nos no seu arranchamento, vindo primeiro 8 guiados pelo que no dia antecedente foi vestido pelos exploradores. Foram o tenente e João Lopes recebê-los um pouco adiantados dos ranchos, abraçando-os, e fazendo-lhes muitas carícias; o que lhe coibiu algum receio com que vinham, e chegando a nós muito alegres, os tratamos com grande carinho; e se o vê-los mansos causou prazer, compaixão foi vê-los nus sem roupa, ou compustura algũa, pois alguns traziam seu modo de camisa sem mangas, e estas mesmas, sendo muito curtas, arregaçadas de sorte, que se lhes via todo o corpo da centura para baixo. Dous traziam bordões na mão, dos quais vão a mostra, e inferimos serem insígnias de oficiais entre êles, e os mais com arcos, e flechas, do que também vão mostras: todos moços, bem feitos, claros, e o mais velho teria 50 anos; os cabelos compridos de um palmo pouco mais ou menos, cortados por diante bem redondos, e dous com coroas no próprio lugar que os nossos clérigos as têm, bem redondas, pouco maiores que as dos menoristas; as sobrancelhas rapadas tôdas em geral; as barbas crescidas uns mais, outros menos, e perguntando-lhes porque as não rapavam, ou traziam como nós, responderam por acenos, que por não terem com quê. A fala tão bárbara, que é

totalmente distincta da geral indiana. Foram todos logo vestidos, despindo-se os nossos das próprias camisas do corpo, pois nos ficou todo o trem no pôrto, que dista mais de 10 léguas. Eu lhe dei a véstia que levava vestida, que era côr de cana com botões brancos, e a vesti a um que se lhe tinha vestido camisa, que todo se mirou, ficando eu com o sobretudo; pôs-se-lhes algũas medalhas ao pescoço, maravalhas, e vidrilhos que por cautela foram; e os mais camaradas deram a maior parte dos seus factos ficando quase nus; e também muitas facas, e facões, o que êles mais que tudo estimaram, e um machado que ia para fazer algum caminho se fôsse necessário, mostrando por acenos o estimavam para tirar mel; e assim como se viram vestidos disseram iam chamar outros que haviam ficado no caminho, indo dous correndo para êste efeito, e os mais ficaram tratando-nos com muita familiaridade como se fôssemos muito conhecidos. Pegando em cascas de pinhões nos ofereciam se os queríamos, que os iriam buscar, e dizendo-lhes que sim pelos contentar, pegaram em dous jacazes que ali estavam, e pegando pela mão a um camarada, José Pinto, o levaram até a beira do mato, que distará do alojamento aonde estávamos dous tiros de espingarda, e ali lhe deram a entender que voltasse por ser longe o lugar aonde os pinhões estavam, o que fêz, e logo chegaram os dous que tinham ido conduzir os mais que atrás tinham ficado, que eram 8, e os recebemos, e vestimos como os outros; entre êstes vinha um a quem chamavam Pahy, que mostrava mais madureza, e todos os mais me tratavam já por Pahy; deram mostras de confiança armando práticas impercetíveis com que queriam mostrar o seu agrado, e por acenos lhes pedimos que disparassem as suas frechas, o que prontamente fizeram, pedindo-nos atirássemos também com as nossas armas, no que se lhes fêz o gôsto. Deitou-se-lhes um bocado de couro ao ar para que atirassem, o que fazendo erraram o tiro, e mandando eu botar ao ar o mesmo couro lhe atirei com a felicidade de lhe empregar tôda a carga, em que logo pegaram admirando-se todos de o ver passado de ũa e outra parte.

Tiraram-nos as catanas das bainhas pedindo muito lhas déssemos, mas para os devertir deram-se-lhes outras cousas; pediam muito os botões das véstias por serem de casquinha e reluzentes, tirando-os alguns pela sua mão ao capitão José dos Santos, sem o cortar, nem ofenderem o pano ou a corda do botão.

Chegaram os dous que tinham ido ao pinhão despidos das roupas que se lhes tinha dado, para as não sujarem, e trazendo bastante pinhão o lançaram ao meio do terreiro fazendo-lhe fogo em cima, e entrando logo a pegar-lhe ensinando como se comiam os ofereciam. Pôs-se-lhes no terreiro um quarto de porco assado para que o comessem, e o não aceitaram, e convidando-nos muito que

fôssemos ao seu arranchamento pegaram-me na mão querendo levar-me, mas tendo andado um pouco disse-lhe que fôssem êles adiante, que eu pondo-me a cavalo lá ia ter, o que êles perceberam bem; e deixando-nos alguns arcos, e flechas, se foram embora, dizendo-nos que nos esperavam no seu alojamento. E os dous que tinham ido buscar pinhões nos disseram que para onde haviam ido buscá-lo estavam cavalos, e mandando lá acharam-se 5 que nos faltavam, os quais tôda a menhã se andavam procurando, o que tudo se percebeu por acenos, e nisto conhecemos a sua lisura.

Depois de aparecerem os cavalos, sendo perto de ũa hora montamos; e fazendo retroceder a um camarada doente e três que o acompanhassem para o pôrto, marchei com os mais, desejoso de fazer mais experiência nos ânimos dos mesmos gentios, e para cumprir com a promessa que lhe fiz de lá ir, segui o caminho que êles tinham tomado, encontrando vários lagos de pinhão, providência de que usam para o anual sustento; e uma rancharia queimada, e tendo caminhado quase légua e meia bem molhados da trevoada, de um alto se avistou a sua rancharia, e a poucos passos nos sentiram, saindo alguns ao terreiro como inquietos, vimos vestir a roupa que lhe demos, e um vestiu a camisa com o de detrás para diante. E porque fui seguindo a marcha sem alteração, chegando já nós em distância de 50 braças, vieram a nosso encontro três bugres, um com bordão, e os mais sem armas, fazendo-nos sinais com a mão para que chegássemos, e com vozes impercetíveis caminhando acelerados na nossa frente até a porta do seu alojamento, receosos dos cavalos; e porque os cães que nos acompanhavam se embraveceram contra êles, e os nossos tiveram a cautela de prontamente castigá-los, reconheceram o auxílio, e se puseram em sossêgo, conservando-se a maior parte dêles armados; e apeados que fomos nos ofereceram com vozes e acenos o abrigo dos seus pobres ranchos, para que nos livrássemos da chuva que caía, e para mais os agradar entrei em um rancho quase de gatinhas pela pequenez da porta, e logo dous dêles comigo, levando-me direito ao fogo, que estava no fim do rancho, logo se sentaram e me ofereceram assento. Sentei-me em um pedaço de pau que ali estava, e oferecendo-me do pinhão que estava a assar no fogo, tiraram um com a mão, descascaram, e o comeram dizendo-me fizesse o mesmo; e outro pegou em ũa tanaz de taquara mostrando o uso que devia ter dela* para tirar o pinhão do fogo, descascá-lo, e comê-lo, e me ofertou. Aceitei, e tirando o pinhão o dei ao tenente Cascais, que o comeu e outros que o fizeram disseram que era muito melhor que o outro que haviam trazido do lago; ficando êles

(*) *delle*, no original.

muito satisfeitos. Saí para fora do rancho; estavam todos os mais camaradas espargidos, uns para uma parte, outros para outra, mostrando recíprocos sinais de afectos, e alguns percebidos por acenos. Continuou-se-lhes algũas pequenas dádivas, oferecendo-lhes viessem ao pôrto onde havia muito que lhes dar, o que êles prometeram fazer, dando mostras de trazerem suas molheres, e filhos, que para isso tinham já mandado vir da aldeia principal, corando com isto a cautela que tinham tido de pô-las fora do alojamento, conservando-se nêle sòmente os que podiam usar de armas, e bem mostraram o receio que tinham de que houvesse traição em nós, mas como não viram mostras, nos pediram muito ficássemos lá, pois tinham mandado caçar e melar para Pahy, que assim me tratavam, e pegavam na mão a alguns camaradas, que fôssem com êles para lhe darem de comer aonde tinham as molheres e os filhos, e mostravam que muito breve voltariam. Faltavam alguns dos que pela manhã tinham ido ao nosso pouso, e estavam outros que lá não tinham ido, e dos trastes que lhe demos já poucos tinham. Enfim, vendo-nos com a resolução de montar a cavalo, tornaram a rogar-nos que ficássemos, porque havia de chover muito, como sucedeu e estando nós já montados trouxeram-nos um grande tição de fogo que o conduzíssemos, o que entendemos ser entre êles grande fineza, pelo muito que lhes custa tirá-lo, e estando já a cavalo a partirmos veio um, e ofertou-me um bordão dos referidos, um arco, e ũa flecha, que lhe aceitei dando-lhe um lenço vermelho, e as ligas das pernas, que era o que ali podia dar, de que ficou muito satisfeito. Todos os mais índios ofereceram aos camaradas suas flechas, e vendo o gôsto com que lhas aceitavam prometeram fazer muitas e trazê-las. Pusemo-las diante de nós direitas ao ar com as penas para cima, e viemos marchando, do que êles fizeram ũa grande galhofa. Enfim voltamos com a resolução de virmos ao pôrto, mas passando primeiro pelo pouso de onde tínhamos saído, levantamos uma grande cruz para memória de que ali tínhamos chegado, e primeiro lugar onde Deus principiou a abrir as portas da sua Divina Misericórdia a êste gentilismo, que nunca presumi achá-lo tão humano e tratável como experimentei. O mesmo Senhor permita dar-lhe luz para acertarem o caminho da sua Divina Lei, e os traga ao grêmio da Igreja, e a mim fôrças para continuar esta grande obra.

Ficou-se chamando êste pouso da Santa Cruz. E continuando a viagem debaixo de trevoadas grandes, e infinitas chuvas, nos veio a anoutecer no meio do campo, e porque os camaradas se puseram em opiniões sôbre o rumo que seguiríamos, se foram apartando pelo escuro da noute de forma que me achei só com o capi-

tão Lourenço Ribeiro, e o capitão José dos Santos, e 10 camaradas, quase perdidos. Sem sabermos para onde marcharíamos, nos abrigamos a um pequeno capão sendo já 10 horas da noute, e ali passamos sôbre a terra, branda por molhada, suprindo a falta da ceia o ensopado da roupa, pôsto que sem sal, pela pouca graça que tinha. Cuidou-se em fazer ũa boa fogueira, e a êste tempo ouvimos salvas, que conhecemos ser o capitão Carneiro com alguns camaradas, e respondendo-se, conhecendo êles que estávamos pousados, o fizeram também em um capão, que próximo acharam, e os mais camaradas que estavam dispersos fizeram o mesmo. E porque por direito estaríamos distantes do pôrto légua e meia, a tropa que nêle velava cuidadosa, ouvindo os tiros, nos julgaram em algum perigo; e porque o Jordão não dava vau, pelas cheias das trevoadas, cuidaram logo em botar ũa canoa que tinham principiado ao rio, e nela passaram à outra banda e fizeram várias deligências para nos encontrar, dando salvas até que com a manhã montamos, e nos fomos juntando de forma que ao mesmo tempo chegamos todos ao pôrto, onde com a notícia do passado fomos recebidos com recíprocas salvas, sendo inexplicável em todos a alegria vendo quanto Deus favorece esta emprêsa, para redução dêste imenso povo pagão.

Neste dia 18, como já disse, chegamos a êste pôrto aonde a alegria dos que ficaram de nos verem voltar ilesos com as notícias referidas, mesclaram o gôsto com a emulação de os têrmos deixado, dando bastante matéria para que devertidos com as maiores demonstrações de alegria passássemos êstes dias até o domingo 22 do corrente, na esperança de ver neste pôrto o gentio, ao que deu cumprimento aparecendo hoje às 7 horas da manhã defronte ao pôrto em um alto alguns, e porque logo se percebeu que outros cautelosamente se encobriam por detrás da lomba, ordenei à nossa gente que coriosamente se alvoraçavam a vê-los, se não movessem das barracas, e ranchos aonde estavam, nem pegassem em armas fora dêles, para que o nosso sossêgo lhes diminuísse o receio, passando logo em ũa canoa à outra banda a recebê-los o capitão Carneiro, João Lopes, e poucos mais com carinhos, e abraços, e mais ofertas, os resolveram logo a passar o rio, gritando primeiro prendessem os cachorros, advertência dos mesmos índios, e ofertando-lhes a canoa para passarem, êles por acenos disseram ao capitão Carneiro, que pois estava de botas, passasse nela, que êles passariam pela cachoeira, apontando para baixo onde ela existe, * e dá vau, acompanhando-os um moço Francisco Martins, o qual pôsto diante, ao passar do vau só consentiram enquanto baixo, mas

(*) *exista*, no original.

chegando ao mais fundo, e mais perigoso, pondo-o para trás tomaram dous a dianteira a sondar a paragem, e tanto que estiveram dêste lado andaram a procurar o Pahy, que, assim me tratavam, receosos de chegar aos mais até que saí a recebê-los. Fazendo-me muita festa, e muito alegres, chegaram à minha barraca onde mandei dar dous côvodos de baeta a cada um, ou à maior parte dêles, tangas pintadas, facas, contas, e outras infinitas cousas que estavam preparadas, e a confusão com que chegavam uns, e se retiravam para chegarem outros, não deu lugar para que se pudesse fazer verdadeiro cômpeto de tudo quanto levaram. Dos primeiros que chegaram à barraca foi uma moça que teria 16 anos, pouco mais ou menos, bem feita, que se andasse tratada não se conheceria por índia; trazia ũa tanga cingida pela cinta que lhe dava por cima dos joelhos sem mais compustura alguma; preparou-se com ũa tanga de sufulié, baeta vermelha, ao pescoço várias miçangas, pente na testa, chapéu na cabeça, de que ficou muito alegre, e foi dizer aos sus, tanto que saiu da barraca, que estava muito bonita, o que se lhe percebeu por ser quase na língua da terra. Tôdas as suas ações eram obradas com honestidade. Vieram mais duas mulheres, que passavam de 40 anos, e foram vestidas da mesma forma; vários rapazes de oito anos para cima, todos bem feitos e um que teria 10 anos vestiu Antônio da Silva Freire dando-lhe camisa de linho, calção branco, véstia, e chapéu, que não parecia índio criado nestes sertões, mas sim rapaz nascido em ũa terra civilizada. Vinha também um índio pequeno que teria dous anos e meio até 3, trazendo-o o pai às costas; era bem feito, bonito, e tanto que se viu entre nós chorou com bastante excesso, mas dando-se-lhe ũa baeta vermelha, e vários brincos, logo se acomodou. Por fim, porque um tomou um machado em um rancho saindo com êle dançando, e fazendo extremos de alegria, dando a entender que era para com êle tirar mel, fêz que muitos dêles perdido o maior receio se espargissem pelos ranchos entre os nossos, confundidos uns com os outros, de sorte que já custava distinguir com facilidade, e enfim, quantos machados viram, facas, e facões, tudo levaram; duas baionetas, ũa catana de Antônio da Silva Freire, que foi excessivo o gôsto do que a levou; tôdas as mais catanas que viram pertenderam com grande excesso; ũa faca de mato que eu tinha à cinta custou-me a defender infinito, querendo um que eu lha desse, fazendo já negócio com ũa baioneta, querendo metê-la na bainha da faca em refém, e só o pude sossegar dando-lhe a entender, que era para o cacique se cá viesse. Mandou-se pelos pretos tocar clarins, boazes, e caixas, com o que ficaram admirados e alegres. Roberto André, que excelentemente toca viola a tocou, e dançou, e êles contente, e confusamente o fizeram, e fize-

ram fortes deligências por levarem a viola, bolindo muito nas cordas, admirando, e examinando o que tinha por dentro. Seriam por todos 70 pouco mais ou menos; foram-se pelas 10 horas deixando muitas flechas, e arcos aos camaradas, dando a entender que iam buscar as molheres e vinham, e quase se lhes percebia que queriam ir comigo. Logo se preparou o altar para o nosso capelão dizer missa por ser domingo (que ouvindo-a demos muitas graças a Deus por tão bons princípios para redução dêstes pagões), tendo todos passado o rio para a outra banda antes de principiarmos a missa; e se foram deixando-nos cheios de gôsto e alegria, pela esperança que temos de recolher ao grêmio da Igreja êste disperso rebanho. É quanto se tem passado nestes Campos de Guarapuava até 22 de dezembro de 1771.

No dia 23 despachei para S. Paulo o sargento José Joaquim César com a relação do sucedido, arcos, flechas, bordões, e mais trastes que os gentios tinham deixado, para tudo apresentar ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General D. Luís Antônio de Sousa Mourão, que com razão se deve alegrar, e estimar estas felizes notícias sucedidas no tempo de seu govêrno, não só pela propagação da fé que se espera de tão bom princípio entre êstes pagões, como pela dilatação, e aumento do Reino, tanto em terras como em vassalos, que será sempre memorável o dever-se ao disvêlo com que Sua Excelência procura o aumento desta capitania.

Fiquei aplicando todo o cuidado na eleição de lugar para construção de ũa fortaleza em que o respeito militar estabeleça neste continente o direito senhorio dêste país, e para com ela animar o corpo, e ũa populosa povoação que provàvelmente se há de estabelecer com multiplicadas fazendas de gados, para o que convidam êstes diliciosos e amenos campos.

O *gentio que igualmente* deve estar gostoso, e assombrado da não esperada afabilidade que em nós tem encontrado, tendo-se retirado no dia 22 com promessa de voltar com as famílias, movidos ou do receio que justamente de nós devem ter, lembrados das tiraníssimas ações que por tantos modos com êles usaram os antigos há pouco mais de 50 anos, ou da coriosidade de notarem os nossos movimentos, julga-se deixaram sentinelas, porque indo alguns camaradas à caça no dia 24 a uns capões que abordam o rio, perto dêste pôrto reconheceram trilha fresca dêles, e tendo morto ũa oncinha vulgarmente chamada jaguatirica, pondo-a no barranco do rio continuaram a caçada, e na volta não achando no lugar aonde tinham deixado, conheceram que o gentio tinha levado, e chegaram a averiguar a trilha de quatro, que se verificou mais, porque andando três camaradas em uns capões mais altos

a caça, vendo um veado no campo pastando, o quiseram negacear, o que fizeram também 5 índios; nem uns, nem outros poderam matar o veado, e voltaram os nossos por não haver algum encontro que descompusesse a boa harmonia que conservamos. Viram fogo em um capão perto em que mostrava estar maior número de índios.

No dia 25 se disseram as 3 missas da festa do Natal, antes de ser dia claro, esperando viessem os índios nesse dia por estarem perto, a fim de nos acharem mais desembaraçados para os receber; e como não apareceram até o meio-dia, foram uns à caça, e outros para o campo a tratar dos cavalos, e gado.

No dia 27, indo outros camaradas também à caça para a parte dos capões do Pouso Triste, encontrando uns porcos no campo, ao matá-los viram que dous bugres de um alto vezinho curiosamente presenceavam o modo com que os nossos faziam a caçada, e porque os porcos acuados dos cães se recolheram a um capão vezinho, seguiram-os a matá-los, e andando os camaradas imbebidos do proveitoso deleite da matança dos porcos, por ouvirem um assubio repararam que um bugre muito perto dêles o tinha dado, retirando-se sem haver mais ação.

No dia 28 logo de manhã apareceram alguns em um alto que fazia fronteiro a êste pôrto na distância de mais de 600 braças, de onde logo se retiraram, tornando logo ao meio-dia a aparecer no mesmo lugar, e seriam 3 horas quando mais perto, de sorte que acenando-se-lhes e bradando, êles fizeram o mesmo, do que se inferiu ser mais que coriosidade de exploradores, e porque acenando-se-lhe que chegassem ao pôrto, se retiraram, determinei fôsse à outra banda do rio aonde êles estavam João Lopes, e Manoel Pinto, e os seguissem em alguma distância a ver se assim chegavam procurando-os. Assim o fizeram, porém os bugres vendo-os mais se ausentavam, por cujo motivo determinaram voltar, como fizeram, e a poucos passos olhando para êles viram que estavam no alto seis, e que dêstes, quatro vinham direitos aos nossos, e dous ficaram imóveis. Percebendo-lhes acenos, e vozes, voltaram os nossos para êles, e chegando os índios se abraçaram, e deram grandes mostras de conservarem a mesma amizade; convidaram-os viessem ao nosso pôrto onde havia muito que lhes dar, ao que mostraram responder, sendo mal entendidos os seus acenos, que iam buscar suas famílias, e cousas de comer, e que vinham para lhes darem facas, e facões; e assim se despediram com muitos carinhos e abraços, tendo um dêles usado a ação de cortar uns pequenos ramos do campo, e estendê-los no chão, com acenos, que, os nossos entenderam que era para que nêles pisassem: será tal-

vez afectuosa fineza entre êles, como entre os hebreus. E passou-se o resto do mês, e ano sem mais novidade, que não virem, como esperávamos.

Ano de 1772

No primeiro dia dêste ano, depois de dizer missa o reverendo capelão, e me confessar, e mais várias pessoas, mandei a Paulo de Chaves com 18 camaradas passar o rio além, e procurar o caminho que no Capão dos Porcos tínhamos topado do gentio, e seguindo para a parte do sul, para êle o prosseguir para a do norte a ver se haviam mais algumas aldeias do gentio, e fazer as deligências necessárias. Passou o rio além pelo meio-dia moniciado, e preparado para poder dilatar-se o tempo que fôsse preciso para dar cumprimento ao que ordenei.

No dia 2 passaram o rio para além algũas pessoas a tratar dos cavalos que por lá andavam por ter melhor pasto, e andando os procurando viram 7 índios, e em um capão perto pelo fogo que dêle saía conheceram estarem mais. Acenaram-lhes que viessem, mas êles levantaram os arcos, e não lhes perceberam os mais acenos que fizeram. Também os mesmos foram vistos por algumas pessoas desta parte do rio.

Não houve novidade até o dia 5 que passei com 6 cavaleiros o rio além, e segui as suas margens para a parte do sul ver se encontrava paragem suficiente para dar princípio à fortaleza, e tendo andado quase três léguas avistando grandes campos que estão para o sul e faltam examinar, segui para a parte de oeste, e tendo marchado ũa boa légua encontrei um caminho que os índios tinham feito quando vieram a êste pôrto no dia 22 de dezembro do ano passado, e me recolhi por êle para o pôrto, encontrando vários passos em ribeirões que com bastante trabalho os passamos. Recolhi-me pelas 8 horas da noute, e pouco depois chegou Paulo de Chaves com a partida que tinha ido para a parte do norte como acima se lhe ordenou, dando as notícias seguintes: Que caminhou pelas margens do Rio Jordão até as cabeceiras, que da parte do norte nascem dos montes, e costeando-os ao sul encontrou com um alojamento pequeno deixado de poucos dias com algum milho, e morangas, e prosseguindo o mesmo rumo para examinar tôda aquela costa até o Capão dos Porcos; e mais adiante acharam outro alojamento maior onde um dos ranchos tinha de comprido 25 passos, e 8 de largo: aí acharam vários trastes do uso dos índios, de panelas, porongos, pratos, caracaxás, linho em estriga da qual fazem os seus panos, e mostra que o tiram das ortigas grandes, três côchos

grandes bem feitos, limpos, que bem podem levar de 7 alqueires de milho para cima cada um, balaios, e cêstos bem tapados, e bem feitos, rebocados por dentro, e por fora com cêra, que se supõe ser para trazerem água das fontes, cristais finos que os partem sôbre outras pedras, para suas navalhas, ũa roça que teria de milho plantado meio alqueire, algum em pendão, e examinaram que o caminho que encontraram no Capão dos Porcos, é o da serventia dêste alojamento para a aldeia principal (do que já tratamos) e conheceram rasto dos que vieram a êste pôrto, que os foram avisar, que se supõe motivou a se retirarem para a aldeia, não pelo caminho do Capão dos Porcos, mas por indireitura ao alojamento aonde pousamos aos 16 do mês passado, seguindo a grande rastalhada que fizeram. Tiraram-se-lhes dous porungos grandes, e se lhes deixou ũa faca e ũas ligas, e daí prosseguindo ao mesmo rumo, de um grande alto avistaram tôda a campanha que vai por trás do Capão dos Porcos até os morretes do mato que se avizinha à Serra Buturuna, que também a avistaram divisada da mamotaria pelo negro dela, da qual os cabeços mais sinalados que viram são correndo do sul para o norte, isto é, olhando para o poente, que é por onde passa o Rio do Registo, dali tornaram ao ribeirão do Capão dos Porcos, e acharam ser de bom tamanho, água negra, parada, vários saltos, lajeado com'os demais córregos, que em tôda a viagem encontraram, e vertem da costa do mato grosso para os campos, uns para o Rio Jordão, e outros para o ribeirão do Capão dos Porcos, cujo nascimento vem dos campos. No capão acima do dos Porcos acharam três pousos do gentio, dous com ranchos, e um sem êle, porém grande, que bem mostrava ser de muita gente que por êles passava, e daí se recolheram a êste pôrto, tendo marchado neste círculo boas 40 léguas. Das cabeceiras do Rio Jordão notaram, que para o outro lado haviam verdes novos nas campanhas que para aquêle lado existe correndo para o nordeste, e leste, e por que não divisaram caminho nem trilha que passasse para aquêle lado, pode-se presumir, para aquela serra habitava outra (outra) nação de gentio.

Aos 6, partiu o tenente Cascais com 11 camaradas de cavalo a buscar passo no Rio Pinhão que dêste lado nasce do lés-nordeste e vai fazer barra no Jordão; e aos 7 vimos que já tinha passado o rio e lançado fogo aos campos do outro lado. E foi também Paulo de Chaves com alguns camaradas examinar o salto grande que faz o Rio Jordão entre o Pôrto do Pinhão; e veio com notícia de o ter visto, e ser altíssimo, e horroroso por ser entre o mato.

Aos 8 logo de menhã me dispus a ir ver o sítio aonde formava tenção dar princípio à fortaleza, e fazendo aprontar cavalos

para os que me haviam de acompanhar e ao embarcar para o outro lado donde já estavam os cavalos, se viu um grande lote de índios em um alto defronte ao pôrto, e mais dous lotes em diferentes lugares; cada um dêles mostrava trazer mais de 150 índios. E porque marchavam apressados, direitos ao pôrto, julguei virem como tinham prometido; suspendi logo a viagem voltando para o quartel, fazendo aprontar as roupas, que se tinham feito para vestir as mulheres, e o mais que a todos se havia de dar, e dei ordem ao sargento Manoel Gomes, e ao tenente Cândido, estivesse cada um na sua peça de artelheria prontos para dar fogo, e as mais armas, e os corpos da guarda com as cautelas necessária[s] sem dar suspeita aos índios que desconfiávamos dêles. Sem embargo de ser o gentio muito maior em número do que custumava vir, não causou horror à nossa tropa pelas repetidas vêzes que os tínhamos visto ali, os caçadores na caça, os campiadores no campo, e enfim nós nos seus próprios alojamentos, adonde é inexplicável o perigo a que nos expusemos. Vinham tocando suas gaitas em taquaras, vieram direitos ao pôrto, passaram o rio; foram dos nossos alguns a recebê-los, e com o mesmo carinho, e agrado chegaram ao nosso quartel, os primeiros sem as costumadas armas que trazem. Vinham alguas mulheres, foram logo vestidas, e preparadas de saias, camisas, bajós, contas, miçangas, e brincos, espelhos, e muitas mais cousas; e os homens tangas de chita riscada, e tudo quanto apeticiam se lhes dava; com demasiada* confiança entravam pelos ranchos, chegaram alguns a tomar machados, facões, e fouces, até ua baioneta, sem esperar que se lhes desse, o que tudo dessimolei para os não desagradar. Estava no lado direito o quartel do capitão Lourenço Ribeiro do abarracamento, e algũa gente com prudente cautela cobrindo as armas, e o mesmo no quartel da gente da expedição que estava no lado esquerdo, e no centro estava o meu quartel aonde se puseram dua[s] sentinelas a título de fazer igual destribuição das alfaias que se lhes dava; e porque já não haviam facas, e êles instavam por elas, percebia-se grande desconsolação. Trouxeram milho verde que ofertavam, e na mesma forma bolos de milho tão ascarosos, que só o desejo de os agradar tirava o horror de os aceitar, sendo dificultoso achar meios de disfarçar o comê-los, pois instavam tanto o fizéssemos. Fortemente trabalharam com muitos e impertinentes carinhos para conduzirem-me para o pôrto, e me não custou pouco a dispersuadi-los sem lhes mostrar desagrado, ponto em que se cuidava muito para os adquirir, e reduzir ao grêmio da Igreja; na mesma forma o capitão Lourenço Ribeiro, o capitão José dos Santos, e outros mais, querendo levar

---

(*) *dezmaziada*, no original.

às costas, e procurando todos os meios, e agrados para nos reduzir a ir aos seus arranchamentos; e porque pela confusão raros reparavam no que os mais faziam, querendo cada um ser autor de heróicas ações, uns com práticas (que gôsto poderia haver não sendo percebidas senão por acenos) e outros já ensinando a língua a uns, e outros o padre-nosso a outros. Estando com esta familiaridade, todo o seu ponto era entroduzirem-se nos nossos corpos da guarda, o que não poderam conseguir, e desenganados, temeram pôr em execução o pensamento com que vinham de nos acabarem a todos e roubarem-nos, de que Deus nos livrou pela sua alta providência, e pela sinceridade, e boa intenção com que procurávamos a redução dêstes bárbaros, que debaixo de tão boa-fé, aceitando as dádivas com que todos iam convidados, traziam tão danado coração, e para conseguir milhor o seu fim convidavam a todos com impertinentes rogos. Caíram na imprudente resulução em passar o rio com êles cada um por sua vez Manoel Pinto, José Pinto, Vicente Domingues, João de Ramos, o soldado Manoel Francisco, Lourenço, camarada do reverendo capelão, um rapaz do capitão José dos Santos, todos a pé, e sem armas, e o capitão Carneiro a cavalo, e de lá persuadidos dos carinhos daqueles bárbaros os acompanharam até incobrirem-se com a lomba que fica quase meia légua distante do nosso abarracamento, levando-os com muitos folguedos, e brincos até onde estavam grande multidão de gentio que tinham ficado escondidos, e os fizeram perecer com muita crueldade, que bem mostravam a tirania bárbara dos seus corações. O capitão Carneiro, que ia a cavalo, tinha-se apeado a beber água com êles, e montando outra vez a cavalo continuava para onde êles o guiavam, acompanhando-o sempre um grande número de gentio, mas como ficava mais alto, pôde ver a um dos camaradas morto no chão, e conheceu a traição, dessimulou, e tanto que pôde ganhar algũa distância, deu de esporas ao cavalo, e a tôda a carreira pôde ganhar um passo pela banda de baixo, estando todo o alto coberto de índios, e correndo venceu o escapar-lhes, com a felicidade de lhe não acertarem com as infinitas flechas com que lhe atiraram, sendo providência do Altíssimo para que escapando viéssemos no conhecimento da aleivosia, e ferocidade* daqueles cruéis inimigos. Êles, que em distintos troços tinham ocupado tôda a campanha, vendo que o dito capitão lhe escapava por ũa baixa procurando o pôrto das canoas arriba do vau, apareceram uns em um alto, de onde fazendo sinais aos que conosco estavam, êstes sùbitamente com arrebatada carreira, e gritaria, fugiram para o pôrto de vau, e passando-o se uniram àquele corpo, e ainda ao

(*) *ferozidade*, no original.

fugir fizeram com tal indústria, que com acenos fingiam irem buscar que comer. Esta ação nos deixou confuso, e muito mais vendo a êste tempo um cavaleiro, que era o dito capitão, que a rédea sôlta demandava o pôrto das canoas, aflito, gritando por elas, e chegando, informando-nos daquele aleivoso caso, nos pôs em grandíssimo pesar, não só do sucedido, como de o não sabermos antes que fugissem, porque certamente seriam bem vingadas as mortes dos nossos camaradas, não tanto pela razão de vingança como para que o horror do castigo lhe servisse de emenda. Deus, que reconhecia o meu interior, e o dos mais, o gôsto, e o desejo que tínhamos da redução daqueles bárbaros, seria servido livrar-nos por êste modo, porque a não ser assim pereceríamos todos, que confiados na imaginada simplicidade que mostravam aquelas feras, já não procurávamos mais, que convertê-los, nem haveria prudente cautela, que podesse livrar-nos de inimigos, que se faziam tão domésticos, e familiares, e com tanta maldade,* que se observou depois serem venenados os bolos que deram, porque, um único cão, que comeu dêles, logo morreu. Tanto que o dito capitão nos informou do caso, determinei ir sôbre êles com ũa partida de cavalos, o que me empediram para que se não desanimasse aquêle pequeno corpo. Mandei ũa esquadra que, marchando com a presteza possível ao alcance dêles, não chegaram a ver senão o rasto que atravessando as restingas se metiam aos capões de mato onde a cavalaria nenhũa partida tem, e muito pouco os de pé, pois êles como senhores da casa sabem das entradas, e saídas. Voltaram com os corpos dos camaradas, que foram sepultados com a piedade possível, e um dêles simivivo, que se confessou, e ainda durou 24 horas. Vendo as cousas neste estado, e o perigo em que se achava o tenente Cascais com os poucos camaradas que o acompanhavam, que pelos fogos que tinham feito fàcilmente o gentio os poderiam encontrar, e êles ignorando o seu mau ânimo os receberiam com a custumada afabilidade, da qual bem se aproveitariam matando-os como fizeram aos outros que os apanharam separados do corpo, o mandei logo chamar e às 10 horas da noute chegaram ao abarracamento com a notícia de terem achado passo no Rio do Pinhão, o qual quase iguala na grandeza ao Jordão. E vendo o perigo em que estávamos de perecermos a fome, por não haver já mais que ũa pouca de farinha, que apenas chegaria para 3 dias, os bois já no resto, que escapando do gentio chegaria com regra para 8, ou 9 dias, e ainda da pouca caça sem esperanças, pelo evidente perigo de perecerem os caçadores nas mãos do gentio; a gente da expedição pouca, doente, e debelitada do trabalho, os cavalos esta-

(*) *maldada*, no original.

fados do laborioso caminho, e de explorar a campanha, de forma que postos em rondas em poucos dias acabariam, e expostos ao campo o gentio os mataria, como já tinham principiado, dando fim a 3 que não foram mais vistos, e um que se achou varado de ũa flecha; a necessidade de fôrças, e gente para rebater a fúria de tão grande multidão de gentio que mais crescerá em se ajuntando os da aldeia que existem ao norte, a impossibilidade de podermos ser socorridos de povoado em pouco tempo, o perigo de nos tomarem os caminhos com ciladas, por uniforme acôrdo de todos determinei retirarmo-nos a salvar as vidas, e o trem de Sua Majestade, que sem remédio pereceria tudo em poucos dias pela falta de mantimentos.

A 11 de janeiro partimos, com as cautelas possíveis, para evitar os assaltos que poderíamos ter, principalmente se já nos tivessem tomado a entrada do mato. Deus, que nos livrou de tantos perigos, nos livrou também dêste, dando-nos tão feliz viagem, que bastaria um só dia de chuva nela, para que perecesse tôda a cavalhada, que por fraca, mal pôde sair algũa parte com o trem, fazendo-se marchas tão ordinárias.

Êstes favores, e tão repetidos milagres, devemos a Deus, pelas orações com que nos socorreram os pios amigos, e devoto povo de Curitiba, com as contínuas novenas, e repetidas súplicas, que fizeram a Deus, e a Sua Mãe Santíssima, rogando pelo nosso bom sucesso. Os perigos de que Deus nos livrou, nem ainda os que viram, cabalmente conheceram, porque só a reflexão dêles, causa horror aos ânimos mais constantes.

É o que se passou na entrada e descobrimento dos Campos de Guarapuava com o gentio de nação Choclan. Coritiba, 31 de janeiro de 1772.

Aos 21 de fevereiro chegou o tenente Cândido com tôda a gente e trem que do campo tinha despachado o tenente-coronel para virem pelo Rio do Registo.

A 25 partiu êle tenente-coronel para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga com o pagador, e mais pessoas que haviam de assestir ao pagamento que ia fazer à gente que ali se achava, e porque se não fazer até os 28.

Aos 29 foi para a nova freguesia de S. Antônio do Registo, onde passou mostra às companhias de auxiliares, e ordenanças, e deu as providências necessárias para o aumento dela.

Aos 4 de março voltou para o Pôrto de Nossa Senhora da Conceição.

Aos 5 fêz o pagamento, a que assistiram as pessoas que constam da lista.

Aos 6 partiu para a Vila de Curitiba, aonde chegou aos 8; e fêz na dita vila pagamento de tôdas as despesas das expedições.

Aos 12 partiu para a Vila de Parnaguá, onde chegou aos 14 por tempo muito invernoso, e se demorou na vila com vários negócios do real serviço.

Aos 4 de abril foi para a fortaleza assistir às obras até os 13, que voltou com ũa grave moléstia, que lhe continuou.

Aos 2 de maio tornou para a fortaleza, aonde assestiu, procurando todo o adiantamento das obras dela; e continuando-lhe a moléstia se retirou aos 31.

Junho, a maior parte do mês gastou em despachar negócios do real serviço; e várias providências que foi necessário dar para as guardas dos portos das expedições.

Aos 28 foi para a fortaleza, e voltou aos 30 depois de ver o estado das obras.

Aos 8 de julho voltou para a fortaleza, aonde estêve até 12, e voltou aos 14, despachou aos capitães da Curveta, e Sumaca para a Curitiba a fazer exame nos paus de pinho, conforme as ordens de Sua Excelência.

Aos 27 partiu outra vez para a fortaleza; e de lá para a nova freguesia de S. José da Marinha, aonde chegou aos 29, e deu as providências necessárias para o seu aumento.

Aos 30 chegou à nova vila de Nossa Senhora da Conceição da Laje, e determinando o que pareceu necessário para continuar o seu aumento, passou à Vila de Iguape, onde houveram vários requerimentos, e deligências do real serviço, que tudo despachou.

Aos 9 de agôsto voltou para a nova vila de Nossa Senhora da Conceição.

Aos 10 chegou à Vila de Cananéia. Aos 11 chegou à nova freguesia de S. José.

Aos 12 partiu (partiu) para a fortaleza. Aos 13, para a Vila de Parnaguá.

Aos 14 foi para a freguesia do Pilar ver se tinha capacidade de se ereger em vila, e voltou aos 17.

Aos 19 recebeu as ordens de Sua Excelência para as paradas.

Aos 20 despachou as que eram para Santa Caterina.

Aos 25 despachou o alferes César com as ordens para o estabelecimento das paradas do caminho do sertão, do destricto da Faxina até o das Lajes, e juntamente conduziu a gente, e trem que ia para a Roça da Esperança, que tudo entregou ao guarda-mor Francisco Martins Lussosa; e o cadete, com as ordens para fazer estabelecer as paradas da marinha da Vila de S. Luís de Guaratuba até a da Conceição de Itanhaé.

Aos 12 de setembro foi para a fortaleza assistir às obras dela, e voltou para Penaguá a 19.

A 13 de outubro foi para a fortaleza, e voltou a 17.

Aos 21 tornou para a dita fortaleza, e voltou para a vila aos 31.

Aos 7 de novembro foi para a fortaleza, onde estêve até os 22, que voltou para esta vila.

No primeiro de dezembro partiu para a Vila de Curitiba, e chegou aos 3.

Aos 7 partiu para os Carlos.

Aos 13 para a guarda do Pôrto de Nossa Senhora da Conceição de Caiacanga, aonde passou revista ao armamento, e trem, que ali se acha; e passando a ver as roças que ali se mandaram fazer, dando licença aos soldados que se achavam naquela guarda, para não estarem fazendo despesa enquanto não havia mais precisão dêles; voltou aos 15.

Aos 16, foi ver a roça que tinha botado Domingos da Cunha.

Aos 17 a de Antônio José, e chegou à Vila de Curitiba aonde despachou vários negócios do real serviço.

Aos 22 partiu para a Vila de Parnaguá, e chegou aos 23 por tempo muito rigoroso, e em outras diligências, e despachos do real serviço, se passou até o fim dêste ano de 1772.*

DIARIO DE TUDO O QUE SUCEDEU NA MARCHA QUE FÊZ A PARTIDA, QUE SAIU AOS CAMPOS DE GUARAPUAVA, COMANDADA POR PAULO DE CHAVES DE ALMEIDA, POR ORDEM DO ILUSTRÍSSIMO E EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOM LUÍS ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, GOVERNADOR, E CAPITÃO-GENERAL DESTA CAPITANIA DE SÃO PAULO, DESTRIBUÍDA PELO ILUSTRÍSSIMO SENHOR CORONEL AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA.

Sendo pelo Il.^mo Sr. Coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, no dia 30 de novembro de 1773, nomeado Paulo de Chaves

(*) No códice segue-se aqui uma fôlha em branco.

de Almeida no campamento da Esperança, onde se achavam, para comandar ũa partida, e com ela ir fazer exploração dos Campos de Guarapuava, por onde se tinha andado há dous anos, se dispôs que *a saída seria aos 8 de dezembro, em que se celebra a Con-*ceição de Nossa Senhora, e para se efectuar nesse dia a mencionada saída, houve grande trabalho, por serem as chuvas em muita abundância; contudo na véspera do sinalado dia se achava já pronto tudo o de que o comandante disse carecia, assim de munições de bôca, e guerra, como de petrechos, gente, e mais preciso para aquela viagem.

Dispôs o senhor coronel, que se festejasse pelo modo possível a Virgem Santíssima Senhora da Conceição, fazendo arvorar a bandeira real, em que também se acha esculpida a sua Soberana Imagem, e dar ao tempo das ave-marias três tiros de artelheria.

Foi grande o contentamento desta noute, porque os ventureiros do campamento formavam danças em seus quartéis, mostrando com a falta dos necessários instrumentos o que lhes sobrava de gôsto, e *ao mesmo tempo, que assim folgavam, disparavam* vários tiros, para mostrar também que o contentamento os não fazia esquecer das armas que professavam.

Mandou o senhor coronel cantar ũa coroa, ladainha, hinos, e orações a Nossa Senhora, presente êle tão alegre como devoto, e assistindo o reverendo padre capelão frei João de Santa Ana Flores, havendo ao mesmo tempo fogos pelas ruas do campamento, e muita gente que por elas passava. Ao amanhecer o dia 8 se deram outros três tiros de artelheria; confessou-se, e comungou o senhor coronel, e se disse missa, no fim da qual se dispararam 5 tiros da mesma artelheria. Deu o senhor coronel o jantar com excesso dos mais dias, convidando para êle as pessoas de maior graduação, e entre elas o tenente comandante do corpo militar, que ali se acha. Completo êste, se tratou de expedir a tropa, que conduzia o trem, e munições a som de caixa, fazendo-lhe antes o senhor coronel ũa amorável, e discreta fala, movendo-os a executar a deligência a que iam com a fedilidade que se esperava de tão lea[i]s *servidores de Sua Majestade, e com a actividade que prome-*tiam os seus fervorosos espíritos. Entregou as ordens ao comandante, e abraçando a todos com alegre, e agradável semblante, os fêz marchar com salvas de mosquetaria, que se deram assim da parte dos que marchavam, como pelos que ficaram.

Partiu enfim esta conducta, que consta das pessoas declaradas no mapa seguinte, e do mais que no mesmo se declara:

Gente

Comandante Paulo de Chaves de Almeida..	1
Companheiros do comandante	3
Soldados infantes, incluso o sargento.......	12
Ventureiros para o trabalho	10
Fâmulos e escravos	2
Soma	28

Cavalos

Raiúnos	55
De particulares	8
Soma	63

Armamento

Armas	28
Cartuchos	26
Baionetas	12

Munições de Guerra

Pólvora... libras	22
Chumbo... libras	33
Cartuchos de mosquete	390
Balas	512
Pederneiras	114

Petrechos

Barracas		2
Machados		2
Foices		2
Eixadas		2
Formões		2
Eixós		2
Berrumas		2
Enxofre	8.as	16

Montarias

Selas raiúnas — 10; particulares — 18......	28
Estribos raiúnos, pares 13; particulares, 15.	28
Freios raiúnos — 5; particulares — 23.....	28

Munições de Bôca

Farinha — alqueires	20 ½
Feijão — ditos	1
Canjica — ditos	3
Sal — dito	1
Arroz	¾
Toucinho — arrôbas	2

Aguardente de cana 2/4^os^ e ½, azeite, vinagre e outras miudezas.

Foi a referida conducta debaixo das ordens do dito comandante, porém entregue à proteção, e amparo da Imaculada Senhora da Conceição, esperando nela se consigam todos os disígnios da presente expedição, sem embaraço, nem pirigo algum, continuando a mesma série de benefícios, que desta Soberana Senhora havemos recebido, e entre êles o conhecido prodígio de fazer (hoje se completam dous anos ao tempo da primeira missa, que se disse nos Campos de Guarapuava) levantar um grande pano, que estava ao sol, e fazendo-o subir, sem haver fôrça de vento, que fizesse natural êste sucesso, se demorou em bastante altura tremolando, e depois tornou ao chão, deixando-nos êste caso a certeza de que era sem dúvida do soberano agrado desta Senhora, que naqueles campos se arvorasse bandeira branca, símbolo da sua Virginal Pureza. Não ficando em esquecimento o evidente milagre com que permitiu, que no dia 8 de janeiro escapássemos da ferocidade* dos índios, que com ciladas tinham disposto atraiçoadamente acabar a todos os cristãos, como fizeram sòmente a sete, que não poderam eximir-se de perecer nas garras daquelas indomáveis feras; não deixando enfim de lembrar os benefícios, que actual e diàriamente estamos recebendo de suas liberalíssimas mãos, por cuja causa nelas nos entregamos todos, para que filicite esta diligência como

(*) *forecidade*, no original.

fôr mais de seu divino agrado, honra, e glória sua, e de seu Bendito *Filho*.

Caminharam duas léguas de mato, e caminho ruim, por causa das chuvas, pousaram na invernada, bastantemente fatigados dos pântanos, que encontraram, e nela pernoitaram bem oprimidos da grande chuva, que naquela noite caiu.

Dia 9, quinta-feira, aprontaram-se de manhã, e se puseram em marcha, na qual tiveram o prejuízo de cansar ũa rês, de sorte que ficou sem dela se poderem utilizar. Prosseguindo a viagem teve o comandante a infelicidade de cair com êle o cavalo em que ia montado, levando-o debaixo de si, mas a Singular Patrona desta conducta o preservou do perigo que viu eminente. Caminharam cousa de 4 léguas; pousaram no Rio do Peringa, sendo neste trabalhoso caminho tôda a conduta sumamente atropelada de ũa grande trevoada de água, de que receberam alguma moléstia dous camaradas da tropa paga, por cuja causa se falhou ali um dia, e por ser preciso mandar compor o caminho, e passos, o que tudo se achava inda por fazer. Êste rio corre de nordeste a su-sudueste, e pela correnteza que se vê no lugar por onde se passou, se verifica ser em tempo de maiores águas caudaloso.

Dia 10, sexta-feira, não houve novidade de que se possa dar notícia, porque se gastou em fazer o que se determinou no antecedente.

Dia 11, sábado, todos se aprontaram mandando buscar a cavalhada ao campo, onde acharam dous animais estrepados, e pondo-se em marcha com bom tempo, e caminhando cousa de légua e meia, chegaram ao rio, que se apelidou do Caldeirão, o qual corre de oeste a leste, e também mostra será caudaloso em tempo de águas; nêle se fêz passo para se poder transportar a conducta, e marchando sempre, chegaram ao Rio Negro pelas três horas, na margem do qual se abarracaram, lançando os cavalos ao pasto,* que estava bastantemente sêco. Êste rio corre de oés-sudueste a lés-nordeste, e se conhece será muito intransportável em tempo de águas, sem canoa, pois além de ser largo, é caudaloso, e no lugar onde passaram tem grande barranco.

Dia 12 domingo, logo ao amanhecer se mandou buscar a cavalhada, e pondo-se todos em ordem, se puseram a caminho, e prosseguiram viagem bem trabalhosa, por causa dos muitos morros, e bastantemente empinados, em um dos quais cansou um cavalo de sela. Caminharam cousa de légua e meia, e fizeram parada, dando tempo a que os picadores fôssem limpando o caminho. Tornaram a marchar quase outro tanto, e chegaram ao Papuanduba, onde

(*) *porto*, no original.

se abarracaram, ainda que bem cuidadosos por estarem ali os pastos muito secos.

Dia 13, segunda-feira, como se fazia preciso continuarem os picadores a limpeza do caminho, resolveu o comandante da conducta deixá-los ir adiante, e falhar ali êste dia, e para apressar aquêle serviço foi nomeado Sebastião Cordeiro, e Marcelino Gomes da Costa, pessoas da maior confidência do comandante, e no barracamento se ficou cuidando de três camaradas ventureiros, que adoeceram, um dos quais ficou tão prostrado, que foi necessário sangrar-se. O inculto daquele lugar lhes ofertou o dilicioso mimo, com que costuma dulcificar aos caminhantes o amargoso trago de tão cansada viagem, dando-lhes mel, e o mais de que a natureza o fertilizou. Para a tarde carregou ũa grande tempestade, que formando-se da parte do sul, se recolheu para a do norte, deixando-os bem molhados, e bastantemente temorosos inda do mesmo pirigo que já passara.

Dia 14, têrça-feira, logo pela menhã veio a cavalhada; montaram e se puseram em marcha, na qual padeceram algum trabalho pelo agreste do caminho, que só se compunha de eminentes morros, e perigosos passos. Cansou um cavalo que ia sôlto, e foi preciso retroceder um camarada a conduzi-lo, e caminhando a conducta cousa de duas léguas se abarracou pelas três horas no Pouso da Alegria, onde em lugar dela, só tiveram tristeza que lhes causou a extraordinária chuva, com que se viram bem incomodados.

Neste mesmo lugar toparam os picadores, os quais fêz o comandante marchar no mesmo dia para diante, até sair ao faxinal, onde deram fim à sua laboriosa, e necessária deligência. Voltaram ainda neste mesmo dia a encontrar-se com a conducta, e com ela pousaram. Carneou-se ũa rês ali, da qual se moniciou tôda a gente e se remeteu bastante carne para sustento dos doentes, que haviam ficado no Papuanduba.

Dia 15, quarta-feira, despedidos os oito camaradas, que tinham andado na deligência de limpar o caminho, a quem se deram cartas para o senhor coronel, e mais pessoas do conhecimento (e a) e amizade dos da conducta, partiu esta fazendo viagem alguma cousa trabalhosa, porque cansaram 4 cavalos;* deu o sargento ũa perigosa queda em o cavalo, e houve outros pequenos incômodos, que juntos todos fizeram amarga a viagem dêste dia; suavizou-se com a chegada ao faxinal, onde logo tiveram caça bastante de gralhas, e jacus, de cujo refresco se inteiraram todos, sequiosos pela sua falta, até aquêle lugar. Saíram ao desejado campo, o qual os festejou com uma grande chuva, que durou até chegarem à des-

---

(*) *camaradas*, no original.

troçada trincheira de invocação Nossa Senhora do Carmo, aonde depois de lançados os cavalos ao pasto, lhes descarregou ũa furiosa, e terrível tempestade, e para seu preservativo entoaram a ladainha, cânticos, hinos, e orações à mesma Soberana Senhora, servindo êste mesmo obséquio de ação de graças pelo benefício que aquela conducta recebia em chegar a aquêle lugar com vida, e livre de maior perigo. Observaram, que naquele lugar não tinham chegado os índios, desde que em janeiro de 1772, se tinha dali o senhor coronel retirado com as tropas que então no mesmo se achavam. Todos se comoveram à lástima de ver a cruz prostrada em terra, destruída do tempo; a sepultura em que fôra enterrado o camarada José Pinto, que até aquêle dito lugar tinha conservado a vida, trazendo-a no último fio desde o lugar do insulto, que no dia 8 de janeiro do dito ano fizeram os ferozes, e bárbaros índios, sendo êle um dos sete que ali receberam mortais feridas; acharam-se os ranchos destruídos pelo tempo, de modo que foi necessário refazerem-se, para se poderem arranchar naquele lugar, e livrar-se da fúria da tempestade, que continuou a vir até que a Virgem, e sempre Soberana Senhora do Carmo foi servida aliviar a todos daquele susto, incômodo, e perigo. Deu o comandante as ordens às horas competentes, sendo o santo, e senha: Nossa Senhora do Carmo — Estacada.

Dia 16, quinta-feira. Neste dia ali falharam empregando-o em fazer limpar as armas, e prontificá-las para qualquer assalto. Fêz-se côche para se dar sal à cavalhada, e mandando-se recolher tôda, se não acharam mais que dous dos 4, que haviam ficado cansados, os quais, e tôda a mais comeram sal. Achou-se desconsertada a arma de um camarada pago, e por não estar capaz de servir, se escondeu entre ũas esteiras, para na volta ser conduzida para fora, e consertada. Saíram algumas pessoas ao campo, e voltando logo trouxeram duas grandes perdizes, que serviram de certeza de as haver ali em muita abundância. Deram-se as ordens; o santo e senha foram: Nossa Senhora da Conceição — Trincheira.

Dia 17, sexta-feira, vendo-se para a parte de lés-nordeste se descobria um capão grande de mato resolveu o comandante ir explorá-lo, e reconhecê-lo, e para isso montando a cavalo, fêz* que obrasse o mesmo os seus companheiros Sebastião Cordeiro, Marcelino Gomes da Costa, e Antônio Martins Lussosa, como também os soldados pagos Antônio José, Francisco José de Camargo, e Tomás Mendes, dos quais ia por cabo o sargento Diogo Pinto de Azevedo. Em distância de cousa de ũa légua toparam o capão pro-

(*) *fiz*, no original.

curado, e viram* correr êste de nor-nordeste[1] a su-sueste, ser bastantemente comprido, cercar-se de um rio que corre ao mesmo rumo, cheio de bastante água, que lhe dão dous mais pequenos que correm um de sul a norte, e outro de sueste a noroeste, e vão desaguar no primeiro.

Êste capão (a que puseram o nome de Mato da Boa Viagem) e rio servem de cêrco e guarda de dous amenos, e aprazíveis campos, em que perfeitamente se pode estabelecer ũa grande povoação, assim pelo seu assento, como por mostrar a experiência do que sucedeu à cavalhada, serem sumamente criadores, e não menos pela atendível circunstância de ficar isento aquêle capão de ser invadido dos animais, e poder-se nêle livremente plantar roças, por se achar cercado de tão cristalinas águas, como as que correm por aquêles nomeados rios, às quais puseram o nome de Águas Boas. O Senhor Bom Jesus — Abrecovo.

Dia 18, sábado. Não se fêz viagem também neste dia, mas ordenou o comandante partissem para trás dous camaradas para do Pouso da Alegria, fazerem recolher à estacada, onde se achavam, os dous cavalos que não haviam aparecido com os outros dous, que se acharam no dia 16. Juntou-se a cavalhada, e boiada, e deu gôsto ver êstes animais, que estavam visìvelmente nutridos, pela bondade dos pastos. Saiu Sebastião Cordeiro com 4 camaradas a caçar, e recolhendo-se muito molhados, trouxeram 2 jacus, e ũa marreca. S. João Nepomoceno — Campo Largo.

Dia 19, domingo. Antes de amanhecer se ouviu um grande motim que fizeram os cachorros, correndo, e ladrando para a parte de um capão, que acompanha a trincheira pela banda do sul, ao que logo acudiu a providência do comandante, mandando várias pessoas informar-se do que procedia aquela novidade. Trouxeram a certeza de ser ũa grande vara de porcos, que para o mesmo capão entrava. Foram nomeados alguns dos da conducta para ir a êles, o que fizeram com tal acêrto que em pouco tempo se recolheram com 17; de tarde inda mais perto apareceu outra vara dos mesmos animais, de que com muita facilidade se mataram 5, e não deu a chuva lugar a fazerem maior mortandade, mas desta mesma se proveu abundantemente a gente, que melhor se satisfaz com esta carne, que com a de rês, de que havia excessiva quantidade. Chegaram pela tarde os 2 camaradas, que traziam os cavalos, que tinham ido buscar à Alegria, como se disse no dia 17. S. Antônio de Pádua — Esperança.

(*) *vieram*, no original.
(1) Lugar melhor que se tem encontrado para fazer o primeiro estabelecimento.

Dia 20, segunda-feira, amanheceu o dia alegre, e desejoso o comandante de largar fogo ao campo para haver maior abundância de pastos para os animais, fêz montar a cavalo Marcelino Gomes da Costa, o qual dando ũa volta ao campo, se recolheu sem achar novidade, assegurando sòmente de estar a macega nos têrmos de se lhe atacar fogo, o que logo mandou fazer o comandante, e velozmente ardeu até a noite. S. Bartolomeu — Barqueiros.

Dia 21, têrça-feira, logo cedo se levantaram todos; passou-se ũa exacta revista a tôda a gente de que se compõe esta partida, às armas, baionetas, cartucheiras, selins com todos os seus pertences, e a todo o mais trem, e não se achou novidade alguma além da falta de preparo da arma de que se faz menção no dia 16. Pronta a cavalhada, e dispostos todos a partir para diante, o não fizeram, sem que de joelhos com várias orações implorassem o socorro da Virgem e Imaculada Senhora da Conceição, e de outros santos da devoção de cada um. Montados a cavalo, e postos todos em ũa linha, reverenciando a cruz, que haviam novamente levantado no terreiro daquele campamento, gritaram em altas vozes: *Viva El-Rei de Portugal;* e repetido três vêzes êste cordial obséquio, passaram a dar vivas ao Excelentíssimo Senhor General desta capitania, e ao Ilustríssimo Senhor Coronel Comandante destas expedições.

Principiaram a marchar, levando diante um guia, que mostrava o caminho, que deviam seguir, conforme as ordens, que distribuiu o comandante em virtude das que havia recebido para esta deligência. Chegando ao Capão Bonito divisaram muitas fumaças de fogo que de oés-noroeste caminhando pelo norte até o nordeste rodeava a respectiva campina, o que deu bastante gôsto, por se julgar efeito do seu trabalho o estar tão vivamente ateado inda o fogo que se tinha pôsto ao campo no dia antecedente.

Alegres prosseguiam viagem, servindo-se do divertimento da veloz carreira de muitos veados, fugindo pelos campos a refugiar-se nos matos. São êstes campos sumamente largos, e aprazíveis, e pelo que mostram, bastantemente criadores; têm para um, e outro lado alguns capões, e restingas, razão porque melhor lisonjeam a vista. Chegaram ao Rio Jordão, com a cavalhada bem cansada, apearam-se ao pé do arranchamento, que ali havíamos tido em 1772, e conheceram evidentemente ter naquele lugar chegado o gentio; quebrada a carrêta que nêle ficou, cangalhas, e tudo o mais, que na ocasião da retirada, por não caber no tempo o conduzir-se ali se deixou. O que mais ìntimamente feriu o coração de todos os da partida, foi o conhecer-se que o braço da cruz, que se deixara plantada no terreiro daquele campamento, fôra tirado muito de prepósito pelos índios, para assim mostrar desfeitas as nossas

obras, em ódio da nossa amizade, recaindo esta feroz demonstração naquele soberano madeiro, em que o Divino Filho de Deus Padre, em forma humana, padeceu para nos remir do cativeiro da culpa. Depois de obrarem esta bárbara, e sacrílega ação, passaram a cometer o desumano, e lastimoso procedimento, de desenterrar os seis inocentes camaradas, que no dia 8 de janeiro de 1772, entregaram as vidas nas ferozes garras daquelas indomáveis feras, e deixando os corpos no campo ao rigor de todo o tempo, deixaram também a cova vazia, por cima da qual puseram ũa grade de taquaras; julga-se que ainda obraram esta última ação pelo próprio proveito de não caírem êles naquele fôsso. Os ossos que se acharam dispersos pelo campo fêz fúnebre a alegria com que marchava esta partida, sentindo uns a saudade que inda conservavam dos corpos que informaram aquêles cadáveres; outros a desumanidade com que receberam tão bárbara, e apressada morte; alguns a falta de caridade que usaram êstes bárbaros em não quererem consentir debaixo da terra os corpos mortos daqueles a quem êles temeram vivos; e nenhuns recearam sucedesse o mesmo na presente ocasião, ou porque fiavam na proteção, a que tinham recorrido, ou por confiarem nos seus animosos espíritos não seriam dos do número daqueles com quem pode medir as armas aquêle gentilismo, ou por darem por bem empregadas as vidas, se as perdessem ao tempo de ir procurá-lo para o meter todo no grêmio da Santa Madre Igreja. Não se acharam as canoas, que naquele rio se tinham deixado, e não puderam decifrar a causa desta falta, por competir com igual balança a fúria dos bárbaros, e a corrente do rio, esta, e aquêles soberbos, e indomáveis. Fizeram outra canoa, a que neste mesmo dia deram princípio, procurando pau para ela. Aquartelaram-se no antigo campamento, em cujos ranchos não boliram os índios, e só se achou nêles o dano, que o tempo naturalmente fêz; o comandante se acomodou no quartel, que tinha sido do senhor coronel, a tropa paga na casa, que foi carpintaria, e os ventureiros pelos mais ranchos, que com pouco trabalho se refizeram. Lançaram os cavalos ao pasto e trataram do mais na forma do costume. Senhora Santa Ana — Tabuaço.

Dia 22, quarta-feira, logo pela manhã se cuidou em cortar um pinheiro suficiente, que se achou ao pé do pôrto do mesmo Rio Jordão, e deliniando-se a canoa, se tratou da sua fábrica, em que se gastou té a noite sem outra novidade. Nossa Senhora da Victória — Miragaia.

Dia 23, quinta-feira, cuidou-se todo o dia na factura da canoa, em que todos trabalharam, e sem novidade chegou a noute, na qual se praticou o mesmo como nas antecedentes. S. Pedro de Alcântra — Covelinhas.

Dia 24, sexta-feira, depois de pouco tempo de trabalho se acabou a canoa, e suposto que logo se lançou ao rio, não se pôde nela atravessá-lo, por estar muito cheio, e se temer o risco que provàvelmente correriam se intentassem acometer semelhante temeridade. Mandou o comandante enterrar os ossos, que dispersos pelo campo, comoviam a maior compaixão, lástima e piedade. Não fizeram viagem, nem houve mais novidade algũa. O Nascimento do Menino Deus — Belém.

Dia 25, sábado, pertenderam passar além do rio, porém a sua enchente não o permitiu; só passou a cavalhada com algum custo, mas sem perigo. Na tarde dêste dia se intentou por modo de entretenimento examinar se naquele caudeloso rio haveria ouro, ou pedras preciosas, de cuja esperança se desvaneceram todos logo, por ser lajeado, sem formação algũa de ter semelhante preciosidade, a cujo assunto fêz no mesmo instante um dos camaradas o seguinte.

SONÊTO

Para que, ó Jordão veloz, maquinas
no curso que prossegues lisonjeiro
encobrir-nos o cofre pregoeiro
das pedras que reclusas diamantinas.

As águas que despenhas cristalinas
bem nos mostram de ouro ser luzeiro:
não queiras esconder como grosseiro
as que sabemos tens jóias tão finas.

Bem podes atender agradecido
a um Sousa cuja fama é tão geral
que fulmina fazer-te enobrecido;

Pois por te dar a ti glória imortal,
manda que se escreva engrandecido
em teus troncos — *Viva El-Rei de Portugal*.

Não houve novidade té a noute na qual correrem as cousas do costume das mais. A Virgem Senhora do Rosário — Mesão Frio.

Dia 26, domingo, enquanto se prontificava a marcha da conducta, saiu do campamento o comandante com o sargento pago e um dos seus soldados; foram à margem do rio para em um tronco (a quem a sorte tivesse já destinado para depósito do respeitável epitáfio que o senhor coronel ordenou se gravasse naquele lugar) se escrever para memória as doces palavras: *Viva El-Rei de Por-*

tugal, o que se fêz em um grande pinheiro, que parece a natureza o produziu para êste fim tão glorioso. Passaram todos além do rio, em cujo fundo esconderam a nova canoa, para que os índios (se ali viessem) a não achassem. Montados a cavalo todos, e a mais bagagem pronta a seguir viagem, entraram todos a ler nos ânimos uns dos outros o gôsto, e glória com que cordialmente repetiam as palavras, que aquêle feliz tronco lhes apresentava a seus olhos, e o mesmo que uns obravam estimulava aos outros, do que procedeu a ũa voz dizerem todos três vêzes as mesmas palavras: *Viva El-Rei de Portugal*, as quais se festejaram (se não com a devida, e verdadeira demonstração) com a alegria que bem se deixava conhecer no interior. Encaminharam a marcha ao Capão dos Porcos, mais inclinados para a parte direita, tomando primeiramente conhecimento, e fazendo exame do lugar onde os índios haviam cometido o insulto apontado de 8 de janeiro de 1772. São alegres êstes campos, nos quais se matou um veado, e alguns tatus, e perdizes; têm seus capões, um dos quais (a que puseram o nome de Capão do Tigre, por terem nesse dia ali morto um) os convidou com a sua fresca água, e amena situação a que pernoitassem ali, concorrendo a principal, e atendível circunstância de haver bom pasto para os animais. S. Bartolomeu — Rio Douro.

Dia 27, segunda-feira, ao ajuntar a cavalhada se conheceu estar esta muito nutrida pelo bom pasto que naqueles campos havia; puseram-se em marcha, caminhando ao nor-nordeste por bonitos, e alegres campos, entre os quais haviam alguns rincões, e restingas. Passaram com algum trabalho um còrrigozinho, e caminhando mais adiante toparam outro, em que tiveram igual trabalho; passando faxinais, e lajeados, chegaram a um rio, e o passaram com bastante custo, por ser naquele lugar alguma cousa caudaloso. Corre êste de lés-nordeste ao sudueste, e logo para baixo do passo fêz um salto, em que tem um grande poço, a que puseram o nome Mergulho. Caminhando daqui a nordeste, se foram abarracar na quebrada de ũa lomba cousa de ũa légua distante do alojamento dos índios, que em 1772, se viu naquele lugar para a parte de noroeste. Deixando o comandante ali a tôda a gente, e só com o sargento pago e 4 camaradas partiu a investigar se existia o dito alojamento, passando por campo, a que pôs o nome de Campo Lindo. Chegou ao sinalado lugar, aonde não achou mais que o chão, e a certeza de que ali fôra, e já não existia. Acharam excelentes pederneiras de que tiraram algumas para prover as espingardas, e reconheceram ser muito boas; toparam bastante pedra de cristal, e abundância de fructas chamadas joazes, em que fizeram grande colheita. Explorou-se parte de ũa grande restinga de mato, que do pé do mesmo

lugar do antigo alojamento caminha de nordeste, e acaba para oés-sudueste, mas não se achou vestígio algum, que fizesse persuadir tivesse por aquêle lugar andado gentio a dous anos. Feita esta deligência, voltaram para o abarracamento aonde chegaram quase a noute bem molhados, e carneando-se uma rês, sem mais novidade pernoitaram. — As Benditas Almas — Covelinhas.

Dia 28, têrça-feira, a chuva embaraçou a viagem, pois foi em muita quantidade, de cujo descanso se utilizou a cavalhada para se ir refazendo das fôrças, que com o trabalho das jornadas perdia. Não houve novidade. — A Senhora Santa Ana — Pêso da Régua.

Dia 29, quarta-feira, com melhor tempo saíram do barracamento, seguindo o rumo de su-sueste, e caminhando cousa de ũa légua, acharam um rio a que puseram o nome do Chapéu, por cair nêle um dos dos camaradas pagos. Corre êste rio de norte, e se recolhe para o su-sueste; tem um grande salto e cachoeira no lugar onde fizeram passo, e dali para baixo tem de ũa, e outra margem altos paredões. Matou-se ũa marreca. Passado êste rio, marcharam pelo mesmo rumo por campos, que seria justo ocuparem-se de povoações, assim pela sua extensão, como pela fertilidade, que inculcam, e a alegria que se lhes viu. Descobriu-se de um alto um grande alojamento de índios, para o qual seria preciso passar-se um trabalhoso estreito, que estava inda distante ao rumo do oeste. Caminharam direito ao alojamento, e antes de chegar a êle toparam um pequeno rancho com algum milho em jacazes, e mais nada; neste lugar estava plantada uma grande roça, bem limpa e posta com tal economia que levava excesso às nossas; seria de meio alqueire de milho de planta. Parecia que àquele rancho, suposto paiol, não havia chegado índio a muito tempo. Por não passar o pirigoso estreito, que necessàriamente havia ser atravessado, deram volta descendo a um extenso mato, onde acharam outra roça maior já com espiga; e pôsto que dela não participou a bôca, se gloriaram os olhos; houve bastantes fructas, a que chamam guabirobas. Sem outro remédio mais que atravessar o passo de que pertendiam isentar-se, seguiram viagem e* subiram a um campo que fica chegado ao alojamento dos índios, já visto, de onde êstes se divisavam lidando ignorantes em seu terreiro, e logo que se avizinharam os da partida, e foram pelos índios sentidos, começaram êstes a dar muitas [voltas] de ũas para outras partes, sem atinar no que fariam em tão apertado transe. Querendo os da partida obviar esta desordem se foram chegando a êles, para os despersuadir da reti-

---

(*) a, no original.

rada, que logo se julgou intentavam fazer, e desde então começaram os nossos a fazer acenos indicativos de que iam de paz, e que se deixassem estar, que lhes não haviam de fazer mal; porém êles não se fiando no que lhes diziam por aquêle possível modo, fugiram para um vezinho mato, que se achava ao pé do alojamento para a parte do norte. Apearam-se no terreiro, correram as casas, e em nenhũa acharam cousa nova mais que ũa arara, um machado de pedra, muitos porongos, cêstinhos, e princípio de tessume de pano, cujo fio é de casca de pau, a que chamam embira, bem tescida, e tinta de várias côres, muita carne em juraus, e algũa ao fogo em panelas, que era para o jantar, a cujas horas isto sucedeu. Além do referido se acharam 46 jacazes de milho, 3 de farinha, pouco feijão, pilões bem feitos com mãos de pedra, muitos dentes de caça infiados como rusários, e peles de alguns bichos com que se infeitam para as suas funções, cujos instrumentos são carracaxás, que é um cabaço com algum milho de modo que chucalhe dentro. Toparam ali muitas flechas, e arcos, em que não quiseram tocar por não fazer novidade, e para que se não persuadissem, que a nossa deligência se encaminhava a roubá-los. Constava o alojamento de 3 ranchos grandes, 1 de 30 passos,* e os 2 de 15, e 4 ranchos mais pequenos, todos em linha recta, bem feitos, e já à moda dos nossos, diferentes dos que se viram na outra ocasião em que se andou por estas partes. Acomodar-se-iam nestes 7 ranchos de 400 pessoas para cima, não só julga[n]do pelos que se viram fugir, como pelas camas que de ũa, e outra parte de dentro dos ranchos se viram de couros, e fôlhas, e pelo meio de ũa, e outra fileira fazem fogos, com que recoperam o calor que lhes tira a sua total desnudez.

Enquanto andavam indagando estas circunstâncias para se inteirarem do estado dêstes bárbaros, foi Marcelino Gomes da Costa para uma baixa, aonde se haviam metido à sua vista dous índios, e topando com êles os persuadiu a que chegassem, o que dêles não pôde alcançar; para mais os obrigar, lhes deu um surtum de baeta côr-de-rosa, forrado de outra branca, e um lenço, que tudo levava para seu uso, e nada quiseram receber de mão a mão. Lançou ao chão, e ali vieram receber. Tornou para o alojamento, e contando aquela renitência, foi o sargento pago, com igual e dobrado empenho, e surtiu o mesmo efeito, sem embargo de dispender pelo mesmo modo um lenço, botões da farda, espiguilha, e outras miudezas, cuja recompensa foi dispararem uma seta apontada para o chão, mostrando os semblantes embravecidos. Retirou-se o sargento ao alojamento, aonde estavam os mais, e todos dêle(s) saíram,

(*) *palmos*, no original.

deixando o comandante nos ranchos muitas prendas das que levava para por êste meio ver se os fazia tratáveis. Abarracaram-se em um campo à vista dêste alojamento, mediando um córrego sòmente. Depois que se armaram as barracas começaram os índios a sair do mato, onde estavam, e a pôr vigias nos lugares mais altos, sendo tão vigilantes, as sentinelas, que só rendidas por outras se retiravam. Faziam suas senhas, chamando os mais, que inda estavam no mato, e pouco a pouco se iam juntando; vieram alguns conversar com os nossos, mas não passaram o ribeirão, e nada se lhes entendia. Reparou-se que êste alojamento fôra feito depois de distruído por êles mesmos o antigo, de que já se tratou, e se conheceram muitos índios dos que na outra ocasião andaram entre os nossos, pelo que se assentou ser esta a mesma gente, e só mudado o sítio, e o que corroborou mais êste conceito foi o conhecerem-se uns coiches, que na viagem passada se deixaram no alojamento hoje destruído. Chegou a noute, e postas as cautelas, e prevenções necessárias, se tratou das cousas costumadas, e pernoitaram. Santo Imídio Papa — Arrifana.

Dia 30, quinta-feira, como estavam tanto à vista os inimigos, não sossegaram os corpos da conducta, instigados do espírito que sucessivamente os encitavam a ir combater com o gentio; mas a obediência lhes atava* as mãos para não obrarem o que lhes pedia o impulso, e mereceriam aquelas feras, como o depois se conheceu. Pouco dormiram, e levantando-se logo pela madrugada, não descobriram mais novidade, que o presestirem as sentinelas do modo que no dia antecedente se tinham visto, e alguns índios mais dispersos por todo o campo. Resolveu o comandante ir pôr um sinal na parte até onde podia chegar, para todo o tempo se conhecer, que até ali andaram e surcaram os portuguêses, e patentear então as deligências, que êstes têm feito por reduzir aquêles infiéis a que recebam a nossa santa fé católica. Nomeou para seus companheiros Sebastião Cordeiro, Marcelino Gomes da Costa, Antônio Martins Lussosa, o sargento pago Diogo Pinto, 4 soldados do seu comando, e 2 ventureiros, e todos montados se arrojaram a seguir o caminho de seu distino. Endireitaram para o rumo de su-sueste, e tendo andado ũa légua, fazendo as explorações, que lhes pareceu necessárias, avistaram diferentes lotes de índios, que de diversas partes se vinham juntando, seguindo a rectaguarda daquele pequeno corpo. Não houve mais tempo, à vista dêste inopinado encontro, que de lavrar-se o pau para se escreverem as palavras: *Viva El-Rei de Portugal:* e não chegando a porem-se porque já estavam muito vezinhos os inimigos, se resolveu o comandante a fazer retroceder

(*) *dezatava*, no original.

o corpo, ao qual logo cercaram os ditos índios, fazendo acenos, que demonstravam o que se lhes não entenderia de palavra, e por êles se percebeu perfeitamente diziam, que voltassem para trás, aliás os amarrariam, açoitariam, e cortariam o pescoço. Todos vinham armados em guerra, o que só se distingue pelos infeites da cabeça, e pelas flechas, e arcos com que vinham bem guarnecidos. Não deram os nossos aceno algum a êstes ameaços; antes, marchando sempre em ũa fileira seguida. Êles acompanhavam em duas, ũa de cada parte, que tomavam ambos os lados do nosso corpo: mostravam muita alegria, davam gritos e carreiras querendo montar na anca dos cavalos, dos quais não mostravam o mêdo que dantes tinham, nem dos cachorros, e menos das armas de fogo, que embocando-se-lhe aos peitos, não faziam a mais pequena repugnância. Assim os vinha trazendo entretidos o comandante com o projecto de os fazer chegar ao campamento para lhes dar muitas cousas do facto do seu uso, e dos camaradas, e do que levava de reserva para êste efeito, e sem embargo de perceber a intenção bárbara dêstes infiéis, que a êste tempo já faziam o número de cinqüenta, pouco mais ou menos, não entrando um lote grande, que por numeroso, e inda vir distante se não pôde indagar o cômpeto certo. Na retirada que traziam os nossos, inda se lhes vinham encontrando muitos lotes, entre os quais se achavam duas mulheres, e ũa criança às costas da mãe. Êstes que novamente se iam encontrando traziam o disfarce de convidar aos nossos para ũa roça, que ficava para um lado, para lhes dar milho, e mel; quando chegavam a algum estreito passo, logo se queriam adiantar, e prevenindo o comandante, que ali poderiam querer assaltar ao seu corpo, lhes acenava, para que ficassem atrás, o que faziam sem repugnância. Esta desconfiança, que traziam os nossos, a cada passo mais se lhes ia certificando, porque de tôdas as partes se viam mais, e mais índios, todos a encorporar-se com os que acompanhavam o corpo. Davam-lhes os nossos muitas cousas, que tôdas recebiam de mão a mão, indo pegados às estribeiras dos cavaleiros, conservando êstes sempre a devida, e precisa cautela, e vigilância naqueles monstros. Chegou o nosso corpo ao alto monte, que ficava vizinho ao campamento, e se tinha pôsto o nome Campo da Atalaia, e logo que os avistaram os do campamento, vieram três a cavalo dar notícia ao comandante de que ũa grande quantidade de índios, que seriam 80, pouco mais ou menos, tinha vindo acometerem o dito campamento, formando um círculo à roda dêle, e fazendo menção de dar assalto. Poseram-se-lhe em frente os nossos, que eram só 17, e suposto que com armas nas mãos, delas não usaram; antes, os chamavam para que viessem receber tais e tais cousas, que se lhes mostravam.

A nada assentiam, e só queriam (como sopunham) inteiramente destruir-nos, pertendendo valer-se da mesma traição, com que já tinham adquerido a posse de nos tiranizar sem receberem o castigo bem merecido pelos seus insultos. Deram princípio ao seu projecto, expulsando algũas setas contra a nossa gente, e vendo esta o nenhum remédio que podiam ter para salvar as vidas, se resolveu a descarregar sôbre aquêles bárbaros ũa descarga de outros tantos tiros quantos eram os homens, que ali se achavam. Sofreram os índios constantes a primeira descarga, talvez julgando que as armas de fogo só serviam para ũa vez, mas vendo que se tornavam a carregar, e disparar, pondo muitos as mãos onde recebiam o dano, se voltaram com todos repentinamente para o mesmo mato, onde se haviam escondido a primeira vez.

Informado o comandante dêste sucesso, e conhecendo eficazmente que a Virgem e Imaculada Senhora da Conceição, protetora desta diligência, lhe mostrava o meio de poder salvar a sua vida, e a dos camaradas que o acompanhavam, fazendo atemorizar aquêles seguidores, para que não cobrassem ânimo com o nosso dano, resolveu mandar-lhe dar fogo, e logo à primeira descarga, tão velozmente correram, que só muito ao longe se viram parar alguns. Chegou o comandante ao barracamento, e sendo mais descansado,* e verdadeiramente informado do sucedido nêle, dispôs a sua retirada (por ser êste caso todo sucedido até às 9 horas do dia), antes que se ajuntasse maior número de índios, que lhe tomassem os pousos, para ser socorrido de povoado, ou para poder recolher-se a êle no caso de não poderem as suas fôrças competir com as do gentio; pois se só em menos de 24 horas se poderam ajuntar de 400 para cima, que seriam pouco mais ou menos os que se chegaram a ver, todos moços robustos, e escolhidos, o que sucederia se se demorasse ali mais tempo? Levaram os nossos do barracamento; dispôs-se a marcha, indo todos a ver o alojamento dos índios, que inda estava despovoado, e se observou que tinham mudado todo o mantimento para fora, e só deixaram o menos necessário, ou o que não puderam carregar. Recolheu o comandante o que pôde para entregar fielmente ao senhor coronel, que o havia inviado, escolhendo o que pela novidade podia ser agradável, e não menos para ter a glória de mostrar, que à custa do seu próprio pirigo, adquiriu aquelas pequenas alfaias, que não servem mais que para certeza de que teve o arrôjo de buscar aquêles incultos campos, ir aos alojamentos dos índios, e voltar livre da sua ferocidade. Caminhando

(*) *descansada*, no original.

a conducta tôda unida, sempre acompanhada de muitos lotes de índios, que se divisavam de diferentes partes, se arrancharam em distância de 3 para 4 léguas, em cujo caminho descobriram mais dous ranchos, sitos na roça maior das duas que tinham visto, e para a parte de leste divisaram outro, que com os que já tinham passado se completa o número de 11 ranchos, que se viram, sendo só 3 os que se não correram por dentro. De noute, postas as cautelas e providências precisas, se tratou do mais que era costume, e pernoitaram. — Nossa Senhora do Bom Sucesso — Provesende.

Dia 31, sexta-feira, viu-se a cavalhada, que estava bastantemente destruída por causa do pouco pasto, que ali havia, mas como não se achou outro remédio, com ela se serviram, e montados todos continuaram a retirada pelo mesmo caminho por onde tinham ido; marcharam légua e meia, e por então se acharem cansados 2 cavalos, se viram precisados a marchar mais vagarosamente, e logo mais adiante, no lugar a que na ida tinham pôsto o nome de Tigre, em que já tinham pousado, se abarracaram, e não houve novidade algũa. — S. Pedro de Alcântara — Vilariça.

1774

Dia 1.º de janeiro, sábado, encaminharam a sua marcha ao Rio Jordão, o qual passaram sem pirigo, nem novidade alguma. Examinaram se os índios tinham chegado ao campamento que ali se tinha deixado, mas não se descobriu vestígio algum, que nos desse a mais leve desconfiança de que naquele lugar o gentio tinha chegado. No mesmo pousaram sem cousa de novo. — O Apóstolo S. Tiago — Galvia.

Dia 2, domingo, postos em marcha, logo pela menhã, fizeram caminho em direitura pela mesma parte por onde tinham ido. Cansaram dous cavalos, e como foi preciso retrocederem alguns camaradas a buscá-los, não foi possível tomar a estacada de Nossa Senhora do Carmo, onde pertendiam ir pernoitar, e por isso ficaram no Capão Bonito, onde pela tarde se mataram 18 porcos, e se matariam mais, se a chuva o não impedisse, e houvesse cavalhada possante, em que conduzir-se aquela caça até a referida estacada. De noute fazendo-se o que de costume se obrava nas mais, se passou sem novidade. — Santa Rita de Cácia — Penaguião.

Dia 3, segunda-feira, largaram fogo a ũa grande macega, que neste lugar havia, e logo fizeram viagem para a estacada ou trincheira. Descobriram-se os 5 cavalos, que naquele lugar tinham

deixado, e se devisavam mais bem nutridos, porque o campo é bom, e tinha excelente verde. Conheceram todos que ali tinham chegado os gentios, porque tendo a conducta deixado naquele lugar um surrão de farinha, uma arma desconsertada, e outras cousas, tudo destruíram, e arrasaram, a saber: abriram o surrão, e entornaram a farinha em um monte no meio do terreiro, sôbre o qual puseram uma pegada; carregaram consigo a espingarda, estando bem escondida, e supondo todos, que ainda que êles ali chegassem a não descobririam; quebraram as cangalhas, arrasaram os ranchos, e, o que foi para sentir, o lançarem por terra a Sagrada Cruz, que no terreiro se havia novamente levantado; e inda não satisfeitos com esta feroz demonstração da sua barbaridade, passaram a despedaçar a mesma cruz, e a lançar as relíquias dela por tôda a terra, ação que bastantemente penetrou no íntimo do coração de todos, e os instigava a tomar a justa vingança de tão execranda barbaridade, indo para isso dirigidamente aos seus alojamentos distruí-los, e acabá-los; porém a obediência lhes atou os passos, e ligou as mãos, para que não obrando o que desejavam, sòmente arrancassem do íntimo dos doídos corações os suspiros, e dos internecidos olhos as lágrimas, com que fizeram público o seu sentimento, a sua mágoa, e a sua dor. Replantaram a cruz, como tão necessário instrumento para redução daqueles infiéis, assim como foi para a nossa redenção. Assentou-se ser todo êste bárbaro procedimento feito pelo gentio habitador para a parte do sul, o qual suposto está situado em distância de mais de 20 léguas, vendo o fogo que os nossos haviam pôsto ao campo, vieram reconhecer, e então achando aquêles sinais de que por ali tinham passado os nossos, nêles se vingaram da injúria, que julgam lhes fazem os que (sem ser êles mesmos) transitam por aquelas terras. Lançaram ao pasto os animais, querendo se utilizassem êstes daquele bom verde, e sem mais novidade, que obrigasse a obrar outra cousa alguma fora da do costume, pernoitaram. S. João Evangelista — Palestina.

Dia 4, têrça-feira, como se fazia preciso dar descanso à gente, e cavalhada, ordenou o comandante que dêste lugar se não saísse aquêle dia, o qual se gastou em fazer juntar tôda a gente, e animais, passar revista, examinar o que faltava para completar tudo o com que saíram para esta diligência. Não acharam diminuição alguma, mais que em 2 cavalos que naquele lugar haviam deixado, um cansado, e outro estrepado, que não apareciam, e se julgaram mortos; faltava alguma pólvora, e chumbo, e os trastes, alfaias, e miudezas, que se haviam dado aos índios. O vagar, e o descanso que teve neste lugar a nossa partida deu ocasião a que algũas pessoas dela entrasse a reparar na destruição das trincheiras, dos quartéis, e de

tudo o mais que ali se via demolido, a qual consideração deu assunto para um dos militares fazer o seguinte.

SONETO

Onde está, Fortaleza, a escultura
que em ti foi por um Marte decifrada,
pois que obstentas, só vejo eternizada
essa que aí conservas sepultura?

Com valor um herói a ofensa dura
vingar-te quer, ó Tróia destroçada,
lembrado de que fôste despojada
sem respeito a tal alta arquitetura.

Dos bárbaros verás essa fereza
por um Mavorte irado já rendida,
para glória imortal da redondeza.

Verás esta campanha reduzida
à nossa sujeição, sem ter defesa,
pela espada de um Afonso embravecida.

Sem mais novidade alguma, passaram aquêle dia, e noute. Nossa Senhora da Aparecida — Guimarães.

Dia 5, quarta-feira, logo de manhã se puseram em marcha, e medeando duas léguas de campo, entraram ao mato, onde cansaram 3 cavalos. Chegaram ao lugar chamado Pinhão, onde pousaram, e como se julgavam livres da infestação do gentio, não aplicaram tantas providências, como as que praticaram no campo, e por isso só debaixo de ũa sentinela, que tinham para guarda dos ranchos, pernoitaram.

Dia 6, quinta-feira, achou-se a cavalhada em deplorável estado, mas como era impossível outro algum remédio, uas pessoas a cavalo no resto que inda tinha algum alento, e outras a pé, continuaram a marcha até o Rio Negro, onde cansaram 7 cavalos. Ali pernoitaram.

Dia 7, sexta-feira, puseram-se em marcha muito vagarosa, e com bastante trabalho vieram pousar no Piranga, aonde fêz o comandante encorporar tôda a cavalhada cansada, tendo para isso expedido gente para trás, a fazer conduzir pelo modo possível aquêles animais. Neste lugar os deixou, fazendo o número de 21. Sem novidade passaram o resto do dia, e noute.

Dia 8, sábado, falharam neste lugar do Piranga por causa dos mesmos cavalos; pernoitaram sem novidade alguma.

Dia 9, domingo, deixados ali os cavalos que não poderam marchar, se puseram todos a caminho escoteiramente, ficando na-

quele sítio quase todo o trem, munições, e petrechos, matolotagem, e facto particular de cada um dos camaradas, até mais cômodamente se poder mandar conduzir. Passaram a invernada, e fazendo marcha direita ao campamento da Esperança, logo na serra, que fica vizinha a êle, e se diz ser o Capivaruçu, entraram a disparar muitos tiros, que serviram de senha para dar certeza ao campamento de que vinha chegando de volta aquela partida, ao que logo responderam com tiros de artelheria, que bem demonstravam o alvorôço com que recebiam as alegres notícias de sua feliz chegada, que tanto cuidado lhes tinha dado. Logo ao descobrir o dito campamento da Esperança entraram novamente a disparar salvas, e a receber igual correspondência. Entraram no campamento, e logo acharam no meio da praça o Ilustríssimo Senhor Coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, que muito alegre recebeu em seus braços ao comandante, perguntando-lhe ansiosamente se vinham todos os camaradas sem novidade alguma, e sendo-lhe respondido, que todos vinham sem moléstia, entrou o abraçar a todos em demonstração do gôsto, com que via chegar tôda a gente bem formada, e dando em seu semblante a certeza de terem feito com valor, honra, e brio a deligência de que os tinha encarregado. Recolheu-se com o comandante, o qual lhe deu conta de todo o sucedido na viagem, não só de palavra, como entregando-lhe êste diário, e mais alfaias, e trastes de que consta a relação seguinte:

1 arara mansa das vermelhas
1 machado de pedra
1 tanga que se estava principiando a fazer
1 trunfa de pele de onça
1 balainho
1 embrulho de casca de embira, de que fazem fio
1 saquinho de milho vermelho pururuca
1 tigela de barro prêto bem cozido
1 xicra pequena do mesmo barro
1 novelo de fio grosso de embira
1 dito de dito fino
1 dito de dito trocido.

O que tudo recebeu o mesmo senhor coronel com excessivo gôsto, para o ter de fazer de semelhantes cousas presente ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, governador e capitão-general desta Capitania de S. Paulo, por cuja ordem se fêz esta partida ao campo, e se tra-

balha tão incessantemente no serviço destas expedições, das quais permita a Virgem Santíssima Senhora da Conceição, se consiga o fim que se deseja para maior honra, e glória de Deus, interêsse da Real Coroa Portuguêsa, crédito do govêrno do mesmo Excelentíssimo Senhor General, benefício das almas daqueles hereges, e utilidade pública de todos os vassalos da Augusta, e Fidelíssima Monarquia Portuguêsa.

Campamento da Esperança, 9 de janeiro de 1774. Paulo de Chaves de Almeida, Diogo Pinto de Azevedo Portugal, Sebastião Cordeiro, Marcelino Gomes da Costa.